

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA,
IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO
CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Jader Escobar Nogueira

Santa Maria, RS, Brasil

2012

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996

Jader Escobar Nogueira

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração de Migrações e Trabalho, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História

Orientador: Prof^a. Dr. Glaucia Vieira Ramos Konrad

Santa Maria, RS, Brasil

2012

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em História**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E
TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ**

elaborada por
Jader Escobar Nogueira

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em História

COMISSÃO EXAMINADORA:

Glaucia Vieira Ramos Konrad, Dr.
(Presidente/Orientador)

Diorge Alceno Konrad, Dr. (UNICAMP)

Claudio Henrique Moraes Batalha, Dr. (UNICAMP)

Santa Maria, 14 de dezembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os amigos e familiares que me ajudaram a realizar este trabalho, de forma direta ou indireta, auxiliando-me na busca do conhecimento histórico necessário para a realização do mesmo, como foi o caso dos amigos Mateus, Tassiana e Leticia. Agradeço também àqueles que serviram de base de incentivo e apoio sentimental nos momentos difíceis: dedico este trabalho, então, a meus pais, Dejanir e Agenor (a cada letra digitada imaginava uma lágrima caindo de seus olhos diante do orgulho que sentirão ao me ver como mestre, mas principalmente por ter vencido na vida mesmo, passando por todas as dificuldades de nossa família), meu irmão Escobar (que me mostrou os caminhos do estudo e que serei grato eternamente a todo seu esmero para me ajudar), minha amada Andreza (fruto de minha felicidade eterna) e sua família (Sandro, Ana e Maria), como também a meus grandes amigos Terra, Helder, Elenio, Deivis, Luizinho, Alemão, Galo Fino, Jóia, Jéio, Dela Santa e Cebo.

A todos os professores: Silvana e Neida, por me mostrarem interessantes caminhos apontados pelo universo da História Oral; aos professores Diorge e Luis Augusto Farinatti, pelas críticas e debates construtivos; ao professor Vitor, pelas “conversas” nos corredores do curso, pois elas floresceram minha criatividade no trabalho; à professora Maria Medianeira, que me deu um rumo de pesquisa nos momentos em que eu estava atordoado no meio acadêmico. À minha orientadora Glaucia Vieira, que me auxiliou e abriu os caminhos traçados pela história durante o Mestrado, mesmo em momentos difíceis de sua vida.

Mas a maior recompensa para minha formação acadêmica que este trabalho me proporcionou foi o contato pessoal, pois conhecer e tentar entender como se deu a vida de pessoas simples e batalhadoras nas Minas me levou a mudar minha forma de pensar sobre a vida. Queria citar aqui pessoas únicas e esgotáveis no mundo competitivo e individualista em que vivemos e que dedicaram dias para me ajudar a desenvolver pesquisas com a maior boa vontade. Visitei, muitas vezes, as casas de trabalhadores e moradores para conseguir obter informações que ratificassem minhas proposições sobre o tema. Quando eles não conseguiam sanar minhas dúvidas, por diversas vezes saíam em busca de informações com amigos que vivenciaram o período. E mesmo quando já tinham as informações necessárias para me ajudar, ligavam e disponibilizavam tardes e noites intermináveis para auxiliar um estudante universitário que sequer os tinha visto e que não era de Caçapava do Sul.

Dessa maneira, deixo gravado aqui que só foi possível realizar esse árduo trabalho graças ao auxílio destas pessoas, os quais já posso chamar de amigos: Virgílio Ramos Dias, Santo Gelsi Moreira, Antônio Celso Rodrigues, o casal Guacira - Luis Paulo Pavão e Rui dos Santos.

Diante de tais fatos, é notável que o apoio e acessibilidade que estas pessoas me concederam foram o cerne para que minha pesquisa tivesse êxito acadêmico. O trabalho realizado também somou na minha formação como cidadão, pois, ao conhecer um pouco da vida dessas pessoas, confirmo a concepção sobre “ser humano” que trago do berço: quanto mais o indivíduo for simples e humilde, mais companheiro, fiel, verdadeiro e correto ele é.

Esses mineiros têm todos esses adjetivos e merecem total respeito pela sua carreira profissional e pela forma com que se posicionam perante dos rumos da vida.

Viajou pelo primeiro mundo e conheceu boulevares e gentes, um japonês que passeava de gôndola em Veneza. Mas foi um cansado velhinho do terceiro mundo, um ex-mineiro e peruano que carregava um balaio com folhas de coca nas ruas de lima que lhe avisou: “Hermano, o fecho de suas calças está aberto” (ESCOBAR, 2007, p. 23).

Os mineiros são uma preciosidade a ser lembrada e perpetuada na história da cidade de Caçapava do Sul. É claro que sei da importância do empresário Francisco Matarazzo Pignatari na formação de um complexo industrial na comunidade, bem como da sua bondade e amizade com seus “filhos” mineiros, mas devo lembrar a quem deseja prosseguir nas pesquisas sobre o tema ou a todos que pretendem transmitir essa história para as futuras gerações, que o que mais vale ser preservado das Minas do Camaquã são as vozes dos mineiros. Não são as estruturas ali estabelecidas e nem a figura ilustre de Baby Pignatari, mas sim aqueles que até hoje mantêm suas raízes nas minas ou na cidade e que têm orgulho de dizer “sou mineiro” ou “tenho a alma mineira”. Eles esperam, sem dúvida alguma, pelo reconhecimento de sua coragem e contribuição para essa história que só foi possível graças a eles. Esse trabalho, que dedico a todos que ainda têm as raízes cravadas nas Minas do Camaquã, serve como um agradecimento por toda ajuda concedida. É uma humilde homenagem de um universitário que desconhecia a história dessa comunidade.

*Os relógios são inúteis.
Aqui o subsolo é mais pungente
e os homens calcinaram a esperança.
O olhar-se é sem perspectiva.
O amor é conversado a só,
e daqui não tem fuga,
apenas uma mina.
Então suba e
conte nossa história.
Heitor Saldanha*

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Santa Maria

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996

AUTOR: JADER ESCOBAR NOGUEIRA

ORIENTADOR: GLAUCIA VIEIRA RAMOS KONRAD

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 14 de dezembro de 2012.

Esta pesquisa tem por objetivo fazer uma reconstrução histórica de aspectos da memória, construção de identidade e condições de trabalho dos mineiros e engenheiros das Minas do Camaquã entre 1970 e 1996. Várias empresas construíram instalações, tentando viabilizar economicamente a exploração do minério de cobre na região. Na década de 1940, o investimento estatal deu suporte para a criação da Companhia Brasileira do Cobre, imprimindo certa regularidade para essa atividade econômica. Transitando entre a esfera pública e a privada, o empreendimento conseguiu manter-se ativo até 1996. Nesse contexto, esta pesquisa traz contribuições não apenas para a construção da história local, mas também para uma análise complementar da atividade mineradora a em nível nacional. Analisa-se a formação das identidades em comum dos mineiros e suas relações de trabalho no interior das galerias, como também se realiza uma revisão bibliográfica e reflexões sobre a conceituação de classe e a existência da mesma entre os trabalhadores. Dessa forma, foi possível, apoiado na metodologia da História Oral, a reconstrução da memória e da cultura dos trabalhadores das Minas do Camaquã, localizada em Caçapava do Sul/RS/Brasil, através de uma análise da vida cotidiana dos envolvidos no processo histórico em questão.

Palavras-Chave: Minas do Camaquã. Memória. Mundos do Trabalho. História local.

ABSTRACT

Master's Dissertation
History Post Graduation Program
Federal University of Santa Maria

MINERS AND ENGINEERS: MEMORY, IDENTITY AND WORK IN THE CAMAQUÃ MINES BETWEEN 1970 AND 1996

AUTHOR: JADER ESCOBAR NOGUEIRA

ADVISOR: GLAUCIA VIEIRA RAMOS KONRAD

Presentation date and place: Santa Maria, December 14th 2012.

This research has as its objective to make a historical reconstruction of memory aspects, identity construction and working conditions of the miners and engineers of the Camaquã mines between 1970 and 1996. Many companies built facilities aiming at making economically possible the ore copper exploration in the region. In the 1940's, the state investment gave support for the creation of the Companhia Brasileira de Cobre, pressing a certain regularity for this economic activity. Transiting in the public and private sphere, the enterprise kept itself active until 1996. In this context, this research brings contributions not only for the local history construction, but also for a complimentary analysis of the mining activity in a national level. The identity formation in common of the miners and their working relations inside the galleries are analyzed, as a bibliographical review and reflections about the class concept and its existence among the workers are carried out. Thus, it was possible, supported in the Oral History methodology, the memory and culture reconstruction of the workers of the Camaquã Mines, located in Caçapava do Sul/RS/Brazil, through a daily life analysis of the involved in the historical process in question.

Key words: Camaquã Mines. Memory. Working Worlds. Local History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - João Dias e a descoberta das minas	33
Figura 2 - Localização das Minas do Camaquã	34
Figura 3 - Mapa das minas criado para os investidores pelotenses	37
Figura 4 - Barragem dos belgas	38
Figura 5 - Estruturação dos trilhos para as vagonetas manuais	39
Figura 6 - Chegada de novos caminhões e máquinas (1942)	43
Figura 7 - Galeria Vargas	45
Figura 8 - Progresso das Minas	46
Figura 9 - Comunidade das Minas do Camaquã	47
Figura 10 - Visita de Emilio Garrastuzu Médici	48
Figura 11 - Visita do Governador do Estado Walter Peracchi Barcelos	48
Figura 12 - Anúncio do Acordo financeiro com o BNDE	51
Figura 13 - Reativação das minas anunciado pelo Governador do Estado José Augusto Amaral de Souza	51
Figura 14 - Mina subterrânea	52
Figura 15 - Mina a céu aberto	53
Figura 16 - Liquidação das minas	60
Figura 17 - Liquidação das minas.....	61
Figura 18 - CD do Bugre do Mato	71
Figura 19 - Francisco Matarazzo Pignatari – “O Playboy internacional”	77
Figura 20 - Francisco Matarazzo Pignatari e sua esposa Regina Fernandes	79
Figura 21 - Clube dos Engenheiros.....	91
Figura 22 - Convidados de Baby no Clube dos Engenheiros	93
Figura 23 - Cine Rodeio	95
Figura 24 - Interior do Cine Rodeio	96
Figura 25 - Minerador Atlético Clube	102
Figura 26 - Antigo Bolicho do Papa. A partir de 1986 “bar do Orozimbo”	103
Figura 27 - Bolicho do Papa	104
Figura 28 - Acidentes	117
Figura 29 - Santa Bárbara	123
Figura 30 - Comunidade das Minas do Camaquã	142

LISTA DE ANEXOS

Lista de entrevistas qualificadas entre 2009 e 2012.....	163
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1 HISTÓRICO DAS MINAS DO CAMAQUÃ	31
1.1 A descoberta	32
1.2 Os estrangeiros	35
1.3 A Companhia Brasileira do Cobre	40
1.4 Privatização e desativação das minas	54
2 IDENTIDADES NAS MINAS DO CAMAQUÃ	63
2.1 Até minha alma é mineira	67
2.1.1 Ser mulher de mineiro	72
2.2 O pessoal da área técnica	74
2.3 Baby Pignatari – “O Paizão”	76
2.4 Estruturação e segregação residencial	85
2.5 Espaços de sociabilidade	90
2.5.1 O Clube dos Engenheiros	93
2.5.2 O Cine Rodeio	94
2.5.3 Minerador Atlético Clube	99
3 TRABALHO E COTIDIANO	107
3.1 Memória e cotidiano	107
3.2 Nunca se sabe se vai voltar	109
3.3 A protetora Santa Bárbara	122
4 DE MINEIROS E ENGENHEIROS	127
4.1 Um “duplo olhar” sobre as Minas do Camaquã	127
4.2 A Greve	135
4.3 A segregação nas Minas do Camaquã	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157
ANEXOS – ENTREVISTAS	163

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho consiste em promover uma reconstrução histórica e realizar um estudo sobre a memória, as relações sociais e a identidade dos trabalhadores das Minas do Camaquã (localizadas em Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul) que vivenciaram o período de 1970 a 1996, bem como da comunidade ao seu entorno, através de uma análise do cotidiano de trabalho e, nos espaços de sociabilidade, dos indivíduos nas minas.

Tal delimitação temporal foi estabelecida diante de alguns fatores importantes que permeiam o desenvolvimento socioeconômico da comunidade. A partir de 1970, inicia-se um período de estagnação econômica e de queda de rendimentos lucrativos na exploração do minério de cobre, devido, principalmente, à escassez de um aparato mecanizado para executar uma exploração mais profunda para aquisição de novas lavras de minério, pois a camada mais superficial já estava esgotada.

Esta situação, inclusive, levou até o proprietário Francisco Pignatari a relegar a segundo plano a exploração econômica das Minas do Camaquã, embora o empresário continuasse presente na comunidade, fazendo investimentos no setor de infraestrutura urbana, para abarcar um maior número de moradores e para o fornecimento de espaços de sociabilidade para a comunidade mineira. Porém, o investimento do proprietário explica-se devido ao fato de técnicos garantirem a existência em grande quantidade de minério de cobre no subsolo que, poderia ser extraído com um maquinário mais moderno e especializado, fato que viria a se concretizar na década de 1980, em uma espécie de “renascimento das minas”.

Dessa forma, o marco inicial de 1970 também foi escolhido devido ao fato de resgatar e estabelecer estudos sobre as atuações administrativas e sociais do proprietário Francisco Matarazzo Pignatari, que construiu uma história única que se perpetuou na memória de Caçapava do sul; também é imprescindível para o desenvolvimento de um trabalho sobre as Minas do Camaquã as relações entre a comunidade e “Baby” Pignatari, que veio a falecer em 1977. O encerramento das atividades exploratórias nas Minas do Camaquã, em 1996, corresponde, neste trabalho, ao fechamento da delimitação temporal. É nesta conjuntura que serão trabalhados as animosidades e conflitos, que estão mais exacerbados e visíveis na comunidade, iminente à sua desestruturação, entre a classe dos engenheiros e mineiros, tema que é o cerne deste estudo. Por isto, a escolha desta conjuntura para efetuar a conclusão do trabalho sobre a comunidade das Minas do Camaquã.

Para a realização desta pesquisa, foi necessário seguir alguns passos importantes, para que conseguisse organizar os procedimentos a serem utilizados, visando à análise, interpretação e compreensão do problema levantado anteriormente. Executar uma pesquisa qualitativa é parte fundamental para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico. O pesquisador, neste momento, deve, preliminarmente, despojar-se de preconceitos e predisposições para assumir uma atitude aberta à todas as manifestações que observa, sem adiantar explicações nem conduzir-se pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão global dos fenômenos, embora não exista, nas ciências, uma teoria suficientemente abrangente para comportar todos os fenômenos sociais e que seja capaz de fornecer todas as respostas possíveis de serem levantadas, porque não se tem como comprovar uma verdade absoluta.

Uma importante etapa para a realização desta pesquisa envolveu a fundamentação mediante a leitura de bibliografias, as quais permitiram obter o embasamento teórico sobre o tema em estudo. Este, geralmente, situa-se no âmbito da reflexão teórica e, por isso, pode ser realizado através de leituras de livros, dissertações, em análises de artigos publicados em periódicos ou revistas de autores clássicos no assunto ou que possuem relação com a temática a ser abordada, assim como a exploração dos arquivos da Companhia Brasileira do Cobre, em Caçapava do Sul, e as investigações na comunidade dos moradores e amigos das Minas do Camaquã (Cemamc), localizada em Porto Alegre, que foram imprescindíveis para a realização de um histórico bem estruturado sobre a exploração de cobre na região.

Realizou-se um garimpo de produções acadêmicas que permeiam o tema sobre os fatores históricos e sociais dos mineiros, relacionado a trabalhos específicos sobre minas de exploração. Muitos foram os trabalhos realizados sobre o tema. Dessa maneira, houve a preocupação em realizar uma pesquisa que acarretasse em um trabalho aberto a outras áreas de pesquisa, somando e angariando outros olhares a um assunto tão trabalhado, mas com muitas lacunas ainda a serem preenchidas e com um vasto campo investigativo que atrai e apaixona o historiador.

Dessa forma, realizou-se uma revisão bibliográfica centrada na antropologia do trabalho pois, sem dúvida, esta concede um arcabouço teórico importante para aprofundar os estudos que tratam de comunidades de trabalhadores e traçam um rumo que, na opinião deste pesquisador, possibilita fornecer uma maior gama de ferramentas para se entender as relações sociais desenvolvidas nas Minas do Camaquã.

O garimpo realizado em produções acadêmicas constitui uma bibliografia que atribui reflexões sobre a cultura operária, identidade e classe social, análise de cotidiano e formação

de vilas e comunidades operárias e diversos contextos e locais. No decorrer deste capítulo será demonstrada, de uma forma sintética, o conteúdo pesquisado em cada trabalho acadêmico relacionado à antropologia do trabalho que abriu uma série de caminhos a serem percorridos durante a dissertação.

Tal revisão bibliográfica tem como marco inicial a dissertação de Mestrado de Cornélia Eckert (1985), na realização de estudos sobre mineiros de carvão em Charqueadas, no Rio Grande do sul, a qual analisa as condições de trabalho existentes no cerne de produção de carvão da região, assim como destaca a formação das identidades sociais entre os trabalhadores, evocando sua origem através da organização e coesão familiar, simbologias, ritos e crenças. Já em sua tese de Doutorado, Eckert (1993) aprofunda a abordagem sobre memória e identidade dos mineiros a partir do estudo na comunidade de La Grand-Combe, na França. Além da tentativa, com sucesso, de conhecer a realidade vivida pelos mineiros, a antropóloga centra seus esforços sobre o impacto e as transformações sofridas pelos moradores com o fim da atividade carbonífera.

Pesquisando o universo de trabalhadores na exploração de ouro na comunidade de Morro Velho, em Nova Lima (MG), Yone Grossi (1981) demonstra a situação de vida e de trabalho a que estavam sujeitos os mineiros, bem como suas atuações de resistência ao processo através da organização de sindicatos. Analisando as relações sociais inseridas no processo de trabalho e no cotidiano dos trabalhadores da vila operária de Paulista, em Pernambuco, José Sérgio Leite Lopes (1988) foca as ações de resistência e suportabilidade às condições precárias de trabalho e a formação de identidades através de redes de sociabilidades criadas pelos trabalhadores da comunidade. A identidade do trabalhador é construída pela rotina de trabalho, pelas vivências, redes de sociabilidades, simbologias e memórias que ligam o presente ao passado. Por exemplo, mesmo com o fechamento e a desativação das Minas do Camaquã, os trabalhadores continuam a ancorar sua identidade social nessa marca coletiva que está fixada nos gestos do cotidiano dos trabalhadores.

Naquele contexto, os sentimentos de solidariedade e de coesão que se manifestam ao referirem-se ao “tempo da mina” estão vinculados a uma vida de riscos. O que sobressai é uma imagem dos mineiros como heróis do trabalho, como afirma Eckert (1993, p.42). Analisando o que a antropóloga afirma em seus estudos e relacionando ao campo desta pesquisa e, é claro, respeitando as diferenças temporais, espaciais, históricas e culturais entre os mineiros, tais informações estão permeadas no trabalho entre as galerias subterrâneas e no cotidiano dos trabalhadores das Minas do Camaquã.

A condição de perigo oculto ao entrar nas galerias subterrâneas, “*quando desce pra mina nunca se sabe se vai voltar*”, cria uma identidade heroicizada do mineiro. Este se torna um combatente pela vida, característica que se perpetua e se fortalece até após sua aposentadoria, já que superou todos os obstáculos e manteve-se vivo para vencer e contar o que aconteceu naquelas “*galerias da morte*”. Tais valores, que são preservados pelos mineiros até hoje, como a coragem, bravura e lealdade entre os mineiros combatentes, apresenta vínculos fortes com a ideia de masculinidade e honra, que são simbologias que fortalecem a identidade dos mineiros. Na medida em que se sentem heróis e portadores de grandes virtudes, os mineiros enfrentam o temor do seu esquecimento, da perda de seu valor como homens e trabalhadores após a decadência das minas e sua importância profissional durante a aposentadoria.

Dessa maneira, estes valores vão se perpetuar por toda sua vida, como característica proeminente e como uma válvula de escape da dura realidade em que o sentimento de invalidez e esquecimento estampa em seus olhos. Outra simbologia que recrudesce o mito heroico do mineiro e que se vincula ao temor do enfrentamento do subterrâneo é a capacidade imaginativa voltada para um ambiente inóspito, obscuro e das profundezas do fundo da mina. Não é a racionalidade de metros subterrâneos de “*baixar a mina*” que leva o tremor do seu enfrentamento, mas sim os traumas ocorridos com seus companheiros e a ancestralidade lendária presente na memória coletiva que perpetua lendários temores das profundezas, medo no escuro e de encontrar seres ou animais estranhos no desconhecido.

A experiência da morte existente em cada cultura amedronta e fortalece ainda mais a identidade de herói mineiro no seu enfrentamento contra o inesperado, ou seja, é uma espécie de ritual de passagem para a transformação do homem corajoso capaz de enfrentar os perigos de um mundo desconhecido. Ainda existe o receio de perder-se na mina ou de passar por locais fantasmagóricos dos colegas mortos.

Para explicar as relações estabelecidas entre os trabalhadores e entender se elas proporcionavam uma coesão suficientemente capaz de organizá-los em torno de reivindicações por melhorias nas condições de trabalho de sua classe, é importante analisar o conceito da mesma e explicar quais são as implicações que levaram a identificação de um grupo social e categoria profissional. Dessa maneira, este será um tema trabalhado no quarto capítulo, “de mineiros e engenheiros”, devido à necessidade de ser ter um entendimento das relações sociais entre a classe dos mineiros e dos engenheiros na comunidade.

Dentro da gama de pesquisa bibliográfica explorada para a execução e desenvolvimento do trabalho, este, ao abordar os aspectos culturais sobre a população da vila

Minas do Camaquã e também dentro do contexto do município de Caçapava do Sul, utilizou-se como referência Ana Macedo de Macedo (2006). Embora a autora tenha uma perspectiva poética e positivista, contribui com riqueza de detalhes para a descrição dos primeiros tempos da vila.

A pesquisa foi realizada por meio da utilização das técnicas de História Oral, que atua como ferramenta para se estabelecer um método que crie um vínculo histórico coma fonte entrevistada. De acordo com Meihy (1996), a História Oral é um complemento à documentação histórica, agregando dados que permitem a reconstituição de um fato único, mas também oportuniza colocar o ser humano no centro das pesquisas. Deste modo, a História Oral dá voz aos desconhecidos e à experiência de trabalho com os relatos destes atores, possibilitando-se estruturar reflexões que contribuem para modificar a construção da pesquisa conforme os interesses do depoente e do entrevistado. O uso desta técnica, dependendo da ação do historiador, pode ter um resultado sobre um tema específico bem conservador ou democrático.

Foram realizadas entrevistas que buscaram conhecer a história de vida do entrevistado, a fim de coletar informações que possibilitassem inseri-lo no contexto da vida cotidiana nas minas, bem como analisar os espaços culturais que se formaram a partir do desenvolvimento da extração do minério de cobre nesta região e, diante disso, apresentar as identidades que se fazem presentes, estas visualizadas através da cultura, dos espaços edificados e dos modos de vida dos trabalhadores. Compreendem-se, assim, as relações sociais entre os sujeitos históricos e a estrutura de funcionamento administrativo das minas.

Pode-se definir História Oral como uma técnica de pesquisa com características específicas, apesar de ocorrerem discussões entre os historiadores sobre se a mesma deve ser concebida como disciplina própria ou como uma técnica de formação de arquivos orais. De acordo com Meihy, conceitua-se História Oral como uma técnica na construção da historicidade.

Vemos que História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva (MEIHY, 1996, p.13).

Contudo, as fontes orais somente se tornam significativas para os historiadores a partir de uma estruturação da subjetividade narrativa ao ser usada como uma ferramenta metodológica, analisando com cuidado as distorções da realidade social detectadas pelo

entrevistador. É através da análise da oralidade das entrevistas que compreende-se o ponto de vista do entrevistado e sua interpretação e construção da realidade histórica.

A história oral oferece, quanto à sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance. (...) A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista (THOMPSON, 1998, p. 25-26).

Paul Thompson (1998) segue perguntando-se por que é o documento escrito que se mantém como autoridade final e como garantia de transmissão para o futuro, se as pessoas ainda se lembram de rituais, nomes, canções, histórias, habilidades. Fazer da História Oral uma fonte histórica foi uma tarefa árdua, pois exigiu uma pré-seleção dos depoentes; gravações que se constituíram no documento-base da pesquisa; textualização; legitimação pelo depoente para conferência e posterior cessão de direitos de uso pelo pesquisador e, finalmente, o difícil momento de análise das entrevistas, quando usou-se a História Oral Temática como fonte histórica para o embasamento teórico nas pesquisas.

O trabalho que efetivou-se através da História Oral Temática foi pautado nos depoimentos orais de mineiros e engenheiros que construíram uma história e influenciaram culturalmente na formação de uma comunidade nas Minas do Camaquã, reconstituindo aspectos da vida dos entrevistados. Porém, para não contar sua vida na totalidade e cair em uma História Oral de Vida, aplicou-se, no papel de historiador, recortes previamente selecionados sobre o tema em pesquisa. Devido à atmosfera criada no decorrer da entrevista, alguns fatos deslizaram para fora do campo temático previamente definido. Entretanto, esses são também considerados, apesar de não terem, necessariamente, papel decisivo na interpretação da narrativa colhida.

Dessa forma, as entrevistas, assim como a história oral, não obedecem à rigidez dos dados convencionais, representativos das ciências e formalmente apresentados, e não são autobiográficas e nem narrativas. Assim, o levantamento de dados empíricos foi realizado de forma que permeasse as várias relações de lealdade que estão dissolvidas no modo de vida dos trabalhadores. O resultado das entrevistas foi somado ao resultado das informações oriundas das conversas e dos discursos por eles apresentados, sendo comparadas as informações das datas com as bibliografias e com os jornais publicados na época, existentes na cidade de Caçapava do Sul, como, por exemplo, o jornal “O Bom”, que circulava na cidade e na comunidade mineira.

Para fazer um resgate cultural e da identidade dos sujeitos históricos, analisa-se a formação das identidades desses trabalhadores e amplia-se o estudo aplicando uma análise contextualizada, que vá além das instâncias socioeconômicas e passe também pelo mundo cultural, auxiliando na compreensão da ideia de pertencimento ao grupo. Este será um assunto a ser tratado no segundo capítulo, quando se contemplam a formação de simbologias e espaços de sociabilidades de grupos sociais distintos e específicos.

As tendências dos estudos históricos, do ponto de vista destes pesquisador, e pelo embasamento teórico adquirido com algumas revisões bibliográficas sobre a historiografia da pesquisa em história, constituem, um ciclo, nos quais ocorrem estudos que se perpetuam e continuam importantes e no foco das explorações por parte dos historiadores, assim com existem temas que perdem o fôlego e acabam relegados de futuras pesquisas históricas, bem como surgem novas tendências que irão ingressar no mesmo ciclo.

Busca-se um embasamento em historiadores que abordam uma história social, seja no enfoque do universo material ou mental nessas relações, ou até aqueles que conseguiram ter sucesso em suas pesquisas ao interligar suas investigações nos dois universos de pesquisas. Porém,

Em tese, poucos negariam tal vínculo. Mas não há dúvida de que a alternativa indicada exista e que possam achar-se, majoritariamente, estudos que enfatizem bastante unilateralmente, seja um ângulo, seja outro. É mesmo muito difícil associá-los numa síntese realmente satisfatória. (...) Seria difícil negar o caráter inseparável do material e do mental. Nenhuma ação individual ou coletiva poderia exercer-se sem estar referida ao mesmo tempo a um projeto, ou a uma ideologia (CARDOSO, 2005, p. 154).

Pode-se citar, como exemplo, a existência de grupos identitários distintos nas Minas do Camaquã, como é o caso dos mineiros e engenheiros que constroem suas identidades inicialmente em virtude de laços em comum dos indivíduos que se associam no profissionalismo do trabalho, ou seja, os meios de produção em comum. Diante disto, não há como desvincular o mineiros ou o engenheiro do trabalho das minas para aquele que se encontra no bar ou no clube após o expediente, bem como também tal identidades se criam em espaços de sociabilidades distintos de cada grupo e nas simbologias a ser construídas para a representação de classe. Sem o aspecto ideológico da consciência de classe não haveria os interessem em comum para se reunir na mesma e defender, na maioria dos casos, melhores condições materiais na ação como grupo identitário.

A realização de uma História Cultural, analisando puramente os aspectos culturais de uma sociedade, torna-se inexecuível o desenvolvimento de uma pesquisa. É necessária a

efetivação de um entendimento do contexto socioeconômico para evitar uma análise unilateral que estabeleça apenas um sentido cultural para as pesquisas, até porque, intrinsecamente, a superestrutura está ligada à infraestrutura e, dessa maneira, não há como desvencilhá-las das pesquisas. Deve-se ter cuidado com a fragmentação dos estudos históricos que provocam uma individualização das perspectivas de reconstrução de um passado próximo.

Dessa forma, uma análise sobre os aspectos culturais não anula, mas soma, ao desenvolvimento da construção de uma História Social. Pois, não há como desvencilhar do campo econômico, político e social as dimensões culturais, pois elas estão presentes no cotidiano dos sujeitos históricos. Por exemplo, no ponto de vista deste pesquisador, os mineiros ou os engenheiros não deixam sua cultura, modo de agir e pensar na comunidade quando entram nas galerias subterrâneas para o trabalho, pois a cultura está presente no meio social.

É claro que se pode construir uma história essencialmente econômica das Minas do Camaquã, mas tem-se a certeza de que, angariando os estudos culturais, esta atrelada ao contexto em questão, leva-se a uma aproximação máxima dos objetivos da pesquisa e exploração da memória, das identidades e o trabalho executado nas Minas do Camaquã.

A estruturação da dissertação tem no capítulo inicial a realização de um histórico das Minas do Camaquã, desde os primórdios da exploração do minério de cobre até o encerramento das atividades mineradoras, em 1996. O segundo capítulo refere-se às pesquisas efetivadas sobre a construção da memória. Através delas, analisa-se a identidade dos trabalhadores, as simbologias que os levava a ter uma identificação de classe como, por exemplo, o resgate das identidades culturais, como as seções de cinema reproduzidas no Cine Rodeio, os campeonatos de futebol com a participação do Minerador Atlético Clube, as reuniões no Clube dos engenheiros e no Bolicho do Papa, os valores, as histórias e as atuações mediadoras do proprietário das minas, “Baby Pignatari”, até a religiosidade presente fortemente no seio da comunidade mineira.

No terceiro capítulo, “Trabalho e cotidiano”, estabelece-se as relações entre o capital e o trabalho dos mineiros e engenheiros nas Minas do Camaquã, sendo principalmente relatada, analisada e estruturada a periculosidade do trabalho executado no interior das galerias subterrâneas, fatores que levam a curiosidade do historiador em explorar o íntimo dos profissionais mineiros e, a partir de então, ter um entendimento das relações entre engenheiros e mineiros no ambiente obscuro e perigoso no interior das minas. Mas este será um tema explorado no último capítulo. Nesta parte do trabalho foi estabelecida uma revisão historiográfica em cima da conceituação de classe, como relatado anteriormente. A partir

disto, se tem um embasamento teórico para analisar os embates que ocorreram nas minas entre as classes destes trabalhadores que acarretaram a uma ótica dual de determinadas classes distintas. Tal olhar dicotômico vai ser analisado através das entrevistas de quatro mineiros e engenheiros que vivenciaram as relações sociais nas Minas do Camaquã.

Dessa forma, esta produção acadêmica ira fornecer informações coerentes e suficientes para que se tenha o entendimento da boa convivência entre os moradores, as festas concedidas pelo “paizão” Pignatari, a ascensão econômica e social de alguns, a felicidade e a nostalgia irrompida diante da rememoração de suas vivências na comunidade e os laços de solidariedades únicos criados naquele período, que tentam ser mantidos até hoje. Porém, também são denotados os conflitos entre os grupos sociais, o esforço e os acidentes no labor mineiro que acarretam em uma diversidade de insatisfações, que também estão presentes na segregação residencial estabelecida e nos embates sociais entre os grupos, que se acentuam no contexto da privatização e encerramento das atividades exploratórias nas Minas do Camaquã.

O início da carreira acadêmica deste pesquisador esteve voltada totalmente ao avesso do que hoje estabelece no olhar para com a vida. Não havia, o que é entendido como um amadurecimento acadêmico, uma preocupação voltada a pesquisar temas que estivessem ligados à questão social e que fossem permeado por motivações pessoais, seja do objeto de pesquisa, seja do pesquisador.

A realidade encontrada nas entrevistas efetuadas aos mineiros das Minas do Camaquã levou o pesquisador a se deparar com uma realidade social tão palpável e jamais vista. Este é o ponto culminante para o mesmo estivesse hoje em um estágio que considera-se somatório para uma pesquisa acadêmica em nível de Mestrado acadêmico. É engraçado como a vida pessoal do pesquisador tem relação com sua vida profissional, não somente por ser um pesquisador na área das ciências humanas, o que leva a acreditar na existência de um lado mais subjetivo e humano nas pesquisas sobre um determinado tema.

Sendo oriundo de uma família humilde, filho de professora das séries iniciais e de um reformador de máquinas agrícolas, residente de cidade pequena, conhecia a pobreza. Porém, é importante salientar aqui, para esclarecer o seu rumo acadêmico, que o entendimento de pobreza era pela qual o mesmo passava, pois não detinha o conhecimento de desigualdades sociais em outros patamares. Foi conhecendo a realidade social das Minas do Camaquã, seja através dos relatos dos mineiros seja através do olhar com que os mesmos retratavam a situação em que viviam e a que se encontravam no atual momento, que se passou a entender os significados de termos como desigualdade social, opressão, exploração, medo e resistência na luta por melhorias.

Acredita-se que o trabalho do historiador enriquece com seu envolvimento no tema e na vida pessoal do sujeito histórico. É claro que se deve manter-se racional ao efetuar uma análise das ações dos sujeitos históricos dentro das instâncias socioeconômicas e culturais exploradas. Porém, quando se trata de analisar a história pessoal e coletiva de um indivíduo, não se deve esquecer do seu lado humano, pois acredita-se que a consciência social é um grande gerador de responsabilidade, que a preocupação com sua pesquisa ter um objetivo de propalar uma causa importante para história e para si é o que disciplina e que, sem a paixão pelo que está fazendo e seu envolvimento com o tema, nenhuma técnica, nenhum método, tem a mesma eficácia. Há muito profissionalismo no mundo. É preciso de um pouco de amorismo. O mundo precisa de gente com biografia e não só com um currículo, de gente que esteja atrás de um compromisso e não de um contrato, de gente que faça por si e não por um certificado. Enfim, “Mineiros e engenheiros: memória, identidade e trabalho nas Minas do Camaquã entre 1970 e 1996” não pode ser considerado apenas um trabalho acadêmico na busca de uma titulação acadêmica. Também é parte de uma vida de pessoas muito importantes que mudaram a forma de encarar a vida do pesquisador. Assim como um pouco de mim está exposto em páginas, muito do esforço para se ter capacidade, fidelidade e paixão ao retratar excertos de uma história está presente.

1 HISTÓRICO DAS MINAS DO CAMAQUÃ

Para desenvolver o tema pesquisado, no que diz respeito especificamente à memórias, à cultura, identidade e trabalho dos mineiros e engenheiros, é necessário estabelecer uma periodização histórica das Minas do Camaquã, assunto que será trabalhado no decorrer deste capítulo. A fim de analisar, do ponto de vista histórico, a trajetória da atividade mineradora na região, enfatizando as expectativas, as dificuldades e transformações técnicas que acarretaram em uma maior dinamização social na região, também é preciso entender a importância do desenvolvimento econômico da mineração em determinadas sociedades e seus respectivos contextos históricos.

A mineração compreende a realização de atividades de extração de riquezas naturais presentes na superfície ou no subsolo de uma determinada região. A prática da mineração não é uma característica peculiar das sociedades contemporâneas, mas uma ação extremamente antiga e o seu uso para fins econômicos era recorrente desde as sociedades mais complexas da antiguidade.

Suas técnicas são milenares encontrando-se seus vestígios nas primeiras sociedades da antiguidade, onde seus praticantes organizavam-se, talvez desde seus primórdios, como uma corporação de especialistas, cujo os conhecimentos eram transmitidos de uma geração para a outra (BERNAL, 1975, p. 116).

Porém, mesmo que as técnicas de mineração sejam desenvolvidas desde a antiguidade, foi a partir da Revolução Industrial (iniciada na Europa entre fins do século XVIII e primeira metade do século XIX) que suas transformações acarretaram em uma maior estruturação das sociedades urbanas e industriais, ocorrendo, dessa maneira, um processo de modernização nas técnicas de mineração, principalmente a partir da segunda Revolução Industrial.

De acordo com Pinto (1980), as transformações socioeconômicas oriundas de um novo processo de produção, com a introdução de máquinas que necessitavam de energia de fonte mineral, fizeram com que se ocasionasse a institucionalização de centros de pesquisa e de formação profissional para efetivar as inovações técnicas na exploração de recursos minerais. Diante disso, seria inerente ao processo uma grande gama de investimento de capitais no desenvolvimento destes centros de pesquisa. A burguesia em ascensão irá possuir capital suficiente para o desenvolvimento de empreendimentos nas técnicas de mineração.

Outra especificidade da mineração é a presença de limitadores mais ou menos definidos na duração da atividade, quais sejam, as reservas da jazida. A definição

desta duração sofre também influência de aspectos externos às jazidas, tais como o comportamento do mercado nacional e internacional em relação ao minério, a descoberta de novas jazidas mais rentáveis ou até mesmo inovações tecnológicas na indústria que venham a colocar o mineral em desuso. O caráter efêmero da mineração é um fator preocupante, se for considerado o potencial que esta tem de detonar processos de urbanização, sem a contrapartida de uma diversificação de atividades econômicas. Toda a infraestrutura implantada pode tornar-se ociosa, o que não é recomendável, especialmente em um país com carência de recursos financeiros como o Brasil (FARAH, 1993, p. 5).

A estruturação e elaboração de uma base de conhecimento para a implantação da atividade de extração foi, então, importante. Além de amplo conhecimento, era indispensável o domínio das técnicas disponíveis, tanto no que se refere à extração quanto ao desmonte da rocha propriamente dita e sua purificação do minério. Nota-se, portanto, que a mineração tornou-se um ramo industrial de grande dinamismo, no qual a incorporação de conhecimentos e as inovações técnicas atuaram como peças fundamentais para seu desenvolvimento.

1.1 A Descoberta

A procedência da exploração das Minas do Camaquã, de acordo com Teixeira (1992), tem como marco inicial a descoberta de rochas com tonalidade esverdeada pelo proprietário das terras e coronel João Dias dos Santos Rosa, em meados de 1865. Porém, foi um grupo de geólogos ingleses que explorava uma área mineral de Lavras do Sul, na mesma região onde foram encontradas as pedras, que analisou, identificou e corroborou a riqueza dessas pedras.

A descoberta de ouro, pelos ingleses, em Santo Antônio das Lavras, havia desencadeado muita cobiça em toda a região. E suas terras eram banhadas pelo mesmo rio Camaquã que passava por Lavras. Não diria nada a ninguém sobre a descoberta, a não ser para Floriana Joaquina. Ela lhe daria um bom conselho. Pensando em como a mulher receberia aquela notícia, João desceu com cuidado o morro, puxando o cavalo pelo cabresto [...] mandara a mucama cuidar de outros afazeres [...] João põe a mão no bolso, sente a rigidez com as pontas dos dedos e lembra-se do brilho que ela tem... entrega a pedra para Floriana Joaquina e logo a reclama de volta, enfiando-a no fundo do bolso [...] (MACEDO, 2006, p. 10).

Naquela época, no entanto, as avaliações do potencial mineral das jazidas eram bastante precárias. Por isso, a empresa de mineração apresentava-se como um empreendimento de alto risco. As recomendações de que se deveria partir de avaliações racionais sobre o potencial mineralógico e sobre as reais condições de exploração eram frequentes nas apreciações dos técnicos que visitavam a região. Contudo, as possibilidades de lucros fabulosos também eram um horizonte sempre lembrado, de modo a atrair e entusiasmar os investidores.

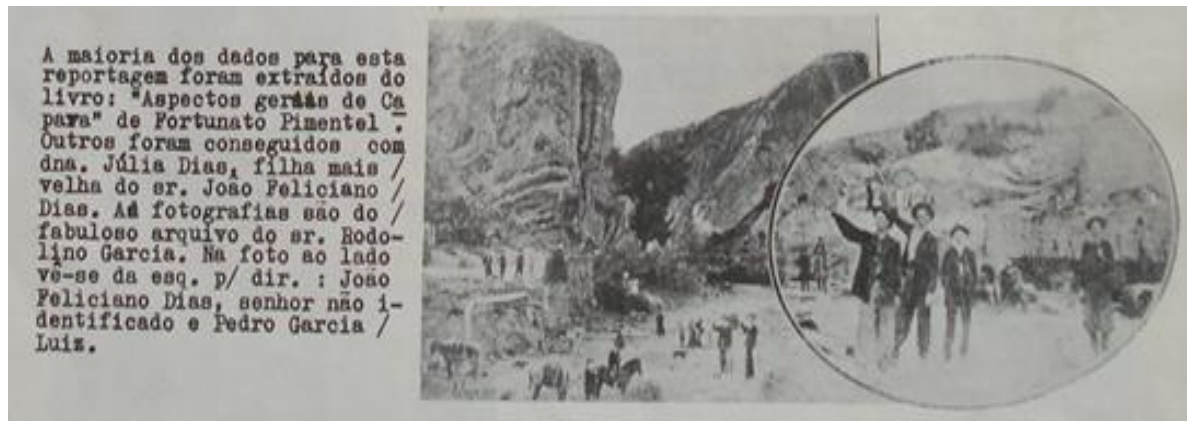


Figura 1 - João Dias e a descoberta das minas.
Fonte: Jornal "O Bom", 1979.

O fazendeiro entende o gesto e sente o coração disparar. Não confia naquela gente, mas agora é tarde. Tira seu tesouro do fundo do alforje e o entrega ao brasileiro que passa ao inglês. O engenheiro só pesa a pedra e olha-a bem de perto, como se estivesse a cheirá-la. Depois tira uma lupa do bolso, olha através dela alguns detalhes e diz, sem tirar o cachimbo da boca: - *It is malaquita*. [...] Decidiram que iriam construir calhas de madeira, por onde as pedras deslizariam aproveitando o declive natural [...] Cavaram também uma pequena galeria para recolher as amostras mais importantes. Estas seriam remetidas para a Inglaterra, onde poderiam ser avaliadas para uma futura exploração rentável (MACEDO, 2006, p. 16).

A partir dessa resposta favorável, quanto à questão da qualidade do cobre presente nas terras do coronel João Dias dos Santos, é que começam a se desenrolar todos os episódios de transformação desse lugar que, também por influência dos ingleses, passa a se chamar Minas do Camaquã, em virtude daqueles campos serem drenados pelo rio Camaquã e pelo arroio que igualmente recebe um nome e passa a se chamar arroio João Dias.

Porém, apenas identificar a existência de minérios não garantiria uma lucratividade certa na extração regional. Era imprescindível viabilizar a exploração através de uma ampla infraestrutura, como também garantir que as condições gerais da área contribuíssem para um amplo investimento. No caso da província mineralógica do Rio Grande do Sul, de acordo com Teixeira (1992), as áreas de interesse para mineração estavam geralmente isoladas, situadas no meio rural, distantes dos centros comerciais, litorâneos e dinâmicos do Estado, como o eixo comercial de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre.

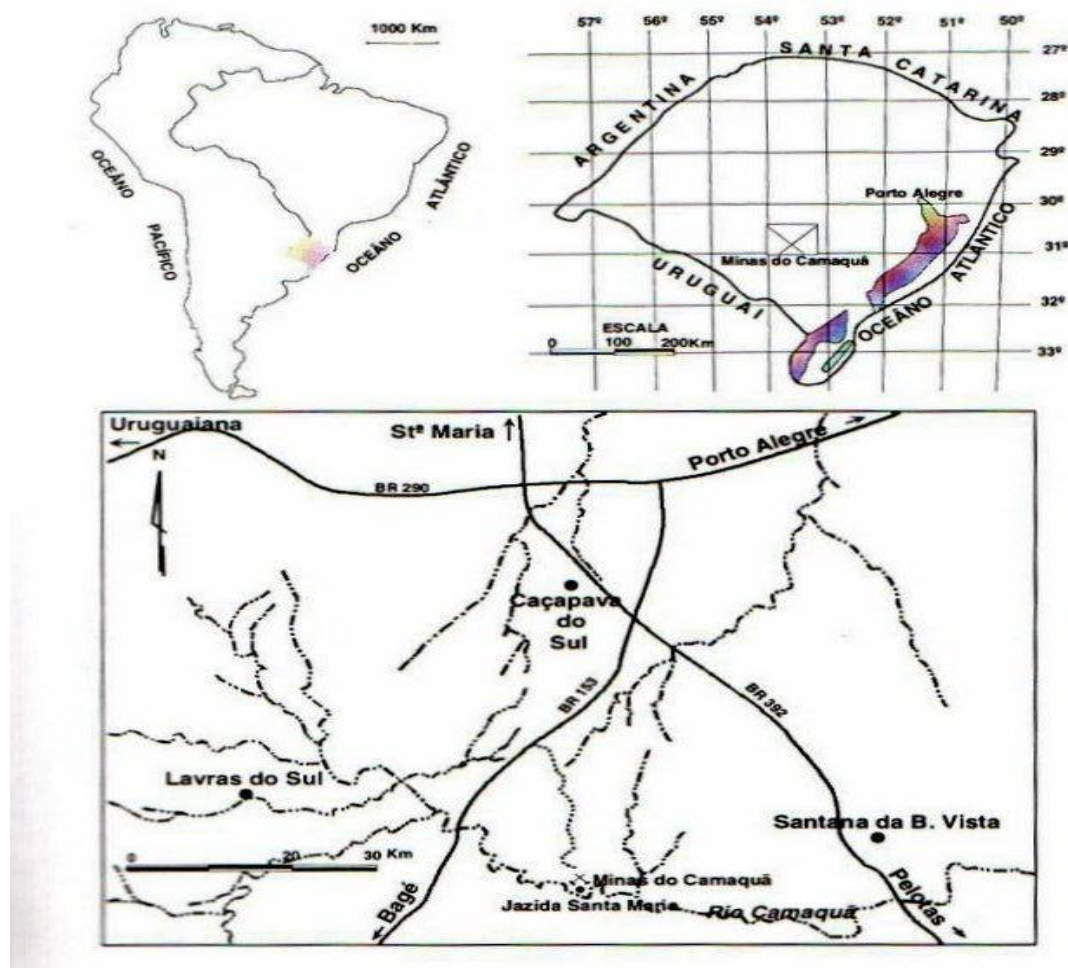


Figura 2 - Localização das Minas do Camaquã
 Fonte: Ronchi e Lobato, 1998.

Dessa forma, era claro que as condições de isolamento eram um óbice a ser superado pelas empresas para efetuar a exploração na região com êxito lucrativo, já que teriam problemas com as péssimas condições de transporte, fosse para trazer os equipamentos importados fosse para realizar o escoamento da produção diante da distância do interior até os portos litorâneos. Mas as empresas mineradoras não estavam livres de enfrentar outras dificuldades para estruturar as atividades de exploração do minério; entre elas, por exemplo, havia a morosidade na aquisição de apoio governamental (ao longo do império brasileiro, tinha permanecido em vigor o regime dominial, pelo qual as jazidas que antes pertenciam à coroa portuguesa passaram ao domínio da nação, sendo facultada a sua exploração através de concessões).

Pinto (1980) analisa o contexto econômico do período e afirma que o governo acabava se tornando um obstáculo para o desenvolvimento da indústria extrativa já que, além das

dificuldades das mineradoras para ter o acesso às terras devolutas, havia também restrições para importação dos equipamentos e materiais em detrimento do consumo de produtos de indústrias nacionais, o que dificultava ainda mais o desenvolvimento da atividade extrativa no Brasil, pois os equipamentos exigidos nas atividades mineradoras deveriam ser de alta tecnologia e estes estavam somente presente no mercado europeu.

No que se refere ao desenvolvimento econômico e as relações do Brasil com o capital estrangeiro, durante o contexto econômico do Império à política econômica da Primeira República, nota-se que, desde a crise capitalista europeia (a partir de 1870), ocorreram transformações nos rumos de investimentos de capitais, quando se vê a inserção de vultuosos capitais na América Latina. De fato, o que realmente ocorreu foi uma forte concorrência de investimentos oriundos do capital britânico, belga, francês e alemão no promissor mercado de comércio e produção mineral no Brasil. Isso aconteceu principalmente após as exportações de café gerarem excedentes, que possibilitaram um maior desenvolvimento nos setores industriais, urbanos e de ferrovias, articulando, dessa maneira, a economia de mercado interno no País.

1.2 Os estrangeiros

Analisando especificamente a exploração das Minas do Camaquã, vê-se que os investimentos que foram realizados tinham sua origem no capital inglês. Avelino Inácio de Oliveira, no seu artigo “História da mineração de cobre no Rio Grande do Sul”, afirma que, através da empresa The Rio Grande Gold Mining Limited os ingleses exploraram a região durante os anos de 1870 e 1887 e estabeleceram uma infraestrutura incipiente e necessária para a execução de uma atividade lucrativa através da exploração do cobre. Assim, durante a busca do cobre, na realização das primeiras lavras na jazida pela empresa inglesa, a exploração foi efetuada de maneira bastante rudimentar: o transporte do mineral era efetuado por vagonetas na área interna da mina e o minério era deslocado externamente pela tração de jumentos durante sua fase inicial.

O processo minerador sob a administração inglesa teve sua efetivação no ano de 1870. No que se refere especificamente à exploração das minas do Camaquã, nesse momento, os investimentos realizados com capitais ingleses criaram a infraestrutura inicial para a exploração do cobre. O interesse de engenheiros ingleses que desenvolviam atividades no município vizinho de Lavras do Sul resultou no reconhecimento e localização da jazida e nas primeiras iniciativas, com a abertura de uma galeria para extração do minério, chamada de galeria dos ingleses, no flanco

leste do cerro João Dias. Esta primeira empresa, The Rio Grande Gold Limited, funcionou entre os anos de 1870 a 1887. (RONCHI e LOBATO, 2000, p.29).

Uma nova fase de exploração cuprífera nas Minas do Camaquã se deu entre as décadas de 1889 e 1899, quando o controle das minas estava novamente nas mãos da família de João Dias dos Santos da Rosa, através de seu herdeiro João Feliciano Dias, que assumiu a responsabilidade de exploração das minas após os problemas de saúde e morte de seu pai em 1908. Dessa maneira, a família ainda detinha o domínio das minas e essa afirmativa é corroborada no resgate histórico efetuado por Ronchi e Lobato (2000), no qual estes advogam que, apesar de recorrentes concessões feitas pela família Dias dos Santos da Rosa para exploração da mina, esta era readquirida nos momentos de crise, quando os investidores se desinteressaram.

Em 1906, o coronel João Dias, com mais de oitenta anos, costumava ficar no alpendre da casa tomando chimarrão e contando histórias para os netos. Esquecida para muitas coisas do presente, sua memória estava intacta para tudo o que se referisse às Minas do Camaquã. Em algumas ocasiões, chamava também os filhos, Favorino e João Feliciano, e lhes contava cada detalhe da descoberta de cobre em sua fazenda, o famoso encontro com o imperador, a viagem a Lavras e as esquisitices do engenheiro inglês mister Blood [...] João Dias lamentara muito a partida dos ingleses, mas dizia que o contrato a seguir, feito com os alemães de Pelotas, lhe fora muito vantajoso [...] (MACEDO, 2006, p. 31).

Mas a fase exploratória citada acima, a partir de 1889 até 1899, foi oriunda de uma nova concessão efetuada pela família Dias dos Santos da Rosa

A família fez a concessão de exploração de minério a empresários e comerciantes alemães residentes da cidade de Pelotas, Maximiliano Saenger, Ricardo Saenger e Emílio Kleinod, onde resolveram investir na continuidade de exploração de cobre da região (OLIVEIRA, 1944, p.79).

Chama atenção que o contrato de concessão para pesquisa e exploração da mina foi firmado, em abril de 1889, entre João Dias dos Santos e Maximiliano Saenger. Em novembro desse mesmo ano, firmaram o compromisso de compra de três quadras de léguas de campo ou 2.613.600 metros quadrados pelo preço de 55:000\$000 (55 contos de réis) [...] compreendendo as divisas por onde houver indícios de minério de cobre e mais ou menos pelas divisas das datas de mineral já medidas. Isso indica que eles estavam assegurando o direito sobre a mina justamente no ano em que estavam encerrando a exploração. Posteriormente, os Saenger venderam o direito de exploração à Companhia Belga pela importância de 600:000\$000 (seiscentos contos de réis). O que significa que a concessão, ou seja, o direito de exploração, foi objeto de negociação independente da mina. Em maio de 1899, foi assinada a escritura de compra e venda da mina, entre João Dias dos Santos e José Gonçalves Dias [...] (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 29-30).



Figura 3 - Mapa das minas criado para os investidores pelotenses.
Fonte: Arquivo da CBC.

Porém, severas dificuldades na exploração das minas levaram os empresários Saenger e Emílio Kleinod a abandonarem o empreendimento, devido, principalmente, ao encarecimento dos transportes e à queda do preço do cobre no mercado internacional. Este último fator foi resultante da exploração de “novas colônias”, situadas principalmente no continente africano, onde o neocolonialismo europeu iniciado na segunda metade do século XIX fez com que estes explorassem recursos minerais (entre eles o cobre) com mão de obra barata. Sendo assim, o custo da obtenção do metal era irrisório, provocando uma queda dos preços do cobre no mercado internacional durante o século XX. Pondero aqui que a concorrência com grandes produtores de cobre como, por exemplo, o Chile, leva também a uma queda nas exportações do minério, dificultando ainda mais o seu comércio no cenário internacional.

Dessa maneira, diante de empecilhos para a obtenção da lucratividade esperada e vislumbrada pelos empresários, estes “intermediaram as negociações entre o proprietário da mina, João Dias dos Santos Rosa, e investidores belgas, através do seu representante e sócio no Brasil da 'Mines de Cuivre Camaquã S.A.', o Sr. José Gonçalves Chaves” de acordo com Oliveira (1944, p.87). E a companhia belga já havia se instalado em outras regiões do País, através de suas filiais, no intuito de efetuar a exploração e obtenção de uma gama de recursos minerais. A companhia promoveu as atividades mineradoras durante o período de 1899 até 1908, quando o trabalho de exploração do minério tornou-se mais técnico.

De acordo com Bettencourt (1992), isso ocorreu principalmente devido à introdução de novas tecnologias para a exploração, lembrando que nesta conjuntura foram abertas novas galerias subterrâneas, foi construída uma usina de concentração de minério e também uma barragem no Arroio João Dias, que serviria para a instalação de uma turbina de geração de energia elétrica.

A empresa belga foi responsável, então, por um grande avanço técnico nas atividades mineradoras na região. Alimentar a usina e dar conta dos planos de lavra estabelecidos pelos técnicos significava ampliar a capacidade de extração, tanto pela necessidade de contratação de novos trabalhadores quanto pela intensificação das jornadas de trabalho.



Figura 4 - Barragem dos belgas.
Fonte: Arquivo da CBC.

A extração desenvolvia-se basicamente a partir do trabalho manual, sendo preciso angariar os trabalhadores da região e construir-lhes moradias próximas à mina, para manter a estrutura ali instalada com mão de obra de acesso contínuo. Era preciso, da mesma forma, trazer bons mineiros e geólogos da Europa, Ásia e do Chile (trabalhadores com experiência em mineração), o que não havia de ser facilmente encontrado aqui.



Figura 5 - Estruturação dos trilhos para as vagonetas manuais
Fonte: Arquivo da CBC.

A empresa belga encerrou suas atividades devido, principalmente, à queda de rendimentos para a exportação do cobre, como explica Avelino Inácio de Oliveira no seu artigo “História da mineração do cobre no Rio Grande do Sul”: "o preço do cobre baixou em 1907, como decorrência da intensificação da mineração nos Estados Unidos e da descoberta de novas minas no Congo-Belga, o que acabou comprometendo os rendimentos das exportações, sempre crescentes até aquele momento". O problema recorrente de transportes também prejudicou um maior desenvolvimento das minas, já que não havia uma estrutura adequada para o escoamento da produção, que até então era bastante oneroso e realizado por carretas. Em épocas de inverno, a situação piorava, pois as chuvas recorrentes, atreladas à deterioração das estradas, impossibilitavam o escoamento da produção. Dessa forma, o isolamento das minas tornava quase que inexecutável uma exploração com resultados financeiros lucrativos.

O desemprego transformara as Minas do Camaquã numa grande tapera. Os filhos do coronel João Dias viram a sua casa de comércio minguar e tiveram de fechá-la. João Feliciano estabeleceu-se com a mãe e demais familiares na Casa de Pedra, antiga sede da administração belga, e voltou a cuidar só da pecuária. Favorino adquiriu terras no Seival e transferiu-se com os seus para a Estância do Cerro Colorado (MACEDO, 2006, p. 35).

É importante salientar que os fatores citados anteriormente se somaram para ocasionar o encerramento da exploração de minério e da concessão de domínio extrativo das Minas do Camaquã pela companhia belga. Outros fatores preponderantes foram o esgotamento de minério rico após intensiva exploração, bem como a falta de recursos financeiros fornecidos pelo governo para a iniciativa privada (que poderia efetuar a compra dos equipamentos necessários para a execução de novas fases tecnológicas de regime exploratório para a obtenção de minérios).

1.3 A Companhia Brasileira do Cobre

A década de 1930 é apontada como um marco no processo de industrialização do Brasil. Até então, o abastecimento do mercado interno dependia das importações e dos esforços do governo para explorar as jazidas nacionais. O investimento nas pesquisas para o estabelecimento dos planos de lavra, bem como a montagem do empreendimento inicial (como se viu anteriormente), sempre dependeu de investimentos dos governos. Frente a isso, torna-se importante destacar alguns marcos e características gerais desse processo para, posteriormente, situar a mineração do cobre em relação a esse movimento.

A política econômica do governo que, ao longo da República Velha, privilegiara o setor primário exportador, nesse momento (em meio à crise provocada pela depressão mundial do capitalismo em 1929), passou a incentivar a diversificação das atividades produtivas, favorecendo o desenvolvimento do setor secundário. A mineração vai, assim, receber um grande impulso, a começar pela nova regulamentação constitucional de 1934, que concentra políticas governamentais que efetuem nacionalização das minas e quedas d'água. Esta legislação estabeleceu a distinção da propriedade do subsolo para efeito de exploração ou aproveitamento industrial, ficando a sua utilização na dependência de autorizações e concessões do Governo Federal. Dessa forma, além de alterar o regime da propriedade, o dispositivo constitucional limitava a participação estrangeira na atividade.

Dentro do processo de desenvolvimento da economia brasileira, a intervenção do Estado foi crescente e se fez acompanhando as transformações na dinâmica de expansão do capitalismo. A participação das empresas estatais ainda era numericamente pequena e o governo iria atuar mais na criação de condições gerais para o desenvolvimento econômico, através da criação de um aparato institucional de apoio à iniciativa privada e implementação da legislação trabalhista, regulamentando as relações entre o capital e o trabalho.

O Rio Grande do Sul, como já haviam revelado as investidas estrangeiras do final do século XIX, possuía um amplo potencial em termos minerais. Porém, não bastava apenas considerar a ocorrência dos minérios. Era imprescindível viabilizar a exploração baseada em uma ampla infraestrutura, que incluía boas condições gerais da área e amplo investimento de capitais. Diante desse cenário, de acordo com Bunse (1984), foram criados, pelo governo federal, órgãos de fomento, como o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) em 1934, ficando este responsável por controlar as atividades de mineração no Brasil. Com essa legislação em vigor, as Minas do Camaquã voltaram a despertar interesse. É nesse contexto que a região das Minas do Camaquã adquiriu um novo interesse governamental, denotado no relatório apresentado pelos geólogos Joaquim Homem da Costa Filho, Victor Leinz, Alceu Barbosa e Emilio Alves Teixeira, que foram enviados pelo governo à região e demonstraram interesse na importância e viabilidade existentes para a instalação de um empreendimento industrial de grande porte nas Minas do Camaquã para a exploração de minérios ali existentes, já que o preço do cobre havia aumentado no mercado internacional, em virtude do seu uso na indústria bélica durante a Segunda Guerra Mundial.

As possibilidades de lavra da mina de cobre de Camaquã estão cada vez mais sedutoras em face do presente conflito mundial e consequente procura desse metal em todos os mercados. E agora, depois da recente entrada dos Estados Unidos na guerra, a produção mundial de cobre tornou-se insuficiente para satisfazer as necessidades militares dos aliados, tendo-se que substituí-lo em parte por ligas de valor exorbitante, com resultado menos satisfatório. Por essa razão, a importação do cobre semifaturado caiu assustadoramente ou já não existe (ENGLERT, 1942, p. 83).

Com relação à conjuntura política e econômica do período da década de 1930, nota-se que a exploração do cobre esteve integrada ao processo de substituição das importações através da industrialização. No Brasil, o investimento na extração e metalurgia do cobre ocorreu de modo significativo a partir deste contexto, quando, dentro deste projeto industrialista, almejava-se o desmantelamento da dependência da indústria nacional em relação às importações desse importante recurso mineral.

Com o impulso inicial efetuado pelo governo no contexto citado acima, mas principalmente a partir da segunda Guerra Mundial, em que o governo adquiriu recursos financeiros externos através de seu pragmatismo político durante o conflito mundial, foi significativo o aumento da participação das empresas estatais no desenvolvimento de empreendimentos no setor siderúrgico, no setor energético e também na mineração, com a criação da Companhia Vale do Rio Doce, em 1943.

O projeto nacionalista que permeava o governo de Getúlio Vargas foi um endosso no desenvolvimento industrial brasileiro direcionado aos setores siderúrgicos e energéticos, sendo que, com a anuência dos nacionalistas, o governo vai recorrer ao capital nacional para promover o desenvolvimento econômico do país. As justificativas para essa propensão do Estado no investimento às indústrias de base têm procedência no desinteresse ou incapacidade do capital privado nacional em assumir determinados setores que demandavam grande investimento de capitais, mas cujo retorno era lento ou com baixos rendimentos; setores que muitas vezes eram fundamentais e potencializadores do processo de industrialização.

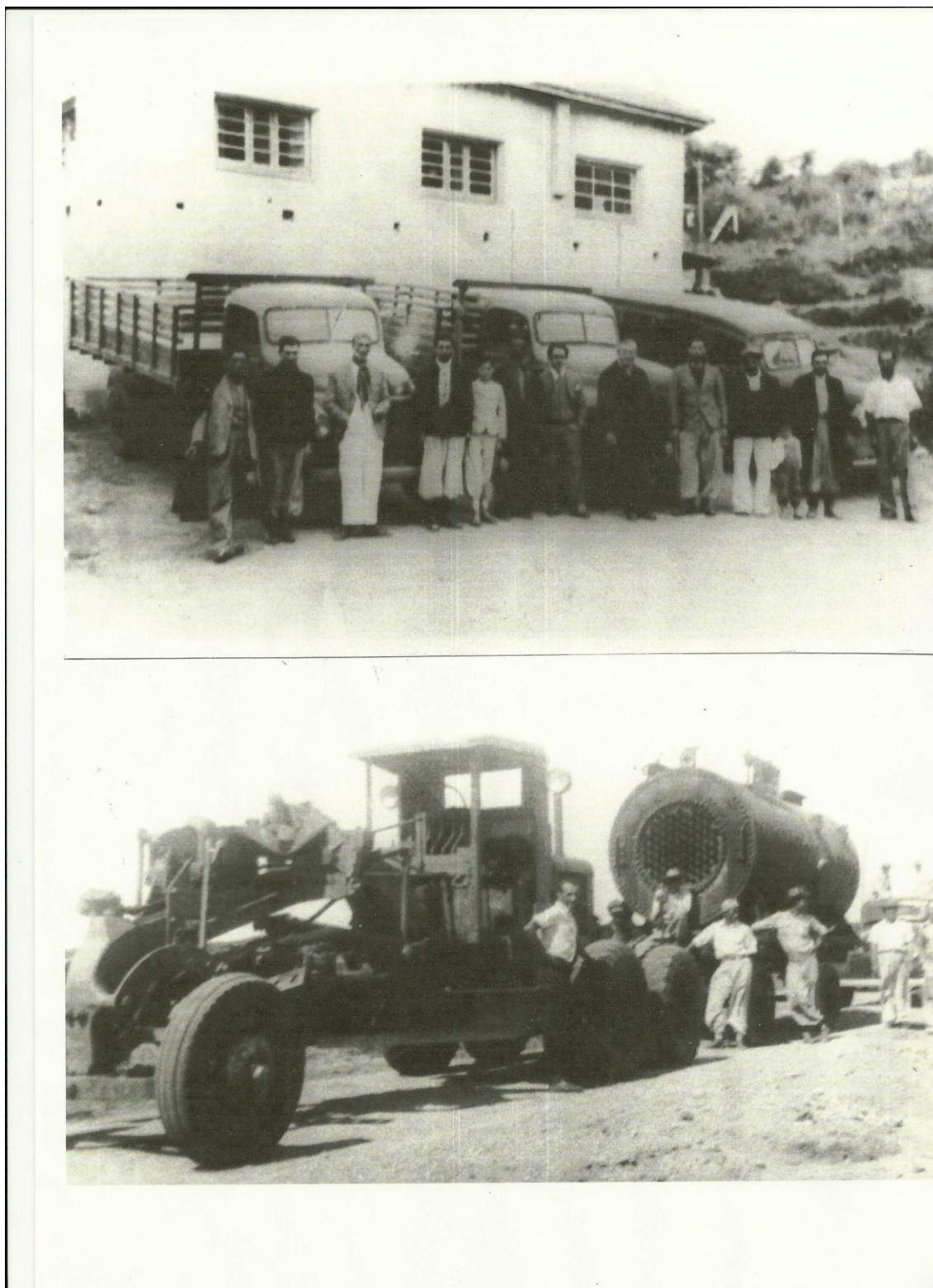


Figura 6 - Chegada de novos caminhões e máquinas (1942).
Fonte: Arquivo da CBC.

É neste ínterim de desenvolvimento nacionalista que ocorreram grandes avanços na economia, através de uma forte intervenção do Estado (agente fomentador do desenvolvimento industrial nesta fase), dando prosseguimento na década de 40, com uma

maior intensidade, à política econômica para substituir as importações, em que o Estado criou órgãos capazes de direcionar o desenvolvimento econômico.

A exploração industrial do cobre integrou o surto de industrialização promovido nos quadros da substituição das importações. Contou, inclusive, com o apoio do governo federal, que disponibilizou capital através do Banco do Brasil para o pronto início das atividades de mineração e também de metalurgia (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 37).

A expansão da participação das empresas estatais, atrelada a investimentos efetuados pelo governo (através de grandes projetos nas áreas de infraestrutura e insumos básicos), vai disponibilizar condições para que o setor privado se desenvolva. O Estado, que se encontrava sob a aquiescência das leis, passa a investir fortemente na exploração das Minas do Camaquã e inicia a estruturação de um projeto industrialista na região, que terá como fruto a formação de uma comunidade criada no entorno das minas (fato este que será abordado no percorrer do sucinto histórico).

A produção do concentrado de cobre não constitui um exemplo típico nesse quadro simples e panorâmico que se traçou a respeito do avanço do setor produtivo estatal, mas é, de longe, um expressivo exemplo de como os interesses privados podiam prevalecer, afirmar-se, tornando investimentos em setores básicos extremamente lucrativos. Resta considerar que a demanda por cobre cresceu, acompanhando o processo de industrialização do País, pois é uma matéria-prima fundamental para a efetivação de tal processo.

Frente a todo o processo de desenvolvimento econômico e às peculiaridades da política governamental do contexto, bem como após a confirmação de geólogos do potencial dessas reservas, Macedo (2006) afirma que, em 1942, foi fundada a Cia. Brasileira do Cobre (CBC), tendo como principais acionistas o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Laminação Nacional de Metais LTDA, pertencente ao Grupo Pignatari.

Conforme o desejo do Presidente, no dia 2 de setembro de 1942 foi constituída a Companhia Brasileira do Cobre com sede social em Porto Alegre. Como previsto, o contrato foi assinado pelos dois interventores, cada um em sua capital. No dia 22 de outubro, Getúlio autorizou a exploração das Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul, pela companhia recém-formada. A Companhia Brasileira do Cobre adquiriu a propriedade do solo sobre uma área de 348 hectares. Nela incluía o cerro João Dias, parte do arroio de mesmo nome e demais instalações mineiras que haviam sobrevivido ao tempo. (MACEDO, 2006, p. 71).



Figura 7 - Galeria Vargas.
Fonte: Arquivo da CBC.

Arelados ao expansionismo econômico do período, ocorreram grandes investimentos no desenvolvimento de pesquisas para desenvolver novas tecnologias para a exploração das lavras nas Minas do Camaquã. É este processo de implementação da mineração em escala industrial que acarretou na montagem de uma infraestrutura urbana para abarcar e auxiliar a mão de obra produtiva das minas. Aí está a origem de uma comunidade no entorno das Minas do Camaquã, administrada pela própria Companhia Brasileira do Cobre. O complexo mineiro ali instalado compreendia, além da empresa de mineração, uma excelente infraestrutura urbana, possuindo praças, escolas, um cinema, clubes, um hotel, um hospital, igrejas e diversos tipos de casas. Aliás, vale lembrar que, nesta conjuntura, baseado nas entrevistas efetuadas, pode-se afirmar que é de indubitável consenso entre os moradores e trabalhadores

que naquela época se viveu um momento áureo das Minas do Camaquã, no que se refere à importância econômica para a cidade de Caçapava do sul e à qualidade de vida da população.

A mina foi responsável por 60% do orçamento do município de Caçapava do Sul e região. Trouxe um grande progresso econômico e social para os habitantes. E eu lembro as pessoas que a mina inserida nessa concepção de Estado, na figura do Baby Pignatari, que nessa onda nacionalista do governo, ele realmente queria produzir aqui algo que gerasse trabalho e renda. A mina foi na relação capital e trabalho vislumbrado por Baby Pignatari ao longo de sua trajetória como administrador da mina realmente proporcionar aquilo que fosse mais humanizado, porque ele se preocupava com o lazer, se preocupava com os filhos dos funcionários. (RODRIGUES, Antonio Celso, 3 de set, 2011).

Minas de Camaquã, uma potência econômica

Desativadas anos atrás, as minas de cobre do Camaquã, após um período de pesquisas, recomenciarão a produzir no ano que vem, prevendo-se uma produção de 40 mil toneladas/ano de concentrado de cobre, o qual, submetido a processos metalúrgicos, fornecerá cerca de 13 mil toneladas de cobre metálico por ano ao País. A mineração será efetuada a céu aberto e em mina subterrânea, simultaneamente. Os investimentos previstos para a implantação do Projeto Expansão Camaquã são de aproximadamente Cr\$ 2 bilhões até o seu final.

CBC

As Minas do Camaquã localizam-se no município de Caçapava do Sul, a 300 quilômetros de

Porto Alegre. A mineração do cobre iniciou em 1870, com a descoberta de cobre em terras de J. D. Santos, por ingleses que trabalhavam em Lavras do Sul e no mesmo ano foi aberta a chamada Galeria dos Ingleses, na Mina São Luis, sendo o minério enviado à Inglaterra.

Em 1899 a mineração foi paralisada, sendo formada na Bélgica uma nova empresa que retomou a produção, paralisada novamente em 1907. Em 1937 funda-se a Companhia Industrial Eletroquímica, que, em 1939 adquiriu as Minas do Camaquã. Em 1942 foi criada a Companhia Brasileira de Cobre CBC, e, em 1948, o DNPM descobriu a Mina Uruguaí. Em 1952 foi reiniciada a lavra da Mina São Luis.

As atividades de mineração foram paralisadas pela terceira vez em 1975, passando a CBC a executar pesquisas geológicas com a finalidade de reavaliação de potencialidade das jazidas; viabilização da mineração, em novos moldes de produção, cerca de 5 vezes maiores do que os anteriores. Os resultados obtidos com as pesquisas asseguram a viabilidade do empreendimento, que inicia a retomada das atividades da mineração, hoje, dia 17 de janeiro, através da preparação da mina a céu aberto. A partir do próximo ano será reiniciada a produção dos concentrados de cobre.

MINERIO

A recuperação de minério prevista na mineração das jazidas do

Camaquã é de 75%. A reserva de minério recuperável é de 26 milhões e 250 mil toneladas, devendo atingir a uma produção anual de um milhão e 400 mil toneladas de minério bruto. O minério será tratado na Usina de Concentração, obtendo-se cerca de 40 mil toneladas por ano de um produto chamado de "concentrado", com 31% de cobre contido. Este "concentrado" será remetido a Camaçari, na Bahia, onde a Carajás Metais o submeterá a processos metalúrgicos, devendo ser obtidos 12 a 13 mil toneladas de cobre metálico por ano.

A mineração será efetuada a céu aberto, e em mina subterrânea, simultaneamente. Na mineração a céu aberto será utilizado o método convencional e na mineração subterrânea serão empregados métodos modernos, adequados às condições geológicas da região. Os investimentos previstos para a implantação do Projeto Expansão Camaquã são de aproximadamente dois bilhões de cruzeiros. Nas Minas do Camaquã desenvolverão suas atividades um mil empregados e admitindo-se a média de 4 dependentes por empregado, o total de pessoas diretamente ligados às Minas será de quatro mil. A CBC oferece, além de moradia, luz e água, atendimento médico-odontológico, hospitalização e lazer. No Projeto Expansão Camaquã foram consideradas todas as precauções para minimizar os efeitos da mineração sobre o meio ambiente, devendo o material improveitável, resultado da mineração, ser depositado em local selecionado.

Figura 8 - Progresso das Minas.
Fonte: Jornal "O Bom", 1968.

A partir da década de 1970, a mineração entrou em franco declínio. Nota-se que, contraditoriamente, isto ocorre no período de avanço na construção de uma infraestrutura que modernizava o complexo mineiro e que acarretava em uma maior facilidade de exploração e aquisição do concentrado do cobre. Porém, o capital financeiro da empresa não tinha condições de manter constantemente os investimentos efetuados na mina.



Figura 9 - Comunidade das Minas do Camaquã.
Fonte: Cemamc.

São resgatadas também, através da história oral, as lembranças das atuações e visitas frequentes de Francisco Matarazzo Pignatari à comunidade. Expoente maior do Grupo Pignatari, seu empenho e interesse pelas condições da comunidade são salientados e reconhecidos pelos mineiros entrevistados. Prova disto é que a casa por ele construída, localizada no ponto mais alto da área que compreende a vila, é conservada até hoje. Nos seus arredores se dispersam as casas dos engenheiros e encarregados, dos funcionários burocráticos e técnicos e, logo mais abaixo, a maioria das casas destinadas aos operários.

As visitas do Governador do Estado, Walter Peracchi Barcelos, ainda criavam esperanças aos habitantes da comunidade, de um possível investimento governamental para o reerguimento das minas, fatos que ocorreram posteriormente no mandato do governador José Augusto Amaral de Souza, de acordo com os relatos dos entrevistados. Inclusive, ainda havia a esperança de que, com a visita do presidente Emilio Garrastuzu Médici, para a inauguração de uma nova galeria, a empresa mineradora tivesse êxito na exploração de novas jazidas de minério de cobre. São eventos como este que se perpetuam na memória de todos os moradores da vila e sedimentam em seus depoimentos relembando fatos e episódios inesquecíveis como o citado e falam com alegria dos “bons tempos” de Pignatari. A vinda de

um presidente à comunidade só foi realizada devido as articulações de Pignatari e não em virtude da região ser rica em minério de cobre e que, conseqüentemente, geraria lucratividade ao Estado, sendo este o motivo da vinda do presidente.



Figura 10 - Visita de Emilio Garrastuzu Médici.
Fonte: Cemamc.



Figura 11 - Visita do Governador do Estado Walter Peracchi Barcelos.
Fonte: Jornal "O Bom", 1970.

De acordo com os relatórios da CBC, a máxima produção de 4.371 toneladas de cobre nas Minas do Camaquã em 1971, na parte referente à lavra, foi obtida mediante mão de obra excessiva, sendo antieconômica para o mercado naquele ano. Em 1972, para contornar as

condições desfavoráveis do mercado, houve tentativa de manter ou diminuir moderadamente a produção de minério, lavrando-se setores com maior acessibilidade e com jazidas de minérios mais expostas, não exigindo, dessa forma, gastos excessivos com maquinários e trabalhadores para chegar até o concentrado de cobre.

Pretendeu-se compensar a diminuição de pessoal, concentrando a lavra em regiões com a concentração de cobre em uma menor área de metragem nas galerias subterrâneas da mina e, ao mesmo tempo, de menor custo de transporte interno e externo. Em 1973, devido a deslizamentos que ocasionaram a paralisação de setores produtivos de alto teor e de dificuldades progressivas com desgaste de material, limitaram a produção em pouco mais de 3.000 toneladas de cobre. Nesse ano crítico, foi substituída toda a organização técnica das Minas do Camaquã.

Em 1974, os problemas de lavra aumentaram, em parte devido à insuficiência de frentes de trabalho, agravados no início do ano por inexistência de organização técnica e, depois, devido à inexperiência, em relação à mina, do novo pessoal técnico contratado, gerando também desorganização da documentação da mina e dos serviços de topografia. Dentro deste contexto, com inúmeras dificuldades a serem enfrentadas, o proprietário, Francisco Pignatari, desinteressa-se pelo empreendimento nas Minas do Camaquã, concentrando seus trabalhos e esforços em outros estados nos quais também possuía negócios e empresas.

A comunidade mineira passou a ser uma válvula de escape dos problemas de saúde do proprietário, sendo que, toda vez que passava por dificuldades, acabava retornando às Minas do Camaquã para repouso, apesar de ainda ocorrer explorações com baixo teor de minério na década de 1970, bem como o prosseguimento de investimentos na infraestrutura urbana, pois as minas não seriam desprezadas economicamente, devido à possibilidades de aquisição de minério em galerias mais profundas. Necessitava, no entanto, passar por um processo de modernização e aquisição de máquinas que possibilitassem a execução de explorações mais profundas para chegar ao minério de cobre, fato que ocorrerá a partir da década de 1980, como se verá adiante no projeto “Expansão Camaquã”.

A situação do Grupo Pignatari, naquele momento, foi explicada em uma edição comemorativa da CBC, lançada pelo governo federal, no ano de 1992:

O grupo Pignatari enfrentava dificuldades e não podia realizar os investimentos requeridos; nesse contexto, a mina passou a ser controlada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social e, em 1975, foram paralisadas as atividades da empresa (CBC. MINAS DO CAMAQUÃ. ED. Comemorativa, 1992, p. 32).

Com sua pujança e angariando novos investimentos do governo, de acordo com as informações obtidas no arquivo do Jornal “O Bom”, de Caçapava do sul, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, sob a direção de Aloysio Silva de Assis, promoveu o desenvolvimento de novas pesquisas para a montagem de um aparato tecnológico que intensificasse novas investidas na exploração de cobre nas Minas do Camaquã.

Dessa forma, as atividades de mineração foram restabelecidas somente a partir da década de 1980, através de um processo altamente mecanizado. Foram encaminhados estudos detalhados das Minas do Camaquã que resultaram, mediante mapeamentos e sondagens, na reavaliação das reservas, apresentando-se um relatório final chamado de Projeto Expansão Camaquã. Este previa a realização da mineração a céu aberto, um novo modelo de extração, reavaliando as reservas existentes nas minas Uruguai e São Luis. O estudo e prospecção destas reservas surgiam como uma importante oportunidade de revitalizar a extração do cobre nas Minas do Camaquã.

Cabe salientar aqui que tais investimentos governamentais somente se concretizaram devido à iniciativa de reativação da exploração pelo Presidente e Vice-presidente da CBC, respectivamente o senhor Afonso José Guerreiro de Oliveira e o engenheiro Henrique Anawatte. Ampliava-se, assim, a capacidade de produção da mina, através da exploração do labor dos trabalhadores e do grande avanço técnico alcançado após a introdução de novas máquinas no processo produtivo, assim como os pedidos ao governador do Estado, José Augusto Amaral de Souza, mais precisamente ao DAER (Departamento Autônomo de Estrada e Rodagem), para maior investimento na criação de uma nova rede de estradas que possibilitassem o escoamento da produção de minério, de acordo com as informações obtidas no folder informativo da Companhia Riograndese de Mineração (2001).

Neste contexto, em abril de 1979 foi assinado, solenemente, no Palácio Piratini, o contrato de financiamento entre BNDE e CBC para o novo plano de lavra. Em janeiro de 1980, sua Excelência, o Governador João Amaral de Souza e o senhor Diretor do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), Engenheiro Yvan Barreto, detonaram a primeira carga de explosivos à lavra a céu aberto da mina Uruguai, com a presença do Exmo Senhor então Presidente da CBC, Dr. Afonso de Oliveira, Diretor do BNDE. (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 42).



Figura 12 - Anúncio do Acordo financeiro com o BNDE.
Fonte: Jornal “O Bom” (1979).



Figura 13 - Reativação das minas anunciado pelo Governador do Estado José Augusto Amaral de Souza.
Fonte: Jornal “O Bom” (1979).

Com o projeto “Expansão Camaquã”, houve uma revitalização na extração do cobre, com uma considerável melhora na mecanização, com o aumento das galerias e, consequentemente, um aumento na produção. Também foi efetuada a inauguração, pelo governador do Estado, representado na imagem acima, da “Mina a céu aberto”, uma nova fase da mineração que rendeu grande lucratividade, devido à maior facilidade de acesso ao minério de cobre. Por não ser uma mina subterrânea, o maquinário que executava britagem em larga

escala, em menor tempo, tinha acesso e grande mobilidade para a efetivação da exploração, diferente das demais galerias em que a produção tinha como característica uma maior morosidade, acarretando uma produção menor, se comparada a mina a céu aberto, e muito mais perigosa na execução do trabalho, já que o maquinário de grande porte não tinha acesso.

Dessa maneira, a lavra a céu aberto, por sua maior flexibilidade, favorecia uma operação mais equilibrável e rentável para o conjunto. De acordo com Bettencourt (1992), com o projeto Expansão Camaquã a produção de concentrado de minério de cobre passou de uma escala de 1.500 para 5.500 toneladas por dia pois, além da mina a céu aberto, as minas subterrâneas Uruguai e São Luiz foram exploradas mais profundamente. Porém, as lavras subterrâneas, por não possuírem uma acessibilidade de grandes maquinários necessários para a exploração em larga escala, inviabilizaram a produção em larga escala da mesma forma como a mina a céu aberto, assim como comprometia os aparatos de segurança devido à instabilidade dos túneis de acesso durante a britagem da pedra bruta.

Um período de auge da produção de minério foi no “Projeto Expansão Camaquã”, principalmente devido a exploração da mina a céu aberto, que gerava maior lucratividade, pela facilidade de trabalho e mobilidade das máquinas, aliás quem inaugurou a primeira explosão foi o Governador José Amaral de Souza. Então, foi um período de maior modernização e investimento. (OBERTO, 2012).

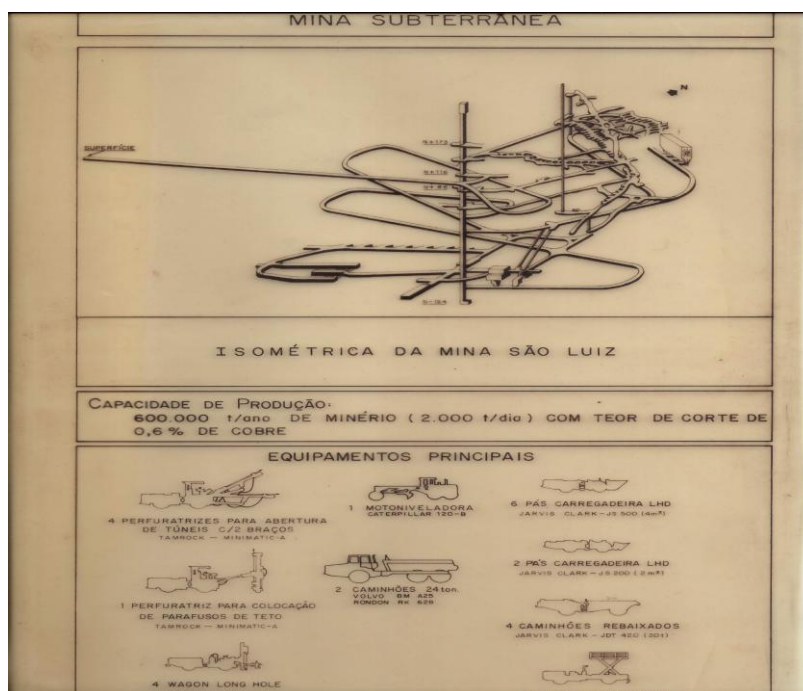


Figura 14 - Mina subterrânea.

Fonte: Arquivo da CBC.

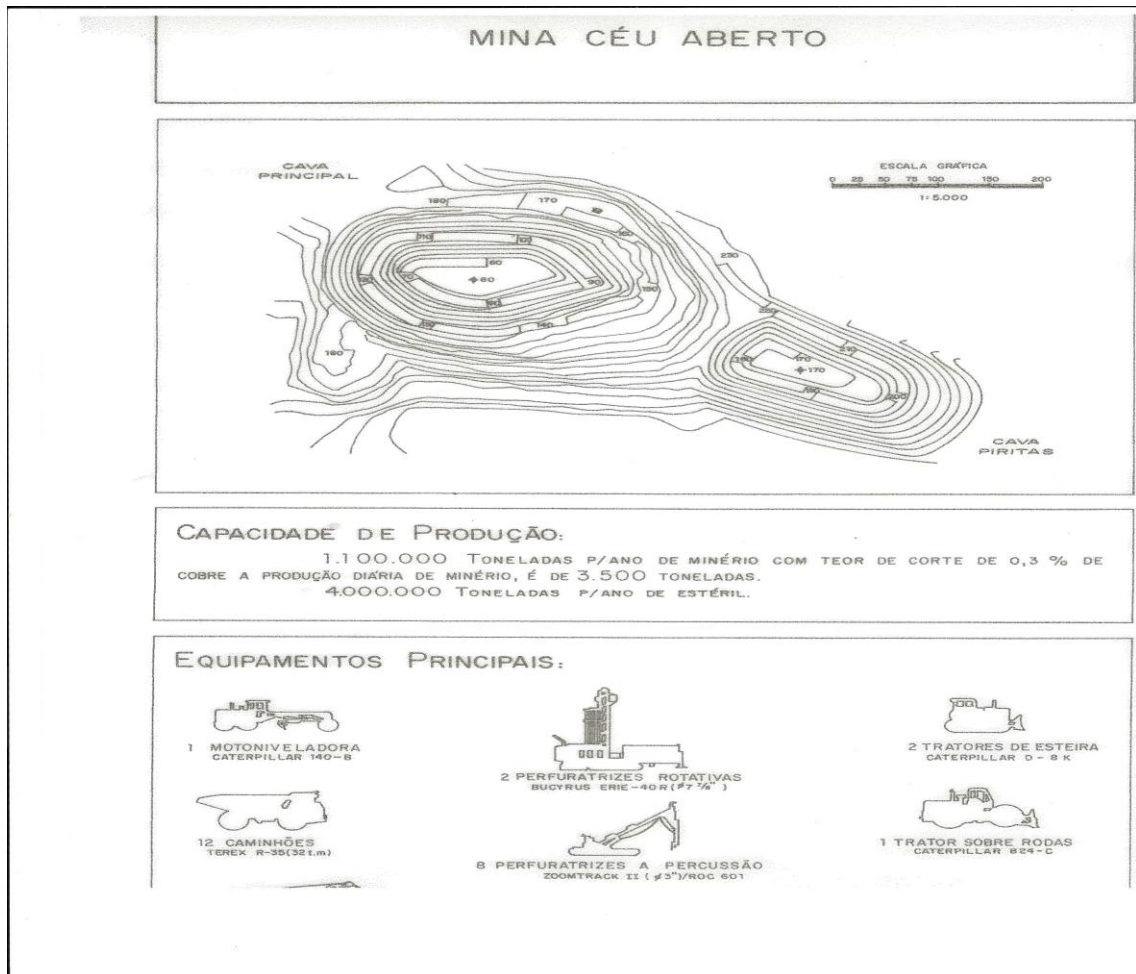


Figura 15 - Mina a céu aberto.
Fonte: Arquivo da CBC.

O certo é que a produção nas minas foi acelerada durante este período, de acordo com as informações recorrentes obtidas através de entrevistas realizadas com os mineiros. A mina funcionava em três turnos: das 6h às 14h, das 14h às 22h, e das 22h às 6h. Nos intervalos entre os turnos, aproveitando o tempo de deslocamento das equipes de trabalhadores, era feita a explosão, para liberação da rocha a ser trabalhada. Esse assunto será trabalhado com mais contundência no capítulo "Trabalho e cotidiano".

As atividades de mineração foram retomadas em 1981 com novas técnicas de extração e produção do concentrado. Com um processo altamente mecanizado, ampliava-se de modo expressivo a capacidade de produção, com possibilidade de tratar 5,5 mil t/dia de minério, além das lavras subterrâneas nas Minas São Luiz e Uruguai. Agora a terra ia sendo descarnada à luz do sol, não se escondia na escuridão profunda das minas, nem podia ser esquecida, como um mero buraco na encosta, ficaria ali exposta, para sempre, à degradação (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 44).

Aquelas atividades mineradoras arcaicas, demonstradas no início do trabalho, foram superadas em virtude do grande avanço técnico, da busca insaciável pelo lucro da empresa

inserida dentro do sistema capitalista. É neste período que ocorreram grandes transformações nas relações de trabalho dentro do complexo mineiro, quando o antigo trabalho manual do mineiro é preterido. Agora, havia a necessidade de se obter profissionais qualificados, submetidos a treinamentos e cursos de aperfeiçoamento profissional, para ser possível a operação nas máquinas. Entretanto, todos esses investimentos não conseguiram superar a defasagem dos equipamentos e as perdas nas explorações do cobre. A produção não alcançou as expectativas e projeções inicialmente estabelecidas através das prospecções que foram realizadas pelas equipes.

Em 1987, o sistema BNDES assumiu a totalidade do endividamento bancário da empresa e reconheceu perdas da ordem de UU\$ 29,7 milhões, como forma de buscar a compatibilização do valor econômico da CBC com sua capacidade de geração de rendas (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 44).

Assim, começaram a se avolumar muitos problemas, tanto de ordem econômica como de ordem social. Problemas de ordem econômica eram gerados para a empresa, a qual visava ainda uma última tentativa de administrar todo aquele patrimônio minerador no qual se tinha investido muitos esforços e recursos. De igual modo, era gerado um problema ainda maior, de ordem social, que era o desemprego de inúmeros mineiros, que não sabiam realizar nenhuma outra tarefa a não ser trabalhar nas galerias e explorar as rochas em busca de minério, momento que irá se agravar com a privatização das minas.

1.4 Privatização e desativação das minas

No novo contexto material, o mundo globalizado, no qual a característica proeminente é a fluidez, formas tradicionais de produção, de relacionamento pessoal e interpessoal, de manifestação cultural, de economia e de política são debatidas, rebatidas e recriadas, priorizando-se novas formas, inerentes, dependentes e resultantes do processo de globalização. Este é o caso do Estado Nacional, tido cada vez mais como um ator arcaico, condenado à extinção face ao advento da economia informacional e da sociedade global.

O Estado já não possui fronteiras plenamente físicas, não consegue controlar os fluxos de capitais, pessoas e informações. É atacado pelos ditames de um mercado voraz, obrigando-se a adaptar sua política de acordo com os interesses das empresas globais, interesses estes racionalmente orientados pela lógica consumista, que ignora valores como a ética, a solidariedade e a seguridade social. Assiste-se a uma desvalorização do humanismo, da

política como meio emancipatório e do Estado como instituição capaz de promover a realização concreta de demandas sociais. Porém, persiste a discussão acerca do Estado-Nação e sua relação com o mercado global. Estaria este último no centro do poder decisório, capaz de ditar as políticas estatais ou vice-versa? A resposta, inexoravelmente, será não para ambos os casos. Se a questão reside em encontrar um polo hegemônico, este com certeza recairá nos fluxos, incontroláveis, conforme nos elucida Nogueira (2004).

A questão primordial parece residir na forma como o Estado-Nação está disposto e preparado para interagir no espaço de fluxos da globalização com o mercado. Se vai adotar uma postura passiva, submissa aos interesses das empresas globais; ou ativa, soberana, adaptando os novos fenômenos da globalização à sociedade nacional e vice-versa. A partir disso, pretende-se destacar a nova função do Estado-Nação no mundo globalizado, distante das funções do Estado Neoliberal. Autores como Milton Santos, Anthony Giddens e Marco Aurélio Nogueira fornecem bases sólidas para esta reorientação do Estado-Nação no mundo globalizado.

A agenda neoliberal forneceu as bases da reforma. Certamente que sim, em termos de redução dos custos das operações estatais. Porém, por outro lado, avultaram-se as desigualdades, o desemprego, a descrença na política como meio emancipatório, a redução da autonomia do Estado, além de surgirem novos movimentos sociais que não encontram respaldo na política tradicional. Talvez um importante elemento que tenha contribuído para que esta reforma neoliberal e já nascesse fracassado tenha sido o fato de ela mesma, a reforma, apresentar como eixo principal a lógica do mercado. A ideia de que a racionalização do Estado e a diminuição das desigualdades seria obtida mediante a introdução de características gerenciais das empresas nos aparatos estatais mostrou-se, no mínimo, problemática, tendo em vista as crises daí decorrentes.

É evidente que a reforma neoliberal, assentada na racionalidade do mercado do mundo globalizado, foi apresentada de forma substancialmente diferente para a sociedade, afinal:

Para obter maior adesão a essa proposta, acenou-se com um sedutor conjunto de promessas: abertura econômica, estabilidade monetária, desenvolvimento, emprego e renda, ascensão e melhoria de vida. Tudo movido a esforço pessoal, determinação, iniciativa. Tais promessas não se cumpriram e, ao não se cumprirem, quebraram muitas expectativas e tornaram insuportável a ausência de regulação e de proteção pública consistente. A maioria das sociedades latino-americanas foi ficando sem um Estado que as regulasse e protegesse e, ao mesmo tempo, sem expansão econômica, sem emprego e sem renda. Gravemente penalizadas, as classes médias aproximaram-se dos setores mais pobres, que cresceram em tamanho e viram sua própria pobreza se converter em dado natural, incontornável. As sociedades declinaram em termos sociais, urbanos, cívicos e políticos”. (NOGUEIRA, 2004, p.48).

Portanto, a reforma neoliberal trouxe consigo uma série de problemas sociais tornados, agora, globais. Pode-se citar como exemplo claro desta política o aumento da miséria, da fome e do desemprego, que não constituem deficiências peculiares à um ou outro Estado Nacional, mas sim problemas do mundo globalizado. A própria premissa do mercado autorregulável e possibilitador da diminuição das desigualdades entre os países e dentro destes mostrou-se insuficiente, pois:

Acontece que a globalização em curso produz e reproduz desigualdades e antagonismos, nos quais polarizam-se grupos, classes, etnias, minorias e outros setores das sociedades nacionais e da sociedade global. Na forma pela qual está se realizando, a globalização do mundo, ao mesmo tempo que integra e articula, desagrega e tensiona, reproduzindo e acentuando desigualdades em todos os quadrantes (IANNI, 1998, p. 145)

Este caráter negativo da reforma neoliberal, concebida para integrar o Estado Nacional no processo de globalização, pode ser atribuído, em parte, a dois vetores intrínsecos à globalização, definidos por Milton Santos como “a tirania do dinheiro e a tirania da informação”. Permeados pela lógica do mercado, estas tiranias destroem as regras de sociabilidade e a importância da política em nível nacional e global. A própria informação atualmente é veiculada para a humanidade de acordo com o interesse mercadológico das empresas globais, que criam, assim, uma ideologia hegemônica que se baseia no consumo e, para obtê-lo, a busca incessante do capital. Esta busca não se restringe aos indivíduos, mas também e principalmente estende-se aos Estados Nacionais.

Nesta arena montada pelo mercado, na qual o consumo está acima de tudo, a competitividade, a especulação financeira, os individualismos na área econômica (disputas entre empresas), os individualismos na área política (a prática eleitoral dos partidos), os individualismos na área local, territorial (disputas particularistas entre as cidades), enfim, o vale-tudo pelo consumo ou ascensão econômica tornam-se ações comuns e legítimas. Como consequência, os valores éticos e morais como a solidariedade decaem, tanto em nível social quanto estatal. O próprio Estado Nacional, pressionado pelas empresas globais, torna-se apolítico e sem compromisso social. Daí decorre a descrença social na política e no Estado. Conforme Milton Santos, “A política agora é feita no mercado”.

Porém, afirmar que o Estado é uma simples marionete das empresas globais e do mercado parece um demasiado exagero. O Estado Nacional, ao contrário do que se propagandeia com insistência, pode ser ativo e forte, soberano. Afinal é ele, o Estado, que possui as condições para regular o mundo econômico, criando espaços para a ação das

empresas globais ou mesmo das instituições internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Então, a soberania de um Estado Nacional está diretamente relacionada ao modo que o mesmo adota para integrar-se ao mundo globalizado.

Diante do quadro exposto, a reforma neoliberal e a sua contrapartida política e social, e as possibilidades de o Estado Nacional inserir-se no processo de globalização de forma diferenciada, abre-se a ideia de repensar o Estado Nacional no mundo globalizado, ou, em outras palavras, de se estudar uma nova reforma do Estado. Neste contexto, é possível distinguir duas posturas dominantes,

De um lado, estão os que se concentram no tema da modernização, mobilizando em seu favor a ideia de que é preciso adotar novos procedimentos gerenciais e transferir, para a sociedade civil, encargos e atribuições antes exclusivos do Estado. De outro lado, estão os que se voltam para a denúncia e a resistência em nome dos direitos sociais, de uma sociedade mais justa e da mobilização dos interesses subalternos, marginalizados ou não privilegiados. Ao passo que o primeiro discurso relega os temas sociais a uma agenda futura ainda protocolar e entrega-se a uma criação institucional marcada pela rotina, o segundo deixa de pensar o Estado e não se completa com a proposição de um projeto para o país (NOGUEIRA, 2004, p. 52).

É evidente no mundo globalizado a necessidade de reorientação do Estado Nacional, seja em seu caráter social seja na forma como se insere no mercado global. Uma postura passiva, submissa aos interesses particularistas, imediatistas, regidos pela batuta do lucro acarreta consequências sociais catastróficas, conforme tentou-se elucidar anteriormente. Um Estado ativo na área econômica e totalmente passivo quanto às necessidades sociais de seu povo já não pode mais ser sustentado.

Diante desta conjuntura, no Brasil, circulavam críticas ao modelo de desenvolvimento econômico que se apoiava, em grande parte, na carência do mercado interno e nos investimentos estatais, mais particularmente no descaso de investimentos e estímulo desenvolvimentista de setores produtivos relacionados à mineração. Uma política de privatizações passaria a ser implementada de forma inexorável ao longo da década de 1990, buscando-se angariar novos investimentos no setor minerador, bem como outras formas de integração econômica.

Sobre tal processo de privatizações, é preciso salientar que se tratava de um movimento que estava ainda em seu estágio inicial de desenvolvimento, já que as transformações tecnológicas e financeiras começavam a circular e atingiam a dinâmica das relações comerciais e internacionais. Inserido neste contexto político neoliberal, o governo decide privatizar a CBC através de leilões, fato este não consumado diante da falta de

compradores. Diante disto, um grupo de funcionários da CBC elaborou uma proposta de compra da empresa, mediante a utilização das ações e do FGTS, para que, assim, continuassem a administrar a empresa e também a garantir seu sustento por mais algum período. Esta compra foi denominada de Bom Jardim Sociedade Anônima.

O leilão da CBC, marcado para 21 de outubro de 1988, foi suspenso. As cinco empresas – S/A Marvin; Albatroz S/A; KDG da Amazônia Indústria de produtos metálicos S/A; Paulista Metais S/A; Caraíbas Metais S/A – que se haviam qualificado para a disputa, desistiram. Por decisão governamental, caso a empresa não fosse vendida, seria fechada. Diante desse quadro, um grupo de administradores e funcionários da empresa manifestou, através de correspondência, o interesse em encontrar uma solução, sugerindo, inclusive, a compra pelos funcionários. Um protocolo de intenções foi assinado com o BNDES, comprometendo-se os empregados a constituir uma *holding*, designada, naquele documento, de Santa Bárbara Companhia de Empreendimentos e Participações, para adquirir o controle acionário da CBC. O preço acertado foi o mesmo do edital de oferta publicado na imprensa anteriormente, e que, efetuadas as devidas correções, correspondia a NCz\$ 7.216.553,74. As condições exigiam o pagamento de 30% no ato do negócio e o restante em 24 meses, em parcelas trimestrais, reajustadas pelo índice de preços ao consumidor (IPC), acrescidas de juros de 7,5% ao ano. A fórmula inédita de privatização acabou ganhando ampla projeção” (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 46).

A instabilidade econômica e crise inflacionária do período manifestavam-se na sucessão de planos de saneamento econômicos promulgados pelos governos de José Sarney e Fernando Collor, sendo que as Minas do Camaquã acabam entrando no projeto de desestatização do governo de José Sarney. Havia, desse modo, a necessidade de manter a empresa em pleno vapor, já que seria uma alternativa para manter o emprego dos trabalhadores, o que se somava à existência de um mercado comercial na busca de uma demanda pelo cobre para a produção interna, que continuava expressiva, apesar de uma queda significativa com o surgimento da fibra ótica, que veio a substituir o uso do cobre no aparato eletrônico da telefonia, maior consumidora de cobre.

Dessa forma, foi diante desse ambiente que um grupo de administradores e funcionários da empresa articulou-se para obter a concessão das Minas do Camaquã. Denota-se aqui a formação de uma nova empresa, citada anteriormente, que compraria a CBC, e, como empreendimento empresarial, deveria ser administrada: Bom Jardim S/A, constituindo-se este nome numa alusão à estrutura geológica da região em que se insere a mina de cobre, Janela Bom Jardim.

O Relato do mineiro, e agora vereador da cidade de Caçapava do sul, Antonio Celso Rodrigues, retrata o contexto em que ocorreu processo de privatização das minas

Outro aspecto importante e determinante nesta questão econômica e social é o momento que o Estado entende que tem que fazer o fechamento da mina, porque

economicamente já não era viável a exploração de cobre, principalmente depois que surgiu a fibra ótica, que substituiu o cobre na telefonia e isso fez com que o cobre caísse no mercado internacional. E por outro lado, quando o governo resolve fechar as minas do Camaquã, a Dorotéia Wernek que era Ministra da Fazenda naquele período, ela faz o processo licitatório para ver se teria alguém interessado na compra da mina. Não houve interessados em tempo hábil e chegou-se a conclusão de que os empregados pudessem absorver através de ações e a partir dali começar administrar através de empresa a que vem acontecer com a Bom Jardim Sociedade Anônima. (RODRIGUES, 3 de set, 2011).

A administração inicial desta nova empresa foi bastante perturbada, já que se defrontou com problemas trabalhistas. Registrou-se, logo após a privatização, uma greve dos funcionários, que reivindicavam melhorias salariais e flexibilização no gerenciamento da área comunitária, o que pode ser tomado como um indício dos conflitos e expectativas que haviam surgido nesse período da privatização, marcado pela insegurança e incerteza em termos profissionais.

A empresa manteve a exploração do cobre, mesmo passando por diversas dificuldades econômicas, frente à crise inflacionária pela qual o país atravessava. Virgílio Ramos Dias, um dos funcionários da mina (que se tornou acionista da mesma quando esta foi privatizada), relata os problemas enfrentados pela empresa para manter a exploração de cobre na época:

(...) e depois que o Pignatari faleceu, o estado encampou, e depois o estado não queria mais encampar, aí nós compramos as ações e ficamos tocando a mina, onde eu era acionista também. Depois a mina privatizou, sofremos aquele confisco do Plano Collor bem na época da privatização. Aí nós catávamos peças na sucata, pois a sucata era muito rica pra poder manter as máquinas trabalhando. (DIAS, Virgílio, 16 de abr, 2009).

Porém, as dificuldades da produção, devido à propensão de esgotamento das jazidas, e o esforço realizado pela empresa para a aquisição de novos investimentos, a fim de desenvolver e modernizar ainda mais a infraestrutura operacional, visando a implementação de projetos nas áreas de exploração do cobre, acarretou na opção dos acionistas pelo processo de dissolução da empresa, em 1996.

A Holding Bom Jardim conseguiu saldar suas dívidas com o BNDES antes do prazo estipulado. Continuou as explorações do cobre até o esgotamento total das jazidas, em abril de 1996 [...] Grande esforço foi realizado na busca de empreendimentos alternativos, através, especialmente, de investimentos vultosos em pesquisas e infraestrutura operacional visando a implementação de projetos nas áreas de produção de sulfato de cobre; em extração de madeira, com a criação da Mademina; na exploração de outras jazidas, como a Santa Maria, na produção de calcário e na extração de mármore. Entendimentos para levar esses projetos adiante após a desativação da CBC não foram alcançados e os acionistas optaram pelo processo de dissolução da Companhia. O processo de liquidação foi administrado pelo geólogo Nilson Torres Dorneles, em consonância com as deliberações da Assembleia Geral Extraordinária de 31 de março de 1997 que definiu o modo de liquidação (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 48).



GAZETA MERCANTIL

DATA : 03.12.97

4 GAZETA MERCANTIL RIO GRANDE DO SUL

NEGÓCIOS/ Acionistas decidiram liquidar a Cia. Brasileira de Cobre de Caçapava do Sul

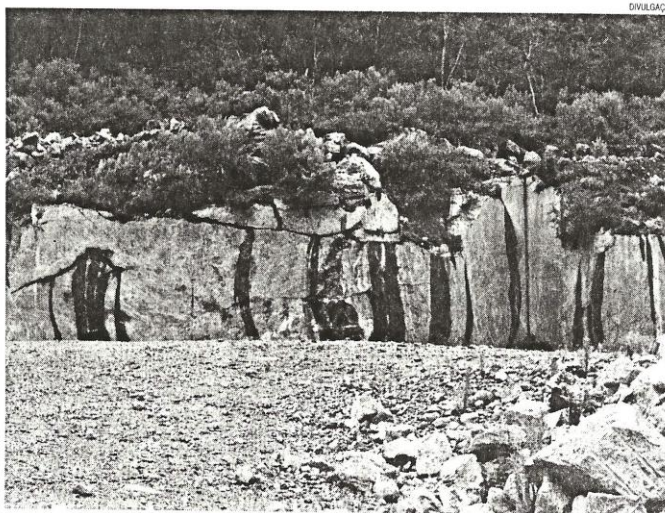
Jazidas minerais à venda

Elder Ogliari
Especial para GZMRIS

Empresários interessados em investir num negócio potencialmente lucrativo podem enviar suas propostas ao liquidante da Companhia Brasileira do Cobre, o geólogo Nilson Tórres Domeles. Estão à venda áreas para extração de rocha ornamental em Pantano Grande, Pelotas, Piratini, Canguçu e Caçapava do Sul e jazidas de mármore, calcário dolomítico, cobre, zinco, prata e chumbo em Caçapava do Sul e calcário calcítico em Trinta e Três e Cerro Largo, no Uruguai, além de todo o equipamento de mineração e uma madeireira. A venda será decidida pelo melhor preço e não tem prazo para ser concretizada. O valor contábil do patrimônio da empresa é de R\$ 48 milhões. Parece um anúncio classificado, mas trata-se de um negócio que exige grandes investimentos e que, por ser de alto risco, oferece perspectivas de ótimo retorno ou, naturalmente, de prejuízo.

"Quem investir tem que considerar a possibilidade de perder dinheiro", admite Domeles. Os acionistas decidiram vender o patrimônio e os projetos que não conseguiram viabilizar quando algumas minas chegaram ao limite da viabilidade econômica e faltou capital de risco para investir em novas formas de exploração. Nas Minas do Camaquã, município de Caçapava do Sul, a CBC explorou cobre até 500 metros de profundidade e comprovou que, por mais 300 metros, o minério mantém a mesma qualidade. Seriam necessárias perfurações mais profundas para averiguar a viabilidade econômica de reativar a escavação, suspensa em 1996.

Na mesma área, a CBC também está repassando os projetos da jazida subterrânea polimetálica, de chumbo, zinco, prata e cobre. Mas o teor de chumbo e zinco, os metais principais,



Patrimônio da CBC inclui jazidas de mármore, chumbo, zinco, prata, cobre e também de ouro

é de apenas 4%, quando, para tornar viável a exploração, deveria chegar a pelo menos 8%. "Neste caso, as condições dependem de uma reação do mercado internacional", comenta Domeles.

A jazida de mármore e calcário dolomítico tem reservas para mais de 100 anos. A CBC lamenta ter investido na produção de calcário corretivo do solo nos anos de pior demanda pelo produto no Estado, de 1993 a 1995. O calcário calcítico das jazidas uruguiaias tem reservas de 1 bilhão de toneladas, em corpos aflorantes, com pouca cobertura de solo e topografia suave. O produto é usado pela indústria cimenteira.

Um negócio já está em andamen-

to. Em novembro, a mineradora canadense Seahawk assinou contrato com a CBC para a prospecção de ouro nas áreas de empresa em Lavras, São Gabriel e Dom Pedrito, disposta a investir US\$ 3 milhões em pesquisa durante três anos. Ao final do período, se optar pela exploração, terá prioridade na compra do direito. A reserva de Lavras já passou por uma medição inicial. Em 10 milhões de toneladas de minério foram encontrados 0,8 gramas por tonelada de ouro em pirita.

Está à venda também a Mademina, reflorestadora e madeireira da CBC que produz 380 metros cúbicos de madeira serrada/mês. As Minas do Camaquã situam-se na Região das Guaritas, considerada pela Secretaria

de Turismo como uma das sete maravilhas naturais do Estado. A infraestrutura com 600 casas, hospital, colégio, ginásio, teatro, clubes e lojas, estação de tratamento de água e telefonia pode ser usada pela indústria turística, aproveitando a beleza da paisagem. A CBC, hoje controlada por ex-funcionários, foi criada em 1942 para explorar cobre em Minas do Camaquã, com capital partilhado pelo governo do Estado, o empresário paulista Baby Pignatari e outros acionistas. Em 1959, o governo reduziu sua participação a 1% e Pignatari tornou-se o sócio majoritário. Em 1973, o controle foi entregue ao BNDES-PAR. Em 1989, entrou no programa de desestatização do governo Sarney.

COMPANHIA BRASILEIRA DO COBRE - Em fase de liquidação extrajudicial. -

Rua: Félix da Cunha, nº 1382 - Fone (055) 281 - 1666 - Fax (055) 281 - 1037 - Caçapava do Sul

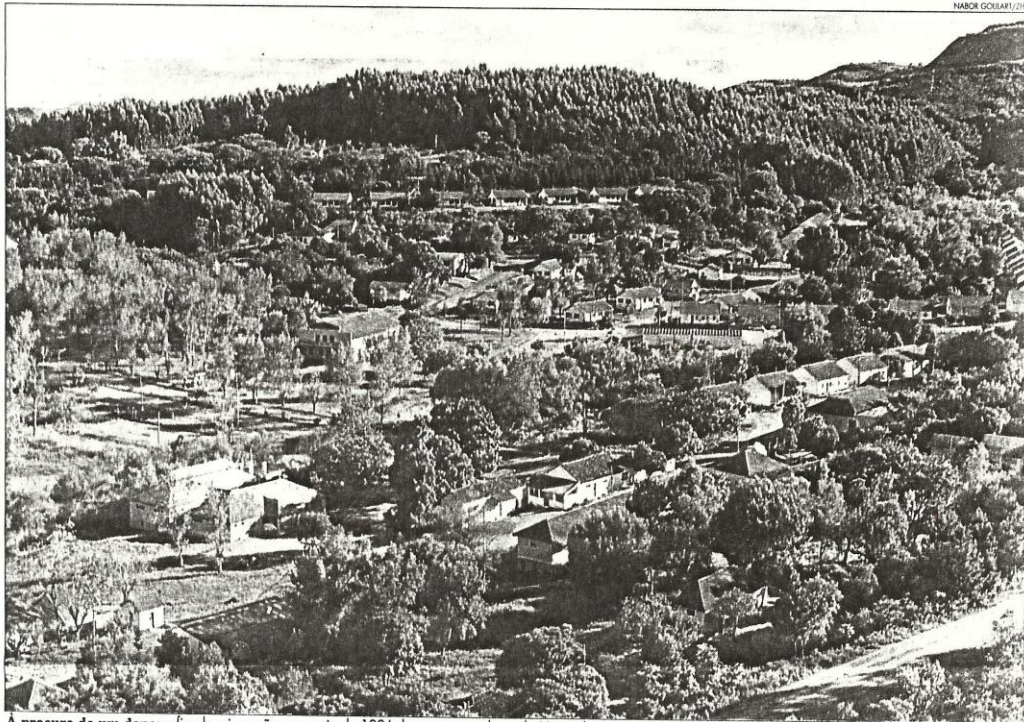
Figura 16 - Liquidação das minas.
Fonte: Arquivo da CBC.

PATRIMÔNIO

Um vilarejo à venda no Rio Grande do Sul

Minas do Camaquã tem 600 casas, um hotel, um clube com piscina, um hospital, um ginásio e ruas pavimentadas

NABOR GOLARZI/2H



A procura de um dono: o fim da mineração, em maio de 1996, levou os moradores de Minas do Camaquã a abandonarem a localidade no interior de Caçapava do Sul

GILMAR PENTEADO

Casa Zero Hora/Santa Maria

Caçapava do Sul – Entre vales e rochedos, ao final de 20 quilômetros de estrada de chão, se esconde no interior de Caçapava do Sul um monumento do esplendor da exploração de cobre no Estado. Com uma infra-estrutura de causar inveja a muitos municípios gaúchos, o vilarejo de Minas do Camaquã agoniza com o fim da mineração. Mais de 600 casas com água e luz, um hotel, um clube com piscina, um hospital, um ginásio e ruas pavimentadas foram colocados à venda. Em processo de liquidação, a Companhia Brasileira de Cobre (CBC) procura compradores para a minicidade.

Vista do alto, Minas do Camaquã mostra um planejamento urbano impecável. As ruas têm uma pavimentação invejável. Os 167 hectares da vila-modelo são apenas uma parte do patrimônio da CBC à venda em Caçapava do Sul. Equipamentos de mineração, estação própria de tratamento de água e de geração de energia, duas minas, mil hectares de área agrícola, uma madeireira e uma empresa de extração de calcário formam um complexo de cerca de R\$ 40 milhões – o valor é de mercado e deve baixar durante as negociações. O preço específico da vila não foi calculado.

O PATRIMÔNIO

O processo de liquidação da Companhia Brasileira de Cobre (CBC), iniciado no ano passado, inclui as seguintes propriedades:

- 600 casas, com água encanada e luz elétrica, numa área de 167 hectares
- Um clube com piscina, um hotel, um pequeno hospital e uma estação de tratamento de água e outra de geração de energia
- Direitos de exploração das minas
- Uma madeireira e uma empresa de extração de calcário
- Mil hectares em áreas agrícolas
- Equipamentos de mineração

Obs.: Todo o complexo tem o valor de mercado de R\$ 40 milhões. Esse montante vai diminuir durante as negociações

O vilarejo que abrigou mais de 5 mil moradores durante o auge da extração de cobre, na década de 80, hoje é ocupado por menos de 700 pessoas. O barulho das máquinas e dos mineiros pelas ruas durante 24 horas deu lugar ao silêncio das cidades abandonadas. O fim da mineração, em maio de 1996, trouxe o desemprego e provocou a fuga dos moradores. Hoje, mais da metade das 600 casas está vazia. O esplendor do apogeu da extração de cobre permanece somente nas lembranças de famílias de funcionários aposentados e de pequenos agricultores, que teimam em não deixar o local.

Os moradores remanescentes pagam alugueis simbólicos entre R\$ 8 e R\$ 84 e têm preferência na compra dos imóveis. O liquidante da companhia, Nilson Torres Dorneles, admite que não vai ser fácil vender o vilarejo. A esperança de retomar a antiga movimentação em Minas do Camaquã apega-se agora somente na beleza do lugar, rodeado de vales e montanhas. A vila também fica próxima à Pedra das Guaritas – um complexo de rochas que se tornou cenário do filme *Anahí de las Misiones*. “Existe toda a infra-estrutura para se explorar o turismo na região”, afirma Dorneles.

A descoberta do turismo seria a alternativa para vencer a dependência do minério, iniciada no século passado, muito antes do aparecimento da CBC, em 1943. Em uma parceria entre o empresário paulista Baby Pignatari – playboy famoso nos anos 40 e 50, morto em 1977 – e o governo do Estado, a companhia atraiu mineiros e impulsionou a economia de Caçapava do Sul. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) assumiu a CBC em 1974 e lançou, no começo da década seguinte, o grande projeto de expansão das Minas do Camaquã. A mineradora chegou a empregar 1,2 mil funcionários e a produzir 30 mil toneladas de concentração de cobre por ano. Em 1989, a empresa foi comprada por cerca de 400 funcionários.

Hoje, só oito pessoas tratam do processo de liquidação da CBC. “É triste ver uma cidade morrendo”, lamenta Raul Silveira, ex-funcionário do almoxarifado da companhia e um dos responsáveis pela venda do patrimônio. “O nível de vida era bom, a maioria das pessoas tinha carro”, recorda. O torneiro mecânico Akiramito Dias Teixeira, 26 anos, pretendia seguir a tradição do avô e do pai, que dedicaram a vida à CBC. Teixeira ainda trabalhou por cinco anos antes do fechamento da companhia. “Pretendia me aposentar na companhia, e agora não sei que fazer.”

COM A COMPANHIA BRASILEIRA DE COBRE – Em fase de liquidação extrajudicial. –
Rua: Félix da Cunha, nº 1382 - Fone (055) 281 - 1666 - Fax (055) 281 - 1037 - Caçapava do Sul

Figura 17 - Liquidação das minas.
Fonte: Arquivo da CBC.

O acordo entre os acionistas para encerrar as atividades mineradoras nas Minas do Camaquã apresentou grandes discrepâncias, pois não beneficiou a todos os interessados, somente à ala majoritária da empresa, que até hoje usufrui dos lucros oriundos de tal “acordo”. Um dos tantos prejudicados nesta dissolução foi o funcionário e acionista da empresa, citado acima, Virgílio Ramos Dias, que, ao indagado na entrevista sobre sua situação na época do encerramento das atividades nas Minas do Camaquã, relatou:

Ah, foi um choque muito grande. Quando nós vimos, a mina acabou fechando mesmo. Mas o que eles fizeram. Eles não fecharam a mina. Se tivesse fechado era bom para nós. Eles iam indenizar o pessoal e repartir o patrimônio com os acionistas. Mas eles foram espertos. Eles fizeram uma paralisação temporária. Pra poder corroer o patrimônio. Aí, não sobrou nada para nós. Os maiores se serviram à vontade, e acabou nós, os mais pequenos, levando o prejuízo. E quem estava bem alicerçado na mina saíram muito bem, estão até hoje com as continhas gorda no banco (DIAS, 16 de abr, 2009).

Diante disso, encerro meu sucinto histórico das Minas do Camaquã para seguir com meu trabalho e tentar demonstrar as relações entre os trabalhadores que atuaram neste grande centro no cenário econômico do Rio Grande do Sul. Porém, pondera-se aqui que, apesar de as atividades mineradoras sobre o cobre nas Minas do Camaquã estarem encerradas, este é um local que todos deveriam visitar e buscar um maior conhecimento sobre a sua importância econômica, as relações sociais que implicaram e o grande desenvolvimento cultural sobre o complexo industrial e a comunidade instalada no entorno das minas.

2 IDENTIDADES NAS MINAS DO CAMAQUÃ

Neste capítulo, além de promover um resgate da memória dos modos de vida da população das Minas do Camaquã, também demonstra-se o trabalho que foi executado para explicar a formação das identidades culturais, como as seções de cinema reproduzidas no Cine Rodeio, os campeonatos de futebol (com a participação do Minerador Atlético Clube), os valores, as histórias e a religiosidade que levaram a identificação dos profissionais que foram agentes históricos nas Minas do Camaquã. Dentro destas relações, instituem-se identidades diferenciadas, presentes nas relações de vizinhança, de moradia, de trabalho, de religiosidade, assim como são formadas através de vínculo criado em relação aos espaços edificadas, que representam as identidades, e, igualmente, o patrimônio histórico e cultural que determinado local possui.

É um processo, uma relação a ser construída com indivíduos que compartilham idênticas características, com os quais vai ocorrer um processo de identificação, inicialmente baseado no local ou modo de trabalho, na convivência, na semelhança de modos de vida e que depois se transformará em formas de atuação comuns, definíveis a partir de interesses previamente assinalados e que reforçarão, por sua vez, a união e o sentimento de fraternidade entre seus membros. (LONER, 2001, p. 38).

Muitos grupos, pelo fato de desenvolverem a mesma profissão e exercerem atividades muito próximas durante longos períodos, tornaram-se conhecidos pelo tipo de função que executaram. Além disso, na execução de determinada tarefa, com ou sem vínculo empregatício, começaram a entrar em jogo uma série de interesses, tanto da parte do empregador como por parte do empregado. Visualiza-se no cotidiano de vida e trabalho a diferenciação de classes, as questões trabalhistas, os impactos mais diversos, as variáveis econômicas e os problemas sociais.

Devemos examinar o contexto em que as vidas operárias são vividas. Isso significa visualizar tempo e espaço não como pano de fundo na análise histórica, mas, fundamentalmente, como parte intrínseca do próprio processo de mudança histórica (BATALHA, 2004, p.44).

Em contrapartida, por parte dos trabalhadores, no caso de uma comunidade operária, mesmo com contradições, formou-se uma grande família que protegia os seus e se distinguia dos “outros”, os quais acabaram unindo-se e separando-se por laços de proximidade ou animosidade, enfrentando, muitas vezes, em conjunto, uma série de problemas, lutando pelos

mesmos ideais, compartilhando uma infinidade de tradições, acabando, muitas vezes, por proferirem a mesma crença, adotando para isto símbolos que os representem enquanto sociedade instituída. No cerne das relações sociais, as identidades se sedimentam como um grupo ou categoria em que seus integrantes tem a consciência de pertencer a um conjunto maior que eles mesmos, porque seus objetivos são maiores e suplantam seus interesses individuais.

O uso de símbolos identificadores explica muita coisa sobre os grupos e, através deles consegue-se identificar contradições sociais existentes, o credo religioso, as manifestações sociais, a organização da família, entre outros pontos que poderiam ser considerados. O símbolo, ao mesmo tempo, faz com que em determinados momentos inexistam as contradições. Determinados símbolos presentes na cultura de determinado grupo os une em torno de um mesmo objetivo como, por exemplo, o símbolo religioso, a devoção à determinada padroeira, a organização e os festejos naquele instante de celebração fazem com que os olhares se voltem em reverência ao símbolo ali projetado, esquecendo-se de tudo e de todos os problemas, apreciando-se o momento.

Para fazer um resgate sociocultural e da identidade dos mineiros e engenheiros, analisar-se-á a formação das identidades desses trabalhadores. Ampliar-se-á o estudo aplicando uma pesquisa contextualizada, que vai além das instâncias socioeconômicas e transite também pelo mundo cultural, auxiliando na compressão da ideia de pertencimento ao grupo, bem como capaz de explicar a coesão social dos mineiros e engenheiros, se esta se confirmar. As identidades se estruturam de acordo com o meio na qual as mesmas irromperam, pois existem variações de contextos socioeconômicos e meios culturais que transformam as identidades em variantes mutáveis e específicas para cada sociedade. Acredita-se que, apesar de sedimentadas em um determinado meio, com o desenvolvimento do processo produtivo e cultural, as identidades são maleáveis a ponto de irem se moldando de acordo com o local e o contexto em que estão inseridas.

A identidade de classe se forma quando há reações concretas de lutas para não aceitar passivamente aquilo que está estabelecido por força da classe dominante. Frente a isto ocorre, então, o surgimento do que podemos chamar em um primeiro momento de “identidade consciente”. Trata-se de compreender o que é de fato a realidade em que vivemos. E segundo lugar, esta identidade eleva-se para a “autoconsciência”. O que nos permite saber o que de fato queremos fazer de nós mesmos enquanto classe. Assim, na coletividade buscamos produzir a autoidentidade que se enraíza na autoestima e, então, a passos dados deixam de ser aleatórios em vão (...). Em que se baseia a construção histórica da cultura e da identidade? Será nos interesses econômicos, políticos e ideológicos? Será nos interesses religiosos, morais e estéticos? Será nos sentimentos e visões utópicas? Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto

marcado por relações de poder, é nelas que precisamos nos fixar para entender que ela também tem na vida social, natureza de classe (BOGO, 2010, p.41).

Porém, é necessário entender que as identidades formadas entre os trabalhadores das Minas do Camaquã são oriundas, principalmente, pela necessidade de trabalho. É nesse meio que se expande e se fortalece a identidade do mineiro e do engenheiro. Por exemplo, os laços de amizade e dissenso criados entre esses trabalhadores, por atuarem em atividades com um alto nível de insalubridade e periculosidade, acarretavam em uma maior união e animosidade entre eles. No caso dos mineiros, a satisfação na obtenção de um trabalho para manter o sustento familiar também gerava a identificação desse grupo de profissionais.

A principal referência que forjou a formação de identidades de grupos sociais do ser humano está no trabalho, ou, se preferirmos, na atividade social em que as pessoas desempenharam ou desempenham suas funções sociais para produzirem seus meios de vida (BOGO, 2010, p.41).

A formação da identidade de classe dos trabalhadores das Minas do Camaquã ocorre a partir de sua união através de seu trabalho com os meios de produção, cultos religiosos em comum, clubes, esporte, bem como da existência de uma simbologia que representa suas tradições e crenças. Também, no caso dos mineiros, leva a coesão do grupo a luta por melhorias nas condições precárias de trabalho e salário. De uma forma ou de outra, lutas ou coesões identitárias que ocorrem no cotidiano servem para ratificar a existência da identidade de classe destes trabalhadores.

O trabalho se constitui como traço marcante que dá significado para o trabalhador encontrar suas condições de subsistência na venda de sua força de mão de obra, assim como o trabalho articula essa identidade social. A construção de uma identidade coletiva implica no autorreconhecimento e reconhecimento dos outros. Portanto, para concluir esta seção, cabe destacar que é em torno da valorização do trabalho que se pode encontrar um dos mais fortes referenciais de construção da identidade operária, pois é a condição de trabalhador que dá significado a esse contingente que encontra suas condições de subsistência na venda de sua força de trabalho, assim como os costumes, atitudes e comportamentos cotidianos fazem com que o trabalhador se identifique com o grupo e seja mais um aspecto de forte legitimação social.

Cada grupo social possui seus traços de identidade, que se mantêm desde seus hábitos alimentares, maneira de se vestir, estilo das roupas adequadas ao respectivo trabalho, clubes festivos específicos, cultura linguística distinta, entre outros aspectos e simbologias que levam à formação de espaços de sociabilidade de semelhante com semelhante e, conseqüentemente,

à exclusão e a distinção identitária do estranho. De acordo com Bogo (2010) “A identidade, seja ela individual ou coletiva, é parte constitutiva do movimento dialético já feito, antecipando a expectativa do movimento que ainda fará a nova identidade”.

As identidades são construídas em momentos particulares no tempo, podendo evocar tanto o passado, através das origens, mitologias e fronteiras, quanto o presente, via contestação e justificativa de alguns códigos culturais. É o que se vê frequentemente entre os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul, que constroem sua identidade através de um passado comum, constantemente ajustado e retificado em função dos acontecimentos do presente.

Por fim deseja-se analisar a questão dos agentes históricos que estão diretamente envolvidos no processo de seleção e manutenção da memória social. Observar quem são os intérpretes autorizados a falar pelo grupo estudado, os símbolos que eles escolhem para o grupo e a maneira como constroem sua identidade diz muito sobre os processos de construção e elaboração da memória social.

Dessa maneira, a memória social é um termo polissêmico que tem sido muito utilizado nos estudos sobre a construção da identidade. Contudo, é preciso não perder de vista que nem tudo deve ser lembrado e, como já nos alertava Woodward (2000), a construção das identidades sociais se faz tanto em função daquilo que é lembrado como do que foi esquecido. Cabe ressaltar que memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações e construções da realidade, fenômenos que são mais subjetivos do que objetivos.

A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado e, portanto do presente. (...) Ou seja, a memória e o esquecimento aqui também só existem sob os olhares da história, investindo-se na reconstrução de novas identidades a partir de um critério utilitário-político. Toda a memória, seja ela individual ou coletiva, é uma memória para qualquer coisa e não pode se ignorar tal finalidade. (SEIXAS, 2001, p. 42).

Esta é uma leitura sobre o passado elaborada no presente, ou seja, com os sentidos e significações experimentados por seus narradores e construtores na contemporaneidade do narrado. Dessa forma, busca-se também, evidenciar a riqueza do debate teórico sobre história, memória e reconfigurações de identidades que tem salientado o quanto as culturas são campos abertos e flexíveis, por meio das quais os indivíduos buscam se situar e elaborar uma trajetória acerca de si mesmos com sentido e, talvez, estabilidade e continuidade.

As Minas do Camaquã foram o foco durante um grande período para pessoas de vários locais do mundo. Uma diversidade cultural coexistindo em um mesmo espaço. A necessidade

humana de pertencimento a alguma comunidade ou grupo fez com que passasse a praticar um novo tipo de convívio social o que, provavelmente, contribuiu para a formação de identidades.

Dessa maneira, pretende-se promover um resgate sociocultural das Minas do Camaquã, demonstrando o trabalho que foi executado para explicar a formação das identidades culturais que levaram à formação de grupos de trabalhadores e seus agregados, de mineiros a engenheiros, assunto que será tratado no decorrer deste capítulo. Também pretende-se analisar a construção da identidade dos trabalhadores nas Minas do Camaquã a partir da hipótese de que o processo de identificação pode ocorrer tanto pela aproximação com os iguais quanto pela oposição aos “outros”, como num jogo de diferenças e semelhanças. A aproximação aos iguais ocorreria, nesse caso, pela valorização do trabalho e pelo reconhecimento. Já a diferenciação passaria tanto pela denúncia da oposição de interesses.

2.1 Até minha alma é mineira

A formação da identidade do trabalhador ocorre a partir de sua união através do seu envolvimento no processo produtivo, nos cultos religiosos coletivos, bem como da existência de uma simbologia que representa suas tradições e crenças. Cita-se o exemplo do encontro dos mineiros, que ainda ocorre nos dias de hoje nas Minas do Camaquã, com o objetivo de reunir os companheiros de trabalho e permitir o cultivo dos vínculos de amizade (também serve para os políticos locais criarem sua clientela para as eleições da cidade). Porém, de uma forma ou de outra, essas festividades, que ocorrem atualmente, servem para ratificar a existência da identidade dos mineiros.

O poeta Heitor Saldanha, reflete, em seus poemas, que serão tratados em seguida, o companheirismo existente entre os mineiros nas horas de trabalho. Heitor Saldanha foi trabalhador em um escritório das minas em São Jerônimo nos anos 50. De acordo com declarações suas para a revista Autores gaúchos (IEL, 1982), o mesmo afirma que descia todos os dias ao fundo do poço e analisava como era a vida de um mineiro, com os olhos de um mineiro, denotando uma solidariedade que se intensifica no fundo da mina e é usada como uma forma de proteção física e psicológica frente aos perigos subterrâneos. É nos momentos de perigo e incertezas que surge o entendimento de que é somente na união e cooperação do grupo que se tem êxito - surgindo o “lado humano”, solidário e de apoio do indivíduo, seja pela necessidade dos mineiros de compartilharem seus problemas no interior das galerias seja pelo simples fato de realmente existirem laços solidários de amizade entre esses profissionais.

Dessa forma, a união e o companheirismo entre os mineiros é uma característica desejada e valorizada nos discursos e nas memórias dos trabalhadores. Por isso, não se pode afirmar que esse altruísmo com o companheiro era real e dominante naquele mundo. Mas a solidariedade com o colega de trabalho parece que surgia como um valor prezado naquela cultura do trabalho.

A experiência de trabalhar na mina e o risco inerente ao qual estavam diariamente submetidos favoreciam a valorização do companheirismo e da união entre os trabalhadores, mas de forma alguma expressavam a realidade natural das relações estabelecidas no cotidiano dos mineiros. Existiam conflitos, oposições e dissenso entre os trabalhadores, como será exemplificado no quarto capítulo.

O companheirismo era um comportamento desejável. Quem agisse assim, era considerado um bom mineiro, um bom companheiro. O mineiro ideal é representado através de poesias do já citado Heitor Saldanha, mas de forma alguma pode-se afirmar que o relato da poesia seja um retrato natural de todo o mineiro e sim a composição de um tipo exemplar, um ideal que se deveria tentar seguir.

Quando o apito da mina entrar no fundo da noite
 Chamando pro amor ou pro trabalho,
 Embora faça frio, vão me chamar.
 Se disserem que eu ando pela vida a decifrar os códigos,
 Me deixem o sinal companheiros.
 Quando for a hora de trocar os ternos,
 Quando o turno fechar seu ciclo interno,
 O pão estiver escasso e as lanternas tremerem nesses pulsos,
 Saibam que estou a escuta e trabalhando por vocês.
 Em qualquer emergência, em qualquer tempo,
 Podemos compartilhar nossas tarefas:
 Por isso irmãos, vão me chamar.
 (SALDANHA, Heitor, 1974, p.158).

É notável também a existência de um sentimento, entre os trabalhadores, do orgulho de terem sido mineiros. É uma identidade profissional que se funde à pessoal e que os mineiros almejam levar pra sempre em suas vidas. Trabalhadores aposentados das Minas do Camaquã, que exercem outra profissão atualmente, ainda se intitulam profissionalmente como mineiros. O olhar de orgulho e felicidade, ao serem entrevistados para a realização de um resgate histórico das Minas do Camaquã, é marcante e encantador; as feições dos mineiros entrevistados expressam a paixão e o orgulho de terem exercido essa profissão, mais do que qualquer manifestação através de palavras.

Quando perguntados sobre a sensação que experimentaram ao entenderem que aquele dia de trabalho nas Minas do Camaquã seria o último deles, as respostas foram diversas,

porém todas encharcadas de um sentimento de medo e saudosismo das vivências daquela época. No caso do mineiro Virgílio Ramos Dias, quando perguntado se sente saudade das Minas do Camaquã, nota-se uma exaltação de um sentimento de temor às atrocidades dos acidentes ocorridos ao rememorar sua vivência nas minas.

Não. Sinto medo. Isso é muito brabo. Porque você trabalhava com o coração na mão, e eu mesmo quando faltavam meses para parar, teve um cara que fechou junto comigo, caiu uma pedra na cabeça dele. Por isso, quando disseram que era para parar, eu parei. Não fui mais. Porque teve gente que continuou e acabou se quebrando. Foi um alívio o dia que saí, e o cara que ficou no meu lugar e entrou em junho, acabou morrendo em outubro. Muitos acharam que tinha sido eu. (DIAS, 16 de abr. de 2009).

O mineiro Santo Gelsi, ao não vivenciar um acidente seu ou de um amigo, e dessa forma não ter que relembrar o sentimento de dor e de perda toda vez que pensa no trabalho nas minas, se posiciona diante do questionamento com um conteúdo informativo recheado de saudade e de amor por tudo que viveu nas Minas do Camaquã. Ele gostaria que o tempo voltasse, para que ele ou seus filhos e netos tivessem a oportunidade de usufruir o que ele amou por toda a vida. Isto também alicerça a memória saudosista e a gratificação do mineiro para com as Minas (e que fortalece seu desejo de que “aquele tempo retornasse” para seus filhos e netos) é que, apesar das dificuldades econômicas de sua profissão, ser mineiro foi uma oportunidade de ascensão social em sua vida. De alguma forma, gerou frutos que foram colhidos e que o beneficiaram. No relato abaixo, Santo Gelsi vai comprovar minhas informações sobre a importância que as Minas do Camaquã tiveram no decorrer de sua vivência e o sentimento que marca de emoção e tristeza o fechamento das minas.

Então a mina foi uma coisa muito boa que passou por Caçapava e que gostaríamos que voltasse novamente. A mina me ajudou a realizar meus sonhos e objetivos que eu não imaginava. Teve muitas pessoas que passaram pela mina e não embarcaram, deixaram o barco passar. Eles não estudaram, não fizeram nada. Perderam tudo. Porque eles achavam que aquilo ali eles achavam em qualquer lugar. Então, como eu já vinha de outras empresas, eu resolvi aproveitar tudo aquilo que a mina me proporcionava. (MOREIRA, 18 de abr. 2009).

O questionamento sobre a reação que os mineiros tiveram após o fechamento das minas e sobre se hoje eles sentem saudade das experiências ocorridas denota definitivamente a estreita relação de gratidão com as minas e a importância que elas tiveram em suas vidas. Sobre o fechamento delas, nas palavras dos mineiros, estes afirmavam de forma unânime que tudo aquilo “tinha que ser um sonho”, como se não acreditassem que a mina estava fechando:

Sim, sinto saudade da mina e das pessoas. Vou aos encontros dos mineiros, não perco um. Não perco por nada. Para rever os amigos, que é uma coisa muito boa. Teve famílias que perderam pessoas lá dentro. Teve gente que se aposentou lá bem jovem, por doença. Todo estourado. Então posso dizer que nem todas as pessoas tiveram a minha felicidade, porque quando eu saí da mina e nunca tive doença dela. Eu sonho com as minas. Eu tive momentos muito bonitos, inclusive me casei na mina. Eu devo tudo à mina (MOREIRA, 18 de abr. 2009).

Este mesmo sentimento de temas quanto aos riscos de acidente e morte surge na crônica de Charles Marques, revelando um sentimento marcado por lembranças boas, das experiências positivas que as minas proporcionavam:

Tibério, que já estava gelado, congelou. Sua mente, a velocidade da luz, passou a divagar relembrando o que ele havia vivido. Aquela mina era um pedaço de si, um pedaço de sua existência, sua história. Quantas coisas boas, quantas conquistas, quantos amigos e agora em questão de momentos tudo desmorona a seus olhos, tudo indo água a baixo. Tinha que ser um sonho, tinha que ser (MARQUES, 1996).

A crônica de Marques sintetiza a memória que os mineiros construíram. Ela indica que, apesar dos temores, dos riscos, dos acidentes e das mortes, as minas se tornaram parte de suas vidas, pois o trabalho nas minas os constituiu como profissionais e como seres humanos. Eles, os mineiros, se singularizaram no mundo através desta atividade, “quando o turno ia fechar seu ciclo interno”, eles se orgulham, sim, de terem sobrevivido.

Um dia desse eu boto o pé na estrada, vou lá nas minas fazer uma visita. Vou subir lá na pedra da cruz, porque a paisagem fica mais bonita. Eu vou chegar ao amanhecer para visitar minha Santa Bárbara, a padroeira do povo mineiro. Quero chegar na boca da mina velha, aonde eu trabalhei de primeiro e passar na oficina do seu Arão para rever o velho companheiro. Lá na entrada da Mina São Luiz, sinto uma grande recordação, selava as pedras que tinham minério que davam lucro pra mineração. Depois guardava em caixas numeradas em prateleiras no velho galpão, em seguida eu ia embora pra no outro dia voltar pra baixo do chão (...). Minha velha Minas do Camaquã que por muitos anos aí trabalhei, ainda quero ir de casa em casa naquelas vilas onde eu morei. Dar um abraço nos meus professores no colégio aonde estudei. Quero que saiba povo mineiro. Que das galerias nunca esquecerei. Quero que saiba povo mineiro. Que de vocês jamais esquecerei. (Música: Pedra da Cruz; Letra: Bugre do Mato. Caçapava do sul, 2011).

O trecho exposto acima é música nativista composta por um dos mineiros entrevistados, Bugre do Mato, que acabou ganhando um festival cancionero de milongas nativistas. Porém, é notável que a letra composta pelo mineiro não possuía apenas o objetivo de resgatar suas raízes gaúchas como exigia o edital do festival nativista. Conversando com o mineiro, o mesmo relata que não sabe como ganhou o evento. Ele sabia que a música era linda, porém o objetivo da mesma não se encaixava da melhor forma possível nas exigências do festival, pois ele não compôs a música exaltando suas origens sul-rio-grandenses, mas sim

preconizando seu orgulho mineiro. Este episódio é significativo de discussões. Se a música foi premiada, acredita-se que foi porque os tradicionalistas não eram majoritários no júri, mas, sim, os chamados nativistas, que possuem entendimento mais amplo da realidade rio-grandense.



Figura 18 - CD do Bugre do Mato.
Fonte: Arquivo do pesquisador.

O músico denota, através da letra, seu saudosismo do tempo das minas, seja devido às belezas do lugar, da sua proximidade a protetora Santa Bárbara que mesmo aposentado ainda o resguarda, dos amigos que ainda estão lá estacionados e que parecem estarem parados no tempo com o fechamento das minas, do cotidiano de trabalho e seu descanso após o encerramento do turno em casa, ou seja, o mineiro representa, através do trecho da letra, exposto seu orgulho e um saudosismo que me impressiona, pois o que ele rememora não é uma época áurea, de opulente riqueza e conforto na sua vida, comparado a como ele está em suas condições socioeconômicas atualmente. Foi um tempo de trabalho árduo, com uma linha tênue que separava diariamente a vida e a morte, em que as condições sociais e financeiras não lhe ofereciam uma vida tranquila e com mais deleite ao aproveitá-la. O cotidiano era uma luta sem precedentes para adquirir uma condição social mais elevada e com mais benefícios. Porém, se inverteram os valores. A condição material atualmente melhorou e muito, mas o que lhe falta hoje e era abundante na época, e o afeta de uma forma mais drástica porque o

atinge sentimentalmente, é a saudade da solidariedade entre os amigos, o orgulho e a ideia de pertencimento a um grupo. É este sentimento que faz este mineiro rememorar e retratar os bons tempos das minas através de suas músicas.

Acredita-se que a ideia em que o Bugre do Mato tenha se alicerçado para compor suas músicas, quase sempre se remetendo ao tempo das minas, tenha uma explicação social. Atualmente, o mineiro não pertence a nenhum grupo identitário, é um ex-mineiro aposentado que acabou perdendo suas redes de relações sociais e que se sente impotente por não executar uma atividade profissional que tanto o orgulhava. Rememorar Santa Bárbara e musicar seu possível retorno para visitar “a boca da mina velha” onde trabalhou é uma tentativa de vivenciar os bons momentos de sua vida, sentir-se importante e ativo no grupo social novamente.

No último capítulo analisar-se-á a construção da identidade dos mineiros a partir do princípio de oposição, levando em conta a contraposição dos outros, demonstrando seu lugar no mundo social das minas, conferindo importância à sua existência e legitimando suas ações de resistência à exploração. Dessa maneira, o objetivo consiste em analisar a alteridade na construção da identidade dos mineiros, observando, para isso, as experiências de diferenciação em relação aos outros grupos sociais, notadamente os engenheiros.

2.1.1 Ser mulher de mineiro

Desfocando o olhar sobre os trabalhadores das Minas do Camaquã, e o desviando sobre os demais moradores das minas, mais precisamente das mulheres, nota-se a grande importância que as mesmas têm no funcionamento produtivo e nas relações sociais na comunidade.

A maioria das mulheres dos mineiros eram domésticas, costureiras e donas de casa que levavam os lanches aos maridos até as minas, na hora do intervalo do expediente. As atividades domiciliares das mulheres não tinham como objetivo somar economicamente a renda familiar no final do mês, mas, sim, a organização da vida particular e a preservação do lar e do descanso do marido (que ficava no mínimo dois turnos diários fora de casa). O homem devia estar desvinculado de outras atividades para efetuar seu trabalho com qualidade e totais esforços.

A possibilidade de absorção das mulheres em atividades profissionais é, no entanto, bastante limitada nas áreas de mineração ou de construção de barragens, condicionando seu cotidiano a atividades repetitivas e pouco criativas. Para aquelas

com experiência profissional anterior, a ociosidade forçada chega a ser intolerável, causando problemas de adaptação à vida na vila, com reflexos negativos sobre o próprio relacionamento familiar (FARAH, 1983 p.62).

Eckert (1993) verificou que o papel reservado às mulheres nas comunidades faz andar o cotidiano do trabalhador na mina com a organização da vida doméstica. A autora destaca que é difícil encontrar um mineiro solteiro, já que a empresa mineradora não via com bons olhos homens livre de compromissos familiares ao pregar uma moralidade na comunidade, bem como na preocupação com a produtividade diária do trabalhador, pois um mineiro solteiro teria uma maior probabilidade de se ligar a atividades funestas que reduziriam drasticamente sua produção no trabalho, além de desvirtuar do perfil do trabalhador procurado para habitar e “fazer crescer a comunidade”.

De acordo com os depoimentos dos trabalhadores, nota-se que a companhia mineradora privilegiava, na seleção das contratações de trabalhadores que já constituíam famílias, e mais tarde ainda iriam se ancorar em novas contratações nos grupos de parentescos destes trabalhadores para recompor a mão de obra, o que motivou uma organização social estruturada em torno da família. Dentro desta estratégia de contratação profissional adotada pela empresa, também se pode inserir dentro do processo o uso da mão de obra de mais integrantes da família ao contratar o mineiro. Ao garantir a dependência econômica de toda a família e, de certa forma, com dois integrantes empregados na empresa, o que acarreta em um aumento salarial, esta consequentemente garantirá possibilidades de ascensão social à família, assim como também gerará um maior controle da empresa sobre seus empregados, evitando a exacerbação de inconformismos e insatisfações, já que o temor do desemprego também rondava a comunidade mineira ali instalada. O depoimento de uma engenheira, ao se referir as atuações do proprietário Francisco Matarazzo Pignatari, demonstra as atribuições profissionais oferecidas pela empresa às mulheres.

O Pignatari incentivava o trabalho da mulher, o que as tornaram independentes. Ele montou uma costuraria para fazer os próprios uniformes da empresa, valorizando a mão de obra feminina e o crescimento de um povo. Tanto que eu entrei na empresa com 13 anos começando no setor administrativo e depois eu passei ao setor técnico na engenharia e geologia (GUACIRA, 22 de mar. de 2012).

Ações corporativistas da empresa, sem dúvida, visavam não no entendimento dos trabalhadores, mas na interpretação do autor, como uma estratégia de colocar a empresa como uma continuidade de sua família, forçando uma coesão social que não existia entre os

trabalhadores das minas. Ou seja, visava difundir uma imagem de empresa comparável à família que vivia em harmonia, mascarando os conflitos sociais.

2.2 O pessoal da área técnica

A área técnica ou trabalhadores do alto escalão, era formada por engenheiros estrangeiros e nativos da região. Eles compunham um setor imprescindível para o início da exploração de minério na região como também para um continuísmo do processo, devido à sua especialidade profissional para dar o aval ao início e encerramento das atividades. A descoberta das Minas do Camaquã, através de pesquisas efetuadas e comprovadas por engenheiros estrangeiros, como foi trabalhado no primeiro capítulo, e o surgimento, no decorrer do tempo, de novas jazidas para aumentar a produção econômica de minério de cobre para a empresa, fez com que estes trabalhadores da área técnica estivessem em um patamar privilegiado frente aos trabalhadores “arigós”, devido à sua importância na produção de minério de cobre, pois os mesmos aprovavam ou vetavam a exploração de galerias, sempre vislumbrando possibilidades lucrativas em novas minas a serem exploradas.

Evidentemente que, ao serem trabalhadores e funcionários da empresa como os mineiros, as identidades sociais deste grupo também surgem e se fortalecem na necessidade do trabalho e de suas particularidades de grupo social. Porém, diferentemente dos mineiros, sua classe possui outros fatores culturais e socioeconômicos que permeiam a sua identificação, pois as características destes trabalhadores promovem diferentes olhares comparado aos mineiros, ou seja, ser engenheiro é estar alicerçado a uma diversidade de aspectos positivos frente ao patrão, obter benefícios como funcionário “escasso” e “imprescindível” para a empresa, manter a estabilidade e segurança frente à instabilidade de emprego dos seus subordinados e “inferiores” trabalhadores do baixo escalão, mesmo que seja de forma mascarada e não exacerbada pelo grupo.

Dessa maneira, serão demonstrados aqui os fatores que levaram a formação da identidade dos engenheiros como grupo e, posteriormente, como se deu a relação destes com os trabalhadores do baixo escalão. Porém, a grande diferença encontrada na construção das identidades dos mineiros e engenheiros é como se deu a convergência de valores. Os últimos demonstram, através das entrevistas aspectos positivos de seu grupo, ou seja, é sintomático afirmar que, diferentemente dos mineiros, que exaltam sua classe profissional através de poemas, devoção a Santa Bárbara, time de futebol, sentem um orgulho pessoal pela sua coragem ao trabalhar em um meio tão inóspito e sombrio, mas imprescindível para o sucesso

da empresa, preconizam a existência de uma solidariedade entre os membros do grupo diante da periculosidade do trabalho (pouco existente em outros grupos sociais), assim como é um deleite ao historiador escutar seus relatos através das entrevistas, pois é a vontade do mineiro em aparecer ao mundo e perpetuar sua história, seja ela relacionada às diversas aflições nas galerias subterrâneas ou dos simples causos contados no “Bolicho do Papa”.

O que se encontra nos discursos dos trabalhadores da área técnica são aspectos do poderio econômico da empresa, sua formação acadêmica e o trabalho executado pela empresa na construção da comunidade das Minas do Camaquã. Eles se consideram parte da empresa e, conseqüentemente, fazem parte do processo que proporcionou emprego aos mineiros. Possuem autossuficiência econômica, ajudaram a proporcionar o fornecimento de casas com “água e luz de graça”, fora o bom salário; enfim, todos os aspectos vangloriados e exacerbados que compõem os depoimentos dos mineiros, de certa forma, do ponto de vista pelos engenheiros, foram proporcionados por eles.

Outra coisa que foi criado aqui nas minas foi um CTG que se rivalizava com o de Caçapava. Deu-se amplo apoio para o clube de futebol dos mineiros, e isso mostra que os diretores se preocupavam e viam que era necessário dar um entretenimento para os trabalhadores. É isso o que eu posso lhe dizer, é claro que tem a verdade deles, mas este é o meu ponto de vista (PAVÃO, 26 de fev. de 2012).

Apesar de existirem, no decorrer das entrevistas, relatos politicamente corretos com relação aos mineiros, no intuito de abrandar a situação no pós-exploração das minas e no convívio até hoje com esta classe (atitude que não é recíproca por parte dos mineiros), existem fragmentos dos relatos que buscam desconstruir alguns aspectos vangloriados pelos mineiros, bem como uma “possível” existência de opressão socioeconômica sobre estes.

É sintomático salientar na execução deste trabalho que, apesar das diferenças de condições de vida, trabalho e objetivos de cada classe social que vivenciou nas Minas do Camaquã, o saudosismo denotado pelos mineiros e trabalhado anteriormente também é um aspecto marcante e preconizado pela classe dos engenheiros. Estes, apesar de serem mais realistas e menos emotivos, se comparados aos mineiros, do ponto de vista do pesquisador, já que visavam as Minas do Camaquã como uma empresa mineradora, como muitas outras que trabalharam, que oferecia emprego na área de engenharia com um bom aparato salarial, que era uma possibilidade de atuação profissional altamente lucrativa diante do vultuoso investimento na região mineradora, e não como uma comunidade que abraçou e criou laços de solidariedade entre os engenheiros, entendimento que se confirma para a grande maioria dos

profissionais desta classe, como relata um integrante deste grupo profissional ao ser indagado sobre a falta que o mesmo sente das Minas do Camaquã.

Não. Eu gostava porque eu aproveitei, mas hoje para mim não é muito diferente. Gosto muito de lá e acredito no seu desenvolvimento, tanto que se eu quiser viver luxuosamente eu vinha para Santa Maria. Mas o lugar tem potencial. Tanto que a gente não queria a liquidação da empresa da forma como foi. Claro que a reserva mineral das minas estava escassa, mas por questões políticas e hierarquias de poder, o melhor era parar e lucrar. Não sou mineira, mas tenho a alma mineira. (GUACIRA, 22 de mar. de 2012).

Porém, como já se mencionou anteriormente, a identidade coletiva se fortalece na relação com seus semelhantes e grupos distintos. Dessa forma, a identidade está diretamente relacionada a uma série de experiências dentro do grupo identitário ou seu oposto, pois uma identidade nunca se constrói de forma isolada. Diante disto, nota-se a importância da existência da classe dos engenheiros para a sedimentação da identidade mineira e vice-versa. Mas vale lembrar que nem sempre as identidades se fortalecem frente a um processo de embate, ao passo que, em alguns momentos, as relações sociais mantiveram relações pacíficas no interior da comunidade mineira.

2.3 Baby Pignatari – “O Paizão”

Um dos assuntos mais cativantes desse resgate histórico e sociocultural que foi efetuado (e que inicialmente não era fruto das pesquisas) surgiu da “conversa” que houve com os mineiros sobre como eles se referiam ao proprietário das minas entre os períodos de 1937, até sua morte, em 1977. O senhor Francisco Matarazzo Pignatari era carinhosamente alcunhado, entre familiares e pelos mineiros, como Baby Pignatari. Ele é uma figura conhecida na cidade de Caçapava do Sul quando se fala em Minas do Camaquã e é sempre lembrado pelos mineiros como um “paizão dos trabalhadores”; o homem que “protegia os trabalhadores pobres” contra a exploração. A presença de Baby Pignatari é tão marcante nas histórias das Minas do Camaquã que assuntos particulares de sua vida viraram contos populares que circulam entre os mineiros e geram curiosidades, indagações, lendas e novas histórias sobre o “paizão dos mineiros”.

Ele fazia de tudo, era um homem especial e tudo, mas fazia de tudo. Mas tem um cara aí, o José Pedro, que conviveu bastante com ele, e conhece bem a vida de Pignatari, sabe até dos problemas que teve a mulher dele. Mas te digo, o homem é único (DIAS, 16 de abr. de 2009).

De acordo com Macedo (2006), "O complexo industrial da família Matarazzo Pignatari no Brasil sob a sigla IRFM, Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, compreendia atividades que atuavam desde nas áreas de produção de bolachas, velas, tecidos, laminação de metais e empresas mineradoras." Essa estrutura industrial seria herdada, em 1937, com a morte de seu pai, Francisco Matarazzo, mas já fazia parte do cotidiano de Baby Pignatari, pois participava da administração da empresa a comando de seu patriarca.



Baby Pignatari tinha amizade com presidentes e paixão pelas mulheres

11 - 1037 - Caçapava do Sul

Rei dos 'playboys'

CARLOS FRANCO

"Eu trabalho muito para me divertir ainda mais". A frase do ítalo-brasileiro Francisco Baby Pignatari resumia com precisão a marca de seus 60 anos de vida, dos quais 40 no Brasil, sempre com um pé no exterior. Baby nasceu em Nápoles em 1917 e morreu em São Paulo em 27 de outubro de 1977, deixando em testamento as minas e jazidas da Laminção Nacional de Metais para o governo federal. Na verdade, a empresa era uma *holding* que incluía a Caraiiba e a Companhia Brasileira de Cobre (CBC).

Com o gesto em benefício do governo, Baby quis retribuir todos os favores que havia recebido de presidentes – de Getúlio Vargas a Emílio Médici. O industrial nunca escondeu de ninguém que dependia do governo para garantir a concessão das áreas minerais que queria explorar. Deixou uma fortuna e um único herdeiro, além do governo, o filho Júlio Pignatari.

Em 1958, Baby – que desde a chegada ao Brasil evitava usar o sobrenome do avô, o conde Francisco Matarazzo, porque queria mostrar sua capacidade em duplicar a herança do pai italiano, Giulio –, figurou na lista dos ricos e famosos da revista americana *Time*. Desbancou na época Rubirosa, Trujillo e Ali Khan. Conquistou o coração de Ira de Furstenberg, mas a abandonou

em 1963, depois de ter se casado em 1961, de forma surpreendente.

A paixão por mulheres bonitas, como a estrela de cinema Linda Christian, ex-mulher de Tyrone Power, sempre o manteve no topo das relações das personalidades que voavam de um canto a outro do mundo, com espaço certo nas colunas sociais.

A mesma *Time*, que em 58 o elegia "o novo rei mundial dos *playboys*", destacava que, ao contrário de outros milionários, Baby suava a camisa para ganhar dinheiro. Na mansão que mantinha no Morumbi, em São Paulo, onde ostentava tochas sempre acesas nos muros, Baby recebia autoridades e empresários nacionais e estrangeiros, sempre de olho nas possibilidades de expandir seus negócios.

O fim do sonho das empresas de cobre, hoje endividadas, a exemplo da CBC, encerra também o fim da marca de Baby. Viraram-pó, como o próprio empresário, que pediu que ao pó retornasse em crematório da Vila Alpina e foi atendido. Trajetória pior teve sua última mulher, Maria Regina Fernandes Pignatari, cujo corpo foi encontrado, em 1987, 10 anos depois da morte de Baby, num *flat* de São Paulo envolto numa toalha e numa cortina de fumaça: um caso que misturava alcoolismo, amantes e furtos registrados em delegacias paulistas. Tudo a ver com os romances de Sidney Sheldon.

Figura 19 - Francisco Matarazzo Pignatari – "O Playboy internacional"

Fonte: CBC/Jornal Gazeta do Brasil, 3 de dezembro de 1997, p. 20.

A partir de 1942, através de um acordo estabelecido entre Baby Pignatari e Getúlio Vargas (já tratado no capítulo inicial), foi criada a Companhia Brasileira de Cobre, fazendo com que Pignatari estreitasse mais suas relações empresariais com as Minas do Camaquã. Com objetivo de gerar maior lucratividade na área de exploração de cobre, é, neste íterim, no

ano de 1943 que, pela primeira vez, o empresário vem conhecer e entender o funcionamento da estrutura de exploração das Minas em Caçapava do Sul, vindo morar na mesma somente a partir de 1968.

Para muitos, tudo o que Pignatari pensava sobre montar uma grande infraestrutura nas minas poderia parecer utópico. Para ele, no entanto, cada detalhe do cerro João Dias e do arroio que ali passava era uma pista inestimável de riqueza. E decidira plantar e ver nascer ali uma comunidade harmônica e feliz. Uma cidade de trabalhadores bem remunerados, com escolas, clubes sociais, cinema, hospital e igreja (MACEDO, 2006, p. 80).

Apesar de Baby Pignatari residir na sua morada nas Minas do Camaquã, o empresário passava a maior parte do tempo viajando pelo Brasil, prestando assessoria a diversos centros industriais espalhados pelo País, assim como viajando pela Europa, usufruindo do lazer e colhendo os frutos de sua riqueza. Porém, o “bom patrão”, como é lembrado pelos mineiros, tinha seu lado protetor dos trabalhadores e de preocupação com os mais humildes, como afirmam com unanimidade os mineiros entrevistados. Atitudes do cotidiano do empresário, como ações que pendiam para o lado de proteção do mais pobre contra os mais ricos e os favores concedidos por Baby Pignatari aos mineiros e seus familiares ficaram marcados na memória dos mesmos e passam de geração para geração. Assim, perpetuou-se a marca de “paizão”, “bom patrão” e “protetor dos mineiros”.

Acho difícil surgir alguém como ele que vai trazer fortuna, e investiu tudo aqui. Os mineiros pra ele eram filhos. Quando ele fazia uma festa, ninguém pagava nada. Mandava convidar até a vizinhança. Então o Pignatari foi uma pessoa excelente, não nasce igual tão cedo. Um homem que investiu sua fortuna, e ele não precisava, podia ficar de perna pra cima sem fazer nada, e investiu tudo naquela infraestrutura. Porque a mina antes do Pignatari era umas casinhas e ele fez tudo, igreja, hospital, tudo aquilo lá para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Todo mundo tinha um poder aquisitivo bem razoável na época. (MOREIRA, 18 de abr. 2009).

O relato acima demonstra a clara visão que os trabalhadores tinham de como se deve portar um homem da classe superior: o patrão não deve ser mesquinho com sua riqueza, deve promover rituais de redistribuição, ainda de uma pequena parte da fortuna nessas festas. Ali, o “bom patrão” transforma os subordinados em convidados e os serve, propicia-lhes um momento de abundância, sem ninharias. Isso ajuda no processo geral de exploração do trabalho pelo capital. Além da construção da imagem de “paizão”, através da realização dessas “festanças”, Baby Pignatari é considerado o dispensador da abundância. Na visão do mineiro, ele não é egoísta - sua riqueza foi redistribuída através de investimentos na comunidade, o que trouxe prosperidade para todos os habitantes das Minas do Camaquã.



Figura 20 - Francisco Matarazzo Pignatari e sua esposa Regina Fernandes.
Fonte: CEMAMC

Outro ponto que pode ser destacado é a questão da funcionalidade das festas na construção das relações sociais entre os mineiros, altos funcionários e o patrão. Apresentando toda a complexidade do termo "festa popular", José Rivair de Macedo (2000) define os festejos carnavalescos, que têm sua origem em uma sociedade hierarquizada e no seio da Igreja Católica, como um paradigma da inversão e negação da cultura oficial. Realce-se, contudo, a noção popular da brevidade temporal desta festa e das suas críticas, enquanto conservadorismo das mentalidades populares.

Dentro do recinto sagrado, os “foliões” dançavam, saltavam, comiam em demasia e entoavam canções ou hinos paródicos, jogando dados ou outros “jogos de azar”. “A festa dos loucos”, que recebeu a denominação de carnaval devido a estar ligado a desfiles de carros alegóricos utilizados nos cortejos, os *Curris navalis*, comportava uma inversão temporária das regras morais e da ética rigorista do cristianismo, instaurando o “mundo as avessas” (MACEDO, 2000, p. 72).

As manifestações dos mineiros nas festas tinham a capacidade de produzir uma espécie de duplicidade do real ou, ainda, uma "dualidade do mundo". Essa potência de duplicidade da percepção do real funcionava como um processo de formação social que desconhecia a separação de classes. A ocorrência do controle do patrão fazia conviver aspectos sérios e cômicos de uma mesma realidade.

Num mundo marcado por rígidas distinções sociais e econômicas, o momento festivo propiciava a abolição temporária das diferenças. Em certos casos, a inversão da hierarquia social marcava o triunfo de uma espécie de liberação das amarras dominantes e das normas aceitas pela sociedade, em que se aboliam todas as relações hierárquicas, todos os privilégios, regras e tabus. A possibilidade de inversão momentânea cria a ideia de que os mineiros passem a ocupar um lugar semelhante e ao lado dos poderosos da comunidade, o que gera uma satisfação e uma gratificação a esses trabalhadores.

O fornecimento de favores considerados simples para Baby Pignatari tinha grande importância para os mineiros como, por exemplo, a criação de um hospital na comunidade e o envio de doentes para São Paulo. Investimentos na criação de espaços de lazer (como o Cine Rodeio, Minerador Futebol Clube e as festividades à padroeira Santa Bárbara) levaram o empresário a receber carinho, respeito e apoio. Os trabalhadores manifestavam-se sempre a favor do patrão, claro que com algumas reivindicações, mas nada que alterasse a estrutura de funcionamento das minas ou que promovesse paralisações no trabalho.

A pujança de controle e mediação exercidos pelo Baby Pignatari eram implacáveis, tanto que todas suas ações administrativas ou de cunho pessoal no seu cotidiano tinham a anuência e o entendimento dos moradores da comunidade, além de ser sempre justificada como uma medida altruísta do proprietário para com seu funcionário. Nunca era indagado se suas atuações seriam estratégias de endosso de seu controle e mediação das relações sociais na comunidade, como também uma forma de ocultar as discrepâncias existentes no seio da comunidade. Uma atitude que deve ser encarada como obrigatória e trivial pelo proprietário a um funcionário, diante das garantias que devem ser concedidas pela empresa, como moradia adequada, é vista pelos moradores de uma forma louvável e de admiração ao seu “Paizão”. Além disto, algumas medidas adotadas por Pignatari, como irá demonstrar o relato abaixo, tinham a funcionalidade de estar mais próximo do “povo mineiro”, não somente na figura de “Paizão”, mas também de policiamento, procurando entender sobre o que o povo está pensando, questionando e pretendendo com relação à sua empresa.

Mas na era Pignatari ocorreu uma igualdade de direitos total com benefícios para todos, com uma estrutura de 1º mundo nas Minas do Camaquã. Ele era muito bom, tanto é que quando ele chegou às minas, ao passar de carro por uma casa de um mineiro na Vila Uruguai, uma região que possuía umas casas de estrutura ruim, ele viu um mineiro melhorando sua casa e aumentando uma peça por conta, o Baby o mandou parar e no outro dia ele exigiu a construção de uma casa nova ao mineiro Nadico, pois aquilo era uma condição imprópria para moradia. Mais tarde, o Nadico se tornou o informante do Pignatari sobre o que acontecia na comunidade e com o povo (GUACIRA, 22 de mar. de 2012).

Este ponto é muito interessante, pois os mineiros percebem a existência de uma hierarquia social fortemente desigual em que estão inseridos dentro do mundo da mina. Porém, não dirigem sua contrariedade para o patrão supremo e sim a deslocam para os engenheiros e altos funcionários. Sua identidade de classe não é construída contra o grande patrão, mas contra os funcionários graduados. O patrão, ao contrário, é extremamente bem sucedido em sua estratégia de passar a imagem de que está acima da luta de classes. Ou seja, ele não seria o causador da exploração, mas, ao contrário, o homem que tornou possível o trabalho e abundância. Mas esta ideia de “bom patrão”, defendida pelos mineiros, de certa forma, pode ser contraditória. É claro que não se pode excluir do currículo de Baby Pignatari a existência de apoio e favores prestados a seus trabalhadores, o que o diferencia é a sua forma de atuação e controle da empresa frente a outros empresários, que apenas exploram a matéria-prima e mão de obra existente, sem dar infraestrutura e alguns benefícios aos trabalhadores.

Deve-se levar em conta que a maioria dos trabalhadores que chegaram as Minas do Camaquã em busca de uma nova vida são oriundos do trabalho rural na campanha gaúcha, ou seja, ambiente onde as condições de trabalho são muito precárias e de grandes problemas socioeconômicos. Dessa maneira, levando em consideração as duas fontes de produção do Rio Grande do Sul, a agricultura e a pecuária, pode-se destacar um problema comum no âmbito estadual: a baixa remuneração dos trabalhadores. Nas fazendas, os peões não recebiam salários de forma sistemática. Muitos deles ganhavam, em troca do trabalho prestado, abrigo e comida. A situação dos trabalhadores do campo foi agravada com a introdução de novas tecnologias nos métodos de produção, pois, desta forma, a necessidade de mão de obra foi diminuindo, acentuando-se, conforme Pesavento (1994), o processo de êxodo rural que já se manifestava desde os anos trinta.

Os trabalhadores que se dirigiam para as cidades não possuíam qualificação em relação às exigências de um novo mercado de trabalho, pois suas experiências profissionais se restringiam às atividades realizadas no campo, na lida com os animais, na produção agrícola. A situação destes homens do pampa se agravou ainda mais com o processo de desenvolvimento industrial que se instaurava no Estado. Além de não possuir especialização, a quantidade de trabalhadores era excessiva para o número de vagas disponíveis, ou seja, não permitia a absorção de toda esta mão de obra nas fábricas. Com isto, muitas pessoas não conseguiam trabalho e nem outras formas de renda, gerando um processo de marginalização dessa parcela da população que se estabeleceu nas periferias das cidades, devido à falta de emprego e de oportunidades. Esta situação caracteriza o período de transição pelo qual o

Estado passou. A partir da década de 1930, ampliou-se no Rio Grande do Sul o processo de transformação social e econômica, pois aos poucos este deixava de ser um Estado agrário-exportador e passava a ser um Estado urbano-industrial, processo este que já era observado desde as primeiras décadas do século XIX.

O peão enfrenta restrições que o forçam a adaptar seus desejos e esperanças, bem como o resultado de seus projetos, a uma realidade imperfeita. Seu desejo de viver uma vida rural, um estilo de vida identificado como gaúcho, se choca com as mudanças técnicas introduzidas na pecuária, com a urbanização da elite criadora de gado, com mudanças cruciais nos modos de produção agrícola e com mudanças nas relações de clientelismo entre patrão e peão, com as quais ele aprendeu a contar. A soma desses e de outros fatores tem tornado o campo cada vez menos atraente, reforçando o êxodo rural. As elites rurais também estão mudando, tanto como resposta a novos desafios econômicos, quanto para saciar seus novos desejos de bens de consumo e em razão do estilo de vida urbano, agora disponível a elas.

Assim como seus patrões, os peões são agentes capazes de responder às mudanças que identificam como ameaças ao seu modo de vida. Ambos, estancieiros e peões são obrigados a fazer escolhas em um mundo de opções limitadas. Os peões são, entretanto, menos capazes de limitar os efeitos dessas mudanças sobre suas próprias vidas, constrangidos que estão pela posição dominada que ocupam em sua relação com a elite proprietária de terra, da qual fazem parte os seus patrões. Além dos limites impostos pela sua situação de dominados, outro fator que influencia as respostas aos desafios está ligado às particularidades e diferenças dos universos culturais de patrões e peões. Seus projetos não surgem de uma razão universal, nem são exclusivamente determinadas pelo contexto. Eles resultam das escolhas individuais dos sujeitos frente a um contexto em mudança, dinamicamente reelaboradas a partir de seus medos e desejos, e informadas por seu repertório cultural.

As mudanças na atividade pecuária que reduzem o número de peões empregados, assim como a redução na área total dedicada à criação de gado, resultante da expansão da agricultura, reduzem o leque de alternativas a partir do qual os peões podem fazer suas opções de vidas. O êxodo rural é resultante tanto da atração exercida por áreas mais urbanizadas e pelos serviços ali oferecidos quanto pelo número limitado de opções disponíveis nas áreas rurais. A vida de um peão é feita de longas horas de trabalho duro e, muitas vezes, de semanas a fio longe de sua família.

O universo rural da campanha gaúcha oferece uma vida dura e perigosa, em face da qual as compensações são vistas como insuficientes. As mudanças ocorridas no estilo de vida dos patrões têm sido acompanhadas de mudanças no modo como estes estabelecem relações

com os peões, que se afastam do modelo de patronagem que os peões esperam, e assumem cada vez mais práticas baseadas em um modelo de assalariamento. Mas as expectativas de compensação por parte dos peões vão além do salário.

As ideologias modernizadoras disseminadas entre os estancieiros da campanha gaúcha têm reduzido o espaço para as habilidades campeiras dos peões em seu contexto laboral, habilidades estas que são vistas como centrais na definição do modo de vida e na experiência de estar-no-mundo dos peões gaúchos, fundamentais, portanto, na definição da identidade dos mesmos. A estratégia dos proprietários para manterem a atividade pecuária viável, o que também significa resguardar o melhor possível a posição social e econômica de suas famílias, é cortar custos de operação de suas estâncias, através da intensificação da exploração da força de trabalho, já que, diminuindo o número de peões, os restantes precisam trabalhar mais para obter os mesmos resultados. É neste ambiente de desemprego, precariedade do trabalho e baixa remuneração, fatores que acarretaram em migrações dos trabalhadores em busca de novas perspectivas em suas vidas, sendo que um dos locais que abarcaram essa massa de novos trabalhadores foram as Minas do Camaquã.

Atrelado a situação demonstrada acima, estes trabalhadores estavam subordinados às atuações administrativas de Baby Pignatari. Através das entrevistas com os trabalhadores, notou-se que além de ele ser vangloriado como o responsável por tudo o que as Minas do Camaquã fizeram a Caçapava do Sul, é também lembrado pelos mineiros principalmente pelas festas que promovia. É neste ponto que a figura de “bom patrão” é questionada, pois estas festas aconteciam em épocas em que as minas aumentavam a exploração e, para isso, era necessário intensificar a carga horária de trabalho. Nesses momentos (apesar de os mineiros receberem por hora extra de trabalho), aumentam os níveis de stress, cansaço e questionamentos, que podem levar a problemas internos e entraves no desenvolvimento da exploração do minério de cobre pela empresa. É nestes momentos que Baby Pignatari promovia grandes festas, associando bailes a bebidas e muito churrasco. No ponto de vista deste pesquisador, tais festividades eram uma forma alternativa para aliviar o alto estresse dos trabalhadores diante da carga horária excessiva de trabalho. Era muito mais uma estratégia de esconder a realidade do momento, pois o empresário tinha como objetivo alcançar a lucratividade máxima na exploração do cobre através do labor e suor dos mineiros.

O riso e as festas são aspectos imprescindíveis na cultura do trabalhador das Minas do Camaquã e funcionam como uma válvula de escape das duras condições de trabalho que enfrentam em seu cotidiano disciplinar industrial. Analisando a obra de Leite Lopes (1987), este analisa como as festas e as brincadeiras durante o trabalho, como a atribuição de apelidos,

são relações que fazem parte de uma resistência à disciplina imposta pela empresa, a suportabilidade ao excesso de trabalho e a sociabilidade entre os companheiros. São jogos de relações sociais que se exacerbam e tem sentido no interior das minas e são relegados a segundo plano quando se volta à vida normal, ou seja, a superfície; é a identidade do mineiro ao “baixar a mina”.

Porém, como se citou anteriormente, não consistia como objetivo desenvolver na pesquisa opiniões, críticas, elogios e definições sobre as atuações e administração do maior empresário que a cidade de Caçapava do Sul já teve e que faz parte da história e da cultura dos mineiros das Minas do Camaquã. Poder-se-á dar um prosseguimento futuro a pesquisa no tema e, a partir de então, obter informações mais consistentes, que forneçam um maior embasamento teórico para desenvolver análises críticas sobre a figura lendária que se perpetuou na memória dos mineiros: o empresário, industrial e “paizão” Baby Pignatari; que já provoca curiosidades e indagações nas novas gerações.

Dessa forma, fica evidente que os funcionários, quase de forma unânime, vangloriaram a figura e destinaram tudo de bom que ocorreu nas Minas do Camaquã a Baby Pignatari, que já em 1974 não controlava sozinho as minas. Frente a problemas de saúde, sofrendo de leucemia, passou o controle acionário da CBC para o governo federal, através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, vindo a falecer em 1977, o que levou as Minas a um período de decadência, na opinião dos trabalhadores. Toda infraestrutura estabelecida ali foi praticamente desativada em detrimento da pura exploração na busca do lucro; já não eram os bons “tempos dos Pignatari”, agora, era o “tempo do BNDS”.

O relato abaixo denota novamente o saudosismo entre os mineiros da “época dos Pignatari”, pois todo lazer oferecido a eles foi oriundo desse período e criado pelo “paizão dos mineiros”. Após sua saída, todos os lazeres proporcionados pelas minas foram deixados de lado e os principais centros de cultura acabaram esquecidos, até serem abandonados e ficarem nas condições precárias em que se encontram atualmente.

Todo lazer oferecido para os mineiros nas Minas do Camaquã duraram e foram usufruídos por nós só até a saída do Pignatari, porque depois que a Companhia Brasileira do Cobre passou a controlar as minas, eles só pensavam em explorar ao máximo, eles queriam lucro (ALAGIA, 12 de set. de 2010).

Embora esta não seja a opinião por parte do grupo de engenheiros entrevistados, estes afirmam que a fase de exploração das minas na “era Pignatari” contribuiu para o crescimento da produção econômica nas minas. Porém, de acordo com o engenheiro Luis Paulo Pavão, “a

produção de concentrado chegou ao máximo em 1976 a 1800 toneladas por dia. Na fase final das minas chegava a 5 mil toneladas por dia.” O mesmo ainda afirma que o projeto de Baby Pignatari não estava centrado apenas na exploração de minério vislumbrando a lucratividade máxima: “ele cuidava muito do paisagismo e da área urbanística, bem ao estilo do europeu. Depois, era voltado mais para exploração do minério e aquisição de lucro como toda empresa vislumbra”. Isto explica de certa forma, o menor percentual de produção de concentrado no “tempo dos Pignatari” comparado ao “tempo do BNDS”.

Não. Isto é mais um mito. Se vamos falar em época áurea da mineração foi a última. A mina estava toda mecanizada, os primeiros equipamentos ultramodernos que vieram para o Brasil foram para a Caraíba Mineração na Bahia e para as Minas do Camaquã. Foi a época de maior produção de concentrado, maior quantidade de funcionários, onde chegou a ter em torno de mil trabalhadores, então realmente foi uma época de muito dinheiro e retorno econômico para Caçapava e região. Já, a época do Pignatari se iniciou em 1942 como majoritário e terminou em 1974 em decadência. Por diversos motivos ele se afundou na parte financeira e entregou isso ao BNDS. O estado aceitou o projeto devido ao processo de estatização feita pelos militares na época, nacionalização, exploração de matéria-prima e produção de cobre. Para os mineiros ele era um bom patrão e exigente, fazia as grandes festas que para a memória do mineiro fica marcado, mas economicamente é outra história, não digo que não teve sua contribuição, mas o apogeu das minas foi à última fase. (PAVÃO, 26 de fev. de 2012).

O que cabe aqui salientar é que Francisco Matarazzo Pignatari, sem dúvida alguma, deve ter sido realmente um homem que gostou dos mineiros e os ajudou. Os demais laços desta relação ainda devem ser estudados com maior intensidade, mas não é difícil afirmar que Baby Pignatari foi importante para esses mineiros e para cidade, diante do legado deixado por esse empresário. Ele é fruto de diversos contos populares que fazem parte do cotidiano da comunidade e foi o primeiro a ser lembrado pelos mineiros nas entrevistas como o “paizão” dos trabalhadores.

2.4 Estruturação e segregação residencial

Uma das estratégias administrativas para a manutenção de qualquer tipo de empreendimento está na maneira pelo qual é exercida a relação de controle sobre os funcionários. Assim, verifica-se que no período CBC, o capital passa a atuar mais pronunciadamente neste espaço, influenciando o estabelecimento de uma sociedade inteiramente organizada de acordo com os interesses da empresa. A comunidade mineira estava subordinada ao domínio exercido pela empresa e o controle sobre os moradores é total, os subordinando integralmente à sua área de influência, sendo não apenas a empregadora, mas

também a proprietária das moradias e dos equipamentos sociais, que determina as regras a serem cumpridas tanto no trabalho como fora dele. A partir do momento que um hábito cristaliza-se em meio às relações sociais, passa a exercer grande influência sob a tomada de consciência dos atos de uma determinada sociedade.

Um exemplo são as vilas operárias originadas pela atividade industrial, mas outras atividades promovem a criação de espaços. São espaços, que muitas vezes, guardam grandes diferenças das suas regiões e concentram trabalhadores de vários lugares, podendo coexistir diversas tendências socioculturais, como é o caso ocorrido nas Minas do Camaquã. Além do exposto, estes assentamentos geralmente são organizados por agentes externos à região no qual o empreendimento se instala, sendo estruturados de acordo com as premissas dos administradores, podendo se verificar uma organização espacial de acordo com padrões socioeconômicos alheios.

A atividade de mineração, quando estabelecida e organizada, reúne e necessita de mão de obra de diversos graus de formação, que vão desde os operários, sem especialização, para o serviço pesado, ao pessoal de nível universitário e o corpo gerencial. Todo este contingente, por sua vez, necessita ser atendido em itens básicos de habitação e infraestrutura urbana, para que possa desenvolver suas atividades.

A primeira associação que se faz ao termo “Assentamento Humano Junto a áreas de Mineração” é o de uma “minicidade”, ou seja, um conjunto de habitações e de equipamentos comunitários, incluindo pequeno comércio, escola, hospital ou centro de saúde e clube, ligados exclusivamente a uma companhia mineradora. A expressão “Assentamento Humano junto a áreas de Mineração” sugere uma especificidade acentuada, levando a crer que se trata de algo totalmente diferenciado de outros tipos de assentamentos humanos. Ainda que haja de fato, características peculiares a este tipo de assentamento, em outros aspectos, este se mostra similar à construção e operação de barragens e determinadas atividades industriais. Trata-se, nestes casos, de um modelo de assentamento chamado, na literatura técnica da língua inglesa, de Company Town, termo usado na designação de vilas de caráter autárquico, associadas às companhias das mais diversas áreas de atuação, em empreendimentos que necessitem de apoio direto de setores habitacionais. (FARAH, 1993 p. 3).

O surgimento de uma identificação entre os trabalhadores das Minas do Camaquã se deve muito ao fato de morarem ali, sendo que a função de cada trabalhador dentro das minas era refletida através das residências (estas foram sendo construídas por níveis hierárquicos, de acordo com os cargos ocupados). Os mineiros residiam em casas cedidas pela empresa, próximas umas das outras, sendo de um tipo de construção denominada de “casas geminadas”. Sua arquitetura conjugada abrigava os mineiros considerados de “baixo escalão” e suas famílias.

Assim como a maioria das obras produzidas sobre as Minas do Camaquã, toda a produção acadêmica está voltada para estudos sobre a geologia das minas e a geografia física da comunidade dos mineiros. Ronchi e Lobato realizaram pesquisas sobre o planejamento urbano e a infraestrutura estabelecida pela empresa mineradora, organizando uma obra que engloba todos os aspectos geográficos e geológicos das Minas do Camaquã. Dessa forma, a bibliografia de Ronchi e Lobato (2000) serviu de suporte para a pesquisa, ao destacar a geografia cultural que me permite não negligenciar as dimensões culturais, estruturais e arquitetônicas e para elaborar a abordagem geográfica dos espaços edificados na comunidade das Minas.

Na parte mais alta em relação ao centro da vila, localizam-se as melhores residências, destinada aos engenheiros. Já na parte mais baixa, as casas geminadas, destinadas aos mineiros. As casas, construídas pelo industrial “Baby” Pignatari têm características marcantes. Base de pedra e pavimento superior em madeira, cada uma com uma cor diferente. A que foi construída para ele ocupa a parte mais alta do terreno, assim como o centro da rua onde se localizam as demais. Possui piscina própria e vista sobre a vila. O grupo de casas foi construído na década de 60 (RONCHI E LOBATO, 2000, p.66).

Tal estruturação e segregação residencial por cargos e, de certa forma, de acordo com a renda salarial, é uma organização estabelecida pela empresa mineradora, que cria meios para que os indivíduos dos mais altos cargos dentro das minas tenham um controle maior sobre os trabalhadores do baixo escalão. Ou seja, a localização das residências do industrial Baby Pignatari e dos engenheiros no alto da comunidade das Minas do Camaquã promove uma maior “visão” sobre a comunidade e o estabelecimento de um policiamento das atividades dos mineiros por parte dos engenheiros e pelo proprietário das minas.

São também indiscutíveis os benefícios conseguidos pelos engenheiros e geólogos quando se referem à localização geográfica e à beleza da natureza que rodeia suas casas, da mesma forma que há vantagens sobre as casas dos mineiros, por serem de maior tamanho e de melhor qualidade material. Indagando o engenheiro Luis Paulo Pavão, fica claro, no seu discurso, a tentativa de justificar os privilégios adquiridos com este estilo de estruturação das residências nas minas. A resposta do engenheiro para a segregação residencial existente nas minas tem como justificativa uma “estruturação comum e normal” em qualquer empresa para se delimitar áreas de convivência e qualidade de moradia de acordo com a classe social, bem como de forma indireta e até mesmo ao notar suas feições que demonstravam indignação ao meu olhar de entrevistador critica a quem não concorda e não vê como um ato altruísta da

empresa o fornecimento de residências de graça e estruturadas de acordo com “boas relações de convivência” aos trabalhadores.

Por exemplo, todas as casas foram reformadas no novo projeto. No tempo do Pignatari as casas eram germinadas e coletivas, com um banheiro só. E tudo isso foi reformulado criando casas melhores. Claro que quando houve a necessidade de trazer o pessoal técnico e isso você vai encontrar em qualquer mineração e empresa, vão existir diversos escalões de moradia, desde o mineiro até a diretoria. Mas, uma coisa é certa: todo mundo ganhou água, luz e atendimento médico e dentista de graça, e que me parece que neste aspecto foi até superior que da época de Baby Pignatari (PAVÃO, 26 de fev. de 2012).

Mas a estrutura física estabelecida nas Minas do Camaquã não foi uma invenção da empresa mineradora de Baby Pignatari; ela seguia um padrão consagrado e antigo. De acordo com Michelle Perrot (2009), a organização de uma mina na França, no século XIX, também era estruturada de forma semelhante a das Minas do Camaquã. Mas não se precisa ir tão longe. Por exemplo, na Vila Belga, em Santa Maria, a distribuição das casas seguia a estruturas hierárquicas da empresa, sendo que os trabalhadores menos qualificados ficavam estabelecidos fora da vila, afastados e residindo no bairro do Itararé.

O montante da anuidade, trabalhadores com mais privilégios, os contramestres e a nova camada de pequenos burocratas dos quais os industriais têm então a mais urgente necessidade e dependência, tinham casas reservadas a uma faixa superior a dos operários, laboriosos e ordeiros (PERROT, 2009, p. 359).

A autora também afirma que, além do controle dos operários exercido pelos funcionários do alto escalão e proprietários da mina, através da estruturação das casas na mina, as concessões das residências aos mineiros também eram uma forma de controle das atividades dos trabalhadores: a ideia da propriedade pertencer ao operário fazia com que esse se tornasse mais ordeiro e trabalhador, afastando-o de distrações funestas, pois estava recluso e usufruindo, com sua família, do seu lar.

Entende-se que a separação, tanto em espaços de sociabilidade como de moradia, que traga como consequências a anulação das relações sociais e de convivência harmoniosa entre os moradores de uma comunidade acarreta no estabelecimento de um estranhamento e até mesmo de desconfianças e inimizades entre diferentes grupos que se estabelecem no local. Isto será tratado com maior profundidade no último capítulo, mas a segregação residencial existente na comunidade das Minas do Camaquã criou dois mundos que abarcam seus próprios estilos de moradia, regras de convivência, relações “entre os seus e iguais”, espaços de sociabilidade e é claro, um olhar de desconfiança que busca afastar de seu limite de

convivência ou não ter contato com o desconhecido que não faz parte de seu mundo e não pertence ao seu grupo.

A separação territorial e funcional atinge a suficiência quando aquilo que meramente não é familiar se torna realmente estranho. O estranho, com efeito, é alguém que se recusa a ficar confinada à terra “longínqua” ou se afastar da nossa e, assim, a priori desafia o expediente fácil da segregação espacial ou temporal. O estranho entra no mundo real e se estabelece aqui, tornando-se assim relevante. Ele entrou no mundo da vida sem ser convidado e tudo isso é a marca notória do inimigo (GAGNEBIN, 2006, p.68).

Diante das exposições concretas da existência de uma segregação residencial e social das Minas do Camaquã, e também dos depoimentos dos mineiros que contém sua opinião e confirmação da estruturação segregatória existente e a sua insatisfação de classe frente aos desprivilégios comparados aos engenheiros com relação à qualidade das casas, e tais depoimentos e informações demonstrados aos engenheiros, estes indagam e justificam tal tema trabalhado de forma unívoca, como demonstrado no depoimento anteriormente. Porém, ao mesmo tempo em que justificam e advogam a execução da empresa de uma estruturação residencial separada de acordo com renda salarial e função profissional, acabam ratificando a existência de uma segregação socioeconômica e dirimindo a culpa da empresa de um determinado morador não ter uma casa de melhor qualidade e diferenciada. A justificativa é empurrar a culpa para a morosidade do trabalhador e sua falta de interesse e qualidade profissional para chegar à consecução de seus objetivos.

Eu fui filha de operário. Então eu comecei no escalão lá embaixo até onde estou hoje. As casas possuíam água, luz e os mesmos direitos das casas dos engenheiros, tudo era de graça. Você recebia a casa de acordo com a sua profissão. Tanto que na área da engenharia e da chefia as casas não eram tão melhores e existem casas hoje do operariado muito mais conservadas do que a dos engenheiros. Então, o mesmo direito que possuía um tinha o outro, a diferença era salarial. Se eu sou uma faxineira e você um técnico, é lógico que você vai ganhar mais que eu. E também tinha a questão de quanto maior é seu rendimento mais promoções você ganhava como, por exemplo, o crescimento de função na empresa. Sendo que os melhores técnicos se formaram na empresa, como foi o meu caso, que comecei como aprendiz, mas pela minha curiosidade e vontade eu cheguei à chefia na área técnica de organização dos arquivos da empresa. Então, a oportunidade foi dada para todos, mas o diferencial é de quem aproveitou, como foi meu caso. A questão das casas é a mesma coisa, se você quer trocar de casa vai ter que crescer na empresa. (GUACIRA, 22 de mar. de 2012).

O mineiro aposentado Charles Lemes Marques retrata como foi estruturada a comunidade formada nas Minas do Camaquã, através de uma entrevista que foi transcrita em crônica pelo mesmo. Ele afirma que a comunidade foi destinada a abrigar os mineiros,

geólogos, engenheiros e seus familiares ligados à exploração do cobre na região pelo industrial Baby Pignatari.

Os dias geralmente eram iguais na pequena Vale do Bronze. Um típico local onde todos se conhecem e quase sempre se mantêm amistosos. Cada vila com características peculiares, com casas semelhantes e, quase como regra, sempre duas a duas. Alguém desacostumado a consideraria um pedacinho da Índia. Castas separadas. Não exatamente o povo, mas sim a moradia do povo. Em um canto os de nível mais elevado, em outro, os de nível um pouco mais abaixo e assim prosseguia até o último canto, onde estavam os menos privilegiados. Isto se justifica pelo fato de tudo subsistir em torno de uma mina de cobre. Os pequenos comércios dependiam dos empregados da empresa local. As áreas de lazer eram mantidas também por ela e parece que até o dia dependia do cartão ponto dos funcionários. (MARQUES, 1996).

O fragmento exposto acima, ao mesmo tempo em que é permeado por uma crítica, e até mesmo pelo desabafo de um ex-mineiro frente à segregação existente nas minas, também convida ao leitor, no mínimo, a imaginar como realmente é a comunidade do “Vale do bronze”.

2.5 Espaços de sociabilidade

Os espaços de sociabilidades existentes nas Minas do Camaquã e, principalmente, aqueles que são frequentados pela diversidade profissional e social, como bares, o clube de futebol, clube dos engenheiros e o Cine Rodeio são locais nos quais, sem dúvida se busca o lazer e o relacionamento entre os trabalhadores e moradores das minas. Porém, também é onde se teatralizam as rivalidades entre os indivíduos e as oposições entre categorias profissionais e sociais.

A única coisa que separava e que o Pignatari dava para evitar no ambiente de trabalho uma tensão muito grande e para que as normas fossem cumpridas. Havia todo o cuidado para criar espaços de lazer para cada grupo. Porque você sabe como é o trabalhador. Chegou lá, tomou um trago, saiu fora do normal e, de repente, chega ali no engenheiro e vai querer bater boca devido a algum problema no ambiente de trabalho e vai correr o risco de ser demitido. (RODRIGUES, 2011).

Mas é notável, através do relato do mineiro, a inexistência ao seu olhar de uma evidente segregação socioeconômica implantada na estrutura arquitetada pelo proprietário das Minas do Camaquã. Para o trabalhador, fica clara a existência de uma separação entre os grandes e importantes funcionários dos pequenos funcionários do baixo escalão. Porém, este também tem o entendimento da existência de uma justificativa para tal separação, resposta à

estruturação das minas concedida pelo patrão no período e que permeia o pensamento da maioria dos trabalhadores até os dias atuais.

São discursos que se legitimam nas ações da comunidade e, de certo modo, tendem a uma explicação plausível em alguns casos e que criam “benefícios” aos pequenos para se protegerem dos grandes como, por exemplo, o relato acima, que evita o desentendimento entre o mineiro e o engenheiro, o que levaria a prejudicar a vida da família do primeiro. Dessa forma, a criação de espaços de sociabilidades teria como justificativas a precaução de conflitos com consequências prejudiciais aos pequenos funcionários.

Porém, com o intuito de permear os fatos históricos com o olhar crítico do historiador, tentar-se-á demonstrar, no decorrer do trabalho e na exemplificação do desenvolvimento das relações nos espaços de sociabilidades criados, que tais justificativas podem sim ter funcionado como fatores secundários, mas não correspondem à realidade vivenciada nas Minas do Camaquã.

2.5.1 O Clube dos Engenheiros

Uma das edificações que mais se destaca na localidade, por sua imponência, inicialmente foi a sede da Fazenda João Dias (fazendeiro que descobriu as pedras preciosas em 1865) e, posteriormente, no ano de 1969, tornou-se o Clube dos Engenheiros, local de confraternização entre os funcionários (somente aqueles graduados), mas de acordo com seus depoimentos “toda e qualquer pessoa de bom comportamento poderia frequentar”.



Figura 21 - Clube dos Engenheiros.
Fonte: Arquivo do pesquisador.

Entre os clubes e espaços criados para os encontros e sociabilidade entre “os grandes”, mais precisamente os funcionários da empresa que concedem a alcunha do clube, na comunidade mineira, está o Clube dos engenheiros. Esse nome passou a vigorar por um determinado tempo, em razão de, inicialmente, somente funcionários do alto escalão, digamos assim, poderem frequentar o ambiente. Os demais funcionários não eram bem recebidos e, de acordo com o relato de moradores, eles já nem frequentavam o clube por não se sentirem confortáveis diante de tal contexto.

O Clube dos Engenheiros faz o papel de funcionalidade paralelo e o contraponto ao “bar do Papa” para os mineiros, este último que será tema tratado no decorrer deste capítulo. O clube dos engenheiros foi um local que tinha uma funcionalidade de bar diário para os trabalhadores da área técnica, mas que não fazia parte do cotidiano do engenheiro sair de sua faina diária e passar e “tomar uma pinga” como eram os costumes e a cultura dos mineiros. Servia principalmente como um espaço de convivência nos finais de semana para estes trabalhadores e seus agregados.

Apesar de ser evidente e também estar sendo propalado pelos engenheiros a restrição de entrada para os mineiros no clube, os primeiros tentam justificar a proibição da entrada dos trabalhadores do baixo escalão ratificando o bloqueio, ou seja, uma das explicações era que os próprios mineiros não o frequentavam ou exigiam a entrada porque lá era o local do alto escalão de funcionários e o proprietário e neste espaço ocorriam conversas que somente os últimos poderiam saber.

A coisa foi democratizando. Veja que na época do Pignatari tinha o Clube dos engenheiros, só acessava o pessoal da engenharia. O clube foi democratizado, lógico não foi para todo mundo, entrou mais os encarregados no clube. Me parece que dentro de seus devidos conceitos não tem como misturar todo mundo, os grupos eram diferenciados e cada um vivia no seu meio. Agora, evidentemente que sendo todas as casas pertencentes à empresa havia uma guarda patrimonial que estabelecia regras de convivência que devia se cumprir. (PAVÃO, 26 de fev. de 2012).

Dessa forma, se os mineiros frequentassem o clube é que eles se sentiriam desprivilegiados e excluídos, pois não poderiam entrar na “roda de bate-papo”. A restrição de sua entrada evitava situações frustrante ao mineiro. Então, não havia como estruturar um clube para todas as classes e grupos sociais, já que se diferenciam desde seu meio de convivência até suas distintas situações socioeconômicas nas minas. E como ocorreram justificativas, por parte dos engenheiros, para explicação da existência da segregação residencial, trabalhadas anteriormente, aqui também é revelada a procedência do estabelecimento de um espaço específico aos “chefes” executado por Pignatari, e o porquê do

“impedimento”, ou “não seja bem-vindo”, à entrada de mineiros e seus agregados ao clube dos engenheiros. A justificativa mais difundida, e de certa maneira aceita e encarada como correta pelos mineiros, pois entendem que foi uma atitude tomada por alguém que se preocupa com a preservação de seu emprego, é a relatada abaixo.

Ele queria um lugar onde ele pudesse estar com os amigos e convidados dele. Onde se poderia falar sobre trabalho com o corpo técnico sobre assuntos que não se cabia discutir com os operários. O operariado em si não sabia diferenciar o trabalho do espaço particular, se te encontrava em uma festa ele iria te cobrar sobre algo do trabalho. Então somente entrava o pessoal da área técnica para evitar esses transtornos com o operariado. (GUACIRA, 22 de mar. de 2012).



Figura 22 - Convidados de Baby no Clube dos Engenheiros.
Fonte: Arquivo da CBC.

Acredita-se que os clubes, no caso dos engenheiros, funcionam como espaços de formação de redes sociais que legitimam o status social e o jogo político das elites. As famílias ricas e nobilitadas usufruem destes espaços para aglutinar suas relações sociais, facilitando seu acesso ao jogo político-econômico na comunidade e reproduzindo a desigualdade social. Neste sentido, nas Minas do Camaquã não são os partidos políticos que moldam e direcionam o comportamento dos indivíduos, mas sim as famílias e suas redes

sociais. Era esta elite da comunidade que ditava a forma como as ordens da empresa seriam aplicadas e desenvolvidas nas minas.

As festas, os bailes e os encontros no Cine Rodeio e no clube dos engenheiros representavam parte das representações desta elite. Os espaços de convivência vinculavam os trabalhadores do alto escalão por meio de uma extensa rede de relações sociais que ligavam amigos, parentes e colegas, respectivamente, com suas clientelas. Pode-se, portanto, concluir que os espaços de sociabilidade eram um aglomerado de redes de relações sociais que sedimentavam e teatralizavam seu status social e poderio econômico na comunidade.

2.5.2 O Cine Rodeio

O Cine Rodeio foi um dos mais importantes espaços usufruídos pelos moradores, criado pelo proprietário Baby Pignatari em 1970. Tinha como objetivo oferecer lazer aos habitantes da comunidade, que viam aquilo como uma forma de aliviar o alto estresse do trabalho diário nas galerias das minas. Nas épocas em que a exploração do cobre era intensificada (quando a mina funcionava 24 horas por dia, através da rotatividade dos trabalhadores em turnos específicos), os mineiros que estavam nas horas de descanso nos finais de semana poderiam usufruir, com sua família, de filmes e de bailes que eram oferecidos no Cine Rodeio. Em entrevista, o ex-mineiro Humberto Alagia fala sobre a importância do Cine Rodeio para a comunidade e se posiciona da seguinte maneira:

O cine rodeio foi criado pelo Baby Pignatari e era uma maneira de criar um pouco de diversão para os habitantes da comunidade. Então, todo o fim de semana, aos sábados e domingos, era passado um filme. E também, em outros finais de semana ocorriam bailes no Cine Rodeio para a diversão da comunidade. Somente mais tarde foi fundado o CTG Ronda Crioula para ocorrerem os bailes gaúchos. Então, o Cine Rodeio foi uma forma criada para gerar diversão ao povo, pois na mina quase todo mundo trabalhava e tinha épocas que nós trabalhávamos 24 horas por dia. Então, os que estavam de folga poderiam ir assistir a um filme. (ALAGIA, 12 de set. de 2010).



Figura 23 - Cine Rodeio.
Fonte: Arquivo do pesquisador.

Dessa forma, através do Cine Rodeio, pode-se afirmar que o lazer estava inserido na rotina dos trabalhadores, sempre após as duras jornadas de trabalho no subterrâneo das minas, principalmente em “dias de descanso”, quando os trabalhadores possuíam um ritual de encontro, para usufruir do lazer oferecido pela empresa mineradora. Assim, os mineiros não precisariam se deslocar a Caçapava do Sul ou a outra comunidade para ter acesso ao lazer, o que poupava tempo e energia humana. Além disso, propiciava que o patrão aparecesse como benemérito e garantia um maior controle sobre os trabalhadores.

Porém, tal questão não era encarada dessa maneira pelos operários. Na mentalidade deles, o lazer oferecido pela empresa, através do Cine Rodeio, foi uma gratificação do patrão em troca de seu empenho diário, uma medida altruísta da empresa para aliviar o cansaço dos mineiros.

Na praça central, o prédio do cinema ocupa lugar de destaque com linguagem arquitetônica que faz referência aos filmes do velho oeste. O nome Rodeio reforça a ideia da linguagem. Um grande galpão, com telhado de duas águas, fachada principal com frontão, trabalhado com desenhos característicos do *Far West* americano, em madeira. O acesso principal é feito por porta vaivém, lembrando os *saloons*. O prédio desenha na paisagem uma situação totalmente insólita ou surrealista na sua relação com a praça, na qual vagonetes, como esculturas, nos lembram a existência de minas próximas, definem um espaço urbano de boa qualidade. Esse cenário nos transporta para longe do estereótipo de uma vila no interior do Rio Grande do Sul. (RONCHI E LOBATO, 2000, p.65).

Também indagou-se ao mineiro Humberto Alagia se existia algum tipo de segregação entre os funcionários e moradores das minas para entrada e usufruto do lazer no Cine Rodeio, já que no cotidiano da comunidade existiam privilégios aos engenheiros e geólogos das minas (refletidos até na formação do “Clube dos engenheiros”, que realizava festividades e encontros entre as famílias destes profissionais).

No cine rodeio, não tinha privilégios para os ricos. Era tudo gratuito e todos tinham acesso. Existiam outras formas de segregação, onde os engenheiros tinham privilégios. Os engenheiros não se misturavam com a gente, andavam com o nariz empinado e nem nos cumprimentavam quando passavam pela gente. Entravam na fila do açougue, farmácia e mercado na nossa frente como se tivessem esse direito, e nós acabávamos aceitando, pois eram nossos chefes. (ALAGIA, 12 de set. de 2010).

Porém, analisando as fotos efetuadas no período, adquiridas junto à COMAMC (Comunidade dos Moradores e Amigos das Minas do Camaquã), não é o que a imagem realmente demonstra. O mineiro acima afirmou em seu relato que não “havia privilégios para os ricos” devido ao fato de todos os moradores terem acesso gratuito, mas de forma alguma isso impede uma segregação dentro do clube. Vale lembrar que muitos depoimentos dos mineiros não vão retratar de uma forma fidedigna algumas situações vivenciadas na comunidade, pois não desejam evocar de uma forma negativa, apesar de ser a realidade vivenciada, muitos acontecimentos e situações encontradas em determinados contextos.



Figura 24 - Interior do Cine Rodeio.
Fonte: CEMAMC.

Neste local, ocorria uma separação socioeconômica e, consequentemente, profissional, sendo que os funcionários da área técnica, a elite das minas, ficavam no alto da sala, com uma

melhor visão e com um local mais reservado aos frequentadores, uma espécie de camarote restrito aos engenheiros e familiares, enquanto os mineiros e demais agregados tinham acesso somente à área mais baixa do Cine Rodeio, impossibilitando a visão e de ter acesso às “conversas”, “fofocas”, as relações particulares de seus chefes e familiares.

Ou seja, a vida privada de seus patrões era um mundo “desejado”, “invejado” e “distante” do real olhar do mineiro, o que, inversamente, ocorria para com os engenheiros, já que estes possuíam acesso a “tudo” que acontecia lá embaixo e exacerbavam sua imponência de status social ao controlar as relações. Porém, como demonstrado anteriormente, tal segregação possuía justificativas que foram legitimadas entre os moradores para tal estruturação do Cine Rodeio, como em outros espaços de sociabilidade. É o que denota o relato do mineiro abaixo

Como por exemplo, o Cine Rodeio, que teve essa separação. Lá em cima era destinado para os engenheiros e os técnicos para não ficar lá junto com os trabalhadores preservando o ambiente. Então, quando o Pignatari fez esses espaços de lazer separados foi porque ele tinha essa preocupação de preservar a relação entre os empregados e o pessoal da área técnica. (RODRIGUES, 3 de set. 2011).

Assim como a legitimação de um discurso estabelecido está permeada por justificativas que, de certa forma, em alguns casos, explicam os fatores que levaram a separação entre classes através de estruturas estabelecidas no Cine Rodeio, tais justificativas, como a que será citada posteriormente, não oculta de forma alguma uma segregação social planejada e efetuada pelo proprietário e desejada pelos agregados e convidados pelo mesmo, assim como pelos funcionários da área técnica. É claro que, se for estabelecida uma análise mais crítica e comparativa a quaisquer outros clubes, inclusive atuais, espaços de sociabilidade que promovem acesso para pessoas de origem socioeconômica bastante distintas já possuem uma estrutura para fornecer maior conforto, privacidade e, principalmente, “status social” para os “convidados de honra” e para aqueles que possuem uma dita “superioridade” econômica e um status social superior.

Na realidade, a separação entre níveis era necessária até para a projeção. Aí, no interesse do Pignatari, colocava seus conhecidos e agregados nas poltronas de cima que não tinham nada de sofisticado, é só por questão de estar no alto. E os convites do Pignatari era quase uma obrigação para acompanhar ele a assistir os filmes. Então ele convidava o pessoal da área técnica que eram mais chegados a ele no dia a dia. Mas eu não vejo isso como segregação. Aliás, o cinema foi feito até para ter maior lazer e não separação. (PAVÃO, 26 de fev. de 2012).

O depoimento acima expressa a opinião de um engenheiro quando questionado sobre a possível segregação existente nas Minas do Camaquã, sendo que um dos espaços de diferenciação socioeconômica seria o Cine Rodeio. Porém, a partir da resposta encontra-se uma negativa a uma separação por classe que levaria a uma discriminação aos mineiros e agregados e uma justificativa para a concreta existência de níveis que dividiam o espaço entre os funcionários e convidados de Pignatari, depoimento que também é ratificado por outro funcionário oriundo da mesma classe.

Havia uma divisão de espaços. No alto do Cine Rodeio somente acessavam funcionários da área técnica e convidados especiais do Baby Pignatari. Os trabalhadores do baixo escalão deveriam se direcionar para parte de baixo, para não se misturar com os patrões e seus familiares. Mas eles não podem reclamar de desigualdade de privilégios por causa disto. (FERREIRA, 26 de mai. de 2012).

Porém, é importante salientar, neste ponto, que o presente trabalho não consiste em um confronto de opiniões e defesa de seu espaço entre grupos sociais distintos e muito menos objetiva criar laços de solidariedade e solucionar os conflitos anteriores, visando anular a animosidade acarretada até os dias atuais. Até por que em tal pesquisa deve-se ter muitos cuidados. É preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança, pois são exatamente os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento.

Entretanto, a tarefa do historiador é infinitamente mais delicada quando se propõem a analisar e compreender a evolução das hostilidades emocionais entre estas duas populações que, na realidade, vivem em harmonia e sem exclusão recíproca. Ao mesmo tempo, o historiador não duvida da importância decisiva dos ódios coletivos, embora encontre extrema dificuldade de compreendê-los em todas as suas nuances e condições. (ANSART, 2001, p.29).

Dessa maneira, busca-se acabar com o sentimento de impotência, devido à impossibilidade de se expressar dos determinados grupos e dar voz as suas manifestações e protestos trancafiadas na memória. De acordo com Ansart (2001), deve-se “ouvir os ecos do ressentimento, dar-lhes um certo direito de expressão”, pois não há como fazer desaparecer de uma sociedade o sentimento do ódio, da inferioridade e da humilhação sofrida ou efetuada por sujeitos históricos. Tal tarefa tornar-se-ia inexecutável, do ponto de vista deste pesquisador. Acredita-se que, devido à diversidade e a especificidade da humilhação e opressão que cada indivíduo sofreu no passado, o mesmo não esquece os fatos do qual foi vítima e, em outros casos, para o executor, os ressentimentos não morrem, mas se perpetuam até o presente.

2.5.3 Minerador Atlético Clube

Estudar o futebol praticado pelos trabalhadores nas Minas do Camaquã permite desvendar a postura de parcela considerável dos trabalhadores locais nos momentos em que estão vivendo o seu cotidiano, o que, em medida alguma, significa abandonar a perspectiva da luta de classes, já que se pretende demonstrar exatamente que o futebol foi de grande importância para a construção de uma identidade de classe entre os mineiros. Hobsbawm, em seus estudos sobre a classe trabalhadora na Inglaterra, também discute a importância do futebol para a construção dos laços identitários entre os operários. Segundo Hobsbawm (1987), o operário se identificava com o seu time contra o resto do mundo. Além disso, o modelo da cultura do futebol na Inglaterra era nacional, ou, para ser mais exato, “um modelo da nação proletária, visto que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial”.

A partir desse corpo de questões, pode-se constatar que a torcida dos trabalhadores pelo Minerador Atlético Clube ultrapassava os interesses que pudessem envolver um simples clube de futebol, uma vez que seus jogadores e torcida compartilhavam experiências de vida comuns, além, é claro, de perceberem que muitas dessas experiências se constituíam na oposição ao outro grupo social.

Esta embrionária discussão sobre o papel desempenhado pelo futebol para a formação de classe entre os trabalhadores das minas permite ainda examinar tal experiência como uma forma de sociabilidade desses trabalhadores, lembrando que as pessoas, antes de lutar, simplesmente vivem. Thompson, em sua “Formação da Classe Trabalhadora Inglesa”, não se preocupou em privilegiar, como portadores de propostas de transformação social, apenas os movimentos organizados nos moldes dos modernos instrumentos de ação coletiva, ou seja, os partidos e sindicatos. Para tanto, investigou também a racionalidade de determinados sujeitos sociais, tendo em vista sentimentos, experiências e angústias vividas por eles.

É interessante, pois, pensar no futebol como algo sempre presente no cotidiano dos trabalhadores, responsável por inúmeras conversas de botequim, apostas e até mesmo brigas entre os homens, uma vez que tal atividade esportiva envolve e agita a vida dos trabalhadores. É o que afirma Hobsbawm (1987), mesmo reconhecendo ter o futebol nascido na Inglaterra sob a égide dos grupos dominantes, ao constatar que, propagando-se junto aos trabalhadores, o esporte tornou-se cada vez mais uma atividade de lazer associada à vida operária.

Desta forma, parece claro que à medida que o futebol ganhou o apoio das massas, tornou-se cada vez mais uma atividade proletária, tanto para jogadores quanto para torcedores (...) e na medida em que o futebol tornou-se o tópico principal da conversa social no bar, uma espécie de língua franca das relações sociais entre os homens, ele tornou-se parte do universo de todos os operários (HOBBSAWM, 1987, p. 294).

Mais do que nunca, o futebol nas Minas do Camaquã se constituiu como uma atividade operária. Embora a história do Atlético Futebol Clube esteja ligada à empresa mineradora, o traço mineiro é característico dessa cultura futebolística e a atividade acabou por se tornar uma das práticas de lazer mais populares da comunidade. O futebol, portanto, foi extremamente importante para os mineiros, seja como fenômeno aglutinador e formador de identidades de classe seja como simples meio de lazer ou de ocupação do tempo livre. Estudar essas questões consiste em buscar entender como essas pessoas vivem suas experiências cotidianamente.

O papel do futebol, além de ser importante na formação da classe operária, também é eficaz atuando como dispositivo no sentido de imbuir o trabalhador de senso de coletividade, de especialização, disciplina, hierarquia, competitividade e valorização do tempo cronometrado. Segundo Hobsbawm (1987), o futebol tornou-se o tópico principal na conversa social de bar, uma “língua franca” para todos os operários. Sustenta o autor que tal jogo se aproveitou do vácuo deixado pelas esferas comunitárias (a aldeia, a família, o bairro, a paróquia) em desagregação na cidade moderna.

Da Várzea do Carmo, os campos se alastraram por toda a cidade, sobretudo nos bairros operários, situados ao longo das estradas de ferro (...). A cidade vivia intensamente a experiência do trabalho fabril e passava a conhecer a necessidade imperativa de sociabilidade e lazer; sobretudo aos domingos. Os clubes de várzea mantinham equipes de futebol e promoviam atividades sociais (...). Além destes, tornavam-se comuns os clubes formados a partir de empresas, fábricas ou grupos profissionais (CALDAS, 1990, P. 92).

A citação acima faz referência à disseminação do futebol nas indústrias de São Paulo no início da primeira metade do século XX, quando esse esporte, especificado como momento de lazer marcado na memória dos operários das Minas do Camaquã, também atua como um fator identificador. A paixão que os moradores possuíam pelo Minerador Atlético Clube é um exemplo. Também fundado em 1970, na época de Baby Pignatari, o clube de futebol representava os mineiros nos campeonatos, unindo, dessa forma, o orgulho de ser mineiro a uma paixão esportiva.

O Minerador Futebol Clube foi fundado também na época do Baby Pignatari e participava dos campeonatos da região. E somente jogava o minerador que morava

nas Minas do Camaquã. Tinha que ser mineiro ou pelo menos familiar. E a população estava presente em todos os jogos e vestir as cores do Minerador era motivo de orgulho para os nossos familiares. O time era forte como nós, mineiros. (ALAGIA, 12 de set. de 2010).

O trecho de entrevista transcrito acima demonstra o orgulho do mineiro em representar o clube de futebol de sua comunidade, bem como de jogar pelo time que leva o nome de sua profissão. Nota-se como está amplamente permeado no discurso o orgulho de representar os mineiros em disputas esportivas com outros grupos sociais. As simbologias existentes entre o nome da equipe e a profissão estão interligadas pela característica “força”, usada nas vivências necessárias no cotidiano do mineiro para enfrentar as dificuldades de trabalho no interior das minas, ou seja, fora delas, com suas dificuldades econômicas para sustentar a família. De uma forma ou outra, ser mineiro é ser forte, no esporte ou na vida, segundo a visão do mineiro.

Desde os primeiros anos deste século, uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios, e o que mais houvesse. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo, fora da perspectiva da Igreja. (...) A sociabilidade de bairro foi enormemente enriquecida com o futebol (MAZZONI, 1990. p.14).

O fato de esta comunidade concentrar um grande empreendimento industrial interligou a ideia trabalhada por Hobsbawm sobre o futebol no seio cultural dos operários. Assim como aconteceu nas Minas do Camaquã, onde a empresa estimulou a criação da equipe Minerador Atlético Clube para disputar campeonatos citadinos, outras equipes também têm na sua origem no incentivo de outras empresas. É uma forma de cooptação do trabalhador, fazendo-o vestir a camisa da empresa. Um exemplo é o que aconteceu com o Minerador após a CBC assumir o controle das atividades mineradoras: a empresa manteve o time de futebol, porém as cores do uniforme teriam que ser de acordo com as cores que representavam a bandeira da empresa. Outro intuito da empresa era criar uma equipe de futebol simplesmente pelo fato de gerar um lazer esportivo para aliviar o stress e a tensão do trabalho dos mineiros.

As cores do Minerador, na época em que eu joguei, eram iguais às cores da bandeira da “CBC”. Eu joguei em vários times, às vezes me confundo as cores, mas pelo que eu lembro eram verde, azul e branco. (ALAGIA, 12 de set. de 2010).



Figura 25 - Minerador Atlético Clube.
Fonte: Site visiteminasdocamaqua.com

2.5.4 O Bolicho do “Papa”

A organização espacial das Minas do Camaquã, como trabalhado anteriormente, pode ser interpretada tendo por base o conceito de “Company Town”. Diante disto, para a massa operária, desautorizada de frequentar os espaços de sociabilidades frequentados por trabalhadores e funcionários do alto escalão da empresa (Clube dos Engenheiros), somente restavam os bares, que estarão presentes no cotidiano dos mineiros.

Padrões urbanos de lazer eram transpostos para as vilas mineiras, no modelo que se aproximava da Company Town clássica, procurando reproduzir, independente do local de implantação das vilas, condições de convívio e de ocupação do tempo livre que têm acesso, sobretudo, a classe média alta nos centros urbanos bem estruturados. Este padrão tem o seu centro principal nos clubes recreativos, que propiciam o exercício de atividades esportivas e o encontro social. Um elemento característico nas vilas é a separação entre os escalões funcionais das atividades de lazer, assim como o que se estabelece nos setores habitacionais. Há, de um modo geral, dois clubes: um para os graduados e outro para o pessoal de nível administrativo e operário (FARAH, 1983 p.70).

De acordo com os mineiros, o único local em que eles podiam descansar, conversar e cumprir seu ritual diário de tomar uma cachaça depois do trabalho no subterrâneo das minas era no “bar do senhor Hoffmann”, também alcunhado pelos mineiros como o “bolicho do papa”. O estabelecimento funcionava desde 1966 com a chegada do proprietário na mina, após um acordo que concedia os direitos de implantar um bar na comunidade. Após a sua

saída das Minas do Camaquã, em 1986, a empresa realizou uma disputa para aquisição e o usufruto do único bar da comunidade, tendo sucesso frente à concorrência o senhor Orozimbo Marques da Silva, que manteve as estruturas e as características do bolicho até o fechamento das minas, em 1996.



Figura 26 - Antigo Bolicho do Papa. A partir de 1986 “bar do Orozimbo”
Fonte: Arquivo da CBC/ Jornal Zero Hora, 28 de março de 1998, p.15.

O local funcionava como o centro de encontro e um meio em que todos os trabalhadores eram igualmente atendidos. Somente frequentavam o bar os denominados “arigós”, o que proporcionava uma oportunidade de lazer e bom convívio entre os mineiros.

Seu destino era um pequeno e agradável bar e armazém de propriedade do senhor Hoffmann, mais conhecido como “Papa”, não que tivesse funções eclesiais, era apenas um apelido. O comércio era atendido alternadamente por ele e por sua esposa e funcionava até tarde da noite. Nele, os moradores do pequeno vilarejo se encontravam para tomar um “trago”, contar histórias, descobrir as novidades e fazer pequenas compras. O senhor Hoffmann vendia mais por sua camaradagem que pelos seus preços. (MARQUES, 1996).

O depoimento do ex-mineiro Humberto Alagia demonstra um retrato mais negativo da realidade encontrada no cotidiano da comunidade, assim como a importância para os mineiros do bolicho, local de encontro após a faina diária diante do cansaço oriundo do trabalho e nos

momentos de folga, que atuava como uma válvula de escape da ociosidade e do marasmo da vila.

Mas outro lazer que tinha, e esse somente ia os mineiros, era o “Bolicho do Papa”. Todo o dia nós saíamos do trabalho, passava lá pra dar uma conversada e bebia uma cachaça, e só depois ia embora dormir. Fora os mineiros, o único de importante da comunidade era um médico, que ia lá porque era pinguço. Mas era sagrado após o trabalho ir ao papa tomar uma cachaça e depois ir pra casa. Porque não tinha muita opção no dia para aliviar o stress. Tinha gente que se suicidou lá nas minas. E, na maioria das vezes, era por falta de perspectiva na situação precária de suas vidas, e era um lugar perfeito pra gente ficar depressivo. Se o cara não se cuidasse, acabava em depressão e às vezes se enforcando (ALAGIA, 12 de set. de 2010).



Figura 27 - Bolicho do Papa.

Fonte: Site visiteminasdocamaqua.com

De acordo com Hobsbawm, o processo de formação de uma identidade entre os trabalhadores está ligado à compreensão das mudanças que afetam o cotidiano dos trabalhadores, as formas de sociabilidade e práticas culturais nas fábricas, bairros e comunidades de trabalhadores, sendo que a cultura dos mineiros de frequentar o “bolicho”, sempre após o trabalho, já era marcante na cultura dos operários do século XIX na Inglaterra.

O clássico bar da classe operária era o local onde os homens apareciam com regularidade, após o trabalho ou após jantarem cedo, para um período mais curto ou mais longo de descanso do trabalho e da vida doméstica. À medida que aumentavam as formas de lazer dos jovens, o “pub” da classe operária tornou-se cada vez mais uma fortaleza para esses homens (HOBSBAWM, 1987, p. 267).

São estes conjuntos de valores socializados de um determinado grupo que abrem novas perspectivas de pesquisa histórica; ocorre, assim, um alargamento nas análises e no

resgate da história, nos quais o cotidiano, a cultura e a busca da identidade destes trabalhadores no meio social em que se encontram são novas fontes a serem exploradas.

Os bares são um importante espaço de sociabilidade desses mineiros. Não é apenas no trabalho que se realiza a experiência social, mas também em locais do usufruto do lazer, como o Cine Rodeio e o “Bolícho do Papa”. É nesses locais que atores que ficam distantes na faina diária se encontram. E também sujeitos que compartilham o trabalho, mas que, quando se encontram nos bares, assumem novos papéis, nos quais as regras e habilidade que formam a hierarquia do trabalho estão menos presentes. Dessa forma, novas regras são colocadas em jogo. Se, nas Minas, alguém pode ser bom mineiro (o forte, o fraco, o sabido, o metido), no bar, cada uma dessas identidades pode ser misturada à do bebedor, do engraçado, do chato, do bom companheiro e do que pede emprestado.

Tais locais de sociabilidade do mundo masculino também eram uma preocupação dos dirigentes da empresa, já que a bebida pode invadir o ambiente ordeiro do trabalho e, somando-se a isto, certa liberdade de trabalhadores solteiros sem ônus de sustentabilidade da família, o que lhe permite gastar o dinheiro com atividade funestas, e esta era outra justificativa para a contratação de trabalhadores casados. Porém, tais ambientes são importantes para a afirmação da valentia e da masculinidade e, para isto, o álcool é imprescindível para que sua masculinidade e honrabilidade não fossem colocadas em dúvida. Dessa forma, a identidade dos mineiros estava ligada à identidade de gênero. Afirma-se isto devido ao fato de que os homens, diante de sua conduta violenta nos bares, estão associados ao reforço da masculinidade dentro da construção da identidade do trabalhador mineiro.

Essas identidades do mundo do lazer devem misturar-se de novo com as do trabalho e ir compondo as malhas das relações sociais e da identidade coletiva. Ao mesmo tempo, é no espaço do lazer que se processam e se conversam experiências do trabalho trazidas do dia. Dessa forma, as formações das identidades nas Minas do Camaquã se estruturam em torno do trabalho nas minas, porém se externam do interior das galerias e também se estabelecem em espaços de sociabilidade criados na comunidade e que refletem as identidades sociais.

3 TRABALHO E COTIDIANO

3.1 Memória e cotidiano

O trabalho em torno dos espaços edificados, das identidades culturais e do cotidiano dos trabalhadores e demais moradores das Minas do Camaquã só é possível mediante uma reconstrução chamada memória. A partir do resgate da memória individual, se cria uma gama de possibilidades para ampliar a pesquisa e desenvolver uma memória coletiva, já que esta se funde com a memória pessoal. No presente caso, tal análise especifica-se em explorar a memória dos trabalhadores das Minas do Camaquã, localizada em Caçapava do sul, Rio Grande do sul.

Acredita-se que a memória, seja ela analisada individualmente ou coletivamente através do intercruzamento de informações obtidas nas entrevistas pelo historiador, possui uma grande diversidade de fontes informativas, já que o entrevistado relata não somente fatos históricos que marcaram sua passagem pelo tema em questão, como também revela as aflições, os momentos felizes, as opiniões e pontos de vista sobre determinado fato que, muitas vezes, diverge das opiniões de outros mineiros, gerando a possibilidade de ampliação de pesquisas e análises do historiador sobre o tema pesquisado.

A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte das perspectivas de futuro, de utopia, de consciências do passado e de sofrimentos. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger a totalidade do passado num determinado corte temporal (TEDESCO, 2002, p. 146).

A cultura dos mineiros, assim como a dos engenheiros, já que se passa a explorar os espaços construídos por ambos os grupos sociais das Minas do Camaquã, pode ser considerada como um instrumento de transmissão da experiência coletiva e, conseqüentemente, como uma representação da sua identidade, já que o cotidiano desses trabalhadores está repleto de simbologias como foi denotado anteriormente. O resgate memorialístico, entretanto, deve ser realizado com um recorte temporal que possibilite ao entrevistado transmitir informações consistentes, que não tenham sofrido desgaste temporal, o qual, devido ao fator “esquecimento”, causa distorções nas informações sobre o tema.

É claro que, no papel de historiador, não conseguiu-se captar as reações e opiniões diante dos acontecimentos tal qual como aconteceram na época, já que, naquele período, o mineiro poderia ter uma posição mais conservadora com relação à atuação da empresa

mineradora (uma opinião que não o prejudicasse no trabalho, pois estava condicionado e sabia que era apenas um funcionário dependente economicamente da empresa).

Dessa forma, resgatando sua memória hoje e indagando seu ponto de vista sobre a mesma medida tomada pela empresa na época, sua opinião pode ser outra, pois atualmente a maioria dos mineiros e engenheiros entrevistados possui outra atividade profissional e não depende economicamente da empresa como naquele período. Sem mencionar o fato de que, com o decorrer do tempo, os trabalhadores refletiram sobre os acontecimentos, elaborando outro posicionamento diante do ocorrido, seja ele mais conservador e conformado ou mais rebelde e crítico.

Não podemos reunir em um único painel a totalidade dos eventos passados a não ser retirando-os da memória dos grupos que guardavam sua lembrança, cortando as amarras pelas quais eles participavam da vida psicológica dos ambientes sociais em que ocorreram, deles não reter apenas o esquema cronológico e espacial. Não se trata mais de revivê-los em sua realidade, mas de recolocá-los nos contextos em que a história dispõe os acontecimentos, contextos esses que permanecem exteriores aos grupos, e defini-los cotejando uns com os outros (HALBWACHS, 2006, p.28).

No caso dos mineiros, é uma profissão que se perdeu no tempo e, conseqüentemente, gera um saudosismo que fica evidente nos discursos. No papel de historiador, deve-se ter cuidados ao trabalhar com estes resgates memorialísticos, pois os depoimentos estão recheados de aspectos positivos que tentam revalorizar situações do cotidiano mineiro que foram esquecidas na história, deixando de lado, em alguns casos, fatores negativos que os prejudicaram os presentes nas suas vivências na comunidade. Mas vale lembrar que o que o mineiro relata nas entrevistas se refere à sua vida e, sem dúvida alguma, o que será rememorado na maior parte do tempo são aspectos que valorizem sua trajetória vivida.

As memórias individuais se configuram em pontos de vista sobre a memória coletiva, como ressalta Halbwachs (2006). Afinal, são indivíduos que narram baseados em elementos portadores de sentido para si e para o coletivo do qual fazem parte. Aliás, o mesmo autor resalta que as memórias só permanecem enquanto tem sentido. A memória coletiva, ainda segundo Halbwachs (2006), confere o atributo de atividade natural, espontânea, desinteressada e seletiva, que guarda do passado apenas o que possa ser útil para que possa criar um elo entre o presente e o passado, ao contrário da história, que possui um processo interessado, político e, portanto, manipulador. A memória coletiva, sendo, sobretudo, oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas; já a história é uma atividade de escrita, organizando e unificando uma totalidade, sistematizando as diferenças e lacunas. Enfim, a história começa seu percurso justamente no ponto onde se detém a memória coletiva.

Para o historiador, a tarefa árdua de chegar a uma memória de difícil acesso é alcunhada de “involuntária”, já que a denominada de memória “voluntária” ou consciente é de fácil acesso e trabalhada frequentemente com esta. Também pode-se afirmar, de acordo com Seixas (2001), que a memória voluntária não atinge o pleno estatuto da memória, pois ela configura uma memória menor, corriqueira e superficial, pois está atrelada a repetição massiva e mecânica do cotidiano da vida.

A memória involuntária não é acessada pelo indivíduo conscientemente, principalmente porque, na maioria dos casos, está ligada diretamente a traumas e experiências extremamente emotivas. São apenas lapsos de lembranças momentâneas. Esta é aquela que não está presente no hábito do dia a dia e que rompe com uma memória superficial e cria um esforço de buscar as lacunas a serem entrelaçadas e construídas. Como historiador, deve-se elaborar estratégias de alcançá-las na memória do entrevistado. Para causar um processo de rememoração, é importante fazer com que o sujeito vivencie novamente o momento por qual passou, para que elabore um caminho que aqueça novamente suas vivências.

A memória da pessoa está ligada à memória do grupo. Porém, há muitas memórias coletivas, pois em seu desenvolvimento contínuo não há linhas de separação nitidamente traçadas, mas somente limites irregulares e incertos. A memória da sociedade estende-se até a sobrevivência dos grupos dos quais é composta. Quando os grupos que guardavam as lembranças desaparecerem, essa memória também é extinta.

O tempo não pode ser capturado em conceito. No entanto, todas essas operações dos sentidos, mesmo que contidas no passado, parecem resplandecer e ganhar vida por meio da memória, seja ela uma forma de reviver as lembranças, seja como fruto da imaginação criadora que se encarrega de fazer estremecer com as impressões provocadas na alma.

3.2 Nunca se sabe se vai voltar

Em todo e qualquer empreendimento, principalmente no setor de extração mineral, o setor de segurança possui grande importância na questão da preservação física do seu quadro de funcionários. A integridade física e psicológica dos trabalhadores é uma variável que necessita ser atendida neste meio empreendedor. Em áreas de mineração, nas quais a natureza do trabalho apresenta-se de forma pesada, as atividades são desempenhadas, em sua maioria, com o emprego de máquinas adaptadas a severas condições de trabalho, fato que exige muito do esforço humano. Mas nenhuma atividade nestas áreas supera, em grau de dificuldade, o trabalho árduo dos mineiros no subsolo.

Muitos dos trabalhadores das minas, principalmente os mineiros, possuíam em comum a experiência da solidariedade construída no trabalho, que o dia a dia vai tecendo, auxiliando a suportar os medos e inseguranças, naturalmente provocados pela permanência de horas e horas em um ambiente escuro e confinado, enfim, um ambiente inóspito. Talvez tenham compartilhado também do orgulho de terem sido mineiros.

Nos primeiros momentos das entrevistas feitas com os mineiros, a fim de obter algumas informações sobre como funcionava o seu cotidiano durante o trabalho no interior das galerias, perguntou-se a eles se havia uma coesão da classe dos mineiros para conseguirem lucros na exploração do minério de cobre ou se existia algum tipo de concorrência entre os trabalhadores dentro da categoria, que marcaria um individualismo concorrente para aquisição máxima de lucro, sem pensar na coletividade (fatores que permeiam a sociedade contemporânea). Veja-se o relato do mineiro Virgílio Ramos Dias:

Quem podia mais chorava menos, mas é claro que a maioria era unida. Mas naquela época quem trabalhava mais ganhava mais; por exemplo, se eu colocasse 200 caçambas ganhava tanto, se eu botasse 250 ganhava mais (DIAS, 16 de abr. de 2009).

Nota-se, através do relato, que apesar de existirem laços de solidariedade, amizade e ajuda mútua na proteção contra os perigos das minas, bem como as características de convívio em comum que os levam à formação de uma identidade, havia uma concorrência no trabalho entre os mineiros, devido à busca insaciável da aquisição de uma maior remuneração que promovesse uma ascensão social. Assim, a competitividade e a disputa por uma posição social privilegiada (que encharca a sociedade atual) também estavam presentes nas relações sociais entre os mineiros. Entretanto, isso não gerava atritos suficientemente fortes que rompessem laços de solidariedade e de amizade entre os trabalhadores ou que os impedissem de estabelecer uma coesão de classe e a formação de uma identidade em comum.

O que afirma-se é que a competitividade existente no trabalho dos mineiros não afetava suas relações e vínculo social. A disputa era em torno de uma possibilidade de ascensão social: quem explorasse uma maior quantidade de cobre obteria uma maior remuneração no final do mês; porém, ao mesmo tempo, para conseguir um maior salário mensal, a empresa não reduziria o pagamento de outro mineiro para acrescentar no do trabalhador que saiu beneficiado. Diante disto, a “disputa” entre os mineiros era para conseguir um maior poder aquisitivo oriundo dos cofres da empresa e não para ter vantagens

sobre seu companheiro de trabalho. A concorrência existente era focada entre os mineiros para ver quem obteria vantagens que gerassem oportunidade de ascensão social.

Porém, no contraponto desta “disputa” no interior da categoria dos mineiros, ratifica-se a existência de uma coesão de classe mesmo neste meio competitivo: os trabalhadores se uniam para estabelecer reclamações contra o excesso de trabalho requerido pelos engenheiros estrangeiros, que vinham em períodos em que a empresa necessitava de novas técnicas de exploração do subsolo (para que se intensificasse a obtenção do minério de cobre).

Na medida em que os estrangeiros aumentavam a carga horária de trabalho nos turnos dos mineiros, esses se uniam para levar reclamações à direção da empresa sobre o excesso de trabalho imposto, como cita o relato do mineiro Virgílio Ramos Dias, entrevistado sobre a relação com os engenheiros estrangeiros:

Quando chegavam os engenheiros estrangeiros, principalmente os chilenos, eu discutia com eles (...) porque eu tinha um ajudante e o furador, aí os chilenos chegaram e tiraram os ajudantes, disseram que cada um tinha sua função e que aquilo era muita mordomia. Por isso nós se unia para reclamar contra eles porque na verdade o que eles queriam fazer com nós era a escravidão. Daí numa reunião eu falei pro doutor Navati, que de 30 furador, tirando os ajudante, no final do mês ia sobrar uns 15, porque iam se arrebentar tudo forcejando, como é que iam andar com um martelo de 60 Kg e uma coroa de 30 Kg e forcejar sozinho. Eu lembro dos engenheiros chilenos um era o Vitor Purro Chave, e o outro era o Elias Pizarro, eram práticos no serviço, mas eles queriam mesmo era escravizar o pessoal. (DIAS, 16 de abr. de 2009).

É inegável a existência de atritos entre os mineiros e engenheiros dentro da empresa mineradora, sendo que, além de gerar disputas e problemas particulares entre os funcionários, tais atritos também interferiam na produção. A dificuldade dos mineiros na comunicação e no entendimento das informações passadas pelos engenheiros estrangeiros levava ao atraso na exploração do minério, como relata o funcionário da empresa, Santo Gelsi Moreira, quando questionado sobre a relação que possuía com os engenheiros vindos do exterior:

Pra falar com ele, tinha um intérprete. Então o cara andava sempre junto com ele. Mas teve um sueco, que não se entendia nada, nada, nada....Dava uma raiva. Já os chilenos e espanhóis entendiam um pouco o brasileiro. Mas nós não conversava muito com os engenheiros. Ninguém se dava bem com os engenheiros, nem entre eles, porque sempre um dizia que sabia mais que o outro. A mina era uma coisa muito separatista, engenheiro com engenheiro e mineiro com mineiro. Funcionários pequenos com os pequenos. (MOREIRA, 18 de abr. 2009).

Dessa forma, tais discrepâncias sociais possibilitavam a existência de uma consciência de classe entre os mineiros, pois a solidariedade, o espaço físico, lazer, estilo de vida e as identificações em comum acarretam na formação de uma consciência que almeja um

tratamento mais justo e igualitário. Eles entendem sua importância no processo. Tais evidências serão demonstradas no último capítulo.

A situação de trabalho a qual os mineiros estavam condicionados também foi objeto de estudo na pesquisa, principalmente porque, quando se referimos à classe dos mineiros, giram em torno dela diversas formas de perigo no subterrâneo. Coloca-se, portanto, em evidência, na pesquisa, as condições de trabalho encontradas pelos trabalhadores das Minas do Camaquã. A partir das entrevistas coletadas sobre o tema, identificou-se que os trabalhadores eram extremamente despreparados para evitar acidentes e, como na maioria das minas exploratórias, as Minas do Camaquã também era um risco de vida para os mineiros, que diariamente não viam a luz do dia no interior das galerias. As lembranças que geram temor, pesadelos e calafrios até hoje a todos os mineiros servem como um alicerce na pesquisa para ratificar a periculosidade e a precariedade da segurança. O mineiro Virgílio Ramos Dias relata:

No início, eu tinha muito medo, o lugar era escuro, tinha muita fumaça, muito barulho. E isso hoje me faz sonhar e lembrar de muitas coisas. Às vezes eu sonho que caí nas minas e que retirei um amigo morto lá debaixo. (DIAS, 16 de abr. de 2009).

Quando em seu depoimento, o mineiro se emociona e fica segundos em silêncio e passa a mão no rosto para encontrar uma lágrima que escapa, o pesquisador fica em silêncio, respeitando sua emoção e seu silêncio. Apesar da precariedade das condições de trabalho, dos perigos e perdas de companheiros, para a maioria a saudade está vinculada à lembrança dos amigos e da rede de sociabilidade tecida em torno da mina, assim como é essa memória que perpetua a identidade e a noção de pertencimento a uma comunidade.

A empresa mineradora tinha um órgão responsável para estabelecer e fornecer aos mineiros instruções de segurança, equipamentos e funcionários específicos para executar sessões de vigília, visando evitar acidentes de trabalho. Porém, era alto o nível de perigo encontrado no subterrâneo das minas: explosões para desmonte da pedra bruta (que facilitavam a exploração do cobre), desabamentos e falta de informações de segurança. A partir da década de 1980, houve a modernização dos equipamentos de trabalho da empresa mineradora.

Acidente deu muito. Eu assisti acidente de apavorar. Se fosse por medo eu não baixava mais para mina. Uma vez eles foram botar umas pedras nas caçambas para encher uma vagoneta e derrubaram em cima de uns explosivos e detonou tudo. Explodiu tudo ali e morreu uns dois ou três, eu lembro que um atorou as pernas dele.

Porque fui eu e mais dois para socorrer e ficaram só os nervos e a roupa aparecendo, aí nós o tiremos ainda vivo, mas depois morreu. Outro ficou cego, outro perdeu as pernas e os braços também, quem tava meio perto pegou. Não. Eu nunca tive medo. Eu nunca me apavorei de ver isso. Uma vez mesmo, caiu uma pedra em cima de um lá, e ficaram só as botas de fora. Aí, tiraram a pedra de cima dele, mas quando foram tirar sobraram só os farelinhos e tiraram em uma caixinha de papel para fora da mina. Depois, outra vez, os caras desciam a mina em uma gaiola. E uns dez caras entraram na gaiola e pediram pra baixar, e o cara se confundiu quando deu o sinal e subiu, e quando ela quis bater no teto, uns se atiraram, outros se agarraram, e um se atirou ao poço abaixo, uns 300 metros de fundura. Tinha no caminho um ferro atravessado, ele bateu e partiu ele no meio, aí depois nós descemos e ficamos as tripas dele, os braços e o resto foram tudo para o fundo do poço. Outra vez tinha uns caras que puxavam na mina, eram particulares, e tinha uma rampinha, os caras estavam esperando ali para carregar as caçambas que levavam o minério. Aí, descendo por uma rampinha, quando foram olhar, o cara baixou a cabeça para olhar pra baixo do poço uma equipe venho de cima e esmagou a cabeça dele contra uma viga quadrada. Mas não morreu, só esbugalhou a cabeça e ficou com os olhos meio cumpridos (PORTO, 17 de abr. 2009).

É sintomático afirmar a perplexidade do entrevistador ao escutar os termos usados para exemplificar e transmitir como aconteciam os acidentes no interior das minas. Enquanto muitos mineiros são refratários ao tratar sobre o assunto, diante de seu temor frente a mais variadas atrocidades acidentais que vivenciaram nas galerias subterrâneas, o entrevistado expressa seu depoimento de forma eloquente e sem pausas emotivas ao se referir da perda de colegas e minuciosamente o passo a passo do horror frequente nos acidentes. Embora, vale lembrar, que o mineiro afirmou que em todos os acidentes presenciados não estiveram envolvidos seus amigos e companheiros. Isto, de certa forma, tenta explicar a naturalidade e racionalidade que narra os acidentes.

Apenas em um impulso de seu discurso, citado acima, o mineiro relata cinco acidentes e inúmeras mortes, sendo que estas são tratadas como aspectos banais do seu cotidiano. Tem-se a impressão que para o mineiro, estes episódios não são considerados mais acidentes ou fatalidades, mas fazem parte do dia a dia e estão atrelados à profissão de mineiro, pois a escolha profissional acarreta em aceitar a periculosidade do trabalho e colocar a vida em risco. Devido a isto, o mineiro não pode ter medo. A sua proteção no interior das galerias não se restringe a um aparato de segurança, também se apoia na sorte e na protetora Santa Bárbara, assunto que será trabalhado posteriormente.

A exacerbação e crença em sua heroicidade também estão claras no discurso dos mineiros, pois toda vez que são relatados os acidentes com termos brutais como, por exemplo, “lembro que um atorou as pernas dele”, “sobraram só os farelinhos e tiraram em uma caixinha de papel”, “partiu ele no meio, só esbugalhou a cabeça e ficou com os olhos meio cumpridos”, o mineiro afirmava, “mas eu não tinha medo”; será a coragem do mineiro expressa de uma forma natural e verdadeira ou a construção da identidade heroica do mineiro? Logo abaixo,

analisando outro discurso do mesmo mineiro, este narra de uma forma mais branda, agradecida e sem um fardo para a vida inteira de não ter passado por momentos mais difíceis no interior das minas.

O mesmo mineiro citado acima e também outros trabalhadores entrevistados relatam que passaram por riscos de acidentes ou que presenciaram o fato. Porém, a ocorrência de acidentes já era encarada pelos trabalhadores com uma normalidade no seu cotidiano de trabalho. Eles sabiam que, ao descer pelo elevador ou através dos caminhões “Euclides”, eles estariam correndo o perigo de não mais retornar.

Sim, eu vi muitos acidentes e sofri acidentes. Uma vez, fui averiguar por que um setor da mina não detonava daí me caiu uma pedra na cabeça, e fiquei desacordado uns 15 minutos, mas isso não foi nada, o problema era se eu caísse pra baixo, no meio de todas aquelas madeiras. (DIAS, 16 de abr. de 2009).

Sim, presenciei uma vez de uma pedra cair em cima de um trabalhador e matou na hora. Porque as galerias tinham vários andares, e tinha um elevador que descia o pessoal e a rampa que descia os carros. Cada nível daqueles era cheio de galerias. então se você andava na mina e visse uma terrinha caindo, você podia correr. Então tinha que ter muito cuidado e seguir as regras de segurança. Eu fiz parte do Sistema de Prevenção de Acidentes (SIPA) e eu te digo assim, não protegia muito os mineiros, porque a gente nunca sabia onde e quando ia acontecer um acidente. Então eu não salvei muitas pessoas de morrerem acidentadas, e quando eu via algum perigo nas minas eu levava para a chefia nas reuniões. (MOREIRA, 18 de abr. 2009).

(...) a gente se acostumava, e graças a Deus eu fui de bastante sorte que nunca perdi um amigo de serviço durante o tempo de serviço que eu estive lá. Que nos outros turnos a gente sabe que perdiam colegas ou vizinhos conhecidos da gente né? Eu graças a Deus eu tive sorte que no meu horário nunca perdi um colega. Eu assisti bastante gente com acidente grave, perdendo vista. Inclusive eu atorei um dedo, numa máquina quando eu estava trabalhando. (PORTO, 17 de abr. 2009).

A análise dos dados coletados identificou uma grande coesão de opiniões entre os mineiros com relação à situação de precariedade em que se encontrava a segurança destinada aos funcionários das minas. É bom salientar aqui que a profissão de minerador já está atrelada aos riscos de acidente. Nenhum mineiro estava imune a isso, porém os sinais evidenciados pelos trabalhadores em suas entrevistas com relação à falta de investimentos em setores de segurança serviram como um agravante para o aumento no número de vítimas dessas fatalidades. Salienta-se que, em determinados momentos do trabalho, como este, por exemplo, acredita-se ser preferível deixar o depoimento dos mineiros falarem por si só, pois somente eles que vivenciaram a periculosidade e o temor de estar a uma extrema profundidade abaixo da terra têm as palavras certas para representar o drama que passaram. Dessa maneira, por não se posicionar em determinados trechos do texto que contêm os depoimentos dos mineiros

referente a questão de acidentes nas minas, acontece de não saber transmitir com tamanho sentimentalismo e dura realidade como fazem estes profissionais.

Os depoimentos dos mineiros usam palavras fortes no discurso, pois está sendo extraído do mineiro, através de seus relatos, sua frustração e tristeza com tais tragédias. Ele expõe-se a dor, que teima em desmentir a ideia de valentia, heroísmo e mito de invulnerável ao enfrentar as galerias. O mineiro é cotidianamente jogado ao gigantismo e a periculosidade das minas por decisões políticas e econômicas de empresas e governos que determinam sua existência ou extinção como profissional.

O real perigo de acidentes no trabalho que, na consciência dos mineiros, era devido também à falta de proteção fornecida pela empresa, desenvolvia um posicionamento crítico do trabalhador contra a despreocupação dos altos funcionários e chefes com relação ao tema, o que, de certa forma agravava ainda mais a consciência de classe nos mineiros.

(...) eram precárias e perigosíssimas, nós usávamos um lampião e muitas vezes entupia de água e carbureto, aí ou dava pressão demais ou de menos apagando a luz, e as vezes incendiava ainda. Quanto aos equipamentos usados, no começo era só o capacete e a bota de borracha, depois que começaram a usar a máscara e o protetor de ouvido, mas isso a partir de 1980 em diante. Mas eu sofri, porque eu trabalhava no fundo do poço, e lá tinha muito barulho, tanto que hoje escuto zunidos (DIAS, 16 de abr. de 2009).

No começo não tinha equipamentos adequados para trabalhar nas galerias. A mina não era muito ventilada para as chaminés nas galerias. Aí, depois que se modernizou com equipamentos de primeiro mundo, começava a ventilar mais a mina. Porque na mina, quando tinha as detonações vinha aquele cheiro e fumaça de explosivo mais a poeira das máquinas que trabalhavam lá. Então, havia máquinas enormes, e a gente tinha medo porque não enxergava nada, só as sinaleiras, o resto era poeira, então nós tínhamos que ter equipamentos de proteção, capacete, máscara, a bota de borracha com palmilha pra não pisar em materiais pontiagudos. Também tinha aquele risco de ocorrer uma detonação e ficar algum explosivo negado, e a pessoa podia chegar lá e bater e detonar e matar muitas pessoas. Então a mina era uma área de risco muito grande (MOREIRA, 18 de abr 2009).

É importante salientar aqui que o intenso trabalho nas minas gerou problemas de saúde aos mineiros em longo prazo, ou seja, os problemas de saúde surgidos na exploração das minas não se restringiram apenas a prejudicar os trabalhadores na época; estão presentes até hoje, principalmente devido à poeira interna espalhada após a britagem da pedra bruta. O pó era perigoso para os pulmões e poderia chegar ao ponto de causar silicose que, no caso, é a principal doença que afeta os mineiros atualmente, quando se fala em escoriações da exploração.

Apesar da segurança existente desde a época do Pignatari, isso não impediu a exposição à sílica. Nós tivemos vários mineiros que contraíram a silicose. Porque no

ambiente de trabalho se usa um instrumento chamado de jumbo. É um material que tem braços mecânicos que tem uma inclinação para furar pedras e fazer a frente de trabalho. E na frente de trabalho era muito quente, e os trabalhadores tinham que usar uma máscara de proteção para evitar a poeira, então tinha muitos trabalhadores que não se preocupavam com isso e não usavam devido ao calor (RODRIGUES, 3 de set, 2011).

Como relatado, existiam vários perigos neste tipo de atividade. Um dos entrevistados teria vivenciado diversas situações relacionadas à saúde e acidentes dos funcionários: “Todos os dias tinha algum acidente”. As detonações com bananas de dinamite para abrir novas galerias no subterrâneo das minas causavam sérios efeitos. A grande quantidade de fumaça, liberada pelas detonações, combinada com a constante poeira em suspensão, acarretou em sérios problemas respiratórios, como a silicose, citada anteriormente.

A reportagem publicada no jornal Zero Hora se refere à periculosidade da profissão dos mineiros, tanto no trabalho manual e britagem nas galerias subterrâneas ou nas detonações na mina a céu aberto. Independentemente de como o mineiro vai executar a exploração do minério, a atividade sempre esta atrelada à atividades que exigem concentração e calma em ambientes inóspitos, quando qualquer erro pode acarretar em consequências graves, já que a linha que separa o êxito na detonação de uma pedra bruta e a morte é muito tênue. O conteúdo da reportagem também relata o cotidiano dos mineiros Pantaleão Gonçalves e Darci Alves Bittencourt, desde sua chegada à empresa, suas atividades nas minas, o orgulho e seu agradecimento aos trabalhos executados pela CBC, a surpresa do encerramento das atividades e o saudosismo dos mesmos do período que vivenciaram dentro da comunidade mineira. Volpato (1984, p. 61) afirma, “O mineiro convive com este ambiente de risco à vida, à saúde e a integridade corporal. E por isso, ele guarda uma memória social e histórica dos acidentes.”

GERAL

Detonador arriscava-se por hora extra

As mãos do mineiro aposentado Pantaleão Gonçalves, 55 anos, conhecem as rochas das Minas do Camaquã como poucos. Entre os dedos de Gonçalves, passavam os explosivos para vencer as pedras em busca do cobre. Com a mesma firmeza usada para detonar as rochas, agora o velho mineiro segura a Carteira de Trabalho. No documento, Gonçalves guarda a prova de seu maior orgulho: na CBC até a última turma de mineração. Para o detonador, ter pertencido ao grupo que encerrou a exploração das minas significa trabalho cumprido.

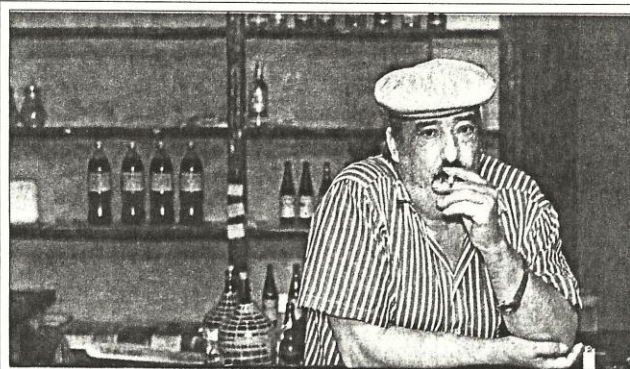
Analfabeto, Gonçalves garantia um bom salário ao arriscar-se na mina a céu aberto a partir de 1980. O homem vindo do campo entrou como ajudante, mas em seguida tornou-se detonador de explosivos. Quando a exploração cessou, o mineiro não ficou com medo de enfrentar os túneis de mais de 500 metros de profundidade da mina subterrânea. Enquanto colegas temiam a escuridão, Gonçalves preferia o subterrâneo para se livrar da chuva e do sol forte. Chegou a somar 200 horas de trabalho por mês em busca de dinheiro extra. "Na época, o melhor emprego da região era na CBC", afirma o aposentado, que nunca recebeu um salário com atraso.

Gonçalves é um dos poucos mineiros remanescentes que não pegaram a estrada. Preferiu ficar no pacato vilarejo e tentar comprar da CBC a casa em que reside. Como os colegas, sempre acreditou na imponência da companhia até que recebeu um comunicado de dispensa. "Ninguém imaginava que os boatos sobre a falência da empresa pudessem ser verdade", diz. Hoje, ele conta sentir falta principalmente do barulho dos ônibus e da algazarra na troca de turnos dos funcionários.

O mineiro aposentado Darci Alves Bittencourt, 49 anos, também resiste com a família em Minas do Camaquã, mas não sabe por quanto tempo. Bittencourt não quer abrir mão da tranquilidade do vilarejo, mas o futuro dos cinco filhos o empurra para a cidade. "Tenho vontade de ficar, mas não há emprego", diz. "É triste ver as pessoas sumirem das ruas." Sem conhecer cinema e sem nunca ter ido a uma boate, o filho do aposentado Joceli Bittencourt, 18 anos, gasta o tempo com pequenos biscates. Nos planos do jovem, está terminar o 2º Grau para sair em busca de trabalho em outro lugar. "Queria ser mineiro, mas vou ter de ir embora", lamenta o garoto.



Trabalho cumprido: Pantaleão Gonçalves trocava a chuva e o sol forte por aventuras subterrâneas



Agonia atrás do balcão

A disputa acirrada entre 10 comerciantes pelo direito de exploração do único bar em Minas do Camaquã revelava o negócio promissor. Era 1986, e Orozimbo Marques da Silva, 64 anos, sonhou com cifrões quando superou os adversários e se mudou para o vilarejo. Os fregueses não davam sossego a Silva. O bar, sempre lotado, vendia de tudo e o comerciante até abriu um pequeno restaurante para os funcionários da CBC. Hoje, as vendas se resumem a poucos refrigerantes e aperitivos. O restaurante permanece fechado desde 1996, quando a mina foi interrompida.

Clube fechou as portas com fim das minas

O esplendor das noites no Clube Minas do Camaquã permanece apenas na memória dos antigos moradores do vilarejo, no interior de Caçapava do Sul, no centro do Estado. O local que no auge da mineração de cobre recebia animados dançarinos se transformou, com a extinção da atividade mineradora, em 1996, em um cenário de abandono. A piscina, a sauna, as quadras de esporte, os bares, as churrasqueiras, os salões e o prédio histórico do século passado — sede social da entidade — foram esquecidos depois que o fechamento das minas e o desemprego afugentaram os sócios para outras partes do Rio Grande do Sul. Testemunha da agitação social durante décadas, o clube fechou as portas há dois anos e encerrou a vida noturna do vilarejo distante 20 quilômetros de Caçapava do Sul.

A decadência da mineração chegou aos poucos ao Clube Minas do Camaquã, de propriedade da CBC. Nos últimos anos de funcionamento, a infra-estrutura da entidade social não chegava a atrair mais de cinco pessoas por dia. Com a interrupção dos trabalhos nas minas, as famílias partiram do vilarejo e o clube foi perdendo os sócios, até que sua manutenção econômica se tornou inviável. A entidade que reunia famílias de funcionários à beira da piscina foi invadida pelo silêncio desolador dos prédios abandonados. Os churrascos e os bailes, que durante décadas atraíam centenas de pessoas, perderam pouco a pouco os frequentadores e determinaram a paralisação das atividades sociais.

Colocado à venda, junto com o patrimônio da CBC, o clube também sofre com as depredações. "Os jovens disputavam cada espaço dessa piscina", recorda, saudosos, José Antônio Maciel Vieira, 40 anos, tesoureiro da última diretoria, dentro de uma piscina suja com vários azulejos quebrados. Hoje, o lugar nem lembra a agitação dos encontros de altos funcionários da empresa nos finais de tarde. O mato crescido e a falta de manutenção no prédio erguido por antigos fazendeiros em 1880 tornam o cenário irreconhecível para o ex-tesoureiro. "Dá vontade de chorar quando vejo o abandono do local que movimentava o vilarejo", afirma Antonio Vieira, demitido da CBC depois de 17 anos de empresa.

Rua: Félix da Cunha, nº 1382 - Fone (055) 281 - 1666 - Fax (055) 281 - 1037 - Caçapava do Sul

Outro problema que os mineiros adquiriam em virtude das explosões estava relacionado à audição, podendo se somar ainda a questão do som constante das máquinas em funcionamento. Isto fica evidente nos depoimentos dos mineiros: “quando íamos para casa descansar, ficávamos ouvindo o som das máquinas... existia sempre aquele zunido nos ouvidos”, relatou o entrevistado, em comum acordo com os depoimentos dos demais trabalhadores. Outro problema descrito seria sobre o uso dos lampiões a carbureto, que eram usados no subsolo. Como relata o mineiro Virgílio Ramos Dias, “certa vez um colega perdeu uma mão devido à explosão deste em suas mãos”.

Também buscou-se informações quanto aos direitos trabalhistas dos mineiros, se a empresa mineradora garantia aos funcionários os seus direitos como trabalhadores legalizados e se estavam recebendo o que lhes pertencia de direito: acesso ao sistema de saúde em caso de acidentes ou problemas diários de cuidado com a família; carga horária que respeitasse o limite de trabalho dos mineiros e não se caracterizasse como exploração; salários pagos em dia; ou seja, desejava-se saber se a empresa se preocupava com o trabalhador, concedendo assistência no cumprimento dos direitos dos trabalhadores.

Bem capaz, o que os donos queriam era resultado no trabalho, nós não era nada para eles. Mas nós possuíamos sim direitos, se eu tava doente tinha atestado e a ficha de acidente que comprovava, mas se o cara tirasse atestado por que estava cansado, eles não aceitavam (DIAS, 16 de abr. de 2009).

O relato do mineiro acima, que demonstra o caráter perigoso do trabalho (gerador de alto estresse físico e psicológico), esclarece outro ponto de conflito de interesses de classes, em que os mineiros pareciam entender que tinham o direito de se licenciar do trabalho por motivo de cansaço o que, nesse caso, não era aceito pelos patrões. A declaração demarca a existência de um limite de exploração aceito pelos mineiros, que gerava a insatisfação dos mesmos com tal situação de exploração.

Embora existam opiniões contrárias a da maioria dos mineiros, como de fato ocorreu, o mineiro Antonio Rodrigues afirma que a maioria dos casos de acidentes ocorreu devido ao trabalhador não cumprir as regras de segurança impostas pela empresa. Apesar da fiscalização existir, ela se tornava inexecutável ao tentar impedir o trabalho sem os aparatos de segurança. A este respeito, deve-se acrescentar a formação, também nos anos 1980, do Sistema de Prevenção de Acidentes (SIPA). “Existiam membros da SIPA por todos os lados”, relatou o entrevistado Antonio Celso Rodrigues. Para fazer parte deste órgão, existiam eleições e cada setor escolhia quem fosse representá-lo. Deve-se dizer, ainda, que o

treinamento das pessoas envolvidas na SIPA ficava por conta do SENAI. Porém, cabe aqui informar que o mesmo mineiro que efetuou o relato participava na época da direção da SIPA.

Mas existia um trabalho de orientação de proteção aos trabalhadores e até havia alguns que eram punidos por não usar equipamentos. Mas a CBC sempre cumpriu com as normas de segurança e proteção ao trabalhador até depois da privatização. As perdas que ocorreram foram por fatalidades e por negligência do trabalhador (RODRIGUES, 3 de set, 2011).

Conforme as fontes estudadas, as Minas do Camaquã encontravam-se no parâmetro da maioria das empresas, ao menos das mineradoras do Brasil na época. A semelhança entre o estabelecimento de aparatos de segurança entre as empresas mineradoras é tamanha que se constatou que a efetivação de tais estruturas de proteção ao trabalhador das minas subterrâneas pelas empresas se deram no mesmo contexto, isto tudo devido à implantação de uma legislação pela Segurança do Trabalho nas minas do Brasil, em geral, que passou a ser praticada e efetivada nas empresas mineradoras somente depois da obrigatoriedade imposta pela lei, em 1978.

O Brasil já esteve entre os campeões de acidente de trabalho, tudo em virtude do desperdício que caracterizou a segurança do trabalho por vários anos, onde os profissionais existiam apenas por disposição da lei e não por opção da empresa. Em discussão desde os anos 1940, somente em 1978, através da Portaria nº 3214, a segurança do trabalho começou a vigorar (SESMT- Serviço especializado em Segurança e Medicina do Trabalho). O discurso de que a segurança dá retorno ao empresário era propalado aos quatro ventos. No entanto, não parece ser (e não deveria ser) esta a única razão pela qual o empregador incentive o empregado a ter sua saúde ou sua vida perfeitamente protegidas. Em repetidas oportunidades, constatamos que o engenheiro de segurança pouco cuidava da segurança do trabalho, mas por determinação da empresa, dedicava-se a segurança patrimonial e outras atividades indigestas. (GESTÃOESCH, 2008).

A carga horária de trabalho nas Minas do Camaquã era executada de forma intensiva, dividida em turnos sem pausas nas atividades da empresa. Diante da grande mão de obra disponível, a empresa fazia o uso de turnos rotativos para não cessar a exploração das minas durante 24 horas. Os turnos eram divididos e estruturados para encaixar os mineiros no trabalho intercalado da seguinte forma: das 6 às 14 horas, das 14 às 22 horas e das 22 às 6 horas. Cada mineiro trabalhava durante um turno completo de seis horas, mas eram somadas algumas horas extras de trabalho, o que aumentava a remuneração dos trabalhadores no final do mês. Destaca-se aqui que as atividades extras de trabalho eram executadas de acordo com os interesses dos mineiros, como denotam as entrevistas abaixo, em que o primeiro mineiro prefere executar um turno e duas horas a mais e usufruir de sua cachaca após a faina diária,

enquanto o segundo executava um maior número de horas extras de trabalho para obter uma maior remuneração salarial.

Nós trabalhávamos três turnos, das 6 horas às 14 horas, das 14 às 22 horas, e das 22 às 6 horas. Escolhia dois, sobrava um, sendo assim nós tinha tempo para lazer, nós não trabalhava os dois turnos inteiros, eram umas 8 horas de trabalho e depois ia dormir e beber cachaça barata nos bares (DIAS, 16 de abr. de 2009).

Eu trabalhava em turno de seis horas. Mas tinha muita hora extra. Eu cheguei a trabalhar no tempo que tinha um uruguaio, umas 13 horas por dia. Mas também quando me aposentei rendeu. Aí, os caras me perguntam: como é que você ficou ganhando tanto? Porque nem os encarregados e os capatazes gerais ganharam tanto. E eu fiquei ganhando mais que todo mundo (MOREIRA, 18 de abr. 2009).

À medida em que trabalhassem mais, melhor seria a remuneração. Isto pode ter sido um fator que possibilitasse o aumento da incidência de acidentes. E a esse respeito, retirou-se uma boa contribuição do trabalho de Volpato (1984).

Trabalhadores revelam que o sistema de salário por produção provoca mais acidentes. O estímulo em produzir mais induz o trabalhador a relevar perigos ou a se descuidar provocando acidentes. É o que dizia um operador de máquinas: “O operário pensa na produção e não olha o perigo (VOLPATO, 1984, p. 62).

A partir da modernização ocorrida nas minas, na década de 1980, com o intuito do aumento da exploração do cobre com a mecanização do trabalho, atrelado a turnos intensivos e rotativos entre os mineiros, as transformações nos meios de produção acarretaram em modificações no sistema de trabalho executado pelos mineiros. Estes possuíam apenas conhecimento das técnicas convencionais de mineração, tendo que adaptar-se a novas formas de exploração do cobre. O cotidiano dos mineiros foi extremamente modificado: o simples trabalho diário de manuseio das ferramentas tradicionais na exploração das galerias foi deixado para trás; o dia a dia dos mineiros era bombardeado de informações para aprendizagem de técnicas específicas sobre o uso de máquinas que aumentassem a produção da empresa.

As informações sobre as formas de manuseio das máquinas, citadas acima, eram transmitidas por operários contratados pela empresa nesta nova fase exploratória nas Minas do Camaquã. Das entrevistas coletadas com os mineiros, nota-se que a empresa sentiu necessidade, inclusive, de contratar operários que viessem do exterior, já que a maioria das máquinas eram importadas.

Eu comecei em 24 de janeiro de 1980 e saí em 16 de março de 1996. Eu trabalhei 16 anos e alguns meses. Então as Minas, quando eu cheguei lá, eram muito primitivas.

Depois que ela foi adquirindo equipamentos praticamente de primeiro mundo, inclusive nós tínhamos máquinas nas Minas que não existiam no Rio Grande do Sul. Escavadeiras, tratores de esteira, caminhões agachados, jumbos e perfuratrizes. Vários tipos de equipamentos que a mina adquiriu de 1980 para cá. Quando eu cheguei lá na mina, não existiam esses equipamentos, existiam os caminhões antigos, chamavam de “Euclides” e inclusive os minérios eram retirados por vagonetas, depois era descarregada toda aquela pedra para ser moída. Aí, depois, após este período, a mina modernizou-se com equipamentos de última geração. Aí tudo era por correias transportadoras, tinha um britador de pedras, que após passava por um processo de rebritaço e dali ia para a decantação, para separar o que é minério e o que não era. (MOREIRA, 18 de abr 2009).

A informação acima também é confirmada pelo mineiro Virgílio Ramos Dias: “vinham uns técnicos das máquinas. Eles vinham da Finlândia, Inglaterra, Alemanha e do Canadá e eles explicavam até um grupo de mecânicos entenderem as máquinas, depois eles iam embora”. Esse grupo de mecânicos seria denominado pelos mineiros, mais tarde, de “encarregados”.

Tinha um encarregado. Uma pessoa que era inteligente naquelas máquinas e fazia o treinamento na gente. Eu fiz muito treinamento naquelas máquinas e fui aprovado. Assistia a umas aulas pra saber manejar e operar nelas. Eu fui aprovado, mas já estava na época de me aposentar e eu não quis ficar né. Aí, eles me colocaram de bombeiro depois para completar o tempo. Era só saber operar as bombas e a fazê-las funcionar normal (PORTO, 17 de abr. 2009).

Através da pesquisa oral com mineiros, chegou-se à conclusão de que o esforço no trabalho diário e o risco de acidentes foram reduzidos com a introdução das máquinas e que a mecanização do trabalho não os prejudicou com relação à perda de empregos. A maioria dos trabalhadores teve acesso à aprendizagem das técnicas de manuseio das máquinas. Cabe salientar que ainda se mantinham funções no interior das minas que somente poderiam ser executadas de forma manual. Assim, nem todos tiveram que passar por esse processo de “reciclagem” para se manter trabalhando como mineradores.

As máquinas geraram uma maior segurança aos mineiros, pois o seu manuseio estava atrelado a um sistema de segurança, protegendo o operador. O trabalho pesado e mais perigoso (como por exemplo, o desmonte da pedra bruta) passou a ser executado através das máquinas, livrando o mineiro do excesso de trabalho forçado, como era nos primórdios da exploração. Ao mesmo tempo, aumentava-se a produção de cobre na empresa.

(...) os maquinários faziam render mais produção em menos tempo, e a gente não precisava trabalhar tanto. Se no braço eu alcançava um metro e cinquenta centímetros, com a máquina, dentro de uma hora, tu fazia três metros e vinte centímetros. Então não tinha comparação. E os perigos diminuía, porque as próprias máquinas tinham proteção (DIAS, 16 de abr. de 2009).

Porém, é sintomático afirmar que, mesmo com a mecanização do trabalho o esforço do trabalhador para manusear as máquinas em um calor insuportável do subterrâneo era uma ação desumana, bem como a periculosidade se mantinha e com possibilidades de ocorrerem vítimas fatais muito maiores com a inserção das máquinas pois ao escavar, britar e mover uma maior quantidade de pedra também se aumentava os riscos de acidentes mais graves.

Os mineiros que afirmam ter havido com a mecanização um aumento de acidentes, dizem também que houve uma mudança do caráter dos mesmos, que os acidentes assumiram formas mais graves ou fatais. Atribuem ao barulho das máquinas ao novo sistema de sustentação do teto, à concentração do trabalho na máquina, descuidando-se do ambiente (VOLPATO, 1984, p. 62).

As transformações tecnológicas ocorridas na empresa mineradora foram aprovadas e louvadas pelos trabalhadores, já que não tiraram os empregos e, ao mesmo tempo, facilitaram o trabalho no interior das minas, diminuindo o esforço e o perigo das atividades exploradoras. O movimento *luddista* na Inglaterra, no início do século XIX, foi bem diferente, já que os operários se revoltaram contra a exploração e a carência de uma legislação trabalhista, o que se agravou com a introdução das máquinas, que acarretaram na formação de um exército de desempregados, agravando ainda mais a situação socioeconômica dos trabalhadores. Nesse período de transição das formas de exploração e produção efetuadas pelas indústrias, a introdução dos maquinários foi prejudicial aos trabalhadores, visto que a Revolução Industrial priorizava a busca do lucro em detrimento das necessidades humanas.

3.3 A protetora Santa Bárbara

A religiosidade, o catolicismo e a devoção a Santa Bárbara, padroeira dos mineiros, estão presentes na mentalidade e no cotidiano dos trabalhadores das Minas do Camaquã. Santa Bárbara tem uma simbologia muito importante para mineiros, pois ela, no entendimento deles, é que permitia a manutenção da vida, da saúde e do trabalho no interior das galerias subterrâneas.

Santa Bárbara também podia ser chamada de Iansã, já que existe um sincretismo religioso do catolicismo com o candomblé, sendo que essas crenças se mantêm indissociáveis desde o período colonial, quando era necessário submeter o culto africano ao catolicismo da elite branca. Em sinal de progresso, a Igreja atual demonstra tolerância com os cultos afros, ainda que eles já consigam caminhar com as próprias pernas. Mas a devoção à Santa Bárbara ou Iansã no catolicismo popular está ligada à proteção contra tempestades, trovões e raios em

ambas as religiões e isso explica o porquê de Santa Barbara ser padroeira de profissionais ligados a fogo e explosões (esta é a padroeira dos artilheiros do exército, bombeiros e dos mineiros).

Em cada entrada de galeria que ia sendo inaugurada, havia um local apropriado para a colocação de uma imagem da santa e cada grupo de mineiros que entrava para realizar o seu trabalho a ela fazia reverência, simbolizando, desta maneira, o pedido de proteção.



Figura 29 - Santa Bárbara.
Fonte: Arquivo do pesquisador.

Anualmente, é dedicada a ela uma festa, sempre no primeiro domingo de dezembro, de acordo com as informações obtidas através das entrevistas realizadas com os mineiros.

Nós, da comunidade, éramos muito religiosos e acreditávamos fielmente na Santa Barbara. Inclusive tinha uma festa anual para ela na igreja. Almoço e depois baile. Antes tinha a procissão e a “benção do capacete”, sendo que os mineiros somente iniciavam a jornada anual de trabalho com a benção do padre e da Santa Bárbara. A religiosidade era muito grande porque a gente tinha que ter fé em alguma coisa, alguma esperança de melhoria na nossa vida nós tínhamos que ter. Então depositávamos a nossa perseverança e pedido de proteção na santa bárbara, pois a

vida lá era muito difícil, porque você estava sujeito a morrer em uma detonação, silicose ou de tédio. (DIAS, 16 de abr, 2009).

Essa devoção à padroeira dos mineiros se perpetua até os dias de hoje. O dia quatro de dezembro é marcante na vida de cada mineiro, sendo que as festividades nas Minas do Camaquã são traços que se perpetuam de geração para geração. Indagou-se os trabalhadores sobre o porquê da escolha de Santa Bárbara para ser a padroeira dos mineiros das Minas do Camaquã - já que existem outras santidades destinadas a serem protetoras dos mineiros - e obteve-se como justificativa o fato de que a tradição e a devoção a Santa Bárbara vêm dos mais antigos moradores da comunidade, que passaram aos seus descendentes e esses mantiveram o respeito e o culto à padroeira (o que é confirmado com as festividades destinadas a Santa Bárbara ocorridas até os dias de hoje, como já foi citado anteriormente).

Muitos mineiros, quando visitam as Minas do Camaquã e relembram suas antigas galerias, continuam mantendo a devoção à Santa Bárbara da forma tradicional, executando o ritual diário que faziam sempre antes de entrar na galeria da mina, como uma forma de respeito, gratidão e fé.

José Emilio Rodrigues conta que foi sozinho visitar a mina abandonada. E como um ritual, usou mais uma vez o velho capacete para entrar na galeria. Retirou-o, com respeito como todos os mineiros faziam diante da imagem de Santa Bárbara, a protetora sempre presente em cada entrada da mina (MACEDO, 2006, p.134).

A religiosidade na comunidade é marcante também por influência do proprietário e “paizão” dos mineiros, Baby Pignatari. Como um sinal de devoção e fé, e como um ato de benção aos moradores das Minas do Camaquã, o proprietário decidiu cravar uma cruz no alto de um morro no entorno da comunidade. Baby Pignatari, inclusive, comprou a região onde está localizado o morro, especialmente para colocar a cruz.

Pignatari compra do Sr. Oscarino Rodrigues Martins uma extensa área que engloba o local onde planeja colocar o cruzeiro. Troca uma gleba de terras nas Minas do Seival por estas no Camaquã (MACEDO, 2006, p.134).

Após conseguir o local que irá simbolizar o reduto religioso (que hoje funciona como ponto turístico, por ser uma das vistas mais belas da região), o proprietário da mina crava a cruz na pedra mais alta da região, que passa a ser denominada, a partir de então (1968), de “Pedra da cruz”.

Assim que o sol se põe atrás dos morros, Pignatari deu por iniciada a cerimônia. Discursou o advogado José Galeano Teixeira, enaltecendo a sensibilidade do

empresário. Durante a missa, na hora da consagração, o bispo Dom Luiz Vitor Sartório aciona a chave que ilumina a cruz no alto da pedra. A imagem emociona a todos, que se ajoelham e rezam (MACEDO, 2006, p.134).

Pode-se afirmar, por exemplo, que a religiosidade promove, de certa forma, uma coesão social dos trabalhadores oprimidos economicamente e culturalmente. A fé faz com que tenham uma esperança na superação das injustiças sociais e até mesmo na realização de uma ação retaliativa a seus opressores, mesmo que ela seja em uma “outra vida” - uma punição aplicada por Deus aos que usufruem do mundo explorando o labor dos desfavorecidos.

Porém, o catolicismo devoto à Santa Bárbara também funcionou como um alicerce de controle dos mineiros pelo patrão Baby Pignatari e demais funcionários que estavam na gerência da empresa. Nos encontros dominicais, na Igreja Católica da comunidade, a cruz cravada por Pignatari no alto do morro representava e “relembra” a comunidade da força do catolicismo e da vigília de Deus às suas atitudes no local. O respeito, crença e devoção dos mineiros para com sua padroeira, colocada na entrada de cada galeria, servia como uma forma de observação e controle moral dos mineiros superior ao controle dos patrões - a religiosidade e o temor de cometer pecados e desrespeitar a Deus e/ou a Santa Bárbara proporcionavam um controle “sobrenatural” que os patrões não tinham como exercer. É possível assinalar aqui que a religiosidade católica e a crença na padroeira dos mineiros impuseram regras morais na comunidade das Minas do Camaquã e, principalmente, impuseram uma disciplina aos trabalhadores. Uma vida desregrada e ociosa seria prejudicial aos interesses dos patrões, de sua família e de Deus.

Lembro sim, era gente boa. Ele só não gostava que o destratasse e o contrariasse no trabalho, mas no mais, pra turma dos peões era 100%. A mina começou a fracassar depois que ele morreu. Mas era muito bom e dava cada festa. Uma vez eles deram uma festa, com umas dez vacas carneadas, e fizeram um churrascão de campanha. Ele era muito bom. Pelo menos para aqueles que eram mais pobres, que ganhavam menos, aí que ele era bom. (PORTO, 17 de abr. 2009).

O relato acima retoma novamente a construção da imagem e simbologia do “bom patrão” ligado a Baby Pignatari. Esse sentimento de proteção, na visão dos mineiros, é tão forte que se desenvolve uma memória da história das Minas do Camaquã, sendo que quando o empresário sai das Minas, elas começam a decair. E isso tem coerência com esse discurso quase mítico que o vê como o criador da abundância e prosperidade da comunidade.

4 DE MINEIROS E ENGENHEIROS

4.1 Um “duplo olhar” sobre as Minas do Camaquã

Quando foi trabalhada, no segundo capítulo, a questão de identidades, afirmou-se que esta se forma mais fortemente quando ocorre em um meio conflituoso e de confronto de interesses entre diferentes grupos sociais. Estas contradições que se enfrentam, por isso, uma, mesmo sendo oposta a outra, ambas dependem entre si, pois as características se fortalecem e se diferenciam ainda mais diante do seu contrário. Acredita-se que as identidades se relacionam com os movimentos de negações e oposições constantes no dia a dia de determinados grupos sociais. A realidade destes grupos constrói simbologias identitárias em vista da superação, coesão ou negação das situações que vivem no seu cotidiano.

Podemos dizer que numa sociedade que sobrevive da natureza e ao mesmo tempo é subdividida em classes, a identidade é biológica, histórica, cultural e, quando as perspectivas apontam na direção das mudanças estratégicas, é também política, articulada em torno de um projeto de poder, em que a classe proletária, organizada nas suas diversas forças, opondo-se a classe burguesa torna-se o sujeito histórico das transformações, objetivando ocupar, com uma nova ordem, o lugar da velha, colocando-a em um novo patamar de negações (BOGO, 2010, p.31).

Nas Minas do Camaquã, os grupos profissionais separados pelos poderes estruturais econômicos, culturais e outras simbologias distintivas são frutos de matrizes contraditórias. Por exemplo, os engenheiros são respeitados pelos mineiros, estes que nada têm não veem outra maneira de se manter estável e garantir a sua sobrevivência e da família se não aceitar a dominação e a superioridade do oposto, mesmo fortalecendo e criando marcas identitárias que o diferenciem do oposto.

O que afirma-se com isso é que, no caso dos mineiros, a satisfação na obtenção de um trabalho para manter o sustento familiar também gerava a identificação desse grupo de profissionais, Bogo (2010) afirma que, “as formas de identidade são marcadas pela aceitação, incorporação, resistência, destruição e transformação da identidade presente e contrária”.

A insatisfação com o trabalho e o desejo de trocar de profissão não muda a condição do mineiro, assim como não são realidades palpáveis aos mesmos e não vão levá-los a outra condição social diante de suas limitações dentro do sistema competitivo. Dessa forma, a identidade do mineiro se constrói no trabalho e não se desvencilha dela. Os seus aspectos, mostrados como positivos para eles, vão perdendo a credibilidade e valorização ou acabam se

fortalecendo e se expandindo diante do avanço da disparidade econômica com relação ao grupo dominante.

Dessa maneira, a exploração das fontes documentais seguirá esta linha de abordagem teórica, bem como estará alicerçada na metodologia de história oral como principal fonte para o entendimento dos dissensos e laços de comum acordo entre a classe dos mineiros e dos engenheiros das Minas do Camaquã.

Diante disto, dentro do objetivo central que se destina a analisar as visões contrastantes de mineiros e engenheiros sobre as relações de trabalho no seio da sociedade surgida nas Minas do Camaquã, é a partir do entendimento de como irão se formar as identidades como grupo, assim como ocorrerão as representações e resistência enquanto classe, que se vai explorar as distinções que levaram a uma segregação, conflitos e também laços de solidariedade entre os mineiros e engenheiros na comunidade das Minas do Camaquã.

O princípio de identidade está relacionada ao princípio de oposição e de totalidade. O princípio de oposição remete a identificação do adversário. Ou seja, a consciência da diferenciação, a nomeação do adversário, é fundamental para o estabelecimento de uma identidade coletiva. Quanto ao princípio de totalidade, este vem a ser o que ele chama de sistema de ação histórica, ou seja, o campo social onde se desenrola o conflito (...) (LONER, 2001, p. 35).

Contudo, é preciso deixar claro que nem tudo o que ocorreu nas minas são fatores que levam a conflitos entre mineiros e engenheiros, pois as relações sociais estabelecidas ali não são somente permeadas por elos de tensões e animosidades e nem tudo é confronto na comunidade mineira. Existia uma segregação, privilégios a determinados grupos e distinções socioeconômicas marcantes em todos os espaços de sociabilidade. Porém, não se pode transformar a comunidade em uma batalha campal no cotidiano dos indivíduos, como expressa o engenheiro Paulo Oberto, ao ser indagado sobre como era sua relação com os mineiros: “eu nunca tive problemas com os mineiros, apesar de concordar com eles de sempre existir uma distinção, isso é uma pura verdade”.

Não há como explicar a dinâmica da vila somente através dos conflitos de classe, pois nem todas as relações que ocorreram nas minas geravam conflitos. Nota-se, através das entrevistas que muitos dos depoimentos buscam justificar como as coisas eram organizadas e o funcionamento da comunidade e não para se lamentar, contestar e criticar o seu oposto, pois não se pode ocultar um aspecto imprescindível para entender as relações sociais ocorridas na comunidade. Os mineiros (que no caso seriam os que não possuíam acesso a maiores recursos

econômico como os engenheiros) também ganhavam com o crescimento da empresa, sendo que muitos relatos demonstrados no trabalho refletem um saudosismo dos mineiros para com “aquele tempo” também denotam que possuíam oportunidades de progredir social e economicamente.

A sociabilidade e uma boa relação com os patrões também funcionavam como uma válvula para obter vantagens e recursos que lhes auxiliariam economicamente na ascensão profissional dentro da empresa e social na comunidade. Neste jogo de relações verticais e horizontais entre a classe dos engenheiros e mineiros, no qual trajetórias individuais se sobrepunham e se interconectavam, uma boa relação e uma intensa negociação com as elites geravam alguns privilégios as famílias dos trabalhadores do baixo escalão. Neste sentido, os trabalhadores do baixo escalão e seus familiares não tinham um papel apenas passivo nessas relações. Para eles, ter ligações com os engenheiros e seus familiares permitia acessar recursos que não estariam à disposição de outros sujeitos de condição social semelhante à sua.

Esta pluralidade de opções se dá em função da desigualdade na distribuição de recursos, bens e oportunidades (que podem ser materiais, cognitivos, culturais) entre os agentes sociais, ou seja, é resultado da própria heterogeneidade social. As pessoas reagem de maneiras diferentes em função destes recursos que lhes são próprios. Portanto, se se pensar na multiplicidade destas relações e se de fato for essa a estrutura dos incidentes da ação social, isso necessariamente gera implicações profundas para os tipos de sistema em níveis mais agregados, formados no decurso de uma vida social e, em última instância, para a ‘sociedade.

No segundo capítulo, em que foi trabalhada a construção das identidades dos trabalhadores das Minas do Camaquã, foram denotados depoimentos dos mineiros sobre a existência de uma diferenciação dos espaços de sociabilidades criados nas minas, assim como relatos mais fortes, que demonstravam os privilégios econômicos e sociais para os engenheiros frente aos trabalhadores do baixo escalão. A adoção do termo segregação social para explicar as relações presentes nas vivências dos moradores das minas torna-se inexequível frente à força que se encontra o significado de tal termo, pois acredita-se que as relações opostas entre mineiros e engenheiros não ocorreram em todos os espaços temporais e abarcando em totalidade os moradores das minas, bem como não foi um atrito que se perdurou em toda a história da comunidade.

Ou seja, é evidente que existiram privilégios econômicos e sociais aos engenheiros no decorrer da história das Minas do Camaquã, desde a mais evidente distinção, no caso a diferença de poderio salarial, estruturação residencial existente nas minas até os privilégios aos engenheiros na fila do açougue, como relatou o mineiro no capítulo anterior. Porém, a

revolta dos mineiros frente a tais privilégios e o agravamento de uma animosidade possivelmente já existente, mas não exacerbada até então, ocorreu na conjuntura em que ocorreu o fechamento das minas. Este foi o momento em que as duas classes se confrontam e fica mais clara a distinção entre estes grupos.

Porém, tal diferenciação existe, mas não foi uma distinção de grande vulto estabelecida através da exploração do trabalho dos mineiros, de acordo com a opinião dos engenheiros. Estes afirmam que existia uma diferenciação salarial e que nem todas as reivindicações de classe foram fornecidas aos mineiros, mas a maioria delas sim. Atribuem alguns agregados ao emprego de mineiro na empresa como somatórios aos seus salários e, de certa forma, como privilégios à sua categoria como, por exemplo, moradias concedidas pela empresa e qualificação dentro da mesma. Não se deve esquecer, com relação a tais justificativas, dois pontos: o primeiro é que, ao contratar o trabalhador, a empresa já oferecia tais condições de moradia como um alicerce ao funcionário, que servia como um benefício para a própria empresa que poupava gastos com transporte, o que não pode ser considerado como privilégio ao mineiro. Segundo, os cursos de qualificação e especialização no trabalho fornecidos aos mineiros também era uma ação de benefício próprio (embora também até certo ponto beneficiasse o trabalhador, pois com sua maior profissionalização abria janelas com possibilidades de ascensão social na sua carreira profissional na empresa), já que os operários qualificados ficariam dentro da empresa e aumentariam a produção econômica, além de dirimir as futuras contratações com grandes gastos no mercado de trabalho fora das minas. Acredita-se, então, que não foram apenas medidas altruístas por parte da empresa para seus funcionários do baixo escalão como afirma o engenheiro abaixo.

Só para ter uma ideia, o gasto mínimo de energia elétrica por família aqui era de 300KW por mês e isso não é pouco. Então, a turma reclama, mas eu não estou fazendo uma crítica, porque nem tudo é perfeição. É lógico que muita demanda não foi dada e foi sentida pelos trabalhadores, mas dentro das possibilidades foi fornecido. Por exemplo, o salário dos mineiros não era baixo, ele era compatível com o que as empresas de mineração iriam pagar. E é lógico que todos os benefícios que estavam embutidos tinha que se levar em conta também. Agora, nunca se deixou de pagar e havia muitos cursos técnicos de eletrônica e mecânica que a empresa fornecia para se ter formação. A mão de obra chegava aqui nua e crua, recebia profissionalização através dos cursos e depois a prática. Tudo grátis. Então não é só o salário, pois tinha todos esses benefícios (PAVÃO, 26 de fev. de 2012).

Os conflitos entre mineiros e engenheiros, que anteriormente a este contexto era mediado e ocultado pelo proprietário Baby Pignatari, agora é desmascarado e ativado de forma mais perceptível, já que tais distinções e possíveis descontentamentos dos mineiros contra os engenheiros poderiam existir em um campo subjetivo e na consciência dos mineiros,

mas que não eram colocados em prática devido às mediações do “paizão” e do medo de perder o emprego que mantinha o sustento da família.

Porém, no contexto de processo de fechamento das minas ocorreram transformações estruturais que modificaram as ações dos trabalhadores. Pode-se citar, por exemplo, dois grandes fatores: o primeiro é o caso que as minas não possuem mais as atuações do “paizão” Baby Pignatari, para mediar as relações sociais e as reivindicações dos mineiros, pois agora seus chefes diretos são a classe que sempre obteve, de certa forma, privilégios socioeconômicos, os engenheiros, os privilegiados dentro da empresa que não “protegem os humildes” e não mantém a igualdade como no “tempo do Pignatari”.

É incrível, ao olhar do historiador, como se executou de forma perfeita e concreta as ações administrativas das relações sociais na comunidade por Francisco Matarazzo Pignatari e, principalmente, na construção de sua imagem de bom chefe perante a diversidade de grupos socioeconômicos distintos na comunidade. É cativante e assustador ao olhar do pesquisador sobre o tema, quando se trata da capacidade mediativa que Baby Pignatari possuía para manter sua integridade como bom patrão e, conseqüentemente, para manter a empresa em pleno funcionamento, não deixando atritos e disputas de categorias interferir na produção, na opinião de indivíduos de todas as categorias. É unânime a definição de “paizão” nos depoimentos dos trabalhadores das Minas do Camaquã, pois não há um trecho nos relatos de todos os trabalhadores entrevistados que contenha aspectos negativos referentes às ações do proprietário Francisco Matarazzo Pignatari. Perpetuam-se, até hoje, suas simbologias construídas no período. Tanto é que, além da decadência das minas ser associada à sua saída, como foi citado nos capítulos anteriores, também por ela irrompeu de forma mais agravante o conflito entre mineiros e engenheiros, já que “não se tinha mais a igualdade do tempo do Pignatari”.

Na verdade, havia alguns grupos de engenheiros e familiares que se achavam que tinham alguns direitos a mais. Mas, o Pignatari, ele, tinha a consciência de que ele tinha que preservar o seu corpo técnico ele dava vantagens criando espaços para os mineiros e para os engenheiros e encarregados. Ele construiu um clube para a chefia, mas também para os empregados. Tem um fato inusitado, que inclusive não está no livro dele, em uma noite de baile teve um negro que foi tirar uma filha branca de um senhor pra dançar e ela se negou, e o rapaz procurou o Pignatari que também estava no baile para reclamar. O Pignatari, naquela noite, mandou demitir o cara e no outro dia o cara foi embora das Minas do Camaquã. Então lá era todo mundo igual porque ele não permitia diferenças (RODRIGUES, 3 de set, 2011).

Diante do depoimento acima e atrelado à informações existentes no depoimento de um engenheiro que será expresso logo abaixo, existem dois pontos importantes que devem ser

trabalhados: o primeiro se refere à afirmativa de Antônio Celso Rodrigues, em que tenta explicar que a segregação social e os privilégios econômicos existentes nas Minas do Camaquã estavam presentes nos familiares e, principalmente, centrado nas mulheres dos engenheiros. Porém, isto não deixa incólume os engenheiros de seus benefícios, vantagens e opressão sobre seus subordinados. Mas, toca-se neste ponto, de os familiares do profissional que vão usufruir dos privilégios que estão atrelados ao cargo de engenheiro, porque tais informações são corroboradas no depoimento de um engenheiro. Este, apesar de preterir os relatos que se referem a privilégios concedidos à classe dos engenheiros, declarou sua anuência para com os fatos que demonstraram que alguns grupos de engenheiros e familiares oprimiam e discriminavam os considerados “seus subalternos”, deixando evidente a existência de uma discrepância econômica e de separação no seio da comunidade mineira.

Havia alguns conflitos pontuais entre os engenheiros e mineiros, mas tudo era solucionado com a disciplina do Pignatari. Por exemplo, uma vez, em um mercadinho na saída das minas, uma funcionária não deu atenção a uma senhora bem humilde e deu atenção a uma mulher de um engenheiro. A Regina, mulher do Baby, viu aquilo e chamou o administrador, exigindo a demissão da funcionária por tratamento desigual e indigno com a senhora. E presenciei outro fato, a mulher de um engenheiro chegou ao mercado para comprar um pedaço de carne, porque a diferença não é a empresa, mas sim as pessoas que agiam de tal forma, o açougueiro já tinha vendido o pedaço de carne para outra senhora e a madame queria exatamente aquela carne, de medo da mulher do engenheiro, o açougueiro foi lá, com medo de ser demitido, pediu a senhora que entregasse a carne a madame. Então, quem usava do seu poder econômico e social não era tanto os engenheiros, mas principalmente as mulheres dos engenheiros. Eu lembro que eu falei para Dona Ligia, que infelizmente já faleceu, e eu ainda era criança, que eu chegaria lá no topo que as coisas seriam diferentes. Apesar de muita coisa ser maravilhosa na época, mas o povo adora reclamar. Por exemplo, além de todo acesso à saúde de graça coberto pela empresa, o morador de cada casa teria direito, se não me engano, a 4 ou 5 litros de leite semanalmente, e mesmo assim o povo vivia exigindo aumento salarial, então me diz o que povo tinha o que reclamar. (GUACIRA, 22 de mar. de 2012).

Os engenheiros continuam de forma unânime, em seus depoimentos, a afirmar a inexistência de uma segregação social e privilégios econômicos ao seu grupo social ou qualquer forma de menosprezo e preconceito com os mineiros e seus familiares. Entretanto, de forma indireta, acabam caindo em contradição ao informar que ocorriam fatídicos episódios isolados de segregação e opressão.

Não existiam atritos e conflitos (...). Teve um administrador chamado Fadiga, este sim começou a explorar demais os funcionários e usar desvios de autoridade. A partir de então o Pignatari começou a ir às minas do Camaquã, pois ele tem aquele pensamento de chefe é chefe, mas eu sou seu colega. Uma igualdade total, mas através deste administrador que fazia a função do Baby, o engenheiro está lá em cima e o mineiro lá

embaixo. Em função disto que aconteceu certo atrito e um abuso de poder que levou a “intriguinhas” e o inconformismo do trabalhador, mas não que eles fossem desprivilegiados. Ele só exigia trabalho, disciplina e respeito se não cumprir saíria da empresa. (GUACIRA, 22 de mar de 2012).

Também aqui ocorre uma divergência de opiniões. Se há uma concordância em alguns aspectos, aqui não estão presentes. Nos relatos dos engenheiros estão complementadas informações que acabam contrariando os mineiros, pois os engenheiros argumentam que a igualdade vivenciada no “tempo do Pignatari” é falácia por parte dos mesmos, pois foi a fase posterior que promoveu uma maior democratização dentro da empresa, através de concessões de maiores direitos trabalhistas aos mineiros, além de agora eles ter direito a voz, com a fundação do sindicato dos trabalhadores, que representava os mineiros nas decisões da empresa, o que na prática se tornava inexecutável nos rumos tomados pela cúpula administradora.

Eu sou suspeito por que participei desta fase. Eu nunca vi separação. Pelo menos na nossa forma de tratar as pessoas. Funcionário tinha seus direitos e na época foi criado o sindicato e na época do Pignatari não tinha sindicato. Naquela época era tudo largado, se via um lado só e não tinha negociação, não havia dissídio, mas não estou dizendo em hipótese alguma que o Pignatari não pagava os funcionários, mas para tu ter uma ideia de como mudou, neste novo projeto a área social e as necessidades foram atendidas (PAVÃO, 26 de fev de 2012).

O segundo argumento que defendo aqui é que na conjuntura de encerramento das atividades em que os engenheiros acionistas decidiram para o futuro das minas, tal ação acarretaria consequências drásticas aos trabalhadores do baixo escalão, que dependiam economicamente da empresa. A perda de empregos e dos direitos trabalhistas dos mineiros era inevitável, pois estes saíam como ocorreu e afirmam até hoje “com uma mão na frente e a outra atrás”. Dessa forma, esta situação colocou os mineiros em um caminho sem fim, fazer frente aos engenheiros independente da hierarquia existente na empresa, pois o continuísmo do processo levaria prejuízos a sua classe contrariamente aos acionistas e chefes engenheiros.

Então, afirma-se que o conflito entre engenheiros e mineiros existe desde o início do processo exploratório das minas em que foram executados diferenças salariais e privilégios aos trabalhadores da área técnica. Porém, a luta estava centrada ainda em um campo subjetivo e no embate de identidades. O fechamento das minas encabeçado pelos engenheiros transformou-se em um marco neste embate e, a partir de então, tais conflitos se desmascararam, exacerbaram e deixaram de estar oculto ao olhar dos moradores.

Em 1996, se chegou à conclusão de que não havia mais condições de se fazer trabalho de operação porque os minérios estavam em minas muito profundas, e economicamente para você poder retirar um bloco com qualidade e poder vender e exportar não valia a pena. Então, aquele grupo decidiu fechar para não perder aquilo que eles já tinham conquistado. Um grupo de gananciosos resolveu por si só, já que eles tinham uma grande parte do grupo acionário, encerrar as atividades. (RODRIGUES, 3 de set. 2011).

A diferença salarial era muito grande. Tanto que, nesse processo hierárquico, os engenheiros começaram a comprar as ações de funcionários demitidos. Então, eles fizeram uma manobra administrativa comprando as ações ordinárias e aumentando seu poder de decisão. Isso ficou nas mãos de mais ou menos 25 pessoas. (RODRIGUES, 3 de set. 2011).

Mas o ex-mineiro Antonio Celso Rodrigues, o “Toninho do PT”, alcunhado assim devido à sua atuação como vereador pelo Partido dos Trabalhadores na cidade de Caçapava do Sul, acredita que os embates entre as classes de mineiros e engenheiros existiram somente após o processo de privatização que levou, em seguida, ao fechamento das Minas do Camaquã. Porém, através de seu relato abaixo, afirma que os conflitos e opressões não englobaram uma totalidade dos indivíduos dessas classes e, dessa forma, não pode se colocar como um reflexo total das relações sociais que ocorreram nas minas, mas sim focos de disputas muito dispersos.

Porém, nota-se implícito no seu depoimento e, principalmente, fica evidente a este pesquisador, ao entrevistar e analisar seu semblante e manifestações ao discursar durante a entrevista, que quando o ex-mineiro se refere às relações com os engenheiros e afirma que estes “se intitulavam os donos das minas”, tornam claro que sua relação, e acredito que da maioria dos mineiros, com os trabalhadores da área técnica não era amistosa e de bom trato, apesar de o entrevistado tentar demonstrar, através do seu relato, um lado de harmonia existente entre os moradores nas minas e não somente os aspectos negativos, que eram o foco da conversa no momento.

Mas, os privilégios econômicos e sociais que de alguma forma os engenheiros possuíam não era na época do Pignatari, isso ocorreu depois da privatização das Minas. Mas foram fatos isolados. Como os engenheiros já detinham a maior parte das ações, eles se intitulavam donos das minas. Já esse processo hierárquico na época do Pignatari não existia, era igualdade total. Eu tenho certeza de que ocorreram fatos isolados já posteriores à privatização e que não refletiam o que ocorria (RODRIGUES, 3 de set. 2011).

Porém, analisando-se o discurso do ex-mineiro Antônio Celso Rodrigues anteriormente, se encontram justificativas para sua forma de expor os acontecimentos do cotidiano das minas de forma harmoniosa e, de certa forma, construindo uma memória de comunidade de perfeita sintonia e somente com algumas lacunas abertas a conflitos, mas que

não afetariam a boa convivência entre diferentes grupos independente de diferenças e explorações socioeconômicas.

Então, vê-se como justificativa para as ocultações e amenizações de possíveis conflitos no seio da sociedade formada nas Minas do Camaquã a nostalgia, saudade dos bons tempos, a tentativa de perpetuar a história da comunidade quando todos se davam bem, algo mítico alicerçado na tradição, quando tudo aquilo que eles viveram na comunidade nunca mais vai voltar. E isto é anualmente revivenciado na festa dos mineiros que também atua como uma estratégia de marcar na história de quem viveu ou não os bons tempos das Minas do Camaquã. Apesar de saber da existência de exploração e conflitos com os engenheiros, alguns mineiros não querem retratar o que teve de “ruim” nas Minas do Camaquã, pois não é isto que eles desejam transmitir aos que buscam conhecer a história da comunidade. Eles almejam rememorar as festas de Baby Pignatari, o Cine Rodeio e as vitórias do Minerador Atlético Clube. Os conflitos, na consciência de alguns mineiros e engenheiros, devem estar fechado a quatro chaves, vivos na memória de que esteve envolvido e ocultos para aqueles que querem conhecer a mítica e hoje fantasmagórica e abandonada Minas do Camaquã.

4.2 A Greve

Dentro das relações sociais entre as classes dos mineiros e engenheiros que marcaram a existência de embates no período da privatização, e mais precisamente no contexto da década de 1990, quando circulavam as tratativas entre os acionistas sobre o encerramento das atividades exploratórias nas minas, ocorreu na prática à única paralisação nas atividades dos trabalhadores dentro da empresa.

A greve foi um momento histórico nessa relação de capital e trabalho. Pois, com a demissão desses trabalhadores se formou um núcleo da empresa composto por engenheiros e encarregados, que tinham um poder aquisitivo maior. (RODRIGUES, 3 de set. 2011).

O marco para o movimento grevista de 1990, como relata um sindicalista no período, Antonio Celso Rodrigues, foi um sucessivo e gradativo aumento de demissões de funcionários da empresa, ocasionando a falta de trabalhadores e a paralisação de algumas atividades pela falta de mão de obra. Tais atos efetuados pelos acionistas levaram aos trabalhadores a ter a consciência e o entendimento que em longo prazo era manter uma margem de lucro na exploração de minério (enquanto ainda era possível explorá-lo), com

demissões massivas, sem aumento salarial, qualificação e modernização de trabalho e, principalmente, encerrar as atividades que gratificassem lucrativamente somente os acionistas.

Além disto, outro fator importante para os trabalhadores realizarem o movimento grevista foi o seu enfraquecimento no núcleo de decisões e poder de voto nas atuações e ações da empresa, pois existiam alguns funcionários que estavam ao lado dos trabalhadores que possuíam representação e votavam em aprovar ou não nas decisões tomadas pelos acionistas, estes formados por maioria esmagadora pela classe da área técnica.

Ou seja, na greve de 1990, em que eu já era inclusive do sindicato, a empresa não queria negociar o dissídio coletivo. Então houve a necessidade de se fazer uma greve, inclusive havia um índice sendo colocado como reposição salarial de 127%, era um índice muito alto para a empresa sustentar, e nas assembleias que se originaram frente a isso decidiram por fazer uma paralisação de uma semana, paralisando todas as atividades e permanecendo somente os serviços essenciais para a comunidade. Isso, claro, trouxe um prejuízo enorme para a empresa, mas isso foi importante para poder demarcar a partir dali uma nova relação entre capital e trabalho. Mas o que aconteceu foi que a empresa começou a demitir os funcionários que tinham ações ordinárias, ali praticamente nós perdemos uns 350 empregados, mas todos eles com as ações ordinárias (RODRIGUES, 3 de set, 2011).

A liderança sindical estipulou, como exigências, através das paralisações do trabalho durante uma semana, o imediato aumento salarial em um percentual somatório de 127%, embora tivesse o entendimento que a reposição não seria de tamanha opulência. Porém, o valor reivindicado foi uma articulação para se obter o máximo de aumento salarial junto a empresa. As estratégias adotadas pelo sindicato nas negociações salariais não ocorreram de acordo com o planejado, o que, de acordo com um dos sindicalistas do período, a reposição salarial de apenas 3%, longe do prometido pelo sindicato, enfraqueceu o mesmo e fragilizou a continuidade do movimento na mentalidade e na ação dos trabalhadores.

Mas nós não conseguimos o aumento de 127% porque realmente era muito, e nós sentamos com a empresa que fez umas oito ofertas que estavam dentro de nossas reivindicações, e muito boas, diga-se de passagem. Em uma nova assembleia, na portaria da empresa, um delegado sindical querendo se promover colocou tudo a perder, perdemos médicos para toda a família, a reposição salarial de 5% e outros avanços significativos. A empresa diante disto, fez uma reposição de 3% de reposição salarial. O sindicato ficou fragilizado porque o movimento não deu o suporte para fortalecer o trabalhador na relação com a empresa. (RODRIGUES, 3 de set. 2011).

Este episódio levou a uma transformação radical na gestão do sindicato. O “Toninho do PT”, que concedeu o depoimento acima, foi um dos passaram a exercer parte da ala das lideranças trabalhistas no sindicato reestruturado. As mudanças não se referiram somente à

troca de gestores, mas também nas estratégias adotadas e nas reivindicações e negociações frente à empresa.

Então esse fato levou o sindicato a parar, no sentido estratégico, e começar uma reformulação e de orientação aos trabalhadores a partir daquele momento. Por outro lado, a empresa viu que tinha no sindicato um número de trabalhadores que não iriam, a exemplo daqueles trabalhadores que antecederam aquela gestão, abrir mão das questões essenciais para o trabalhador. Eles viram que as coisas iriam tomar um rumo bem diferente. Graças a Deus, nós conseguimos mostrar para a empresa que nós não estávamos querendo apenas melhorias para os trabalhadores, mas também para a empresa, para que nessa relação capital e trabalho existisse um equilíbrio. Que tivesse a produção para a empresa, mas que também ocorressem melhorias nas condições de trabalho. (RODRIGUES, Antonio Celso, 3 de set, 2011).

Nota-se que os líderes sindicais da nova gestão possuíam uma melhor relação com os acionistas diante das seguidas conversações com os mesmos. E, além disto, a estratégia adotada nesta nova fase não foi tão combativa e com reivindicações que não feriam drasticamente o seio capitalista e lucrativo da empresa. A funcionalidade do sindicato, a partir de então, passou a ter o sentido único de proteger o trabalhador, reconquistando sua confiança frente à fragilidade da atuação anterior, ou seja, a luta não se dava na busca de melhorias das condições de trabalho e reposições salariais ou gratificações, mas sim na preservação, abrandamento das relações patrão e empregado e manutenção do emprego e das garantias já concedidas pela empresa em um período de crise econômica, em virtude da escassez do concentrado de minério nas minas e o inevitável encerramento das atividades mineradoras.

O movimento grevista de 1990 não foi trabalhado de forma mais profunda diante da escassez de documentos referentes ao tema, sendo que as fontes orais foram as únicas bases de pesquisa para desenvolver um estudo sobre o tema. A falta de uma documentação sobre o movimento grevista, de acordo com Antônio Celso Rodrigues, que foi presidente do sindicato na comunidade, se deve a alguns fatores: o primeiro é a não realização de um trabalho de fichamento de atas referentes a assembleias, negociações com a empresa e sobre o início da greve dos trabalhadores no período; o segundo se deve ao fato de que algumas reuniões no contexto que foram registradas em atas ficaram sob a tutela da empresa, pois o sindicato funcionava dentro da mesma, sendo que a empresa nega a existência destes documentos quando executou-se a pesquisa. E, por último, um fato inesperado ocorrido logo após o encerramento das atividades, quando muitos bens e capitais foram retirados e vendidos pela empresa, também saíram caminhões de sucatas, materiais e papéis dos arquivos e dos escritórios. Tais papéis que estariam “ociosos”, bem como não teriam mais uso e poderiam gerar algum lucro na reciclagem.

Dessa forma, o embasamento teórico sobre o tema tornou inexecutável um trabalho mais aprofundado e completo sobre a greve ocorrida em 1990. Porém não se poderia simplesmente ocultar o acontecimento que demonstra a insatisfação e o conturbado período de encerramento das atividades nas minas, que agravou o embate entre os funcionários ligados à gerência da empresa e os mineiros.

4.3 A segregação nas Minas do Camaquã

As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, um identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência.

O termo de oposição ao que se referiu no parágrafo acima é *outsiders*, os não-membros da “boa sociedade”, os que estão de fora dela. Norbet Elias (2000), em sua obra “Os estabelecidos e outsiders” trabalha com essas circunstâncias sociais, mas ao trabalhar com os excluídos afirma que a identidade social destes é marcada por uma origem heterogênea de culturas que leva a uma pluralidade social que os impede de formar um grupo social coeso e que lute por seus objetivos embora tenha como as estabelecidas simbologias, tradições e união através de laços sociais.

Concorda-se com Elias (2000) quando estabelece em sua obra que tanto a categoria dos estabelecidos como a dos outsiders se definem nas relações que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência.

(...) devemos duvidar de algum tipo de sociedade que possa fazer desaparecer a experiência do ódio, do ciúme, da inferioridade, da humilhação e das potencialidades permanentes de agressividade. Da mesma maneira, se considerarmos a formação do eu, a estruturação da personalidade, a elaboração de mecanismos de defesa, não podemos imaginar a eliminação da agressividade. (ANSART, 2001, p. 24).

A comunidade alcunhada de “Winston Parva”, na Inglaterra, que Elias (2000) se refere para analisar seus estudos para efetivar sua obra, tem peculiaridades que combinam com as pesquisas na comunidade das Minas do Camaquã, assim como existem especificidades próprias daquela comunidade trabalhadora que não podem servir como método comparativo

com a exploração histórica em Caçapava do sul, embora outros aspectos presentes em seus estudos possam ser aplicados na comunidade das Minas do Camaquã.

Porém, é necessário salientar que não se efetua um método comparativo entre as circunstâncias históricas existentes na comunidade investigada por Norbert Elias e nas Minas do Camaquã, pois, para demonstrar um paralelo entre as comunidades operárias, os estudos deveriam ter sido realizados em ambas para se ter resultados particulares do autor e dados mais concretos. A exploração histórica e investigativa das relações sociais vivenciadas deste estudo estão centradas nas Minas do Camaquã. Dessa maneira, se torna inexequível ao trabalho um estudo completo, como o efetuado em Caçapava do sul, na comunidade em que Norbert Elias realizou seu trabalho, em que adquiriu dados mais precisos que serviram para sanar suas lacunas investigativas. O que se vai realizar é um sucinto sobre a metodologia de trabalho adotada por Norbert Elias na comunidade de Winston Parva e seus resultados e, a partir disto, demonstrar algumas evidências destes resultados que podem ser encontrados, e, em outros casos, diferenciados nas Minas do Camaquã.

Winston Parva, comunidade com 5 mil habitantes, analisada pelo autor entre 1959 e 1960, possuía uma estruturação residencial dividida em três zonas, a primeira com moradores de classe média e as outras duas formadas por famílias de operários. Os moradores da Zona 1 sentiam-se superiores economicamente, socialmente e culturalmente as outras zonas. Os habitantes da Zona 2, por ser um bairro operário antigo, por terem se estabelecido primeiramente e criado seus laços comunitários, acabam estigmatizando como inferiores os moradores “novos” e “estrangeiros” da Zona 3.

Porém, todas as zonas possuíam uma minoria privilegiada e um grande grupo excluído, mas fica evidente que os “outsiders” da Zona 1 eram superiores aos habitantes das demais zonas, já que se situavam na primeira área significava uma ascensão social. E isto, de acordo com Elias (2000), era uma busca árdua por indivíduos e famílias da Zona 2 e 3, ultrapassar seus limites e adquirir um status social da Zona 1.

A análise sociológica de Elias com os trabalhadores da comunidade de Winston Parva é genial, mas a situação encontrada lá difere em alguns pontos da presente pesquisa. Devemos ter cuidado com este tipo de análise apoiada na metodologia da História Oral em pequenos grupos de entrevistados. Por exemplo, os dados quantitativos adquiridos podem distorcer, muitas vezes, a realidade ao não conter informações históricas suficientes para explicar as diferenciações de status sociais entre as zonas. É preciso analisar economicamente a situação de cada indivíduo e sua respectiva zona, pois muitas vezes as respostas apresentam ideias, crenças e opiniões padronizadas na comunidade. Estas podem distorcer a realidade ao

momento em que os entrevistados estejam propensos a dar informações padrões, não manifestando sua opinião individual que pode divergir dos demais.

Em Winston Parva os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, veem-se como pessoas “melhores”, dotadas de simbologias e carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada com todos os seus membros e que falta aos outros. Mas ainda em todos esses casos, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carente de virtudes, julgando-se humanamente inferiores (ELIAS, 2000, p. 20).

Dessa forma, é inerente ao processo uma análise sociológica com os habitantes da comunidade entender o subjetivo do sujeito e sua opinião sobre a existência de tal segregação e sua situação habitando uma zona privilegiada ou desprivilegiada. Uma análise estatística não demonstra um retrato fidedigno dos aspectos socioeconômicos dos bairros e acaba, muitas vezes, em uma ilusão óptica e um idealismo na construção da imagem social de uma rede de relações sociais complexas.

Winston Parva é apresentada aqui como um paradigma, como um modelo que indica a impotência com que as pessoas podem cair na cilada das situações de conflito por força de desenvolvimentos específicos. Ao demonstrar e, até certo ponto, explicar a natureza dessa armadilha, talvez o modelo nos ajude, sendo mais desenvolvido, a aprender pouco a pouco como desmontá-la e enfrentar melhor os problemas que ela suscita (ELIAS, 2000, p.69).

Nas Minas do Camaquã, tal análise pode ser aplicada e denotada uma segregação, como fez Norbert Elias. É notável que existia uma superioridade econômica, vantagens sociais e influência material e ideológica sobre os mineiros. Porém, não pode se afirmar que tais “virtudes” e “simbologias” existentes entre os engenheiros, e que existiam de acordo com os relatos dos entrevistados, fizessem com que os mineiros se sentissem inferiores e incapacitados de estabelecer a coesão social através de laços simbólicos que estabelecessem identidade de grupo. Penso que, no caso analisado, quanto maior era a discrepância social e fortalecimento da coesão grupal dos engenheiros, maiores eram os fatores que fortaleciam a identidade como grupo dos mineiros.

É claro que um ponto que converge com relação às análises das duas comunidades é que o grupo dos estabelecidos, que no presente caso se refere ao grupo com privilégios econômicos, os engenheiros, possuem facilidades para efetivação de identidade como grupo já que tinham maior controle social sobre cargos mais expressivos, organizações locais e clubes, criando um caminho de maior acessibilidade e benefícios aos membros do grupo social.

A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de

um grupo outsider por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar outro com a eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer. Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de se manter na superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. (ELIAS, 2000, p. 23).

O espaço estruturado nas Minas do Camaquã está englobado dentro do sistema capitalista, no qual o campo dos sentidos obedece a uma lógica voltada à produção de minério de cobre e obtenção de lucratividade. Dessa maneira, em uma mesma estrutura, pode-se observar a concentração de riqueza com bairros privilegiados e sua infraestrutura devidamente urbanizada, ao mesmo tempo em que se tem a formação de grandes locais de classes mais humildes e abastadas, como foi estudado por Elias (2000), na comunidade operária alcunhada de Winston Parva na Inglaterra. Tais estudos, em determinados pontos específicos, podem ser aplicados e analisados nos espaços edificados nas Minas do Camaquã, mas com diferenças e particularidades da região.

Inicia-se a aplicação de tais estudos na comunidade mineira efetuando uma análise a partir da chegada de uma grande e nova massa operária na vila. Surgem novos bairros operários e suas especificidades. Dentre essas, há tendência para manutenção do status social e econômico, um nítido controle social sobre as pessoas residentes nesses locais, uma vez que ali eram encaminhadas pessoas de baixa classe social, reproduzindo-se sempre as mesmas relações socioeconômicas.

A estruturação do meio urbano da vila foi trabalhado anteriormente com relação a implantação das casas e a consequência acarretada com uma segregação residencial, mas a efetivação pela empresa na disposição de classes econômicas através das vilas vai ser estudada através das experiências adquiridas com revisões bibliográficas sobre o tema.

moradores. Porém, existem duas exceções: a vila São Luiz onde moravam as pessoas mais graduadas e a vila Uruguai, em que se estabeleceram trabalhadores do baixo escalão.

O acesso aos bens sociais de primeira necessidade era garantido a todas as esferas. Entretanto, podia-se observar uma nítida segregação socioespacial no que diz respeito à localização das residências e as pessoas residentes nestas. A Vila São Luiz concentrava quase que a totalidade das casas bem mais estruturadas e unifamiliares existentes nas Minas do Camaquã, além de ter acesso com maior facilidade a todos os espaços que estavam concentrados na vila, como o hospital, mercado, igreja e a escola.

Os perfis sociais dos moradores desta vila eram de pessoas de maior grau instrução. Pode-se perceber que a separação social entre as pessoas não se restringia somente na diferenciação entre as vilas, mas também no interior das próprias localidades. A Vila São Luiz, local onde residiam os escalões administrativos, foi construída em uma área no alto da comunidade, no caso o Cerro João Dias, conforme foi relatado no segundo capítulo, no tema relacionado à segregação residencial.

O espaço organiza-se segundo a estrutura de classes do lugar e a correlação de forças que entre elas se estabeleça. Espaço da existência dos homens, o espaço geográfico traz estampado nas suas frações seu vincado caráter de classe. A própria paisagem encarrega-se de revelar o caráter de classe de uma favela, de um bairro operário ou de um bairro de classe média. Assim, a estrutura de classes da sociedade traduz-se como um espaço estruturado em classes. Cada classe social define seu espaço próprio de existência (MOREIRA, 1985, p. 92).

Dessa forma, está evidente ao olhar do pesquisador uma nítida separação social dentre as pessoas que moravam nas minas, no qual o espaço de convivência social era claramente distinto. O espaço relacional de um determinado grupo social guarda suas características existenciais sendo, portanto, o reflexo do comportamento. A Vila Uruguai era formada por trabalhadores do baixo escalão e familiares, principalmente mineiros recém-chegados, que se dirigiam a habitar as residências estabelecidas na região. Analisando o mapa, se evidencia que é a vila mais afastada do centro da comunidade e das residências dos engenheiros e proprietário e também está estruturada em um terreno mais plano, que possibilita o “policiamento” do alto escalão sobre o cotidiano e de como se comportam os novos trabalhadores.

A estruturação das casas e do material é a mesma usada nas casas dos mineiros das outras vilas, o que diferencia é a região, a antiguidade das casas, devido serem as primeiras a serem levantadas no início da exploração, a rotatividade de trabalhadores, que não se mantinham na empresa, o que acarretava em um descuido e destruição do patrimônio, a

distância dos centros de sociabilidades e, atrelado a isto, a proximidade das minas exploratórias (as primeiras casas foram construídas próximas as galerias subterrâneas, já que não existia o restante da comunidade) e, principalmente, o preconceito não só dos chefes, engenheiros e familiares, mas de todos os moradores das demais vilas da comunidade que não viam com “bons olhos” a chegada de novos trabalhadores, geralmente mais pobres e a grande maioria homens solteiros, desvirtuando o padrão familiar e de tranquilidade que permeava as Minas do Camaquã, seja nos bailes, nos bares e no cotidiano.

É sintomático afirmar que um dos modelos de estruturação das vilas adotado por Norbert Elias na comunidade operária inglesa não se enquadra nas Minas do Camaquã, pois em Winston Parva a antiguidade residencial nas vilas era sinônimo de benefícios e privilégios. As novas moradias recebiam trabalhadores recém-chegados e passavam a ser estigmatizadas pelos demais habitantes já mais antigos. O que ocorre de forma oposta na comunidade mineira em pesquisa neste trabalho, as residências e vila mais antiga é que recebe um estigma negativo das demais vilas, porém mais precisamente dos moradores da vila São Luiz.

O depoimento transcrito logo abaixo demonstra o pensamento de trabalhadores que vivenciaram o período de exploração das minas e que até hoje habitam a comunidade. É uma resposta à indagação sobre qual era o tratamento e como eram as pessoas que habitavam a vila Uruguai, denotando-se que tal olhar sobre a vila se perpetuou até os dias atuais, como fica claro no relato do entrevistado.

Não havia desprivilégio. A Vila Uruguai foi à primeira, depois foi a São Luiz. A Uruguai já existia desde o início da exploração das minas. As casas da Vila São Luiz estão próximas à casa da família Feliciano Dias. Mas, não tinha diferença nas estruturas das casas, mas o povo muitas vezes é mal agradecido. E isto é até hoje, pois atualmente quem paga o tratamento da água na Corsan são os moradores da São Luiz, e os outros ainda reclamam (GUACIRA, 22 de mar. de 2012).

Esta opinião é diferentemente do que foi constatado nos depoimentos dos mineiros moradores da Vila Uruguai, pois estes ratificam a existência de uma distinção socioeconômica entre os bairros e acusam os moradores da Vila São Luiz do estabelecimento de uma estigmatização que visava denegrir a imagem dos moradores da Uruguai. São muitos os relatos que demonstram uma série de alcunhas pejorativas aos mineiros e familiares que residiam na referente vila, sendo que um dos relatos é mais impactante, pois foi um fato ocorrido na infância do mineiro Antônio Celso Rodrigues e que se perpetuou de forma negativa e frustrante em sua memória, notável ao olhar deste pesquisador, já que o mesmo chegou a se emocionar relatando os acontecimentos.

Sim. Havia uma forte distinção entre as vilas Uruguai e São Luiz. A diferenciação não era só econômica e na infraestrutura das moradias e dos serviços disponíveis no bairro, já que tudo que se precisava estava localizado na São Luiz, sobretudo distinção social. Nós da Vila Uruguai sentíamos oprimidos e entendíamos que nossa pobreza era motivo de tal desprezo pelos moradores da São Luiz. Como por exemplo, nunca vou esquecer como sofri na infância. Na Vila Uruguai, tinha somente escola até a 4ª série, após esta, para seguirmos os estudos deveríamos ir até a São Luiz onde estava o colégio para terminar os estudos. A gente tinha que caminhar quilômetros e chegávamos suados e as vezes com cheiro, os guris “riquinhos” chamavam a gente de “cachorros da Uruguai”, não sei se era por causa do cheiro ou de nossa pobreza, pois a gente não tinha roupa boa e usava sempre a mesma. Então, esta distinção social entre os moradores existia, e muitas vezes era tão grande que muitos amigos meus não frequentavam mais o colégio por causa dos insultos dos filhos dos engenheiros da Vila São Luiz. A situação melhorou um pouco quando a mulher do Baby Pignatari, a Regina, ficou com pena de nós, por termos que caminhar toda aquela estrada, comprou um ônibus que transportava nós e os pais até o centro. Aquele ônibus ficou conhecido como Regina, depois dele a gente não chegava mais suado na aula, mas continuavam nos rebaixando e nos chamando de os “cachorros da Uruguai”. Eu tinha uma vontade de me avançar naqueles guris, mas eram filhos do patrão do pai, então não tinha o que fazer. (RODRIGUES, 3 de set. 2011).

Nota-se no final do depoimento a existência de uma opressão econômica sofrida pelo mineiro, este que desde a infância entende o medo do pai perder o emprego se ele agredisse um filho do patrão; ou seja, a distinção social e a subordinação por parte de mineiros e familiares se estabelece dentro da empresa mineradora e no cotidiano da comunidade, pois a diferenciação social e sua estruturação através de residências e vilas em uma sociedade trata-se de um princípio lucrativo no qual reside uma de suas mais importantes variáveis no sentido de assegurar a sua reprodução. No cotidiano dos grupos, estes se direcionavam a diversos espaços que, por motivos diversos, possuem familiaridade ou estranheza, dependendo da percepção do indivíduo. Ss Minas do Camaquã demonstraram ser um local que existia uma acentuada segregação social, devido às ações da empresa que orientava o estabelecimento residencial e o convívio social através de acordo com a sua funcionalidade profissional e classe social.

Assim, a estrutura de classes da sociedade traduz-se como um espaço estruturado em classes. Cada classe social define seu espaço próprio de existência. Mesmo onde os estratos entrecruzam, as classes são espacialmente visíveis. A corriqueira expressão “ponha-se no seu lugar” com que o dominante refere-se ao dominado numa sociedade de classes (só numa sociedade de classes há dominantes-dominados, isso é evidente) tem clara significação espacial. Mas o próprio caráter de dominante dominado contido na metáfora espacial “ponha-se no seu lugar” revela que, antes de uma diferenciação, a estrutura de classes tem uma base na exploração do homem pelo homem. A condição de dominante dominado de uma estrutura de classes, explica por que as lutas são agudas entre elas (MOREIRA, 1985 p. 93).

Através dos relatos dos mineiros, é notável a existência de privilégios para os engenheiros e geólogos que ultrapassavam a localização e a estruturação das moradias; os mineiros chegaram a afirmar que até na fila do açougue, farmácia e do hospital, os engenheiros se sentiam no direito de serem atendidos antes dos mineiros. Tal segregação social se refletia em fatos banais do cotidiano, oriunda da diferença de renda e condição profissional de cada trabalhador, na qual os engenheiros, na visão dos mineiros, sempre demonstravam certa indiferença e ar de superioridade para com funcionários do baixo escalão e seus familiares.

A diferenciação na disposição das vilas era notável ao olhar de todos os moradores. O que se discute e gera um confronto de opiniões entre os funcionários de diferentes escalões é a discriminação sofrida pelos moradores da Vila Uruguai, expressa nos depoimentos dos mineiros e a ausência da mesma marcada nos relatos dos engenheiros, porém sempre associadas a justificativas como, por exemplo, afirmações relacionadas à existência de uma distinção e separação de cargos, mas de forma alguma a discriminação aos moradores da Uruguai, como demonstrado o relato logo abaixo.

Na realidade, havia uma distinção entre elas. A São Luiz era dos engenheiros e geólogos, já a Uruguai era para os mineiros. Mas eu discordo da existência de uma discriminação, pois o operário começava na vila que tinha menor infraestrutura e, de acordo, com sua ascensão social e profissional ia melhorando sua condição. Eu comecei como operário e, conforme minha ascensão, eu vim para a vila São Luiz, com casas melhores, estimulando ainda mais o trabalho. Evidente que existia aqueles caras que não mereciam e são estes que falam em discriminação e opressão (FERREIRA, 26 de mai de 2012).

Os mineiros percebiam uma marcante diferença entre, de um lado, os chefes e os grandes funcionários e, de outro, eles próprios. Isso se expressava na disposição urbana da vila e também no convívio dos “grandes com grandes” e dos “pequenos com pequenos”. Dessa forma, tais discrepâncias sociais possibilitavam a existência de uma consciência de classe entre os mineiros, pois a solidariedade, o espaço físico, lazer, estilo de vida e as identificações em comum acarretam na formação de uma consciência que almeja um tratamento mais justo e igualitário. Eles entendem sua importância no processo.

Saliento aqui também que, através da análise dos relatos dos mineradores e dos arquivos de pesquisa, notou-se que ocorreu o envolvimento de engenheiros estrangeiros na exploração mineral desde a descoberta das Minas do Camaquã. Isso foi relatado no primeiro capítulo (que se dedicou a um resgate histórico do tema). Havia engenheiros de diversas

nacionalidades, principalmente japoneses, chilenos, espanhóis e ingleses, que interferiram de maneira significativa nas estruturas sociais e culturais da comunidade dos mineiros.

Através das entrevistas de história oral realizadas com os mineiros se tem um entendimento das transformações e dos embates culturais entre diferentes esferas, sendo que tal discrepância é demonstrada até no ato mais simples do cotidiano dos moradores das minas como, por exemplo, na dificuldade de comunicação entre mineiros e engenheiros. Estas dificuldades de relacionamento estão gravadas na memória dos trabalhadores até os dias de hoje.

Sim, eles gostavam de conversar contigo, eram gente boa. Só as chilenas eram meio burras. Porque elas gostavam muito de galinhas, e uma vez tinha uma velha que vendia galos, as chilenas acharam que eram galinhas, e compraram, e acharam estranho que elas não colocavam ovos. Essas galinhas não põem ovos? Mas isso aí não põe, isso é galo (DIAS, 16 de abr. de 2009).

Outros relatos demonstram que, apesar de existirem privilégios para os trabalhadores do alto escalão, as vantagens obtidas sobre os mineiros (que geravam uma insatisfação nos mesmos), afetavam a relação que existia entre a família dos engenheiros que vinha habitar a comunidade em torno das minas. O convívio era respeitoso entre os mineiros e suas famílias e os engenheiros e seus agregados, na medida em que existia uma hierarquia dentro da empresa, que acaba se expandindo para fora dos trabalhos da mina. Isso criava uma relação de respeito entre trabalhadores subordinados e seus patrões.

Dessa forma, apesar de os mineiros ficarem revoltados com os privilégios existentes para trabalhadores de mais alto escalão, criou-se um conformismo com a situação.

Não existiam revoltas ou protestos que desrespeitassem ou contestassem os engenheiros e proprietários, porque os mineiros acabaram se conformando com a situação e sabiam que eram empregados e que não poderiam mudar tal situação. É que nem gado, acaba seguindo a manada, leva de um lado e para o outro e acaba não contestando, porque sabíamos que seria pior caso fizéssemos alguma coisa que prejudicasse os nossos chefes (ALAGIA, 12 de set. de 2010).

Tais atitudes tomadas pela direção da empresa mineradora eram contestadas pelos mineiros, mas não de forma direta. O tipo de inconformismo existente circulava somente entre os mineiros e de forma contida - não era exposto através de protestos contra a empresa, pois havia o perigo maior de perderem o emprego e prejudicarem suas famílias. O que os incomodava nessa relação com os engenheiros estrangeiros na mina é que os mesmos tinham menos conhecimento técnico da mina que os trabalhadores nativos da região, passando

informações incorretas ou que já eram de conhecimentos dos trabalhadores. No fim de tudo, ainda recebiam um salário muito maior.

Além disto, para os mineiros, a dificuldade de comunicação com os engenheiros era um fator de atraso na exploração do minério de cobre, já que a morosidade para o entendimento das informações transmitidas aos mineiros atrasava o trabalho. A dificuldade de comunicação com os estrangeiros também se refletia fora do trabalho nas minas, nos atos mais simples do cotidiano da comunidade, como retrata o mineiro Santo Gelsi, com a exposição de um episódio em um dia comum.

Olha, na mina tinha gente de toda a parte do mundo. Tinha japonês, americanos, espanhóis. Então quando chegava um americano ou um japonês tinha um engenheiro na mina que falava outros idiomas e era ele que ia recepcionar e tentar dialogar com aquela pessoa. Então tinha engenheiro e geólogo especializado para isso. Até quando eles fizeram a geofísica lá na mina, eles chegavam no armazém, e eles liam o português. Então quando eles queriam alguma coisa, que o dono do comércio não entendia, eles pegavam a lanterninha e iluminavam o que queriam (MOREIRA, 18 de abr. 2009).

Nas Minas do Camaquã, mesmo que a luta pela distribuição dos recursos econômicos pareça ocupar o centro do palco das relações sociais na comunidade, como no caso do embate entre mineiros e engenheiros pela maior igualdade dos salários, a supremacia dos aspectos econômicos tem acentuação máxima quando isto se reflete em mais privilégios sociais aos engenheiros. E a despeito, quanto isso menos acontece é notável que a disputa e o embate aconteçam em outras instâncias que não sejam relacionados à questão econômica tão somente. De acordo com Ansart (2001), é preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente estes os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento.

A humilhação e as feridas narcísicas nascidas das frustrações não serão jamais totalmente superadas; Elas são revividas quando, em situações de crises históricas, o sentimento de identidade e os sentidos trazidos pelos ideais coletivos são colocados em questão. A humilhação atinge o orgulho do sujeito enquanto ser racional, mas também atinge as origens afetivas de suas convicções (NAXARA, 2005, p. 90).

As entrevistas coletadas demonstraram uns aspectos de inferioridade por parte dos mineiros somente referentes à questões econômicas e estruturais, não relacionados à autoestima. Bem pelo contrário, o orgulho de ser mineiro era um aspecto valorizado que sobressaltava os valores pregados pelo grupo dos engenheiros. Sendo assim, não havia um sentimento de inferioridade, incapacidade e qualidade pessoal do ser mineiro. Apesar, é claro, de que os aspectos e as discrepâncias socioeconômicas serem notáveis e que levaram os

mineiros a ver e sentir tal opressão e desigualdade de benefícios dentro da comunidade, e que no seu subjetivo individual sem dúvida tal inferioridade frente ao processo pode estar presente no seu íntimo, mas implícito dentro de um orgulho de ser mineiro.

O que aconteceu nos pubs é um bom exemplo. Os membros de cada grupo queriam distrair-se, da maneira e na companhia das pessoas de que gostavam e que estavam acostumados. Os membros do outro grupo poderiam ser aceitos, mas teriam que se manter na hierarquia de status, a posição inferior que estão estabelecidos na comunidade (ELIAS, 2000, p.64).

As redes de relações são importantes para a consolidação da imagem de superioridade ou exclusão e estigmatização dos grupos sociais considerados inferiores. Algumas associações possuem um maior prestígio econômico e social: são as redes de relações criadas pelas elites e os laços criados nestes grupos não precisam de ligações formais, é a naturalidade da tradição de “se unir entre os nossos” contra os demais grupos. Essas elites, por possuírem vínculos economicamente e politicamente fortes, que aumentam a identificação grupal e acabam excluindo os “indesejáveis”. São agentes internos que delimitam a formação das identidades grupais, bem como modelos já existentes em comunidades operárias britânicas se estabelecem em outras regiões e contextos.

As associações e clubes locais nas Minas do Camaquã eram de extrema importância para que os moradores se identificassem a partir dos mesmos e que se relacionassem na comunidade. O sentimento de fazer parte do grupo era, obviamente, um ingrediente essencial do prazer proporcionado pelas atividades comunitárias de lazer, que tivessem um caráter informal, como os encontros de vizinhos no “Bolicho do Papa”, que, com um caráter mais organizado, com as reuniões das associações locais como no “Clube dos engenheiros”. Este último era frequentado por pessoas que não se interessavam pelo bar dos operários do outro lado da rua, eles se reuniam no clube na busca de um lugar decente para “se levar a esposa” e “tomar uma bebida em paz e sossego” e “encontrar os amigos”, como trabalhado anteriormente.

Não menos importante para se fortalecer na comunidade e manter o “status” social, era a formação de laços informais que uniam integrantes de uma mesma classe entre si. Isso era presente mais fortemente em membros de destaque e que explicavam o fato de um número relativamente pequeno de pessoas, integrante de um pequeno número de famílias, mas que ocupavam os cargos de maior destaque e de prestígio econômico que os davam a garantia de exercer o poder que lhe era concomitante.

Os amigos são criados pela pragmática da cooperação. São moldados pela responsabilidade e pelo dever moral. Os amigos são aqueles que cujo bem-estar eu sou responsável antes que ajam em reciprocidade e independente disto. Só com essa condição pode-se efetuar a cooperação, ostensivamente um laço contratual bidirecional. A responsabilidade deve ser antes uma dádiva para eventualmente se tornar uma troca. Os inimigos, por outro lado, são criados pela pragmática da luta. Eles são construídos pela renúncia a responsabilidade e ao dever moral. Os inimigos são aqueles que rejeitam a responsabilidade por meu bem-estar antes que eu rejeite a responsabilidade pelo bem-estar deles e independente disto. Só com essa condição pode-se efetuar a luta, ostensivamente uma inimizade de dois lados e uma ação hostil recíproca (GAGNEBIN, 20006, p. 63).

O sentimento comum de fazer parte da comunidade das Minas do Camaquã, criado através de vínculos entre as pessoas que ali residiam há tempo e que em alguns casos prosperavam juntos. É bem possível que as pessoas não gostassem muito uma das outras, mas partilhavam um forte sentimento de identidade grupal necessário para seu estabelecimento. Essa monopolização dos cargos mais expressivos nas minas era uma das propriedades mais características dos engenheiros e familiares e uma das fontes mais vigorosas de seu poder de influência.

É bem notável que sempre os mineiros e seus familiares foram estigmatizados como a classe inferior de pessoas. Por mais que a situação se houvesse modificado, de uma forma ou de outra, haveria de ocorrer sua rejeição e exclusão. Tal estigmatização está presente no cotidiano da comunidade, nas “fofocas” do dia a dia, e a imagem negativa estabelecida ao mineiro também se fortalece e circula nas depreciações informativas sobre terceiros, pois esta costuma interligar o indivíduo ao grupo no qual se identifica.

Uma comparação das “fofocas” da aldeia com as existente entre os moradores do loteamento mostrou com muita clareza como era estreita a ligação entre a estrutura da fofoca e a da comunidade cujos membros a difundem. Uma comunidade “coesa” como a aldeia precisava de um fluxo constante de mexericos para manter o moinho em funcionamento. Contava com um complexo centros de intriga. Depois dos ofícios religiosos na igreja e na capela, das idas aos clubes e pubs, era possível ver as rodas do moinho em ação (ELIAS, 2000, p.121).

Dessa forma, a questão da fofoca é um fenômeno ligado à crença no carisma do próprio grupo e na desonra do grupo alheio. E esse paradigma positivo ou negativo ele se insere e mergulha profundamente na imagem pessoal do indivíduo. A identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo, ajuda a moldar a identidade individual, na experiência que o sujeito tem de si e das outras pessoas. Todos os indivíduos necessitam de sua identidade pessoal para se fundir e se relacionar com outros grupos, independentes de sua superioridade grupal ou de sua inferioridade coletiva que lhe acompanha.

O estigma parece ser uma arma convincente na defesa contra a importuna ambiguidade do estranho. A essência do estigma é enfatizar a diferença que está em princípio além do conserto e que justifica portanto uma permanente exclusão. Com efeito, tais sinais exteriores de um interior supostamente mórbido são em geral escolhidos por não cederem facilmente as habilidades cosméticas humanas” (GAGNEBIN, 2006, p. 77).

O estigma circunscreve uma cultura e traça uma fronteira para o território que deve ser propalado e preservado e, ao fazer tal delimitação, tudo que não se restringe a essa área cultuada pelo grupo deve ser estigmatizado e ser deixado de lado. Uma vez que os sinais de estigma são essencialmente irremovíveis, uma categoria só pode deixar de ser estigmatizada se o significante do estigma for reintrepretado como inócuo ou neutro ou se lhe for completamente negada significação semântica e se tornar assim socialmente invisível.

Provar a ausência de uma característica é uma tarefa endemicamente inconclusiva (desfazer o passado é absolutamente impossível) É improvável que tal esforço jamais chegue ao fim. Menos provável ainda é alcançar um status no qual nenhuma suspeita ou dúvida possam ser levantadas de que a reabilitação, por mais espetacular que seja, é ainda incompleta, superficial ou fingida. Afinal, o que se exige dos “culturalmente estranhos” através do auto refinamento é, em última análise, a eliminação da sua origem” (GAGNEBIN, 2006, p. 82).

De uma maneira geral, em uma abordagem sobre a classe dos engenheiros, como a dos mineiros, vejo que quanto mais os membros de um determinado grupo se sentirem seguros de sua superioridade ou de seu orgulho menor tende a ser a distorção. E quanto mais ameaçado um grupo social for, maior a probabilidade de que a pressão interna e, como parte dela, leva as crenças e simbologias de grupo como um padrão a todos, e nesse sentido se cria uma berlinda de proteção e superação de uma situação de ameaça.

Entende-se que a busca de explicar as diferenças nas estruturas de diversas sociedades não deve ficar restrita às particularidades econômicas, pois há o fato que as diferenças da organização e no desenvolvimento das instituições que exercem a violência física e espiritual tem um papel considerável. O mesmo se aplica ao desenvolvimento das relações de autorrevelação, no núcleo em torno no qual o sentimento de autoestima de uma pessoa está construído pode variar notavelmente não só de indivíduo para indivíduo, mas também de sociedade para sociedade. Seja como for, os seres humanos são sempre valorizados do seu próprio ponto de vista e aos olhos de outros.

A individualidade do estranho é dissolvida na categoria. É a categoria, não seus membros individuais, que é colocada à vista como a autêntica portadora suprapessoal, da diferença cultural que desafia uma distinção inequívoca entre amigo e inimigo. O indivíduo é um microcosmo da categoria como um todo. Ele

carrega a sua categoria nos ombros. É improvável que se livre deste fardo enquanto sua categoria existir. Com efeito, a pessoa que tenta escapar sozinha ao estigma de estranho, através do esforço individual, logo se descobre preso a um laço duplo (GAGNEBIN, 2006, p. 82).

Os grupos humanos vivem, na maioria das vezes, com medo um dos outros. Os indivíduos de um determinado grupo se observam mutuamente enquanto se tornam mais fortes ou mais fracos. Sempre que possível, tentam evitar que o outro grupo alcance um potencial maior que ao seu e, sejam quais forem às formas assumidas por essas rivalidades, elas não são subprodutos ocasionais, mas traços estruturais das figurações em que se encontram envolvidos.

Tais figurações indicam, em meio a grandes variações, determinados aspectos em comum. Um deles é o perigo em potencial que os grupos representam uns para os outros e, com isso, o temor que se tem uns com os outros. Nessa situação, a promoção da autoestima coletiva fortalece a integração de um grupo. Isso acontece com o problema expresso no fato de que praticamente todas as sociedades estigmatizam outros grupos com sendo grupos de status inferior e de menor valor. Uma grande variedade de estereótipos serve para este propósito.

Ainda há muito que dizer sobre as razões disto. Deve-se salientar um ponto importante, que merece ser mais explorado e analisado e que diz respeito à particularidade do orgulho dos grupos humanos. Ele está vinculado ao orgulho pessoal e faz parte da vida humana. Para este pesquisador, é inesquecível o “olhar” de orgulho nos mineiros ao serem entrevistados sobre sua vida e profissão. O orgulho social pode, mas não precisa, estar ligado ao status ou a função de uma pessoa na sociedade.

Na verdade, o orgulho é variável e extremamente sensível. Sua fragilidade é, no mínimo, um dos fatores responsáveis pela onipresença de discriminação de grupos humanos. Assim, o orgulho se torna reconhecível como uma forma positiva de autoavaliação das pessoas enquanto indivíduos ou grupos. E esse valor que alguém atribuiu a si mesmo, enquanto membro de um grupo ou enquanto indivíduo, é um elemento fundamental para a existência humana. Ele tem um papel central nas tentativas incessantes de grupos humanos de alcançar ou se elevar a uma posição superior a de seus semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi uma árdua pesquisa, mas promover o resgate e conhecer a cultura dos mineiros das Minas do Camaquã teve um grande valor acadêmico e pessoal. Seu cotidiano, a sua devoção à Santa Bárbara, a maneira como o trabalho era executado, os espaços culturais edificados, as referências aos períodos históricos, as histórias ocorridas ao longo das décadas e as estórias também lá contadas, denotando como foram vividas por eles, merecem importância.

Mesmo em meio a um mundo em transformação, no qual uma racionalidade funcional e econômica tem valores inalcançáveis, deve-se continuar resgatando a memória dos trabalhadores da Minas do Camaquã e denotar que, até hoje, ela está carregada de um forte sentimento de paixão pelo que faziam e de orgulho de serem trabalhadores honestos, pelo simples fato de se emocionarem ao se identificarem como mineiros.

A comunidade dos mineiros em Caçapava do Sul atualmente tenta preservar sua história e cultura através de encontros festivos marcados anualmente, que visam também reunir companheiros do batente diário no interior das galerias, assim como manter vínculos de amizades que se formaram no trabalho, no Cine Rodeio, nos jogos de futebol do Minerador ou na pós-faina diária, compartilhando uma cachaça no ‘bolicho do papa’. Muitos mineiros preferem não participar dos eventos por motivos sentimentais, por não quererem relembrar as tragédias que levaram a vida de seus amigos e colegas de trabalho nas minas; tentam evitar encontrar familiares de seus amigos que os fazem pensar nos momentos indesejáveis, que até hoje são cenas tristes e marcantes na memória da maioria dos mineiros. Há outros fatores que levam alguns mineiros, como o senhor Virgílio Ramos Dias, a não ir ao encontro dos mineiros: as campanhas políticas (presentes principalmente em épocas eleitorais), que hoje são marcantes em festividades nas mais diversas comunidades. Esta artimanha clientelística é usada por candidatos para atrair uma maior gama de votos, em troca de alguns favores concedidos à população local.

O mineiro Virgílio Ramos Dias explica o porquê do seu não comparecimento aos encontros: “sim, tem os eventos, mas eu não participo desses eventos, porque não é fácil tu ver as famílias dos amigos que morreram lá embaixo. A maioria nas festas não são os mineiros, mas sim políticos e eu não gosto muito de política”.

O relato acima demonstra que, apesar de os momentos bons vividos nas minas ainda estarem vivos e predominarem na memória dos moradores das minas, eles não apagam a memória ruim; ambas convivem e geram um embate no sentimento do mineiro e dos

engenheiros ao rememorar suas vivências nas Minas do Camaquã. As experiências vividas formam um mosaico diverso, rico e conflituoso, com aspectos bons e ruins, impossibilitando, dessa maneira, a elaboração de um discurso único pelos trabalhadores das minas.

Mas a maioria dos mineiros comparece aos eventos como uma forma de gratidão ao que as Minas do Camaquã lhes proporcionaram, e também como um meio de reencontrar amigos e refrescar a memória sobre as vivências do período áureo e feliz que passaram em suas vidas. O mineiro Santo Gelsi Moreira diz, ao rememorar sua passagem pelas Minas do Camaquã:

Eu era filho de agricultor e não tinha estudo nenhum, e quando saí para trabalhar nas empresas, eu aceitava trabalhar em qualquer serviço, o pior que tinha eu pegava. De repente, as Minas do Camaquã, cheguei em janeiro, e em março já estava estudando. Eu era um “vovô” no meio de toda aquela gurizada. Completei meu 1º grau. Depois fiz meu 2º grau. A partir deste momento, foi que comecei a me desenvolver lá dentro, a mina foi me promovendo. Fazia cursos nestas grandes empresas de mineração. Aí tive a oportunidade de trabalhar diretamente com os fornecedores dessas empresas que vinham à mina. Então, tudo o que sou hoje, devo às minas do Camaquã. (MOREIRA, 18 de abr 2009).

Uma crônica escrita por um ex-mineiro, o senhor Charles Marques Lemes, demonstra melancolia, saudosismo e também se refere às incertezas do seu futuro e do futuro de seus companheiros, em contraponto com a estabilidade, as garantias e os costumes que promoviam facilidades e conforto na sua vivência nas Minas do Camaquã:

Naquele pequeno e rápido trajeto, passa por sua cabeça uma tempestade de *flashes*. Algo semelhante ao receber a notícia. Momentos agradáveis junto com sua família, seus colegas, a vida tranquila de um pequeno lugarejo, a certeza do salário no final do mês, a perspectiva de uma boa aposentadoria. Lembrava das jantas que tinha feito junto com seus amigos que moravam em alojamentos. Todos se reuniam e faziam um churrasco. Não faltava música. Seu amigo Bill pegava uma gaita e se encarregava de animar a festa. Também os momentos tristes. As perdas de amigos, as despedidas, os sonhos frustrados, as intempéries do tempo. Mas tudo aquilo era passado. O que mais lhe preocupava era o futuro. Seus amigos sem destino certo, sem profissão e sem moradia. Ele, que só conhecia o interior, como enfrentaria uma cidade grande ou capital. Não saberia nem por onde começar, mas ficar parado não podia, tinha filhos para sustentar. (MARQUES, 1996).

Os estudos efetuados sobre a cultura, identidades e o cotidiano de trabalho oriundos deste ciclo minerador se tornam importantes porque deles podem ser resgatados dados para compor um estudo mais completo referente à localidade das Minas do Camaquã. Os aspectos culturais são múltiplos e, ao mesmo tempo, pontuais, mas não deixam de ter sua importância. No caso das Minas do Camaquã, conseguiu-se analisar vários desdobramentos que podem gerar e abarcar novas condições para efetuar mais pesquisas sobre o tema, bem como criar lacunas a serem preenchidas e aprofundadas no trabalho.

Como resgate histórico, a pesquisa teve um valor estimado: o breve histórico das Minas do Camaquã, efetuado no primeiro capítulo, foi importante para contextualizar o tema pesquisado, além de ser necessário para o entendimento do leitor dos entrelaces sociais ocorridos nas minas. Também teve grande significância no âmbito acadêmico, já que ainda não havia se estabelecido uma cronologia sobre as sequências de empresas que obtiveram concessões de exploração das minas desde sua descoberta, em 1865, por João Dias dos Santos Rosa. Dessa forma, a pesquisa foi importante tanto para o conhecimento histórico como para um resgate sociocultural sobre as vivências ocorridas nas Minas do Camaquã, no que se refere ao Cine Rodeio, ao Minerador Futebol Clube, à presença de estrangeiros e à figura ilustre e mais lembrada da comunidade, Baby Pignatari.

O entendimento sobre as vivências das camadas populares, o resgate sociocultural e explicitações da identidade dos trabalhadores foram estudados no segundo capítulo. Neste ponto, foram explorados, através das entrevistas, os sentimentos dos trabalhadores com relação às suas vivências nas Minas do Camaquã e suas posições com relação à identidade dos mineiros e engenheiros. A partir disto, acabou-se fornecendo a parcela própria de conhecimento para preencher uma lacuna historiográfica sobre o tema.

(...) Serei poeta dos mineiros? Não porque eu seja mais poeta
do que esses homens anônimos. Que puxam ventres de terra
como mães que parem filhos, mas porque tenho este jeito
de sofrer e amar por eles. Baixei ao fundo da mina
Era o tocador de carro, o furador, todos eles.
E eu passava entre eles, pequeno, amante, transido.
O engenheiro explicava como era feito o trabalho.
Aqui, debaixo da terra. E a terra nos abraça
e vai fechando o abraço.
O transitado anoitecer à espera do amanhecer.
(SALDANHA, 1974, p. 141).

Heitor Saldanha valoriza, através de suas poesias, a profissão dos mineiros e também expressou uma tentativa de não deixar cair no esquecimento a história e a importância desses homens “anônimos” para a sociedade, mesmo que o resgate do meio social e da cultura desses sujeitos históricos se limite à comunidade formada no entorno das minas.

Na medida das possibilidades, explicitou-se, no terceiro e no último capítulo, os aspectos significativos em termos da dinamização social, pois o trabalho cotidiano e vida comunitária pareciam girar em torno da mineração. Foi desenvolvido um resgate da cultura dos indivíduos envolvidos no processo, proporcionando o entendimento das condições em que se dava a produção e, sendo de enorme valia para criar uma percepção sobre a vida cotidiana

dos trabalhadores no local e sobre as estruturas sociais nas quais se fundamentou a comunidade envolvida.

Mas deve-se salientar aqui que isso tudo existe devido aos mineiros: eles são imprescindíveis para a história e a cultura das Minas do Camaquã em Caçapava do Sul. São muito importantes para a história local as atuações de Baby Pignatari na formação do complexo industrial na cidade, assim como as coordenadas capitaneadas pelos engenheiros para executar a exploração das minas. Porém, nada seria possível sem a presença daqueles que se ocultavam no interior das galerias, exercendo a mais importante e perigosa parte do trabalho exploratório: os mineiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, N. da S. **História do município de Caçapava do Sul**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1992.

ALVIM, P. A. Algumas minas do Rio Grande do Sul. **Mineração e Metalurgia**, p. 7-4, mai./jun, p. 7-14, 1939.

AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

ANTUNES, Ricardo. **Classe operária, sindicatos e partido no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1982.

BATALHA, CLAUDIO H.M. (org). **Culturas de classe**. São Paulo: Unicamp, 2004.

BATALHA, CLAUDIO H. M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.12, n. 23/24, p. 111-124, 1992.

BERNAL, J. D. **Ciência na história**. Lisboa: Novos Horizontes, 1975.

BETTENCOURT, J. S. 1992. **A mina de cobre do Camaquã, RS**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BUNSE, Heinrich. **A mineração no Rio Grande do sul**. Porto Alegre: Feplan, 1984.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CALDAS, Valdenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: IBRASA, 1990.

CASSOL, Arnaldo Luiz; ABRÃO, Nicolau da Silveira. **Caçapava**: capital farroupilha. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

COMPANHIA BRASILEIRA DO COBRE (CBC). **Companhia Brasileira do Cobre (1942–1992)**. Caçapava do Sul: Minas do Camaquã, 1992. Edição comemorativa.

CARDOSO, Ciro Flamarion. A história na virada do milênio: fim das certezas, crise de paradigmas? Que história convirá no século 21. In: _____. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Ensaios. Bauru: Ed. Da UFSC, 2005.

- CIOCCARI, Marta. **Ecos do subterrâneo**: estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade de mineiros do carvão de Minas do Leão (RS). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- COMPANHIA RIOGRANDENSE DE MINERAÇÃO. **Folder informativo**. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, fev. 2001.
- CORREA, Roberto Lobato (org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DIEHL, Astor. Teoria historiográfica: diálogo entre tradição e inovação. **Varia história**, Belo Horizonte, v. 22, n.36, , p. 368-394, jul./dez. 2006.
- DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe. **História da vida privada**: Da Revolução francesa a Primeira guerra mundial. Org. Michelle Perrot. São Paulo: Companhia das letras, 2009. v. 4.
- DUARTE, Luis Fernandes Dias. Identidade social e padrões de agressividade verbal entre trabalhadores urbanos. In: LEITE LOPES, J. S. (Org). **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.
- ECKERT, Cornelia. Os homens da mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS. Dissertação (Mestrado em Antropologia, Sociologia e Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1985.
- ECKERT, Cornelia. Memória e identidade: ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão (La Grande Kombe, França). **Cadernos de Antropologia**, n. 11, Porto Alegre: UFRGS, 1993
- ELIAS, Norbert; JOHN, Scotson. **Os estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ENGLERT, L. **Minérios de cobre no Rio Grande do Sul: fontes de energia e fatos econômicos do Rio Grande do Sul que se relacionam com a indústria de cobre**. São Paulo, Brasiliense, 1942.
- FARAH, F. **Vilas de mineração e de barragens no Brasil**: retrato de Uma Época. São Paulo: Instituto de Pesquisas tecnológicas. 1993.
- FORTES, Alexandre. **Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul/Rio de Janeiro: Educs/Garamond, 2004. Coleção ANPUH/RS.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado: memória, história, testemunho; o que significa elaborar o passado? o rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: _____. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006. p.39-48; 49-58; 97-106; 107-118.
- GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: Unesp, 1996.
- GROSSI, Yone. **Mina do Morro Velho**: a extração do homem. RJ: Paz e Terra, 1981.

- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IANNI, Octávio. **A sociedade global**. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- JOHNSON, Richard (Org.). **O que é afinal estudos culturais?** Belo Horizonte: ed. Autêntica, 1999.
- Jornal Gazeta Mercantil, Dez de 1997. Arquivo da CBC. Caçapava do sul.
- Jornal O Bom, Out de 1968. Arquivo da Biblioteca municipal. Caçapava do sul.
- Jornal O Bom, Mar de 1970. Arquivo da Biblioteca municipal. Caçapava do sul.
- Jornal O Bom, Jul de 1979. Arquivo da Biblioteca municipal. Caçapava do sul.
- Jornal Zero Hora, Mar de 1998. Arquivo da CBC. Caçapava do sul.
- LEITE LOPES, José Sérgio (Org.). **Cultura e identidade operária**: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1987.
- LONER, Beatriz. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande 1888-1930) Pelotas: EDUFPEl, 2001.
- MACEDO, Ana Macedo de. **Baby Pignatari**: o centauro de bronze. Porto Alegre, ed. Metrópole, 2006.
- MACEDO, José Rivair. **Riso, cultura e sociedade na Idade Média**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- MAGNOLI, Demétrio (Org.). **Cenário gaúcho**: representações históricas e geográficas. São Paulo: Moderna, 2001.
- MARQUES, Lemes Charles. **O último filão**. Crônica. Caçapava do Sul, 1996.
- MARTINS, Marcos Lobato. Eric J. Hobsbawm. In. LOPES, Marcos Antonio; MUNHOZ, Sidney J. **Historiadores de nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010. p. 71-92.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
- MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Ceia, 1990.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MINAYO, M.C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MOREIRA, Ruy. **O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil:** estudo sobre sociedade e espaço. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MULLER, Ricardo Gaspar; MUNHOZ, Sidney J. Edward Palmer Thompson. In. LOPES, Marcos Antonio; MUNHOZ, Sidney J. **Historiadores de nosso tempo.** São Paulo: Alameda, 2010. p. 31-52.

MULHERN, Francis. A política dos estudos culturais; AHAMAD, Aijaz. problemas de classe e cultura. In. WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy. **Em defesa da história;** marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 50-73.

NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel. **Sobre a humilhação:** sentimentos, gestos e palavras. Uberlândia. EDUFU, 2005.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Um estado para a sociedade civil.** São Paulo: Cortez, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto de História,** São Paulo, Puc, n.10, p. 7-28. dez. 1993.

_____. O fechamento de minas. **Minérios e Minerales,** ano XXXI, jul. 2007.

OLIVEIRA A. I. de. **Histórico da mineração de cobre no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS, 1944.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

_____. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Origens do primeiro de maio no Brasil.** Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS – MEC, 1981.

PINTO, V. N. Balanço nas transformações econômicas do século XIX. In: _____. **Brasil em perspectiva.** Rio de Janeiro: Difel, 1980. p.126-145.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POULANTZAS, Nicos. **As classes sociais no capitalismo de hoje.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975 .

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Revista do programa de Estudos Pós-graduados em história do departamento de História da PUC/SP.** Projeto História 17: Trabalhos da memória. São Paulo: Ed Da Puc/SP, 1998.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Revista do programa de Estudos Pós-graduados em História do departamento de História da PUC/SP.** Projeto História 14: Cultura e representação. São Paulo: Ed. Da PUC/SP, 1997.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RONCHI, Luiz Henrique; LOBATO, Anderson Orestes Cavalcante. **Minas do Camaquã: um estudo multidisciplinar**. São Leopoldo, ed. Unisinos, 2000.

SALDANHA, Heitor. **A hora evarista**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1974.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único ao pensamento universal**. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Unicamp, 2001. p.37-58.

_____. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, Horacio; NAXARA, Márcia Regina Capelari; LOPES, Maria Aparecida de S. (orgs.). **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**. Franca, SP: UNESP; São Paulo: Olho D'Água, 2003. p.161-183.

SILVA, Cristina Ennes da. **Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

STRÖBER, Eneida Ripoil. **Vila Minas do Camaquã: uma visão da arquitetura**. Disponível em: <http://www.unisinos.br/graduacao/bacharelado/geologia/minas_camaqua/cap02.pdf>. Acesso em: 23.out.2010.

TEDESCO, João Carlos (Org.). **Usos da memória**. Passo Fundo: Editora UPF, 2002.

TEIXEIRA, E. 1992. **Lavras do Sul e Caçapava do sul na bateia do tempo**. Lavras do Sul, 1992.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul . A voz do passado. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VOLPATO, T.G. A pirita humana: **Os mineiros de Criciúma**. Santa Catarina: UFSC, 1984.

WINTER, Stefanie Kohn. **Reflexões culturais sobre o antigo prédio do Clube Minas do Camaquã em Caçapava do Sul/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Revista do programa de Estudos Pós-graduados em História do departamento de História da PUC/SP**. Projeto História 17: Trabalhos da memória. São Paulo: ed. da PUC/SP, 1998.

SITES PESQUISADOS

Disponível em: <<http://www.cemamc.com.br/>> Acesso em: 21 abr. 2011.

Disponível em: <<http://www.minasdocamaqua.com.br>> Acesso em: 3 set. 2011.

Disponível em: <<http://www.gestaoesch.com.br>> Acesso em abril de 2008.

ANEXOS – ENTREVISTAS

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 36 MIN.

DATA: 17 DE ABRIL DE 2009.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – AMILTON PORTO (MINEIRO APOSENTADO).

ENTREVISTADOR – Qual o período que o senhor trabalhou nas minas?

ENTREVISTADO - Sim trabalhei. Olha foi de 1965 a 1983. São 18 anos de trabalho. Comecei a trabalhar na mina subterrânea, de baixo da mina. Depois de uma época, uns quatro anos antes de se aposentar, aí passei a trabalhar na geologia, pra trabalhar nos campos em pesquisa. Eu era profissional, e trabalhava com máquinas transportando o minério pra fora. E na geologia era bom também, trabalhava além de Caçapava em outras cidades. Trabalhava em Cachoeira, em Lavras, Santaninha também. Conheci bastante lugares e estagiários, que estavam se formando e trabalhavam com nós.

ENTREVISTADOR – As minas acolheram muitas pessoas de fora?

ENTREVISTADO - Vinham do Japão, do Chile. Nós trabalhávamos não só com engenheiro brasileiro, mas também com estrangeiro.

ENTREVISTADOR – Como ocorreu a receptividades da população com a chegada dos estrangeiros?

ENTREVISTADO - Era boa, nós gostava bastante dos estagiário e dos geólogos que trabalhavam com nós. A gente era profissional, e eles precisavam do empregado. E o empregado que fosse bom pra firma tinha vez. Eu trabalhei 18 anos e me aposentei, mas eles fizeram proposta pra mim ficar, mas eu precisava sair pra comprar uma casinha pra morar. Mas a gente vivia bem, se dava bem com os vizinhos.

ENTREVISTADOR – O senhor chegou a conhecer o Baby Pignatari?

ENTREVISTADO – Com certeza. Lembro sim, era gente boa. Ele só não gostava que o destratasse e o contrariasse no trabalho, mas no mais, pra turma dos peões era 100 %. A mina começou a fracassar depois que ele morreu. Mas era muito bom, e dava cada festa. Uma vez eles deram uma festa, com umas dez vacas carneadas, e fizeram um churrascão de campanha. Ele era muito bom. Pelo menos para aqueles que eram mais pobres, que ganhavam menos, aí que ele era bom.

ENTREVISTADOR – Quais eram as condições de trabalho nas minas? Havia segurança? O senhor tinha medo de ir ao trabalho?

ENTREVISTADO – A segurança no fim da mina era muito boa, no início não tinha aquele equipamento de segurança pra gente trabalhar. Não tinha medo porque a gente se acostumava, e graças a Deus eu fui de bastante sorte que nunca perdi um colega de serviço durante o tempo de serviço que eu estive lá. Que nos outros turnos a gente sabe que perdiam colegas ou vizinhos conhecidos da gente né? Eu graças a Deus eu tive sorte que no meu horário nunca perdi um colega. Eu assisti bastante gente com acidente grave, perdendo vista. Inclusive eu atorei um dedo, numa maquina quando eu estava trabalhando.

ENTREVISTADOR – O senhor presenciou algum acidente?

ENTREVISTADO - Acidente deu muito. Eu assisti acidente de apavorar. Se fosse por medo e não baixava mais para mina. Uma vez eles foram botar umas pedras nas caçambas para encher uma vagoneta e derrubaram em cima de uns explosivos e detonou tudo. Explodiu tudo ali e morreu uns dois ou três, eu lembro que um atoreu as pernas dele. Porque fui eu e mais dois para socorrer e ficaram só os nervos e a roupa aparecendo, aí nós o tiremos ainda vivo, mas depois morreu. Outro ficou cego, outro perdeu as pernas e os braços também, quem tava meio perto pegou. Não. Eu nunca tive medo. Eu nunca me apavorei de ver isso. Uma vez mesmo, caiu uma pedra em cima de um lá, e ficaram só as botas de fora. Aí, tiraram a pedra de cima dele, mas quando foram tirar sobraram só os farelinhos e tiraram em uma caixinha de papel para fora da mina. Depois, outra vez, os caras desciam a mina em uma gaiola. E uns dez caras entraram na gaiola e pediram pra baixar, e o cara se confundiu quando deu o sinal e subiu, e quando ela quis bater no teto, uns se atiraram, outros se agarraram, e um se atirou ao poço abaixo, uns 300 metros de fundura. Tinha no caminho um ferro atravessado, ele bateu e partiu ele no meio, aí depois nós descemos e ficaram as tripas dele, os braços e o resto foram tudo para o fundo do poço. Outra vez tinha uns caras que puxavam na mina, eram

particulares, e tinha uma rampinha, os caras estavam esperando ali para carregar as caçambas que levavam o minério. Aí, descendo por uma rampinha, quando foram olhar, o cara baixou a cabeça para olhar pra baixo do poço uma equipe venho de cima e esmagou a cabeça dele contra uma viga quadrada. Mas não morreu, só esbugalhou a cabeça e ficou com os olhos meio cumpridos.

ENTREVISTADOR – Qual a estrutura que a empresa fornecia? E como eram as casas nas minas?

ENTREVISTADO - Pra gente assim só festa, quando o Pignatari vinha e dava aqueles churrascão. E bailes às vezes saíam festas juninas, era bem bom, com bastante pipoca e quentão. Mas, tinha escola, campos de futebol, tinha hospital se a gente precisa-se fazer exames ou baixar.

ENTREVISTADOR – Quando chegaram as novas máquinas, como ocorreu para vocês se adaptar ao trabalho?

ENTREVISTADO - Eu fiz muito treinamento naquelas maquinas, e fui aprovado. Assistia a umas aulas pra saber manejar e operar nelas. Eu fui aprovado, mas já estava na época de me aposentar, e eu não quis ficar né. Aí, eles me colocaram de bombeiro depois para completar o tempo. Era só saber operar as bombas e as fazê-las funcionar normal. Também tinha um encarregado. Uma pessoa que era inteligente naquelas máquinas e fazia o treinamento na gente. Eu fiz muito treinamento naquelas maquinas, e fui aprovado. Assistia a umas aulas pra saber manejar e operar nelas. Eu fui aprovado, mas já estava na época de me aposentar, e eu não quis ficar né. Aí, eles me colocaram de bombeiro depois para completar o tempo. Era só saber operar as bombas e a fazê-las funcionar normal.

ENTREVISTADOR – O senhor sente saudades das minas?

ENTREVISTADO - É eu trabalhei bastante tempo. Quando eu morava lá eu gostava, mas depois a gente esquece. Eu posso dizer que eu tive sorte. Porque como eu estava dizendo, teve outras pessoas que saíram de lá com problemas. Às vezes sonho com as minas. Porque, a gente que trabalhava lá embaixo, acontecia uns acidentes. Eu no inicio só queria trabalhar uns dois anos, porque tinha medo de prejudicar a saúde na mina subterrânea, mas depois fui indo e acabei me acostumando, e não pedia pra sair e nem me soltavam, foi que acabei me aposentando.

ENTREVISTADOR – O senhor vai ao encontro dos mineiros?

ENTREVISTADO - Não vou. Porque a gente acaba gastando alguma coisa, e a gente tem que economizar. Mas eu graças a Deus eu ainda encontro meus colegas de trabalho.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 43 MIN.

DATA: 18 DE ABRIL DE 2009.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – SANTO GELSI MOREIRA (“BUGRE DO MATO”) (MINEIRO APOSENTADO/ CANTOR E COMPOSITOR).

ENTREVISTADOR – Qual o período que o senhor trabalhou nas minas?

BUGRE DO MATO – Eu comecei em 24 de janeiro de 1980 e saí em 16 de março de 1996. Eu trabalhei 16 anos e alguns meses. Então as Minas, quando eu cheguei lá, eram muito primitivas. Depois que ela foi adquirindo equipamentos praticamente de primeiro mundo, inclusive nós tínhamos máquinas nas Minas que não existiam no Rio Grande do Sul. Escavadeiras, tratores de esteira, caminhões agachados, jumbos e perfuratrizes. Vários tipos de equipamentos que a mina adquiriu de 1980 para cá. Quando eu cheguei lá na mina, não existiam esses equipamentos, existiam os caminhões antigos, chamavam de “Euclides”, e inclusive os minérios eram retirados por vagonetas, depois era descarregada toda aquela pedra para ser moída. Aí, depois, após este período, a mina modernizou-se com equipamentos de última geração. Aí tudo era por correias transportadoras, tinha um britador de pedras, que após passava por um processo de rebritação, e dali ia para a decantação, para separar o que é minério e o que não era. Aquele minério depois ficava como pó, e ia carregado nas carretas para o porto de Pelotas, e depois de navio ia para a Caraíba de metais na Bahia, e de lá exportavam. Mas o que dava lucro na mina era o ouro, o ouro era “caixa dois” da mina. A mina era a COBRACO de “fachada”, na verdade o que mantinha a mina era o ouro, o cobre, o chumbo, e o zinco eram muito barato na época. Depois fizeram uma geofísica, trouxeram um pessoal dos Estados Unidos, e constataram que não existia mais minério. Eu nunca acreditei

nesta história. Agora tem uma firma canadense, que faz dois anos que ela está fazendo pesquisas lá dentro, se não tivesse nada, não ia ficar fazendo pesquisas todo este tempo.

ENTREVISTADOR – Qual função o senhor executou nas minas?

BUGRE DO MATO – Eu trabalhei em todas as funções. Eu comecei como auxiliar de serviço trabalhava na topografia, era para ajudar a carregar a aparelhagem para os topógrafos, ajudava a carregar as estaquinhos para demarcar a topografia. Aí, depois eu saí da topografia, e fui para a geologia, onde classificam as pedras, a sonda tirava as amostras e a gente numerava as caixas nos determinados locais. Depois eu trabalhei no controle do pessoal. Depois, passei para o programador de manutenção, onde eu era responsável pelo equipamento da mina e controle de peças e máquinas. Bom, eu era filho de agricultor e não tinha estudo nenhum, e quando saí para trabalhar nas empresas, eu aceitava a trabalhar em qualquer serviço, o pior que tinha eu pegava. O que um dia me fez estudar, foi quando eu cheguei em uma empresa pedir emprego, e me pediram minha escolaridade, eu disse até a 4º série. Aí, chegou outro rapaz, bem mais jovem que tinha estudado até a 7º série. Quando começamos a trabalhar, eu fiquei com o pior trabalho, enquanto ele no setor administrativo. Aí, tomei vergonha, fui procurar uma empresa pra estudar e trabalhar. De repente, as minas do Camaquã, que tinha escola até o 1º grau. Cheguei na mina em janeiro, e em março já estava estudando. Eu era o Vô no meio de toda aquela gurizada. Completei meu 1º grau. Depois fiz meu 2º grau. A partir deste momento, foi que comecei a me desenvolver lá dentro, a mina foi me promovendo. E após isto, a mina foi me dando 16 cursos de manutenção, componentes hidráulicos, monitor que daria palestras, desse jeito eu fui para São Paulo e Minas Gerais. Fazia cursos nestas grandes empresas de mineração. Aí tive a oportunidade de trabalhar diretamente com os fornecedores dessas empresas que vinham a mina. Então pra mim foi uma evolução muito grande, pois eu peguei a mina em duas etapas, quando ela era estatal e quando ela foi privatizada. Aí, ela reduziu mais da metade dos funcionários. Aí, o engenheiro disse assim, só vai ficar quem trabalha. Eu fui um dos escolhidos para ficar, então foi o ponto que eu consegui adquirir, depois de subir todos esses degraus, pois eu trabalhava de dia, e mesmo cansado, de noite eu ia para a escola. Então, tudo o que sou hoje, devo as minas do Camaquã.

ENTREVISTADOR – Qual estrutura existia nas minas?

BUGRE DO MATO – A mina tinha escola. Tinha hospital. Uma estrutura com água tratada e energia elétrica para as residências, e as pessoas não pagavam nada. Então era uma ajuda muito grande. Tinha o transporte para o trabalho. Tinha o ticket refeição e uma ajuda de custo

para os funcionários. Então a mina foi uma coisa muito boa que passou por Caçapava e que gostaríamos que voltasse novamente. A mina me ajudou a realizar meus sonhos e objetivos que eu não imaginava. Teve muitas pessoas que passaram pela mina e não embarcaram, deixaram o barco passar. Eles não estudaram, não fizeram nada. Perderam tudo. Porque eles achavam que aquilo ali eles achavam em qualquer lugar. Então, como eu já vinha de outras empresas, eu resolvi aproveitar tudo aquilo que a mina me proporcionava.

ENTREVISTADOR – As minas acolheram muitas pessoas de fora?

BUGRE DO MATO – Sim, de toda a parte. Então, os belgas foram um dos primeiros a virem para cá em 1940 e poucos.

ENTREVISTADOR – Como ocorreu a receptividade da população com a chegada dos estrangeiros?

BUGRE DO MATO – Olha, na mina tinha gente de toda a parte do mundo. Tinha japonês, americanos, espanhóis. Então quando chegava um americano ou um japonês tinha um engenheiro na mina que falava outros idiomas, e era ele que ia recepcionar e tentar dialogar com aquela pessoa. Então tinha engenheiro e geólogo especializado para isso. Até quando eles fizeram a geofísica lá na mina, eles chegavam no armazém, e eles liam o português. Então quando eles queriam alguma coisa, que o dono do comércio não entendia, eles pegavam a lanterninha e alumiam o que queriam. Pra falar com ele tinha um intérprete, então o cara andava sempre junto com ele. Mas teve um sueco, que não se entendia nada, nada, nada. Dava uma raiva. Já os chilenos e espanhóis entendiam um pouco o brasileiro. Mas nós não conversávamos muito com os engenheiros. Ninguém se dava bem com os engenheiros, nem entre eles, porque sempre um dizia que sabia mais que o outro. A mina era uma coisa muito separatista, engenheiro com engenheiro e mineiro com mineiro. Funcionários pequenos com os pequenos.

ENTREVISTADOR – Havia lazer nas minas?

BUGRE DO MATO – Nas minas tinha campo de futebol, baile, depois fizeram o ginásio de esportes. Então eram as diversões da época. Mais tarde fundaram o CTG Ronda Crioula em 1988 ou 1989, do qual eu fiz parte da patronagem deste CTG. Tinha também a Igreja Católica. Então ela tinha estrutura para as pessoas que trabalhavam, já que a não podia sair de lá, porque a mina tinha três turnos consecutivos. Tinha um turno das 6hs da manhã as 14hs da

tarde. Das 14hs as 22hs da noite. E das 22hs as 6hs da manhã. Então ela nunca parava, enquanto uns estavam repousando outros estavam trabalhando.

ENTREVISTADOR – Quais eram as condições de trabalho nas minas? Havia segurança?

BUGRE DO MATO – No começo não tinha equipamentos adequados para trabalhar nas galerias. A mina não era muito ventilada para as chaminés nas galerias. Aí, depois que se modernizou com equipamentos de primeiro mundo, começava a ventilar mais a mina. Porque na mina, quando tinha as detonações vinha aquele cheiro e fumaça de explosivo mais a poeira das máquinas que trabalhavam lá. Então, havia máquinas enormes, e a gente tinha medo porque não enxergava nada, só as sinaleiras, o resto era poeira, então nós tínhamos que ter equipamentos de proteção, capacete, máscara, a bota de borracha com palmilha pra não pisar em materiais pontiagudos. Também tinha aquele risco de ocorrer uma detonação e ficar algum explosivo negado, e a pessoa podia chegar lá e bater e detonar e matar muitas pessoas. Então a mina era uma área de risco muito grande. Eu trabalhava em turno de seis horas. Mas tinha muita hora extra. Eu cheguei a trabalhar no tempo que tinha um uruguaio, umas 13 horas por dia. Mas também quando me aposentei rendeu. Aí, os caras me perguntam: Como é que você ficou ganhando tanto? Porque nem os encarregados e os capatazes gerais ganharam tanto. E eu fiquei ganhando mais que todo mundo.

ENTREVISTADOR – O senhor presenciou algum acidente?

BUGRE DO MATO – Sim, presenciei uma vez de uma pedra cair em cima de um trabalhador e matou na hora. Porque as galerias tinham vários andares, e tinha um elevador que descia o pessoal e a rampa que descia os carros. Cada nível daqueles era cheio de galerias, então se você andava na mina, e visse uma terrinha caindo, você podia correr. Então tinha que ter muito cuidado e seguir as regras de segurança. Eu fiz parte do Sistema de Prevenção de Acidentes (SIPA), e eu te digo assim, não protegia muito os mineiros, porque a gente nunca sabia onde e quando ia acontecer um acidente, então eu não salvei muitas pessoas de morrerem acidentadas, e quando eu via algum perigo nas minas eu levava para a chefia nas reuniões.

ENTREVISTADOR – Como se dava a relações entre os mineiros e engenheiros e com o proprietário?

BUGRE DO MATO – A mina era uma coisa muito separatista, engenheiro com engenheiro, encarregado com encarregado e supervisor com supervisor. Funcionários pequenos com os pequenos. Inclusive, as próprias casas tinham divisão, os engenheiros e geólogos tinham uma casa melhor, os encarregado já tinham uma casa menor. E os funcionários pequenos moravam lá na beira da barragem com uma casinha bem pobrezinha, porque não tinha posto dentro da empresa para morar melhor. Então, eu morei em várias casas, quando meu posto foi subindo ia ganhando casa melhor.

ENTREVISTADOR – O senhor chegou a conhecer o Baby Pignatari?

BUGRE DO MATO – Não, mas ao saber da história dele, acho difícil surgir alguém como ele que vai trazer fortuna, e investiu tudo aqui. Os mineiros pra ele eram filhos. Quando ele fazia uma festa, ninguém pagava nada. Mandava convidar até a vizinhança. Então o Pignatari foi uma pessoa excelente, não nasce um igual tão cedo. Um homem que investiu sua fortuna, e ele não precisava, podia ficar de perna pra cima sem fazer nada, e investiu tudo naquela infraestrutura. Porque a mina antes do Pignatari era umas casinhas, e ele fez tudo, igreja, hospital, tudo aquilo lá para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Todo mundo tinha um poder aquisitivo bem razoável na época.

ENTREVISTADOR – Qual foi sua reação quando a mina fechou? O senhor sente saudades?

BUGRE DO MATO – Ah ! Foi um choque muito grande. Porque desde que eu fui pra tinha a história que a mina ia fechar, mas alguém dava um jeito e não fechava. Então quando falou em fechar de novo, eu já não acreditava. Quando nós vimos a mina acabou fechando mesmo. Mas o que eles fizeram. Eles não fecharam a mina, se tivesse fechado era bom para nós. Eles iam indenizar o pessoal e repartir o patrimônio com os acionistas. Mas eles foram espertos. Eles fizeram uma paralisação temporária. Pra poder corroer o patrimônio. Aí, não sobrou nada para nós. Os maiores se serviram a vontade, e acabou nós, os mais pequenos, levando o prejuízo. E que estava bem alicerçado na mina saíram muito bem, estão até hoje com as continhas gorda no banco. Sim, sinto saudade da mina e das pessoas. Vou ao encontro dos mineiros, não perco um. Não perco por nada. Para rever os amigos, que é uma coisa muito boa. Tiveram pessoas que tiveram sorte na mina e outras que não tiveram. Teve famílias que perderam pessoas lá dentro. Teve gente que se aposentou lá bem jovem, por doença. Todo estourado. Então posso dizer que nem todas as pessoas tiveram a minha felicidade, porque quando eu saí da mina e nunca tive doença dela. Eu sonho com as minas. Eu tive momentos muito bonitos, inclusive me casei na mina. Eu devo tudo a mina.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 58 MIN.

DATA: 22 DE MARÇO DE 2012.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – GUACIRA PEREIRA PAVÃO (EMPRESÁRIA E ENGENHEIRA).

ENTREVISTADOR – Seu nome completo e quando chegou as minas do Camaquã?

ENTREVISTADO – Guacira Pereira Pavão. Cheguei as minas com 3 anos de idade. Então, já estou a mais de 50 anos por lá. É claro que eu acabei saindo e retornando, mas nunca me desvinculei da comunidade.

ENTREVISTADOR – Como se davam as relações entre mineiros e engenheiros nas minas. Existia algum tipo de conflito?

ENTREVISTADO – Não existiam atritos e conflitos. Devemos entender que quando se trata de empresa na área de mineração, onde o trabalho e o lazer estão juntos. Pois, tudo é muito longe das minas do Camaquã, tanto santaninha como Caçapava. Então, longe de tudo, o povo trabalhador deveria criar alguma coisa dentro da comunidade, e com relação a isto existe o antes da fase Pignatari e o depois da fase Pignatari. Durante a fase do Pignatari se privilegiou a qualidade de vida para os funcionários dele. Pois, quanto melhor estiver o funcionário maior será a produção e o rendimento, e isto porque ele era um empreendedor vislumbrador. Eu o conheci, e sou o que sou hoje graças a ele. Pois, diante de seu incentivo educacional fui uma das melhores alunas da época, sendo que ele valorizava aqueles que trabalhavam e se desenvolviam dentro da empresa e eu fui uma dessas pessoas. Então, o Baby criou essas áreas de lazer, o maior exemplo vai ser o Cine Rodeio. Além das festas para os trabalhadores e da padroeira, a construção de uma piscina flutuante. Então, vai ser a partir daí que as pessoas vão se unir mais. Teve um administrador chamado Fadiga, este sim começou a explorar demais os funcionários e usar desvios de autoridade, a partir de então o Pignatari começou a ir as minas do Camaquã. Pois, ele tem aquele pensamento de chefe é chefe, mas eu sou seu colega. Uma

igualdade total, mas através deste administrador que fazia a função do Baby, o engenheiro está lá em cima e o mineiro lá embaixo. Em função disto que aconteceu um certo atrito e um abuso de poder que levou a “intriguinhas” e o inconformismo do trabalhador, mas não que eles fossem desprivilegiados. Ele só exigia trabalho, disciplina e respeito se não cumprir saíria da empresa. O Pignatari incentivava o trabalho da mulher o que as tornaram independentes, ele montou uma costuraria para fazer os próprios uniformes da empresa valorizando a mão de obra feminina e o crescimento de um povo. Tanto que eu entrei na empresa com 13 anos começando no setor administrativo e depois eu passei ao setor técnico na engenharia e geologia. O apogeu foi na fase Pignatari com seu impulso, mas se manteve depois da sua saída. Foi a privatização da empresa e a terceirização de alguns setores que levou ao descuido da comunidade e a destruição de alguns patrimônios. Mas a era Pignatari ocorreu uma igualdade de direitos total com benefícios para todos. Com uma estrutura de 1º mundo nas minas do Camaquã. Ele era muito bom, tanto é que quando ele chegou as minas, ao passar de carro por uma casa de um mineiro na Vila Uruguai, uma região que possuía umas casas de estrutura ruim, ele viu um mineiro melhorando sua casa e aumentando uma peça por conta, o Baby mandou ele parar e no outro dia ele exigiu a construção de uma casa nova ao mineiro Nadico, pois aquilo era uma condição imprópria para moradia. Mais tarde, o Nadico se tornou o informante do Pignatari sobre o que acontecia na comunidade e com o povo.

ENTREVISTADOR – Como se deu a estruturação residencial das minas?

ENTREVISTADO – Eu fui filha de operário. Então eu comecei no escalão lá embaixo até onde estou hoje. As casas possuíam água, luz e os mesmos direitos das casas dos engenheiros, tudo era de graça. Você recebia a casa de acordo com a sua profissão. Tanto que na área da engenharia e da chefia as casas não eram tão melhores, e existem casas hoje do operariado muito mais conservadas do que a dos engenheiros. Então, o mesmo direito que possuíam um tinha o outro, a diferença era salarial. Se eu sou uma faxineira e você um técnico é lógico que você vai ganhar mais que eu. E também tinha a questão de quanto maior é seu rendimento mais promoções você ganhava, como por exemplo, o crescimento de função na empresa. Sendo que os melhores técnicos se formaram na empresa, como foi o meu caso, que comecei como aprendiz, mas pela minha curiosidade e vontade eu cheguei a chefia na área técnica de organização dos arquivos da empresa. Então, a oportunidade foi dada para todos o diferencial é de quem aproveitou, como foi meu caso. A questão das casas é a mesma coisa, se você quer trocar de casa vai ter que crescer na empresa.

ENTREVISTADOR – Existia alguma diferença entre a Vila Uruguai e São Luiz? Privilégios para alguma delas?

ENTREVISTADO – Não havia desprivilégio. A Vila Uruguai foi a primeira, depois foi a São Luiz. A Uruguai já existia desde o início da exploração das minas. As casas da Vila São Luiz estão próxima a casa da família Feliciano Dias. Mas, não tinha diferença nas estruturas das casas, mas o povo muitas vezes é mal agradecido. E isto é até hoje, pois atualmente quem paga o tratamento da água na Corsan são os moradores da São Luiz, e os outros ainda reclamam.

ENTREVISTADOR – Como funcionava o Clube dos engenheiros?

ENTREVISTADO – No início do Clube dos engenheiros, aliás, antes disto, o Pignatari já tinha construído uma quadra de esportes para o pessoal, um campo de futebol e duas piscinas para o povo. Ele queria um lugar onde ele pudesse estar com os amigos e convidados dele. Onde se poderia falar sobre trabalho com o corpo técnico sobre assuntos que se cabia discutir com os operários. O operariado em si não sabia diferenciar o trabalho do espaço particular, se te encontrava em uma festa ele iria te cobrar sobre algo do trabalho. Então somente entrava o pessoal da área técnica para evitar esses transtornos com o operariado. Havia alguns conflitos pontuais entre os engenheiros e mineiros, mas tudo era solucionado com a disciplina do Pignatari. Por exemplo, uma vez em um mercadinho na saída das minas, uma funcionária não de atenção a uma senhora bem humilde e deu atenção a uma mulher de um engenheiro. A Regina, mulher do Baby, viu aquilo e chamou o administrador exigindo a demissão da funcionária por tratamento desigual e indigno com a senhora. E presenciei um outro fato, a mulher de um engenheiro chegou no mercado para comprar um pedaço de carne, porque a diferença não é a empresa, mas sim as pessoas que agiam de tal forma, o açougueiro já tinha vendido o pedaço de carne para uma outra senhora e a madame queria exatamente aquela carne, de medo da mulher do engenheiro, o açougueiro foi lá, com medo de ser demitido, pediu a senhora que entregasse a carne a madame. Então, quem usava do seu poder econômico e social não era tanto os engenheiros, mas principalmente as mulheres dos engenheiros. Eu lembro que eu falei para dona Ligia, que infelizmente já faleceu, e eu ainda era criança, que eu chegaria lá no topo que as coisas seriam diferentes. Apesar, de muita coisa ser maravilhosa na época, mas o povo adora reclamar. Por exemplo, além de todo acesso a saúde de graça coberto pela empresa, o morador de cada casa teria direito, se não me engano, a 4 ou 5 litros de leite semanalmente, e mesmo assim o povo vivia exigindo aumento salarial, então me diz o que povo tinha o que reclamar.

ENTREVISTADOR – Você sente saudades das minas?

ENTREVISTADO – Não. Eu gostava porque eu aproveitei, mas hoje para mim não é muito diferente. Gosto muito de lá e acredito no seu desenvolvimento, tanto que se eu quisesse viver luxuosamente eu vinha para Santa Maria. Mas, o lugar tem potencial. Tanto que a gente não queria a liquidação da empresa da forma como foi. Claro que a reserva mineral das minas estava escassa, mas por questões políticas e hierarquias de poder, o melhor era parar e lucrar. Mas eles esqueceram de um detalhe foi a gente que pegou. Quando a empresa foi privatizada, na época foi a primeira candidatura de Onix Lorenzoni, ele acabou visitando o as minas e se apaixonou pela beleza do lugar. E a gente acabou se conhecendo e acabei falando o que penso sobre aquele lugar e o que poderia ser investido ali com minhas idéias, e ele contratou uma empresa de turismo para fazer uma avaliação daquele lugar, tudo com minha iniciativa e paixão pelo lugar. Antes da mina fechar vieram dois arquitetos a mando do Onix, e eles fizeram um projeto lindo para o lugar. Por exemplo, a ocupação das minas subterrâneas com trem após seu encerramento na exploração. Iria ser um parque temático. Mas quando nós fomos apresentar um filme artesanal junto com o projeto e nossas ideias para conseguir recursos com os prefeitos das cidades da região e com o estado, a gente infelizmente acabou ridicularizado e debochado. Dizendo que a gente era sonhadores. Então, dependia da CBC para tocar o projeto após o encerramento das atividades, mas o pessoal não quis saber, queria era o dinheiro. Mas, esqueceram-se de um pequeno detalhe. Em 3 de outubro foi paralisado as atividades e o pessoal começou a ser demitido. Então, assinaram um documento estatal em que dizia se houvesse uma paralisação da empresa deveria ser priorizado o social. Eu reativei as pressas a documentação de uma associação fundada por mim e pelo João Brasil para requisitar os direitos da assinatura pela administração. E disse para o advogado da administração, eu não sou mineira, mas tenho a alma mineira. E vocês não vão fazer o que querem com a mina. Ali eu cumpro a minha missão, impedir o despejo do povo e exploração total das minas. Justamente é de ter saído lá de baixo e chegar até onde estou e porque eu quero ficar aqui. Então, o trato foi que a CBC parou e entregou toda a parte administrativa e social ao município e a administração José Erli destruiu e abandonou tudo. Mas quando entrou o prefeito Jorge Abdala me convidou a ser subprefeita das minas, mas não aceitei. Não quero cargo político e remuneração, só quero que você me garanta o desmembramento da vila da empresa, e ele fez isto, aí fiquei de alma lavada vindo para Santa Maria.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL.

TEMPO DA ENTREVISTA: 50 MIN.

DATA: 26 DE FEVEREIRO DE 2012.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – LUIS PAULO PAVÃO (ENGENHEIRO E EMPRESÁRIO).

ENTREVISTADO – Trabalho nas minas desde 1975, iniciei como estagiário e em janeiro de 1976 fui efetivado. E fiquei até a fase de encerramento da mineração em 1996.

ENTREVISTADOR – O senhor não pegou a fase de Baby Pignatari.

ENTREVISTADO – Não. Eu cheguei no fim da era do Baby Pignatari. Peguei um novo projeto a ser estruturado. É o projeto expansão Camaquã criado no final de 1974 e implantado a partir de 1975. Mas teve início em termos de produção em 1982. Pois, anterior a isso foi a fase de pesquisa nas minas São Luiz e Uruguai que mais tarde vão produzir 40 mil toneladas por ano de concentrado de minério.

ENTREVISTADOR – Havia uma grande diferença na produção econômica e social entre a época do Pignatari e após sua morte? Existiu uma decadência econômica das Minas do Camaquã e uma diferenciação socioeconômica entre mineiros e engenheiros após a “era Pignatari”?

ENTREVISTADO – Não. Isto é mais um mito. Se vamos falar em época áurea da mineração foi a última. A mina estava toda mecanizada, os primeiros equipamentos ultramodernos que vieram para o Brasil foram para a Caraíba Mineração na Bahia e para as Minas do Camaquã. Foi a época de maior produção de concentrado, maior quantidade de funcionários, onde chegou a ter em torno de mil trabalhadores, então realmente foi uma época de muito dinheiro e retorno econômico para Caçapava e região. Já, a época do Pignatari se iniciou em 1942 como integrante da sociedade investidora e terminou em 1974 em decadência. Por diversos motivos ele se afundou na parte financeira e entregou isso ao BNDS. O estado aceitou o projeto devido ao processo de estatização feita pelos militares na época, nacionalização, exploração de matéria-prima e produção de cobre. Agora, o Pignatari quando foi convidado por Getúlio Vargas no projeto de exploração ele já conhecia o ramo de mineração, então ele

trouxesua contribuição, inclusive os trabalhadores da parte técnica ele trouxe engenheiros japoneses. Mas, a grande motivação de Pignatari na produção de concentrado de minério foi a comercialização do cobre metálico, que tinha de certa forma um monopólio comercial do Brasil na época e neste sentido ele trouxe o progresso para Caçapava do Sul. Para os mineiros ele era um bom patrão e exigente, fazia as grandes festas que para a memória do mineiro fica marcado, mas economicamente é outra história, não digo que não teve sua contribuição, mas o apogeu das minas foi a última fase.

ENTREVISTADOR – No relato de alguns mineiros se entende que na época do Pignatari a relação entre os engenheiros e mineiros era de igualdade total. E depois de sua morte começou uma grande diferenciação e quase segregação entre os grupos. Alguns mineiros não concordam como foi o caso do Toninho. E no seu ponto de vista como se deu essa relação?

ENTREVISTADO – Eu sou suspeito por que participei desta fase. Eu nunca vi separação. Pelo menos na nossa forma de tratar as pessoas. Funcionário tinha seus direitos, e na época foi criado o sindicato, e na época do Pignatari não tinha sindicato. Para você ter uma idéia de como mudou, neste novo projeto a área social as necessidades foram atendidas. Por exemplo, todas as casas foram reformadas no novo projeto, no tempo do Pignatari as casas eram germinadas e coletivas, com um banheiro só. E tudo isso foi reformulado criando casas melhores, claro que quando houve a necessidade de trazer o pessoal técnico, e isso você vai encontrar em qualquer mineração e empresa, vão existir diversos escalões de moradia, desde o mineiro até a diretoria. Mas, uma coisa é certa: todo mundo ganhou água, luz e atendimento médico e dentista de graça, e que me parece que neste aspecto foi até superior que da época de Baby Pignatari. A coisa foi democratizando, veja que na época do Pignatari tinha o Clube dos engenheiros, só acessava o pessoal da engenharia, o clube foi democratizado, lógico não foi para todo mundo, entrou mais os encarregados no clube. Me parece que dentro de seus devidos conceitos não tem como misturar todo mundo, os grupos eram diferenciados e cada um vivia no seu meio. Agora evidentemente que sendo todas as casas pertencentes a empresa havia uma guarda patrimonial que estabelecia regras de convivência que devia se cumprir. Outra coisa que foi criado aqui nas minas foi um CTG que se rivalizava com o de Caçapava. Deu-se amplo apoio para o clube de futebol dos mineiros, e isso mostra que os diretores se preocupavam e viam que era necessário dar um entretenimento para os trabalhadores. É isso o que eu posso lhe dizer, é claro que tem a verdade deles, mas este é o meu ponto de vista.

ENTREVISTADOR – No Cine Rodeio havia uma diferenciação entre quem sentava na parte de cima e os da parte de baixo?

ENTREVISTADO – Na realidade a separação entre níveis era necessária até para a projeção. Aí, no interesse do Pignatari, colocava seus conhecidos e agregados nas poltronas de cima que não tinham nada de sofisticado é só por questão de estar no alto. E os convites do Pignatari era quase uma obrigação para acompanhar ele a assistir os filmes. Então ele convidava o pessoal da área técnica que eram mais chegados a ele no dia-dia. Mas eu não vejo isso como segregação. Aliás o cinema foi feito até para ter maior lazer e não separação. Depois se passou a ter sinal de TV e tinha contato direto com a TV Santa Maria, e posteriormente veio a parabólica que deu mais alternativa de canais.

ENTREVISTADOR – O Baby Pignatari foi realmente um bom administrador e “Paizão” para os mineiros?

ENTREVISTADO – Eu vou dizer que dentro do negócio que se projetou ele contribuiu, mas é que o negócio de caráter estatal foi muito maior, a produção de concentrado chegou ao máximo em 1976 a 1800 toneladas por dia. Na fase final das minas chegava a 5 mil toneladas por dia. Então eu acho que cada um contribuiu dentro das suas possibilidades. Na época do Pignatari, ele cuidava muito do paisagismo e da área urbanística, bem ao estilo do europeu.

ENTREVISTADOR – O que ocorreu para levar a empresa encerrar a exploração das minas?

ENTREVISTADO – Na época do fechamento já não era mais estatal. Estava nas mãos dos funcionários depois da privatização. Foi estipulado um valor X de ações que cada um poderia comprar de acordo com suas possibilidades. Eles fizeram isso, porque nenhuma iniciativa privada quis adquirir a empresa, pois se sabia que as minas só tinham mais 5 anos de exploração e não valia a pena lucrativamente. Então a gente assumiu como funcionário e sócio. Então, a medida que terminou a reserva não tinha mais o que explorar e sustentar a empresa e ela foi fechada. Entrou em liquidação judicial e todo mundo recebeu dinheiro vendendo suas ações e hoje esta de posse dos Mônego. E a empresa embora não esteja produzindo ela esta negociando as tratativas minerais, ou seja, zonas onde se há possibilidades de minério. Então, basicamente foi encerrado as atividades, pois não tinha como sustentar a empresa. E quem investiu na sociedade teve um grande ganho. O que se poderia ter investido melhor foi a parte turística. A gente lamenta que as antigas instalações industriais ou a mina subterrânea não seja usada como um projeto turístico, que até foi pensado por um grupo em implantar o projeto, mas a maioria do pessoal pensou em pegar o seu dinheiro e deixar por isso. Mas, que sabe um dia teremos um novo ciclo econômico que reative as minas. Mas

dentro das possibilidades a vila se recompôs, mas um dos grande erros da empresa na época foi não ter vendido as casas no tempo em que ela ainda estava em atividade para ter dado a situação de continuidade, como falei antes, o pessoal que estava ganhando tudo de graça ainda estava insatisfeito, imagina aqueles que estavam satisfeito e não tinham o interesse em continuar, então não tinham o porquê de preservar o patrimônio. Mas a vila está se reorganizando com a possibilidade de novos ciclos de mineração e com o aumento do turismo holístico tem a possibilidade de reviver as Minas do Camaquã como uma área turística, principalmente com suas belezas naturais para atrair mais turistas, como ocorre hoje na serra, assim como lá ocorreu aqui ainda vai ter sua vez.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 28 MIN.

DATA: 25 DE MAIO DE 2012.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – PAULO SERVI OBERTO (ENGENHEIRO).

ENTREVISTADOR – Seu nome completo e quando chegou as minas do Camaquã?

ENTREVISTADO – Paulo Oberto. Cheguei as minas em 1979 e fiquei até 1990, onde eu era engenheiro e chefe da subdivisão das minas subterrâneas.

ENTREVISTADOR – Qual o seu ponto de vista sobre o Baby Pignatari?

ENTREVISTADO – Não vivenciei,mas sempre acompanhei a história dele. Pois, por ser de Cçapava do sul, eu ia jogar futebol nas minas contra o Minerador, time do Pignatari, e também no dia 1º de maio ele combinava todos os trabalhadores de Caçapava para ir as Minas do Camaquã comer churrasco. Então, ele foi um grande empresário bem sucedido, um playboy internacional que aproveitou bem a vida. Sei que era um chefe bem exigente e autoritário, mas com extravagâncias, por exemplo, todo final de ano ele reunia todos os engenheiros e fazia uma festa com whisky e tudo que você imaginar. Mas eu peguei o “tempo do BNDS”. Um período de auge da produção de minério foi no “Projeto Expansão Camaquã”,

principalmente devido a exploração da mina a céu aberto que gerava maior lucratividade pela facilidade de trabalho e mobilidade das máquinas, aliás quem inaugurou a primeira explosão foi o Governador José Amaral de Souza. Então, foi um período de maior modernização e investimento.

ENTREVISTADOR – Havia alguma segregação social dentro do Cine Rodeio?

ENTREVISTADO – Na minha época e comigo não. Mas sei de alguns colegas que não se misturavam e era bem segregado. Lá em cima ficava os trabalhadores do alto escalão e lá embaixo os mineiros e agregados, até porque era uma maneira de controlar a ação dos trabalhadores.

ENTREVISTADOR – Como funcionava o Clube dos engenheiros?

ENTREVISTADO – O clube era localizado na antiga casa do Feliciano Dias, a mais antiga da comunidade. Inicialmente era só permitida a entrada dos engenheiros e depois passou a ser aberto a todos.

ENTREVISTADOR – Como era a relação entre os engenheiros e mineiros?

ENTREVISTADO – Eu nunca tive problemas com os mineiros, apesar de eu concordar com eles de sempre existir uma distinção, isso é uma pura verdade. Se você analisar desde as casas eram diferenciadas. Mas isso é uma questão de hierarquia que existe em todas as empresas.

ENTREVISTADOR – Qual a diferença entre a Vila São Luiz e a Vila Uruguai?

ENTREVISTADO – A única coisa diferente é o seguinte: A Vila São Luiz é o centro da cidade, pois ali está o mercado, a rodoviária, o ginásio, o cinema, a igreja e o Hospital Júlio Pignatari. Então tudo rodeava aquela região e como na época tinha muito paternalismo, tudo funcionava em função da CBC e era ela que financiava tudo, então ela decidia onde as pessoas iriam morar. Já a Vila Uruguai seria um bairro mais pobre e afastado do centro, e também as casas eram mais simples, mas tinham tudo como água e luz.

ENTREVISTADOR – Ocorreu algum conflito na época de fechamento das minas?

ENTREVISTADO – Teve alguns conflitos como o fechamento de qualquer empresa. O encerramento se deu através de ações, quem tinha acabou vendendo e lucrando. Eu mesmo entrei em um grupo de engenheiros que tinha a maioria das ações e concentrava o poder entre eles. Para entrar no grupo eu fui comprando de um e de outro que se apertavam financeiramente para eu ter um bom lucro no fechamento das minas e venda das ações. Para

mim foi bom, pois não tinha mais o interesse de ficar lá e não tinha muita perspectiva e acabei vendendo para a mineração Mônimo que hoje é a proprietária das Minas do Camaquã.

ENTREVISTADOR – Você sente saudades das minas?

ENTREVISTADO – Sinto muita saudade das minas. A CBC era uma empresa muito organizada em termos profissionais e de bom estadia para trabalho comparado a outras empresas de mineração diante da tecnologia empregada e investimento efetuado. Era excelente e sinto muita saudade. Tanto é que hoje não gosto de ir nas Minas do Camaquã porque me dá uma nostalgia e me entristece ver tudo aquilo abandonado.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 21 MIN.

DATA: 26 DE MAIO DE 2012.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – RUI DOS SANTOS FERREIRA (ENGENHEIRO)

ENTREVISTADOR – Seu nome completo e quando chegou as minas do Camaquã?

ENTREVISTADO – Rui dos Santos Ferreira. Entrei na empresa em 1971 e estou até hoje como único funcionário da CBC.

ENTREVISTADOR – Qual o seu ponto de vista sobre o Baby Pignatari?

ENTREVISTADO – Bom. O Baby Pignatari foi um ótimo empreendedor que teve um complexo industrial espalhado por todo o Brasil, como por exemplo, a Caraíba de Metais no Nordeste. Um bom patrão, mas ao mesmo tempo rígido que exigia o máximo do trabalhador. Porém dava muita assistência ao empregado, cito como exemplo um grande hospital com os melhores equipamentos. Cobrava e valorizava o funcionário. Mas foi o tempo do BNDS que ocorreu o auge da mineração com a exploração da mina a céu aberto.

ENTREVISTADOR – Havia alguma diferença entre a Vila São Luiz e a Uruguai?

ENTREVISTADO – Na realidade havia uma distinção entre elas. A São Luiz era dos engenheiros e geólogos, já a Uruguai era para os mineiros. Mas eu discordo da existência de uma discriminação, pois o operário começava na vila que tinha menor infraestrutura e de acordo com sua ascensão social e profissional ia melhorando sua condição. Eu comecei como operário e conforme minha ascensão eu vim para a vila São Luiz. Com casas melhores estimulando ainda mais o trabalho. Evidente que existia aqueles caras que não mereciam e são estes que falam em discriminação e opressão. Então, era uma empresa estatal que manteve este padrão. Por exemplo, todas as moradias eram de graça durante a “era Pignatari”, depois da estatização cobrou-se uma taxa irrisória para a preservação das casas e da comunidade e, atualmente, após o fechamento e o encerramento da produção foi cobrado aluguel das residências.

ENTREVISTADOR – Como se dava a relação entre engenheiros e mineiros? E o Clube dos engenheiros?

ENTREVISTADO – Eram tranquilas. Claro que cada um tem suas particularidades. Aconteciam alguns conflitos, mas eram exceções, principalmente devido a fofoca entre familiares. E o Clube dos engenheiros inicialmente somente acessava os trabalhadores da área técnica e depois outros passaram a ter acesso. Apesar de os demais trabalhadores não frequentarem porque o círculo de relações do clube não era o mesmo deles.

ENTREVISTADOR – Havia alguma segregação no Cine Rodeio?

ENTREVISTADO – Havia uma divisão de espaços. No alto do Cine Rodeio somente acessavam funcionários da área técnica e convidados especiais do Baby Pignatari. Os trabalhadores do baixo escalão deveriam se direcionar para parte de baixo para não se misturar com os patrões e seus familiares. Mas eles não podem reclamar de desigualdade de privilégios por causa disto. Inclusive, o Pignatari, tratava de igual maneira todos nas minas. Por exemplo, no natal, ele mandava vir de São Paulo um avião de brinquedos para distribuir para criança e fazia churrasco para os pais. Então, para que falava da existência de separação e segregação nas minas deve ter passado por uma situação particular, pois o que havia era só uma separação por cargos como toda empresa.

ENTREVISTADOR – Como ocorreu o encerramento das atividades mineradoras?

ENTREVISTADO – Primeiramente ocorreu em 1993 o encerramento da mina a céu aberto, aliás, a mais lucrativa, devido a seguidos desmoronamentos. A partir de então começou uma onda de demissões e outros foram deslocados a outras minas fora de Caçapava do sul, já as minas subterrâneas foram até 1996. O grupo acionista majoritário decidiu por encerrar as atividades e colocou em liquidação. Ocorreu a indenização dos empregados e reparações salariais dos funcionários ainda contratados. Até quem liderou um movimento para evitar problemas com os trabalhadores foi a SIPA liderado pelo Toninho, eles que até ensaiaram uma greve para melhorias do salário. Mas não deu certo porque o aumento que reivindicavam era um absurdo. Filmaram os trabalhadores que não trabalhavam na greve e passaram para os patrões que fizeram uma limpa através de demissões. Até porque o salário deles era muito bom e comparando a trabalhadores da cidade, ninguém ganhava como os mineiros lá nas minas. Fora a hora extra que tu ganhava muito dinheiro. A prova que os que mais investiam no comércio de Caçapava eram os mineiros, depois da decadência das minas em 1996 até a cidade de Caçapava sentiu o reflexo e uma retração econômica que está sendo amenizada só hoje com um impulso que a Unipampa está trazendo para cá. Além da possibilidade de reativação das minas com pesquisas da Vale e da Votorantim sobre a existência de minério de Zinco.

ENTREVISTADOR – Você sente saudade do tempo que você vivenciou nas minas?

ENTREVISTADO – Na verdade a gente vai acostumando, mas sem dúvida eu sinto falta. No momento do fechamento das minas em que ocorreu a venda dos maquinários e dos equipamentos e você ver sair de lá em carretas para leilões da uma tristeza e confirmação que tudo acabou. Não existe aquela esperança que ela parou um tempo e que vai retornar com a exploração de novas áreas. Foi o fim de toda uma vida. Para mim é quase um martírio voltar todo dia para lá e ver aquela comunidade abandonada.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 43 MIN.

DATA: 3 DE SETEMBRO DE 2011.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – ANTONIO CELSO RODRIGUES (EX MINEIRO E VEREADOR EM CAÇAPAVA DO SUL).

TONINHO – A mina foi responsável por 60% do orçamento do município de Caçapava do Sul e região. Trouxe um grande progresso econômico e social para os habitantes. E eu lembro as pessoas que a mina inserida nessa concepção de Estado, na figura do Baby Pignatari, que nessa onda nacionalista do governo, ele realmente queria produzir aqui algo que gerasse trabalho e renda. A mina foi na relação capital e trabalho vislumbrada por Baby Pignatari ao longo de sua trajetória como administrador da mina realmente proporcionar aquilo que fosse mais humanizado, porque ele se preocupava com o lazer, se preocupava com os filhos dos funcionários, mas as outras entrevistas com mineiros eles já devem ter relatado isso a você.

ENTREVISTADOR – Sim, todos eles tinham a mesma opinião.

TONINHO – Outro aspecto importante e determinante nesta questão econômica e social é o momento que o estado entende que tem que fazer o fechamento da mina, porque economicamente já não era viável a exploração de cobre, principalmente depois que surgiu a fibra ótica que substituiu o cobre na telefonia e isso fez com que o cobre caísse no mercado internacional. E por outro lado, quando o governo resolve fechar as minas do Camaquã, a Dorotéia Wernek que era Ministra da fazenda naquele período, ela faz o processo licitatório para ver se teria alguém interessado na compra da mina. Não houve interessados em tempo hábil e chegou-se a conclusão de que os empregados pudessem absorver através de ações e a partir dali começar administrar através de empresa que venho acontecer com a Bom Jardim. Então, são dois extremos que estou procurando te colocar, de que para os trabalhadores em geral, em que no ano de 1990 nós tínhamos aproximadamente 1300 funcionários nas Minas do Camaquã. E nesse contexto são mais de 6 mil pessoas residindo na mina, porque se você for analisar a mina tinha toda a estrutura necessária para a população. Mas com a questão de o estado não querer mais administrar a CBC, se vendeu as ações para os funcionários, eu na época não tive o interesse de comprar as ações, porque eu já vislumbrava no que ia acontecer. Ou seja, na greve de 1990 em que eu já era inclusive do sindicato, a empresa não queria negociar o dissídio coletivo, então houve a necessidade de se fazer um greve, inclusive havia um índice sendo colocado como reposição salarial de 127%, era um índice muito alto para a empresa sustentar, e nas assembleias que se originaram frente a isso decidiram por fazer uma

paralisação de 1 semana paralisando todas as atividades e permanecendo somente os serviços essenciais para a comunidade. Isso claro, trouxe um prejuízo enorme para a empresa, mas isso foi importante para poder demarcar a partir dali uma nova relação entre capital e trabalho. Mas nós não conseguimos o aumento de 129% porque realmente era muito, e nós sentamos com a empresa que fez umas oito ofertas que estavam dentro de nossas reivindicações, e muito boas diga-se de passagem. Em uma nova assembleia, na portaria da empresa, um delegado sindical querendo se promover colocou tudo a perder, perdemos médicos para toda a família, a reposição salarial de 5% e outros avanços significativos. A empresa diante disto, fez uma reposição de 3% de reposição salarial. O sindicato ficou fragilizado porque o movimento não deu o suporte para fortalecer o trabalhador na relação com a empresa. Mas o que aconteceu foi que a empresa começou a demitir os funcionários que tinham ações ordinárias, ali praticamente nós perdemos uns 350 empregados, mas todos eles com as ações ordinárias. Porque havia dois tipos de ações, havia as ordinárias e as preferenciais. As ordinárias davam direito a voto, ou seja, tomar parte das decisões de cunho administrativo. Então esse fato levou o sindicato a parar, no sentido estratégico, e começar uma reformulação e de orientação aos trabalhadores a partir daquele momento. Por outro lado, a empresa viu que tinha no sindicato um número de trabalhadores que não iriam, a exemplo daqueles trabalhadores que enteceram aquela gestão, abrir mão das questões essenciais para o trabalhador, eles viram que as coisas iriam tomar um rumo bem diferente. Graças a Deus nós conseguimos mostrar para a empresa que nós não estávamos querendo apenas melhorias para os trabalhadores, mas também para a empresa, para que nessa relação capital e trabalho existisse um equilíbrio. Que tivesse a produção para a empresa, mas que também ocorressem melhorias nas condições de trabalho.

ENTREVISTADOR – Mas com a greve alguns direitos a mais foram atendidos?

TONINHO – A greve foi um momento histórico nessa relação de capital e trabalho. Pois, com a demissão desses trabalhadores se formou um núcleo da empresa composto por engenheiros e encarregados, que tinham um poder aquisitivo maiores.

ENTREVISTADOR – A diferença salarial era muito grande entre os trabalhadores?

TONINHO – Muito grande. Tanto, que nesse processo hierárquico, os engenheiros e encarregados começara a comprar as ações de funcionários demitidos. Então, eles fizeram uma manobra administrativa comprando as ações ordinárias e aumentando seu poder de decisão. Isso ficou nas mãos de mais ou menos 25 pessoas. Em 1996 se chegou a conclusão

de que não havia mais condições de se fazer trabalho de operação porque o minérios estava em minas muito profundas, e economicamente para você poder retirar um bloco com qualidade e poder vender e exportar não valia a pena. Então, aquele grupo decidiu fechar para não perder aquilo que eles já tinham conquistado. Um grupo de gananciosos resolveram por si só, já que eles tinham uma grande parte do grupo acionário, encerrar as atividades.

ENTREVISTADOR – Havia alguma espécie de atrito entre mineiros e engenheiros? E até mesmo alguma espécie de segregação social?

TONINHO – Na verdade havia alguns grupos de engenheiros e familiares que se achavam que tinham alguns direitos a mais. Mas, o Pignatari ele tinha a consciência de que ele tinha que preservar o seu corpo técnico ele dava vantagens criando espaços para os mineiros e para os engenheiros e encarregados. Ele construiu um clube para a chefia, mas também para os empregados. Tem um fato inusitado, que inclusive não está no livro dele, em uma noite de baile teve um negro que foi tirar uma filha branca de um senhor pra dançar e ela se negou, e o rapaz procurou o Pignatari que também estava no baile para reclamar. O Pignatari naquela noite mandou demitir o cara e no outro dia o cara foi embora das Minas do Camaquã. Então lá era todo mundo igual porque ele não permitia diferenças. Nos grandes churrascos de final de ano todos iam na festa, não tinha nenhuma criança que saia sem presente de lá. Fazia festas juninas dando pinhão, quentão e pipoca, tudo de graça, não se pagava nada. Mas, os privilégios econômicos e sociais que de alguma forma os engenheiros possuíam não era na época do Pignatari, isso ocorreu depois da privatização das Minas. Mas foram fatos isolados. Como os engenheiros já detinham a maior parte das ações, eles se intitulavam donos das minas, já esse processo hierárquico na época do Pignatari não existia, era igualdade total. A única coisa que separava e que o Pignatari dava para evitar no ambiente de trabalho uma tensão muito grande e para que as normas fossem cumpridas. Havia todo o cuidado para criar espaços de lazer para cada grupo. Porque você sabe como é o trabalhador. Chegou lá, tomou um trago, saiu for do normal e de repente chega ali no engenheiro e vai querer bater boca devido algum problema no ambiente de trabalho e vai correr o risco de ser demitido. Como por exemplo, o Cine Rodeio, que teve essa separação, lá em cima era destinado para os engenheiros e os técnicos para não ficar lá junto com os trabalhadores preservando o ambiente. Então, quando o Pignatari fez esses espaços de lazer separados foi porque ele tinha essa preocupação de preservar a relação entre os empregados e o pessoal da área técnica. Eu tenho certeza de que ocorreram fatos isolados já posterior a privatização e que não refletiam o que ocorria. Pois, independente de os engenheiros serem os donos das ações eles precisavam

da mão de obra qualificada e havia essa necessidade de troca de relações entre capital e trabalho. O que pode ter ocorrido nas relações e no depoimento de outros trabalhadores foram fatos isolados. Mas também eu não sou o dono da verdade, mas é a concepção que eu tenho. E segregação é um termo muito forte para se basar em fatos isolados.

ENTREVISTADOR – Qual a maioria das doenças que ocorreram nos trabalhadores devido ao trabalho nas Minas?

TONINHO – Sim. Apesar de todo o aparato de segurança montado desde a época do Pignatari, isso não impediu a exposição a sílica. Nós tivemos vários mineiros que contraíram a silicose. Porque no ambiente de trabalho se usa um instrumento chamado de jumbo. É um material que tem braços mecânicos que tem uma inclinação para furar pedras e fazer a frente de trabalho. E na frente de trabalho era muito quente, e os trabalhadores tinham que usar uma máscara de proteção para evitar a poeira, então tinha muitos trabalhadores que não se preocupavam com isso e não usavam devido ao calor. Mas existia um trabalho de orientação de proteção aos trabalhadores, e até havia alguns que eram punidos por não usar equipamentos. Mas a CBC sempre cumpriu com as normas de segurança e proteção ao trabalhador até depois da privatização. As perdas que ocorreram foram por fatalidades e por negligência do trabalhador.

ENTREVISTADOR – Havia distinção social entre as vilas Uruguai e São Luiz?

TONINHO – Sim. Havia uma forte distinção entre as vilas Uruguai e São Luiz. A diferenciação não era só econômica e na infraestrutura das moradias e dos serviços disponíveis no bairro, já que tudo que se precisava estava localizado na São Luiz, sobretudo distinção social. Nós da Vila Uruguai sentíamos oprimidos e entendíamos que nossa pobreza era motivo de tal desprezo pelos moradores da São Luiz. Como por exemplo, nunca vou esquecer como sofri na infância. Na Vila Uruguai tinha somente escola até a 4ª série, após esta, para seguirmos os estudos deveríamos ir até a São Luiz onde estava o colégio para terminar os estudos. A gente tinha que caminhar quilômetros e chegávamos suados e as vezes com cheiro, os guris “riquinhos” chamavam a gente de “cachorros da Uruguai”, não sei se era por causa do cheiro ou de nossa pobreza, pois a gente não tinha roupa boa e usava sempre a mesma. Então, esta distinção social entre os moradores existia, e muitas vezes era tão grande que muitos amigos meus não frequentavam mais o colégio por causa dos insultos dos filhos dos engenheiros da Vila São Luiz. A situação melhorou um pouco quando a mulher do Baby Pignatari, a Regina, ficou com pena de nós, por termos que caminhar toda aquela estrada,

comprou um ônibus que transportava nós e os pais até o centro. Aquele onibus ficou conhecido como Regina, depois dele a gente não chegava mais suado na aula, mas continuavam nos rebaixando e nos chamando de os “cachorros da Uruguai”. Eu tinha uma vontade de me avançar naqueles guris, mas eram filhos do patrão do pai, então não tinha o que fazer.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 27 MIN.

DATA: 12 DE SETEMBRO DE 2010.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – HUMBERTO ALAGIA (MINEIRO APOSENTADO).

ENTREVISTADOR – Qual era a estrutura concedida pela empresa aos trabalhadores? Me fale sobre o Cine Rodeio?

ENTREVISTADO - Todo lazer oferecido para os mineiros nas Minas do Camaquã duraram e foram usufruídos por nós só até a saída do Pignatari, porque depois que a Companhia brasileira do cobre passou a controlar as minas, eles só pensavam em explorar ao máximo, eles queriam lucro.

O cine rodeio foi criado pelo Baby Pignatari, e era uma maneira de criar um pouco de diversão para os habitantes da comunidade. Então todo o fim de semana, aos sábados e domingos era passado um filme. E também, em outros finais de semana ocorriam bailes no cine rodeio para a diversão da comunidade. Somente mais tarde foi fundado o CTG Ronda Crioula para ocorrerem os bailes gaúchos. Então, o cine rodeio foi uma forma criada para gerar diversão ao povo, pois na mina quase todo mundo trabalhava e tinha épocas que nós trabalhávamos 24 horas por dia. Então, os que estavam de folga poderiam ir assistir a um filme.

ENTREVISTADOR – Havia alguma segregação social no Cine Rodeio? Ou em outro local?

ENTREVISTADO - No cine rodeio não tinha privilégios para os ricos. Era tudo gratuito e todos tinham acesso. Existiam outras formas de segregação, onde os engenheiros tinham privilégios. Os engenheiros não se misturavam com a gente, andavam com o nariz empinado e nem nos cumprimentavam quando passavam pela gente. Entravam na fila do açougue, farmácia e mercado na frente nossa como se tivessem esse direito, e nós acabávamos aceitando, pois eram nossos chefes.

ENTREVISTADOR – Você jogou no Minerador? Me fale sobre ele?

ENTREVISTADO - O minerador futebol clube foi fundado também na época do Baby Pignatari, e participava dos campeonatos da região. E somente jogava o minerador que morava nas Minas do Camaquã. Tinha que ser mineiro ou pelo menos familiar. E a população estava presente em todos os jogos e vestir as cores do Minerador era motivo de orgulho para os nossos familiares. O time era forte como nós, mineiros. As cores do Minerador, na época em que eu joguei, eram iguais as cores da bandeira da “CBC”. Eu joguei em vários times, às vezes me confundo as cores, mas pelo que eu lembro eram verde, azul e branco.

ENTREVISTADOR – O senhor chegou a frequentar o Bolicho do “Papa”?

ENTREVISTADO - Mas outro lazer que tinha, e esse geralmente iam os mineiros, era o “Bolicho do Papa”. Todo o dia nós saíamos do trabalho, passava lá pra dar uma conversada e bebia uma cachaça, e só depois ia embora dormir. Fora os mineiros, o único de importante da comunidade era um médico, que ia lá porque era pinguço. Mas era sagrado após o trabalho ir ao papa tomar uma cachaça e depois ir pra casa. Porque não tinha muita opção no dia para aliviar o stress. Tinha gente que se suicidou lá nas minas. E na maioria das vezes era por falta de perspectiva na situação precária de suas vidas, e era um lugar perfeito pra gente ficar depressivo. Se o cara não se cuidasse acabava em depressão e às vezes se enforcando.

ENTREVISTADOR – Havia conflitos entre os mineiros e seus patrões e engenheiros?

ENTREVISTADO - Não existia revoltas ou protestos que desrespeitassem ou contestassem os engenheiros e proprietários, porque os mineiros acabaram se conformando com a situação, e sabiam que eram empregados e que não poderiam mudar tal situação. É que nem gado, acaba seguindo a manada, leva de um lado e para o outro e acaba não contestando, porque sabíamos que seria pior caso fizéssemos alguma coisa que prejudicasse os nossos chefes.

MINEIROS E ENGENHEIROS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E TRABALHO NAS MINAS DO CAMAQUÃ ENTRE 1970 E 1996.

MESTRANDO: JADER ESCOBAR NOGUEIRA.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

LOCAL DA ENTREVISTA: CAÇAPAVA DO SUL

TEMPO DA ENTREVISTA: 83 MIN.

DATA: 16 DE ABRIL DE 2009.

HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

ENTREVISTADO – VIRGILIO RAMOS DIAS (MINEIRO APOSENTADO)

Entrevistador - Trabalhou por quanto tempo na mina seu Virgílio?

Sr. Virgílio - Trabalhei de 1969 até 1984.

Entrevistador – Como era inicialmente e o que o senhor sentia no trabalho das minas?

Sr. Virgílio – No início eu tinha muito medo, o lugar era escuro, tinha muita fumaça, muito barulho. E isso hoje me faz sonhar e relembrar de muitas coisas. Às vezes eu sonho que caí nas minas e que retirei um cara morto lá debaixo.

Entrevistador – Quando o senhor chegou às minas já tinha máquinas? Qual era sua função nas minas?

Sr. Virgílio – Quando eu cheguei em 1969, o trabalho era todo manual, só em 1978 que teve a chegada das máquinas. Quando eu cheguei eu era servente, o maderador, é o que entra nos lugares mais perigosos, porque é sempre o primeiro entrar na mina. Depois de seis meses, eu virei encarregado, passei a cuidar dos furadeiros e dos desmontes, eu era o conhecedor da mina.

Entrevistador – Os trabalhadores das minas tinham instrução?

Sr. Virgílio – Não, a maioria era analfabeto, eu por exemplo, tinha até o ginásio, até a 4ª série do 1º Grau. Isso ajudou a eu crescer de cargos na mina.

Entrevistador – O senhor já teve algum acidente na mina? Como eram as situações de trabalho nas minas?

Sr. Virgílio – Sim, uma vez fui averiguar o porque que um setor da mina não detonava, daí me caiu uma pedra na cabeça, fiquei desacordado uns 15 minutos, mas isso não foi nada, o problema se eu caísse pra baixo no meio de tudo aquelas madeira. Eram precárias e perigosíssimas, nós usávamos um lampião e muitas vezes entupia de água e carbureto, aí ou dava pressão demais ou de menos apagando a luz, e as vezes incendiava ainda. Quanto aos equipamentos usados, no começo era só o capacete e a bota de borracha, depois que começaram a usar a máscara e o protetor de ouvido, mas isso a partir de 1980 em diante. Mas eu sofri, porque eu trabalhava no fundo do poço, e lá tinha muito barulho, tanto que hoje escuto zunidos.

Entrevistador – Você tem consequências e danos de saúde por causa do pó e dos barulhos?

Sr. Virgílio – Não, passei por vários exames, e não tenho problemas de saúde, porque só trabalhei na mina braba por seis meses, depois virei encarregado.

Entrevistador – Qual era o maior perigo do pó?

Sr. Virgílio – Era pro pulmão, a silicose, mas eu não tive problemas, e não vou ter mais porque faz 24 anos que estou aposentado.

Entrevistador – Como era a relação entre os mineiros?

Sr. Virgílio – Quem podia mais chorava menos, mas é claro que tinha aqueles mais unidos. Mas naquela época quem trabalhava mais ganhava mais, por exemplo, se eu colocasse 200 caçambas ganhava tanto, se eu botasse 250 ganhava mais. Quando eu era geral, eu dizia: Seu fulano! Tal bloco, tal frente, eu quero 100 vagonetas! Aí o que o cara fazia, ele ia lá e tirava 100 vagonetas da ruim, e da boa que era a que ele tinha que tirar, ele tirava 30, aí aumentava o prêmio dele, então era muito safado isso. Na época que eu passei a capataz de turno, eu observava muito isso, porque cada bloco tinha um filão de minério, então eu tinha que tirar de acordo. Se não, tu chega ao engenho e vai dar problema, então eu tinha de controlar tudo isto. Mas tinha aquele encarregado mais vivo que colocava 50 caçambas, mas dizia que botou 70, aí o encarregado louco pra ganhar o prêmio e também, ficava quietinho e botava os 70. Teve uma época que teve uma queda de material no engenho, faltaram 30 mil caçambas de 30 mil toneladas. Aí o engenheiro pedia: Aonde foi esta pedra? Aí eles diziam que essa pedra não chegou no engenho, só foi pro caderno. Porque isso funcionava assim, colocava 12 toneladas de pedra, aí o encarregado ganhava 6 de prêmio, enquanto o outro que trabalhava tudo certinho não ganhava nada. Aí o chefe chamava e dizia que tu não tava colocando na caçamba

o que tinha que colocar, aí foi que um dia isso chegou em mim, que eu era encarregado, quando estourou isso tudo, aí eu coloquei tudo os podre pra fora. Então foi uma época que eles colocaram tudo os encarregado pra rua, a maioria foram pra rua, porque eles não tinham controle. Eu quando fui falar lá, briguei com o chefe geral, ele me disse que ia me colocar pra rua, porque eu tava fazendo menor produção e também tava fazendo aquela queixa. Aí eu disse pra ele que eu não tava ali pra usar capacete vermelho, e dizer que sou capataz. Por que cada função tinha uma cor, se tu era encarregado o capacete era vermelho, capataz é cinza, chefe geral capacete azul e se for engenheiro era branco entendeu? Era tudo diferenciado, porque se o engenheiro baixasse, e via um descansando ele podia identificar pela cor do capacete. Então essa competição virava roubo, porque se eu quero ganhar mais, eu não trabalho mais, eu só coloco no papel, aí quando começou isso aí, ficou difícil, e tirava a mesma quantidade de pedra dos outros pro engenho, mas eles colocavam o dobro no papel. Quando chegavam os engenheiros estrangeiros, principalmente os chilenos, eu discutia com eles, porque eu tinha um ajudante e o furador, aí os chilenos chegaram e tiraram os ajudantes, disseram que cada um tinha sua função e que aquilo era muita mordomia. Por isso nós se unia para reclamar contra eles porque na verdade o que eles queriam fazer com nós era a escravidão. Daí numa reunião eu falei pro doutor Navati, que de 30 furador, tirando os ajudante, no final do mês ia sobrar uns 15, porque iam se arrebentar tudo forcejando, como é que iam andar com um martelo de 60 Kg e uma corona de 30 Kg e forcejar sozinho. Eu lembro dos engenheiros chilenos um era o Vitor Purro Chave, e o outro era o Elias Pizarro, eram práticos no serviço, mas eles queriam mesmo era escravizar o pessoal. Deu o acaso de os dois coitados morrerem aqui no Brasil, um na Bahia de acidente de carro e o outro foi morto em São Paulo.

Entrevistador - Só havia preocupação com a produção e não com o trabalhador? O senhor tinha direitos?

Sr. Virgílio – Bem capaz, o que os donos queriam era resultado no trabalho, nós não era nada para eles. Mas nós possuíamos sim direitos, se eu tava doente tinha atestado e a ficha de acidente que comprovava, mas se o cara tirasse atestado por que estava cansado, eles não aceitavam.

Entrevistador - Quando estourou aquela bomba de falsificação que o senhor falou, os trabalhadores se posicionaram diante disto?

Sr. Virgílio – Não, porque eu tinha o meu pessoal, os outros encarregados tinha os deles, então ninguém reclamava, só que aqueles que falsificavam iam para rua.

Entrevistador - E os engenheiros vieram de onde?

Sr. Virgílio – Os daqui vieram mais de Caxias, tinha o Luis Afonso, teve o engenheiro Zontas que venho de Erechim, e o pior é que todos morreram novo. Mas os primeiros engenheiros quando cheguei lá, eram chilenos e japoneses. Por que aqui no Brasil, tudo eram engenheiros de fora, depois que foi se formando uma turma aqui, a partir da década de 70 em diante.

Entrevistador - E a comunicação com os engenheiros estrangeiros Sr. Virgílio?

Sr. Virgílio – Ah! Mas tinha um intérprete, então o cara andava sempre junto com ele. Mas teve um sueco, que não se entedia nada, nada, nada....Já os chilenos e espanhóis entendiam um pouco o brasileiro.

Entrevistador - Os trabalhadores se davam bem com os engenheiros?

Sr. Virgílio – Não! Nem o encarregado se dava bem com o engenheiro, nem com o capataz, porque sempre um dizia que sabia mais que o outro. As famílias deles falavam com nós. Sim, eles gostavam de conversar contigo, eram gente boa. Só as chilenas eram meio burras. Porque elas gostavam muito de galinhas, e uma vez tinha uma velha que vendia galos, as chilenas acharam que eram galinhas, e compraram, e acharam estranho que elas não colocavam ovos. Essas galinhas não põem ovos? Mas isso aí não põe isso é galo!

Entrevistador - E as casas nas minas?

Sr. Virgílio – Eram para todos os trabalhadores, a gente não pagava aluguel, nem água, nem luz. Eram casa comuns, e também eles tinham uma equipe sempre fazendo casas, conforme ia chegando mais gente. Em épocas que apertava tinha umas casas coletivas.

Entrevistador - Como era a carga horária nas minas?

Sr. Virgílio – Nós trabalhávamos três turnos, das 6 horas às 14 horas, das 14 às 22 horas, e das 22 às 6 horas. Escolhia dois, sobrava um, sendo assim nós tinha tempo para lazer, nós não trabalhava os dois turnos inteiros, eram umas 8 horas de trabalho e depois ia dormir e beber cachaça barata nos bares.

Entrevistador - Sr. Virgílio me fale um pouco sobre do seu Baby Pignatari?

Sr. Virgílio – Era um homem muito bom, muito especial, ele gostava muito dos trabalhadores. Uma vez ele chegou a botar pra rua engenheiros e doutores tudo numa pegada. Se ele não gostava de alguma coisa, ele colocava tudo os chefes pra rua. Uma vez aconteceu de uma criança adoecer e morrer, seu pignatari foi fazer queixa com o doutor, e botou ele pra rua. Aí mandava contratar outro doutor. Engenheiros, ele botou uns onze na rua, o homem era uma fera mesmo. Ele sempre ia mais para o lado dos trabalhadores. Ele contava pra nós que gostava muito de jogar em cassinos, ele pegava uns quatro capangas e ia para o Uruguai. Ele fazia de tudo, era um homem especial e tudo, mas fazia de tudo. Mas tem um cara aí, o José Pedro, que conviveu bastante com ele, e conhece bem a vida de Pignatari, sabe até dos problemas que teve a mulher dele. Mas te digo, o homem é único.

Entrevistador - Como foi receber a noticia de quando ele morreu?

Sr. Virgílio – Eu já tinha indo embora, mas o pessoal sentiu, porque ele era um homem bom. Ele morreu em 85, eu acho, não lembro. Eu vim embora em 1984. Mas no fim da minha época, a mina já era de controle privado, e isso mudou bastante, porque ela poderia ter sido trabalhada muito mais tempo, com ela privatizada eles quiseram ir no grosso, no lucro, aí acabaram estragando um pouco.

Entrevistador - Quando o senhor saiu da empresa, ela se encontrava bem?

Sr. Virgílio – Sim, tava forte, até porque os maquinários faziam render mais produção em menos tempo, e a gente não precisava trabalhar tanto. Se no braço eu alcançava um metro e cinquenta centímetros, com a maquina, dentro de uma hora, tu fazia três metros e vinte centímetros. Então não tinha comparação. E os perigos diminuía, porque as próprias máquinas tinham proteção.

Entrevistador – O senhor sente saudade das minas?

Sr. Virgílio – Não. Sinto medo. Isso é muito brabo. Porque você trabalhava com o coração na mão, e eu mesmo quando faltavam meses para parar, teve um cara que fechou junto comigo, caiu uma pedra na cabeça dele. Por isso, quando disseram que era para parar, eu parei. Não fui mais. Porque teve gente que continuou e acabou se quebrando. Foi um alívio o dia que saí, e o cara que ficou no meu lugar e entrou em junho, acabou morrendo em outubro. Muitos acharam que tinha sido eu.

Entrevistador – Qual foi a sensação que o senhor sentiu no último dia de trabalho? Sabendo que o senhor não voltaria mais lá?

Sr. Virgílio – Ah, foi um choque muito grande. Quando nós vimos a mina acabou fechando mesmo. Mas o que eles fizeram. Eles não fecharam a mina, se tivesse fechado era bom para nós. Eles iam indenizar o pessoal e repartir o patrimônio com os acionistas. Mas eles foram espertos. Eles fizeram uma paralisação temporária. Pra poder corroer o patrimônio. Aí, não sobrou nada para nós. Os maiores se serviram à vontade, e acabou nós, os mais pequenos, levando o prejuízo. E que estava bem alicerçado na mina saíram muito bem, estão até hoje com as continhas gorda no banco. E depois que o Pignatari faleceu, o estado encampou, e depois o estado não queria mais encampar, aí nós compramos as ações e ficamos tocando a mina, onde eu era acionista também. Depois a mina privatizou, sofremos aquele confisco do Plano Collor bem na época da privatização. Aí nós catávamos peças na sucata, pois a sucata era muito rica pra poder manter as máquinas trabalhando.

Entrevistador – E hoje, promovem eventos dos mineiros?

Sr. Virgílio – Sim, mas eu não participo desses eventos, porque não é fácil tu ver as famílias dos amigos que morreram lá embaixo. A maioria nas festas não são os mineiros, mas sim políticos, e eu não gosto muito de política.

Entrevistador – A religiosidade tinha presença forte na comunidade?

Sr. Virgílio – Nós, da comunidade, éramos muito religiosos e acreditávamos fielmente na Santa Barbara. Inclusive tinha uma festa anual para ela na igreja. Almoço e depois baile. Antes tinha a procissão e a “benção do capacete”, sendo que os mineiros somente iniciavam a jornada anual de trabalho com a benção do padre e da Santa Bárbara. A religiosidade era muito grande porque a gente tinha que ter fé em alguma coisa, alguma esperança de melhoria na nossa vida nós tínhamos que ter. Então depositávamos a nossa perseverança e pedido de proteção na santa bárbara, pois a vida lá era muito difícil, porque você estava sujeito a morrer em uma detonação, silicose ou de tédio.